Rozângela Alves Vilasbôas

Aspectos da Metaficção Historiográfica na Obra A Estranha Nação de Rafael Mendes de Moacyr Scliar

1910000978

Rozângela Alves Vilasbôas

ASPECTOS DA METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA NA OBRA *A ESTRANHA NAÇÃO DE RAFAEL MENDES* DE MOACYR SCLIAR

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

T978/01

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual – Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Letras (área de concentração em Literatura Brasileira).

Orientador:

Prof. Dr. José Guimarães Mello

São José do Rio Preto

- 2001 -

a minha gratidão

Ao Prof. Dr. José Guimarães Mello pela compreensão e pela orientação;

À Profª Drª Wanda Aparecida Leonardo de Oliveira e ao Prof. Dr. Eli Nazareth Bechara pela cooperação e pelas valiosas observações;

Ao Prof. Dr. Antônio Celso Ferreira pelos novos horizontes;

À Profª Drª Gisele Manganelli Fernandes pelas dicas bibliográficas;

À Elisana D'Carli pela sincera amizade;

A todos os meus professores e amigos de graduação e pós-graduação pela minha formação;

Aos funcionários da biblioteca da UNESP, da UNORP, da Faculdade do Comércio Dom Pedro II, da UFRGS e da FAPA pela competência profissional;

Aos funcionários do Departamento de pós-graduação pela paciência;

À Cristina Francisca de Carvalho Porto pela ajuda na língua francesa;

Ao Rogério Barbosa pelo auxílio na língua inglesa;

Ao Prof. Sílvio Casagrande pelas explicações na parte histórica;

Ao Cleiton Luis Stafoge pela digitação e;

A minha família por tudo.

unesp

RESUMO

Este trabalho, seguindo a linha de pesquisa "Literatura e História", parte das teorias da Nova História e da metaficção historiográfica a fim de observar no romance, *A estranha nação de Rafael Mendes* de Moacyr Scliar, as fronteiras móveis entre história e ficção unidas pelo elo textual. Além desses discursos, observa-se a intersecção de muitos outros que, aliados à forma textual, unem-se e rompem-se, explicam-se e problematizam-se, conscientemente, como prevê o paradigma pós-moderno, enquanto chamam a atenção para um quarto ou único grupo étnico brasileiro: o judeu.

UNITERMOS – Literatura e história, nova história, metaficção historiográfica, romance histórico, romance ficcional, historicidade, ficcionalidade, textualidade, rebeldia, humor, problematização, pós-modernidade e judaísmo.

unesp

ABSTRACT

This thesis, following the "Literature and History" research line, comes from the New History and the historiographic metafictional theories in order to observe, in Moacyr Scliar's novel *A estranha nação de Rafael Mendes*, the movable frontiers between history and fiction joined by textual link. Besides these discourses, it is observed the intersection of many others which, allied to a textual form, unite and break, explain and complicate, consciously, according to foreseeing the post-modern paradigm, at the same time as they call attention to a fourth or unique Brazilian ethnic group: the Jew.

KEY-WORDS – Literature and History, new history, historiographic metafiction, historical novel, fictional novel, historicity, fictionality, textuality, rebelliousness, humor, complication, post-modernity and Judaism.

unesp

En este mundo yo seré partidario de los que no tienen nada y hasta la tranquilidad de la nada se les niega.

Federico García Lorca

SUMÁRIO

Introdução.....10

1. A Literatura Pós-Moderna.....20

1.1. A história tradicional: história vista de cima..... 20

1.2. A nova história: história vista de baixo.....24

1.3. A micro-história X a macro-história..... 31

1.4. O esquecimento na história..... 35

1.5. O corte historiográfico..... 37

1.6. O estilo historiográfico.....40

1.7. O atual processo histórico na historiografia do Brasil.....42

1.8. O romance histórico.....45

1.9. O romance pós-moderno.....48

1.10. A metaficção historiográfica.....50

1.11. A ficção X a historiografia.....56

2. O Painel Historiográfico..... 59

2.1. O profeta Jonas.....66

2.2. A ruína de Israel.....67

2.3. A invasão árabe da Península Ibérica..... 69

2.4. Os almorávidas e os almóadas..... 70

2.5. O Santo Ofício..... 72

2.6. A expulsão dos judeus da Espanha..... 73

2.7. A empresa intelectual dos judeus..... 75

2.8. Cristóvão Colombo..... 78

2.9. A expulsão dos judeus de Portugal..... 79

unesp

2.10. O descobrimento do Brasil.....80
2.11. Bento Teixeira.....82
2.12. Os fatores responsáveis pelas invasões holandesas no Nordeste..... 85
2.13. A invasão holandesa.....86
2.14. O fim do domínio holandês no Nordeste..... 87
2.15. A Companhia de Jesus: Padre Antônio Vieira.....89
2.16. As causas das manifestações nativistas.....91
2.17. A revolta de Beckman.....92
2.18. O quilombo dos Palmares..... 95
2.19. Bartolomeu Lourenço de Gusmão..... 98
2.20. Antônio José da Silva.....99
2.21. O ministério de Marquês de Pombal.....102
2.22. A Inconfidência Mineira..... 105
2.23. João Ramalho.....110
2.24. O Período Regencial: Revolução Farroupilha..... 111
2.25. Os Rotschild.....115
2.26. A quebra da bolsa de valores de Nova York.....117
2.27. A Revolução de 1930.....120
2.28. Getúlio Vargas..... 126
2.28.1. A era de Getúlio Vargas (1930-1945)..... 126
2.28.1.1. Governoa Provisório 126
2.28.1.2. Governo Constitucional 128
2.28.1.3. Estado Novo 130
2.28.2. O segundo Governo Vargas (1951-1954).. 136
2.29. A Guerra Civil espanhola.....140
2.30. O franquismo e sua queda.....144

3. O Paradigma Pós-Moderno..... 146
3.1. O entrelaçamento de fronteiras: junção..... 146
3.1.1. A poesia..... 148
3.1.2. O pesadelo..... 151
3.1.3. O sonho/a fantasia..... 154
3.1.4. O mito..... 158
3.1.5. A lenda (o documentário/a memória)..... 162
3.1.6. A propaganda..... 167
3.1.7. O folheto..... 168
3.1.8. O rádio..... 170
3.1.9. A notícia..... 171
3.1.10. O caso médico-político..... 175
3.1.11. O caso psicanalítico..... 179
3.1.12. A contribuição científica..... 180
3.1.13. A lei da física..... 185
3.1.14. A confissão..... 187
3.1.15. A sátira..... 187
3.1.16. A tradição mosaica..... 189
3.1.17. A bruxaria..... 190
3.1.18. A rebelde filosofia judaica..... 192
3.1.19. A cabala..... 194
3.1.20. A profecia..... 195
3.1.21. A visão..... 196
3.1.22. A canção..... 198
3.1.23. A devoção..... 201
3.1.24. A informação biográfica..... 204
3.1.25. A carta ao leitor..... 205
3.1.26. O escândalo econômico..... 206

unesp

3.1.27. A cena proustiana.....210
3.2. As cenas: disjunção.....212
3.2.1. Cenas 214
3.2.1.1. Cena 1..... 214
3.2.1.2. Cena 2 215
3.2.1.3. Cena 3 217
3.2.1.4. Cena 4 218
3.2.1.5. Cena 5 219
3.2.1.6. Cena 6 221
3.2.1.7. Cena 7 222
3.2.1.8. Cena 8 223
3.2.1.9. Cena 9 224
3.2.1.10. Cena 10 225
3.2.1.11. Cena 11 226
3.2.1.12. Cena 12 227
3.2.1.13. Cena 13 229
3.2.1.14. Cena 14 230
3.2.1.15. Cena 15 231
3.2.1.16. Cena 16 232
3.2.2. Considerações sobre as cenas 234
3.3. O metatexto: explicação.....246
3.4. O texto pós-moderno: problematização..... 259

Considerações Finais.....269

Bibliografia.....274

INTRODUÇÃO

Tendo-se em vista a contemporaneidade multidisciplinar, pontilhada pela incerteza gerada no interior dos hiatos e, de certa forma, por uma ansiedade até esperançosa de início de milênio oscilante entre "apocalíptico, niilista e esperançoso de uma nova política e uma nova ética" (Villaça, 1996, 11), faz-se necessário não devolver a ordem ao caos, mas problematizar o construto mal digerido do paradigma existente por meio da análise provisória e paradoxal do micro-diagnóstico das fronteiras movediças que divisam os diversos campos do saber.

A historiografia, imersa no complexo contexto pós-moderno, põe em pauta a subjetividade, a textualidade e a verdade históricas, desierarquizando a história tradicional face à não tradicional e à ficção.

Para melhor ilustrar essa queda de supremacia, o romance histórico conjuga-se à "metaficção historiográfica" (Hutcheon, 1991, 126). Abre-se o diálogo entre o narrador e o narrado, entre um personagem e o outro, entre o presente e o passado, entre a ficção e a história, entre um texto e o outro, a fim de rever a identidade ímpar e transcultural do Brasil, enquanto se debruça sobre a própria identidade formal do romance.

Assim, na obra *A Estranha Nação de Rafael Mendes* (1983) do escritor e médico sanitarista Moacyr Scliar, brasileiro-gaúcho de descendência judaica, procurar-se-á mostrar o emaranhado de disciplinas e de modalidades discursivas que a compõem, para mostrar que do pólo do real, semiotizado, ao pólo do ficcional, também semiotizado, vagueiam inúmeros discursos no afã de um

unesp

contaminar ou romper o outro.

Mostrar-se-á também que, enquanto essas fronteiras se entrelaçam e se esvaziam, o processo vai se delineando de forma clara e consciente tanto para o protagonista, o financista e último Rafael Mendes, quanto para os polifônicos narradores e para o leitor.

Mas no decorrer desse romance ficcional e histórico-genealógico em que, além de outros, só Rafael Mendes há treze – para distingui-los mencionar-se-á sempre as profissões – procurar-se-á evidenciar o movimento pendular que vai desde o real literário (Connor, 1992, 106) até o ficcional literário. Na conversa entre os múltiplos discursos e formas ver-se-á que a unidade se quebra na contemporaneidade e em um Brasil de "muitas vozes", como diz Scliar (1989, 46), e que a explicação do acontecer intratexto se frustra, trazendo a problematização do metatexto para o âmago das questões discursivas e para a exteriorização do pós-moderno, problemático e paradoxal, aliada a uma identidade brasileira complexa.

Enquanto a explicação para um possível berço étnico dar-se-á de modo sutil e a mostra da metaficção historiográfica dar-se-á de forma clássica, as problematizações do significante e do significado textuais dar-se-ão vulcanicamente, por meio do cômico, da ironia e da rebeldia, facções da mesma perplexidade que inunda tanto o universo pós-moderno real, quanto o sígnico.

A obra em questão, compactuando com o pós-moderno, trabalha com o universo extremamente próximo da história e da ficção enquanto revela sua forma de composição.

No primeiro capítulo "A Literatura Pós-Moderna" – por "literatura" tomar-se-á o conceito de Connor (1992, 106) para quem a história também é uma espécie de literatura – serão vistas as novas visões da história frente à história

tradicional, assim como suas "fronteiras móveis" frente à outras disciplinas, como a ficção. O desnudamento da prepotente história tradicional dando lugar a uma história mais humilde que retrata, em essência as mentalidades em seus vários pontos de vista e cotidianidade, será visto à luz das reflexões de Le Goff (1977), Braudel (1978), Duby (1986), Burke (1992), Sharpe (*apud* Burke, 1992), Levi (*apud* Burke, 1992), Nietzsche (*apud* Chiappini, Aguiar, 1993) e Gagnebin (1994). O reconhecimento do trabalho da história na mesma trilha do verossímil que a ficção, ambas como disciplinas semiotizadas e, portanto, não inocentes, será analisado segundo os pareceres de Rodrigues (1965), Bakhtin (*apud* Barthes, 1968), Genette (*apud* Barthes, 1977), Ranke (*apud* Braudel, 1978), Le Goff (1977 e 1988), Duby (1986), Nunes (*apud* Riedel, 1988), Gay (1990), Hutcheon (1991), Connor (1992), Chiappini e Aguiar (1993), White (1995), Eco (1995) e Ferreira (1996). O respeito pela fratura historiográfica, aliás como forma legítima de história, será visto de acordo com os olhares de Mota (1978), Lima (1986), Gay (1990), Hutcheon (1991), Burke (1992), Connor (1992), Ricoeur (1994), Benjamin (*apud* Gagnebin, 1994) e White (1995). A receptividade histórico-estrutural, no Brasil e na América Latina, será vista mediante as ponderações de Rodrigues (1965), Chiappini e Aguiar (1993) e Ferreira (1996). A consciência do contexto finito, provisório e sem reparos do problemático pós-moderno será atualizada por meio das reflexões de Hutcheon (1991), Connor (1992) e White (*apud* Ferreira, 1996).

No segundo capítulo "O Painel Historiográfico" será montado a partir da apresentação histórica retirada de livros didáticos, manuais, enciclopédias, revistas, etc. Paralelamente à história que se conhece, a história tradicional, caminhará a história tal qual se manifesta na obra por meio de notas de rodapé. Porém a história, inserida na ficção scliariana, não alterará o curso do passado,

unesp

mas lançará sobre ele outros pontos de vista, como por exemplo o das pessoas que conviveram ou que poderiam ter convivido com a história não em seu momento histórico, mas em seu *continuum* histórico, apresentando outras alternativas para as verdades e/ou mentiras da história textualizada que se conhece. Como história não preconceituosa e partidária dos oprimidos, na ficção de Moacyr Scliar, valorizará não só o universal, mas também o local e não perderá oportunidade para salientar o povo eleito, uma vez que a condição judaica é inerente ao autor, que considera ser judeu nem melhor, nem pior que qualquer outra coisa, "mas diferente" (Scliar, 1985, 9). A história, na obra de Scliar, também acrescenta um componente étnico esquecido na composição da brasilidade –, em relação aos Estados Unidos "*Jews in Brazil, Argentina, Peru, and Mexico are older in terms of history*" (Stavans, 1988, 63)* – tentando, assim, oferecer uma pátria, por direito, ao judeu errante.

No terceiro capítulo "O Paradigma Pós-Moderno" tentar-se-á mostrar que tanto a ficção, coabitando com a história, quanto a história coabitando com a ficção, ambas têm muito que dividir ao longo de toda sua frágil divisa. Sendo assim, uma vez demolidas a verdade real da objetiva história e a originalidade da ficção, as duas disciplinas passarão a não só dialogarem entre si, mas também com toda a multidisciplinaridade de outras atividades humanas globalizadas no sentido de se valorizarem e de se ampliarem conjuntamente. Porém, na condição de obra auto-consciente, a obra deixará entrever, desde o plano do significante até o plano do significado, os silêncios inerentes que vão legitimando a desconstrução, paradoxalmente, irreparável e complexa do momento contemporâneo, mostrada por Villaça (1996). Essas escavações vêm desde a ruptura das cenas, da troca de narradores e do vai e vem da "memória voluntária"

* "os judeus no Brasil, Argentina, Peru e México são mais velhos em termos de história"

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

e da "memória involuntária" e vão até um desfile de profissões e de situações patéticas, nas quais a perplexa e leviana genealogia Mendes se rebaixará para romper o ciclo e reiniciá-lo em outro lugar. Voltando para si, a fim de se analisar e se explicar, o romance dará mostras de seu feitio, ao falar dos caminhos regredidos para se galgar a composição histórica e genealógica, por meio da estilística do compositor. Explanará também os objetivos da busca que, quanto mais incerta e lacunar, mais é impulsionada pela esperança de se conhecer a perplexidade desdobrada em todas as gerações Mendes e unificada no nome dissimulador Rafael Mendes. Mas além de os conhecimentos histórico e genealógico serem questionados e tensionados, toda a explicação da tessitura da obra será estilhaçada em função dos sintomas pós-modernos, diagnosticados por meio da perplexidade irresoluta, pois, como declara Scliar (1989, 46) "esse é o período que estamos vivendo, de perplexidade, de confusão, um período em que continuamos a nos perguntar que país é este, ainda sem encontrar resposta". Aperplexidade é multiplicada na rebeldia, no humor e na ironia, atualizados por meio do grito, do choro e do riso, faces da mesma perplexidade e insegurança que alavancam a obra transtextualmente ao encontro do contexto atual.

Moacyr Scliar, autor de *A Estranha Nação de Rafael Mendes (E.N.R.M.)*, é um dos escritores brasileiros desta geração que tem mais dificuldade em dosar sua imaginação, como colocam Moniz (1982, 59), Gomes (1989, 8), Krausz (1989, 7) e Couto (1992, 9).

Na mesma esteira de Rubem Fonseca, tem uma prosa "rápida", "compulsiva" e "dissonante", própria da sociedade de consumo entre "sofisticada e bárbara", originando a "narrativa brutalista". (Bosi, 1997, 18)

Dada sua criatividade, a crítica destaca vários temas em Scliar. O humor

unesp

alegórico e denunciativo: Hecker (1973, 4), Schüler (1974, 96), Patai (1980, 379), Silverman (1982, 170-89), Moniz (1982, 60), Leite (1989, 5), Krausz (1989, 7), Vogt (1989, 46), Szklo (1990, 47-128), Bortolotti (1991, 48), Antônio (1991, 116), Araújo (1993, 105-6) e Marin (1996, 214). O realismo mágico, como ramo da chamada literatura fantástica: Fisher (1974, 1), Fonseca (1981, 7), Malard (1981, 200), Bollinger (1987, 87), Correa (1993, 626) e Marin (1996, 214). Não querendo cair na gratuidade do fantástico, Moacyr Scliar revela, em uma entrevista a Espeschit (1983, 8), que tem se afastado do que se convencionou chamar de "fantástico", embora reconheça a fantasia como "dimensão legítima da literatura". Há críticos que colocam o fantástico em Scliar como reflexo do cotidiano e, portanto, aparente, revolucionário: Hecker (1973, 4), Marchon (1978, 89-90), Oliveira (1980, n.p.), Pötter (1984, 60) e Zilberman (1988, 4-5). A ambivalência humana: Zilberman (1981, 8) e Medina (1987, 131). A imigração e as minorias étnicas: Schüler (1975, 97), Zilberman (1982, 8), Rivas (1986, 14), Zilberman (1988, 4), Vogt (1989, 41) e Leite (1989, 5). A temática judaica: Jozef (1978, 98), Jozef (1981, 4), Fonseca (1981, 6), Moniz (1982, 59), Bernd (1986, 23-5), Stavans (1988, 63) e Leite (1989, 5). A identidade híbrida e problemática do brasileiro: Ramos (1973, 3), Jozef (1978, 98), Oliveira (1980, n.p.), Bernd (1986, 21), Stavans (1988, 63), Krausz (1989, 7), Chaves (1994, 73), Pirott-Quintero (1998, 2681A) e Sobral (1998, 2681A-2A). A metáfora da vida minúscula: Ismael (1991, 4). A história, a memória e a literatura: Jozef (1981, 4), Parker (1985, 112), Margarido (1985, 4-5), Castelo (1992, 4), Couto (1992, 9) e Monteiro (1998, 198).

Antônio (1991, 116) diz que Moacyr Scliar "é o maior detentor de prêmios literários de toda a sua geração": em 1972, a novela *O exército de um homem só*, então ainda inédita, recebe menção honrosa, Prêmio Fernando Chinaglia 1972, da

União Brasileira de Escritores; em 1973, ainda inédita, a novela *Os deuses de Raquel* recebe menção honrosa, Prêmio Walmap 1973; em 1974, *O exército de um homem só* é novamente premiado, desta vez com a Prêmio Joaquim Manuel de Macedo, instituído pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro; em 1976, o livro de contos *Histórias da terra trêmula* recebe o Prêmio Escrita/1976 da Revista *Escrita*; em 1976, o romance (*O ciclo das água*) é classificado em 2º lugar no Prêmio Érico Veríssimo; em 1976, com o conto "História porto-alegrense" recebe o Prêmio Cidade de Porto Alegre/1976, patrocínio da Prefeitura Municipal de Porto Alegre; em 1977, a novela *Mês de cães danados*, ainda inédita, recebe o Prêmio Brasília/1977, da Fundação Cultural do Distrito Federal; em 1977 recebe o Prêmio Guimarães Rosa/1977, da Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, para o inédito *Doutor Miragem*; em 1988, recebe o Prêmio Jabuti, conferido pela Câmara Brasileira do Livro, pela obra *O olho enigmático*; em 1989, recebe o prêmio Casa de Las Americas, distribuído em Havana (Cuba), na categoria Literatura Brasileira, por seu livro de contos *A orelha de Van Gogh.*

Compondo o rol da vasta criação literária de Scliar, apresentar-se-á sua bibliografia: *Histórias de médico em formação* (1962), *O carnaval dos animais* (1968), *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1973), *Os deuses de Raquel* (1975), *A balada do falso messias* (1976), *Os mistérios de Porto Alegre* (1976), *O ciclo das águas* (1977), *Histórias da terra trêmula* (1977), *Mês de cães danados* (1977), *Doutor Miragem* (1978), *O anão no televisor* (1979), *Os voluntários* (1979), *O centauro no jardim* (1980), *Cavalos e obeliscos* (1981), *A festa no castelo* (1982), *Saúde e educação: estratégias e mudanças* (1982), *Max e os felinos* (1982), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *10 contos escolhidos* (1984), *Os melhores contos de Moacyr Scliar* (1984), *A massagista japonesa* (1984), *The centaur in the garden* (trad. Margaret A.Neves, 1985), *Le*

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

centaure dans le jardin (trad. Rachel Uziel e Salvatore Rotolo, 1985), *Zer Zentaur in Garten* (trad. Karin von Schweder-Schreiner, 1985), *A condição judaica* (1985), *El centaure en el jardin* (1985), *O olho enigmático* (1986), *The gods of Raquel* (1986), *The carnival of the animals* (1986), *L'étrange naissance de Rafael Mendes* (1986), *Do mágico ao social – a trajetória da saúde pública* (1987), *The ballad of the false messiah* (1987), *Le carnaval des animaux* (1987), *Die ein mann-armee* (1987), *El ejercito de un solo hombre* (1987), *Cenas médicas* (1988), *Introdução à prática amorosa* (1988), *O tio que flutuava* (1988), *No caminho dos sonhos* (1988), *The strange nation of Rafael Mendes* (1988), *The volunteers* (1988), *La estraña nación de Rafael Mendes* (1988), *Um seder para nossos dias* (1988), *Os cavalos da república* (1989), *Um país chamado infância* (1989), *A orelha de Van Gogh* (1989), *The enigmatic eye* (1989), *Max and the cats* (1989), *Das seltsame volk des Rafael Mendes* (1989), *Do éden ao divã* (1990), *Pra você eu conto* (1990), *Cenas da vida minúscula* (1991), *Maurício: a trajetória, o cenário histórico, a dimensão humana de um pioneiro da comunicação no Brasil* (1991), *O Rio Grande Farroupilha* (1993), *Se eu fosse Rotschild: citações que marcaram a trajetória do povo judeu* (1993), *Judaísmo: dispersão e unidade* (1994), *Uma história só para mim* (1994), *Sonhos tropicais* (1995), *Contos reunidos* (1995), *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar: e outras crônicas* (1996), *Jornalismo e literatura: a fronteira conflagrada* (1996), *O amante de Madona e outras histórias* (1997), *A paixão transformadora: história da medicina na literatura* (1998), *A mulher que escreveu a Bíblia* (1999), *Na undécima hora* (?), *Noites porto-alegrenses* (?) e *Mito, judaísmo, literatura* (?).

Sua criação literária também está espalhada em antologias e, para discriminá-las, tomar-se-à, como base, a relação dessas antologias em Leite (1989, 20) e em uma listagem bibliográfica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: "Três

histórias de busca", "Peixes", "Almoço de domingo" (in: Campos, C. et al., 1962), "Amai-vos" (in: Rizek, A.A. et al., 1966), "O cão" (in: Costa, F.M., 1969), "Começo e fim" (in: Dicke, R.G. et al., 1970), "Irmãos", "Lavínia" (in: Appel, C.J., 1970), "A guerra no Bom Fim" (in: Quintana, M. et al., 1971), "Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade", "Os leões", "O dia que matamos Jamos Cagney" (in: Mansur, G.e Lajolo, M.P., 1973-1974), "Nos subterrâneos da Rua da Praia" (in: Lispector, C. et al., 1974), "Pausa" (in: Bosi, A., 1975), "A balada do falso messias", "Magrinho que virou pandorga", "Nos subterrâneos da Rua da Praia". (in: Abreu, C.F. et al., 1976), "Relações de produção" (in: Cristaldo, J., 1976), "*Shepiec i przyjaciel Gedeon na brzegu szosy*" (in: Quintella, A., 1977), "História porto-alegrense" (in: Antônio, J., 1978), "O velho Marx", "A ilha", "Nos subterrâneos da rua da Praia", "Os passarinhos imobiliários" (in: Hohlfeldt, A., 1978), "Repique de sinos" (in: *Colóquio,* 1979), "Poemas, mambos e anúncios de laxantes" (in: *Oitenta*, 1979), "Os amores de um ventríloquo" (in: Scliar, M. et al., 1979), "O dia em que matamos James Cagney" (in: Scliar, M., 1979), "*Loves of a ventriloquist*" (in: Scliar, M. et al., 1979), "Os mistérios do mercúrio" (in: *Oitenta,* 1980), "*Der angeklagte. Die kuh*" (in: Clason, C.M., 1980), "O cão" (in: *Humor e sátira*, 1980), "Cinco e uma paixão" (in: Scliar, M. et al., 1980), "Confissões de um abstêmio" (in: Borges, A.C. et al., 1980), "Pausa" (in: *Latin-Amerika Forteller*, 1980), "*Der alte Marx*" (in: Schreiner, K., 1982), "Os leões" (in: Cardenal, E. et al., 1983), "Cego e amigo Gedeão à beira da estrada", "Nós, o pistoleiro, não devemos ter piedade" (in: Lispector, C. et al., 1984), "Baladas de natal" (in: José, E., 1986), "Comendo papel" (in: Andrade, C.D. et al., 1986), "Sonhos" (in: Ramos, R., 1987), "Sonhos" (in: Fidélis, G., 1987), "*Ein verlorener tag*" (in: Zapata, J.A.F., 1987), "O dia em que matamos James Cagney" (in: Ladeira, J.G., 1988), "Freud em Porto Alegre" (in: Feierstein, R., 1989),

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul (in: Scliar, M. e Berg. E., 1990), *Contos brasileiros contemporâneos* (in: Ladeira, J.G. et al., 1991), "Pai e filho" (in: Scliar, M. et al., 1992), "Sobre Porto Alegre" (in: Bisson, C.A. et al., 1993), *Para gostar de ler* (in: Sabino, F. et al., 1993), *O conto brasileiro contemporâneo* (in: Bosi, A. et al., 1995), "Brasil" (in: Continent Sur Sur, 1996), "Atualidades em geriatria" (in: Bigarella, R.L. et al., 1996), "A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica" (in: Slavutzky, A. et al., 1998).

1. A Literatura Pós-Moderna

Com base no critério de literatura que foi tomado, ver-se-á desde a história tradicional até as novas concepções de historiografia que, pelo seu caráter de disciplina textualizada, como colocam os teóricos, há muito que dialogar com a ficção.

São, portanto, essas novas posturas frente à história e à ficção que pautam as discussões da literatura na pós-modernidade.

1.1. A história tradicional: história vista de cima

Em geral, antes da década de 30, o que predomina é a história denominada tradicional. É uma história, essencialmente, política, interpretativa e preconceituosa, dando importância menor às outras histórias. Como coloca Le Goff (1977, 48), "o acontecimento histórico só era acontecimento porque os historiadores assim o tinham decidido, em função do que esse acontecimento tinha provocado".

Mesmo no que diz respeito à política, a história tradicional está diretamente relacionada ao Estado. É, portanto, mais nacional e internacional, desprezando o local. Por ser uma história imutável, não prevê a construção temporal e espacial da cultura, pois "o discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina, descobre-o, torna-o frágil e permite cortar-lhe o passo". (Le Goff, 1977, 61)

Os historiadores tradicionais concebem a disciplina como puramente narrativa dos acontecimentos, constituída de um passado com fim em si mesmo, e "a história tradicional, atenta ao tempo breve, ao indivíduo, ao evento, habituou-nos há muito tempo à sua narrativa precipitada, dramática, de fôlego curto". (Braudel, 1978, 44)

O que e quem tem lugar de relevo são os grandes feitos de grandes homens, de governantes, de militares e, algumas vezes, do clero. O historiador oficial, pertencente a tal grupo, lança à história uma visão de cima, limitada e unilateral, vinda apenas dos arquivos oficiais do governo. Como argumenta Burke (1976, 26), "os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial". De acordo com a perspectiva de Nietzsche (*apud* Chiappini, Aguiar, 1993, 149), "a história é uma mera 'versão' dos fatos (...) reverenciadora dos feitos heróicos". Ela não mantém um diálogo com as outras ciências, nem leva em consideração as opiniões das pessoas "comuns".

Assim como prevê o paradigma tradicional, a história tem pretensões de objetividade. Porém, se ela é objetiva, resta ao historiador tradicional apenas apresentar aos leitores os fatos, ou melhor, os acontecimentos (responsáveis, na França, pelo termo pejorativo *histoire événementielle*), perdendo-se de vista que "o historiador não pode esquecer que há uma ação e reação entre a história e a língua, e que esta, como um instrumento para o uso do homem, reflete o progresso e o recuo histórico" (Rodrigues, 1976, 26). Revela-se, na verdade, uma interpretação dissimulada, cuja pretensão é a de dizer "as coisas como elas se passaram realmente", conforme profere Ranke. (*apud* Braudel, 1978, 24)

A história tradicional não deve se preocupar apenas em aplaudir as façanhas dos vencedores, cobrindo a falta de verdade atrás de uma falsa coerência niveladora. Como enfatiza Gagnebin:

unesp

> (...) a ela (à habitual representação da história ou à apologia) escapam os lugares nos quais a transmissão se interrompe e, com isso, suas asperezas e suas arestas (...) oferecem uma escora àquele que quer ir além dela. (Gagnebin, 1994, 114)

Essa contra-história, ao colocar sua interpretação, contribui para que se trave uma luta restrita e constrangedora a respeito da história, provocando a infertilidade, ao invés da fertilidade dos furos e das rupturas inerentes a ela, o que não compromete em nada a racionalidade do fazer histórico. Pois, como diz Mota:

> (...) a história historizante pede pouco. Bem pouco. Muito pouco para mim, e para muitos outros além de mim. Eis toda a nossa crítica: mas ela é sólida. A crítica de todos aqueles para os quais as idéias são uma necessidade. As idéias, essas valentes mulheres, das quais fala Nietzche, que não se deixam possuir pelos homens de sangue de rã. (Mota, 1978, 107)

Afinal, a história não é a dona dos fatos simples e por isso não pode querer simplesmente coordená-los, ela mesma, tecendo-os com outros fatos. Dessa forma, só formará fatos compostos sobre as mudanças políticas, sociais, econômicas e morais de um determinado momento histórico, não um momento complexo que só é, paradoxalmente, procurado em sua introdução, sem ser achado em sua conclusão.

Mas, a partir dos fatos, deve-se fazer uma reflexão – igualmente inerente à história – não uma cega submissão aliada a uma irrefletida e camuflada arbitrariedade, que só vão contribuir para que se instale uma campanha à contra-história, um insulto à realidade e, em conseqüência, à verdade, como é o papel da

unesp

história tradicional.

Barthes (1971) afirma que a escritura, a princípio livre, é finalmente o elo que acorrenta o escritor a uma história que já está acorrentada: a sociedade marca o passado com os signos bem claros da arte a fim de arrastá-lo mais facilmente na sua própria alienação. Nota-se, então, que ficção e história estão fatalmente ligadas pelo elo discursivo e se, conforme aponta Genette (*apud* Barthes, 1973, 261-2), "um discurso só pode imitar ele mesmo, mas a imitação perfeita não é mais uma imitação, é a coisa mesma, e finalmente a única imitação é a imperfeita"; então uma é tão imitadora da realidade quanto a outra. "Nenhuma é sede eterna da verdade", como diz Lima (1986, 20), porque sendo a história uma composição proveniente da descontinuidade está exposta a constantes mutações de valores, contribuindo para que, a princípio, nada estabilize e justifique as produções humanas. Acrescentando, Bakhtine (*apud* Barthes, 1968, 174) diz que "assim como o homem nunca coincide completamente com a sua situação concreta, também o mundo nunca coincide completamente com a palavra que o descreve; todo estilo existente é limitado e não pode servir-se dele sem fazer reservas". Portanto, como se vê em Chiappini e Aguiar (1993, 133), "a história tradicional é menos verdadeira que a literatura", pois "o discurso ficcionalmente verdadeiro de um autor, ao enquadrar-se na convenção de ficcionalidade, não mente, e o verdadeiramente ficcional do discurso historiográfico imitado, ao invocar a convenção de veracidade, está exposto ao erro e há a possibilidade da mentira e de autodefesa". E se autodefender implica na adulteração do acontecimento, como colocam Le Goff e Nora:

> (...) multiplicar o novo, fabricar o acontecimento, degradar a informação, são seguramente os meios de se defender. Mas a ambigüidade que se

> encontra no coração da informação acaba no paradoxo das metamorfoses do acontecimento. (Le Goff, Nora, 1988, 188)

A função do estudioso da história é a de coordenar os eventos, atribuindo-lhes uma ordem hierárquica de significação a fim de que esses eventos possam se tornar inteligíveis em seu processo coerente com início, desenvolvimento e término. A atribuição de valores aos eventos é colocada de maneira a argumentar para persuadir, de forma que, como diz Gay (1990, 177), "o estilo, justamente por ser a marca que diferencia e distingue o historiador, é também a prova de sua invencível subjetividade".

1.2. A nova história: história vista de baixo

A nova história – *la nouvelle histoire* – parte da França com a chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, societés, civilisations*. Em torno dos anos 70 e 80 historiadores de vários lugares do mundo passaram a reagir ao paradigma tradicional. A essa inquietação, surgida já anteriormente a essas décadas, estão associados os fundadores da revista *Annales* em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch e, posteriormente, Fernand Braudel, autor do mais famoso exemplo de história estrutural de nosso tempo, *Mediterranean* (1949), embora nele haja espaço tanto para os acontecimentos quanto para as estruturas. A importância desse movimento é inegável para a renovação da história.

A nova concepção de historiografia opõe-se ao paradigma tradicional, não tomando como centro de suas inquietações somente a história política e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

relacionada ao nacional e internacional, mas também ao regional. Interessa-se, igualmente, por todas as outras ramificações historiográficas, ou seja, por todas as atividades humanas, já que um passado (mutável no tempo e no espaço) tem relação com os outros passados (também mutáveis no tempo e no espaço). Daí originou-se a expressão "história total". A nova disciplina – segundo os apontamentos de Rodrigues (1976, 26) – atualiza o que era esquecido ou repudiado pela história anterior, ao prever que a "realidade" com a qual trabalha é, "culturalmente, constituída pela sociedade em uma realidade social"; voltada, inclusive, para "a necessidade de familiarizar-se o historiador com a linguagem e com os modismos de cada região e época, sob pena de cair em falsas interpretações".

Desta forma, como coloca Chiappini e Aguiar (1993, 130), fica evidente que um relato não é significativo "de acordo com as premissas de uma epistemologia construtivista", pela maneira que "representa os acontecimentos, mas pelas estratégias empregadas para construir sua imagem e levar adiante o projeto que motiva o relato". Pois a impossibilidade de recriação do acontecido leva à inevitável "construção do fato", e assim a história nada mais é do que a "'literaturização' mais ou menos eficiente, procedida em termos de análise de um episódio eventualmente ocorrido".

A explicação dada por Nunes (*apud* Riedel, 1988, 10) sobre a narrativa histórica mostra que ela é sobretudo "uma narrativa dos acontecimentos", por recriá-los "como se fossem presentes" e lhes fornecer "imagens do passado, recuperado, tornado visível". Ela não se exime, dessa forma, "do esforço da imaginação projetiva, que acusa a vivência particular do historiador, parente próximo do artista".

A linguagem, portanto, não tem nada de inocente, outorgando tanto à

história quanto à ficção narrativa o papel de "senhoras de linguagem, imaginação e reflexão". (Duby, 1986, 8)

A preocupação do novo historiador está mais para a análise das estruturas que para os simples acontecimentos, resultando daí uma visão totalizante da história. Braudel cita um exemplo:

> a nova história econômica e social põe no primeiro plano de sua pesquisa a oscilação cíclica e assenta sobre sua duração: prendeu-se à miragem, também à realidade das subidas e descidas cíclicas dos preços. Hoje, há assim, ao lado do relato (ou do "recitativo" tradicional), um recitativo da conjuntura que põe em questão o passado por largas fatias: dez, vinte ou cinqüenta anos (...), a história de longa, e mesmo, de longuíssima duração. (Braudel, 1978, 44)

Os acontecimentos, agora, recebem uma nova visão: a história é vista de baixo, integrando também as pessoas "comuns" à lista das "personagens históricas". O ápice de interesse centra-se não mais somente na história dos indivíduos, mas na história das mentalidades coletivas, acopladas a suas respectivas linguagens ideológicas. Como observa Le Goff (1977, 9), a história agora é "Nova" também porque "os objetos da História (...) mudaram", ou seja, da "História dos grandes homens e das grandes sínteses, passou-se à História dos povos e das mentalidades, rica mas menos fácil de delimitar".

O registro do discurso historiográfico atual é proveniente das mais diversas fontes, não se limitando apenas a uma fonte e, portanto, a um ponto de vista que é sempre o oficial. Mesmo porque – segundo colocou, em outro contexto, a personagem Frederico à personagem Carlos – "governar não quer dizer comandar e satisfazer, assim, ambições mesquinhas; é a arte sumamente difícil de cuidar dos assuntos coletivos" (Holanda, 1979, 204); portanto, assuntos coletivos devem ser

unesp

tratados a partir de pontos de vista diversos, provenientes de fontes diversas e coletivas.

Ao se olhar a história, é inegável que lhe deitem um olhar preconceituoso, particular, fruto das convenções sociais e de pontos de vista subjetivos e, muitas vezes, opostos à realidade. Daí que a concepção da história se dá via relativismo cultural.

A nova história, para seu campo de estudo, propõe a "heteroglossia", ou seja, "vozes variadas e opostas", segundo Burke (1992, 15); pois, uma vez que se move, virtualmente, em direção a todas as histórias, ou seja, em direção a todas as atividades humanas, ela é interdisciplinar, contando com a colaboração da antropologia social, da economia, da crítica literária, da psicologia, da sociologia, etc. Braudel (1978, 93) coloca que "todas as ciências sociais se contaminam umas às outras e a história não escapa a essas epidemias".

Segundo Chesneaux (1995), há que se ter um certo cuidado com essa atual terminologia de chamarem a história de ciência "pluridisciplinar". Acredita que todas essas disciplinas de raízes das ciências sociais, não sendo boas nem más, ajudam o enriquecimento científico tanto delas mesmas, quanto da história, graças as suas conquistas. Porém adverte que tais contribuições devem servir apenas para fixar ainda mais a autonomia desses campos de estudo em seus limites. Ele adverte que não se pode embarcar no barco da pluridisciplinaridade só pelo êxtase do novo, é preciso tomar cuidado com essas fórmulas publicitárias atraentes, "pois com o passar do tempo os fenômenos que elas estudam variam consideravelmente, em sua natureza profunda, e não apenas em suas modalidades". (Chesneaux, 1995, 181)

A esta opinião, Hutcheon (1991, 124) já tem parecer distinto, porque, se é sabido que, de acordo com "a consciência semiótica todos os signos mudam de

sentido ao longo do tempo", não se deve lamentar a composição dessa miscelânea, mas aplaudi-la, por remeter à perda da inocência a favor do tecer do pensamento crítico.

Como já foi visto, a história do povo é vista não como tradicionalmente: um relato dos feitos dos grandes, mas é vista de baixo por estar do lado do dominado, do colonizado, mostrando o seu ponto de vista e a sua cotidianidade. É uma história que tira do anonimato seres que têm sido esquecidos, apesar de inseridos no fluxo vivo da história. Desde a publicação do famoso estudo de Braudel sobre a "civilização material" em 1967, a história da vida cotidiana, antes tida como trivial, passa a ser encarada por alguns como a única história realmente verdadeira e é, então, a partir dela que devem estar relacionados todos os demais pontos historiográficos, pois a cotidianidade é muito mais complexa do que se pensa. De acordo com Braudel (1978, 97), o cotidiano inclui ações e atitudes, por ele denominadas de "hábitos mentais"; portanto, "o cotidiano é o reino da rotina" – e por extensão o da história – uma vez que "a história se aplicou, desde então, a compreender os fatos de repetição assim como os singulares, as realidades conscientes assim como as inconscientes".

A nova história está muito heterogeneizada, favorecendo a expansão do conhecimento humano através de métodos mais rigorosos e profissionais; porém, ao sair, com freqüência de seu domínio de estudo, um dos problemas enfrentados pelos novos historiadores está nas fontes e nos métodos de pesquisa. Pois, enquanto o material se torna mais vasto e rico, mais fora do alcance se tornam as fontes e os métodos. Sem contar a grande inovação da nova história, ao estranhar o que era habitual na história tradicional: o historiador "seleciona" os registros da realidade sobre a qual "quer" falar a respeito. Por conseguinte, essa realidade não é objetiva, porque essa seleção é feita segundo preconceitos, interesses, crenças,

valores, convenções, etc. Comparando os fotógrafos aos historiadores, Burke (1992, 27) diz que "assim como os historiadores, os fotógrafos não apresentam reflexos da realidade, mas representações da realidade".

A contribuição dada pelos escritores da escola dos *Annales* aprofundou muito o conhecimento do passado, proporcionando reflexões sobre os métodos para que se possam usar os documentos familiares e formular novas questões sobre o passado. O conceito de *mentalité* esclarecido pelo *annalistas*, auxiliou muito os novos historiadores preocupados em reconstruir a história das mentalidades das pessoas comuns, devolvendo-lhes sua história e sua existência, julgadas perdidas ou, simplesmente, ignoradas, pois como salienta Sharpe:

> (...) por mais valiosa que a história vista de baixo possa ser no auxílio ao estabelecimento da identidade das classes inferiores, deve ser retirada do gueto (ou da aldeia de camponeses, das ruas da classe trabalhadora, dos bairros miseráveis ou dos altos edifícios) e usada para criticar, redefinir e consolidar a corrente principal da história. (Sharpe, 1992, 61)

Conforme aponta Le Goff (1977, 53), a "História Contemporânea é quase inevitavelmente uma história cruel, que fere, que faz sangrar", indo "quase fatalmente contra a corrente da imagem que uma sociedade tem necessidade de construir acerca de si mesma para sobreviver". Criando um paradoxo, ela deixa de "afagar o ego", não pintando "mais a história de glórias"; mas colocando-se em relevo, ou pelo menos se relativizando com a história vista de cima, ao provocar a reflexão sobre o fato de que "para o sucesso ou insucesso de uma guerra", por exemplo, "tanto é importante o general quanto o soldado". Assim a história vista de baixo é importante, porque tira um pouco do valor dado à história da elite, passando-o às classes subalternas.

unesp

Depois das inovações da nova história, ao se comparar história e literatura, vê-se em Chiappini e Aguiar (1993, 138 e 148) que a literatura ficaria mais próxima da história porque tudo estaria reduzido a "texto" e, como tal, seria uma "versão dos fatos". Portanto, o papel da história passa a ser reconhecido como uma espécie de tradução do que se lê como verdade ou real. Assim, tanto a prosa do historiador quanto a prosa do narrador têm que se valer dos signos, das metáforas. Ambas se valem daquilo que há de mais profundo e primeiro: o próprio uso da linguagem, que funciona como a "mão modeladora", como os "instrumentos", de acordo com o exemplo dado por Le Goff:

> (...) a história antes da escrita é a história da mão antropiana, ou melhor (pois temos muito poucos esqueletos de mãos bastante antigas, e sua evolução seria difícil de ser evidenciada no detalhe), a história dos produtos do cérebro que a mão exterioriza, ou seja, os instrumentos. (Le Goff, 1988, 92)

Como o material historiográfico é, em essência, o passado, então fica sempre a cargo das gerações subseqüentes a redação da história, o que torna essa disciplina, antes de mais nada, complexa. White (1995, 21) considera que "a obra histórica representa uma tentativa de mediação entre o campo histórico, o registro histórico não processado, outros relatos históricos e um público". Ao executar "essa mediação, segundo sua percepção mental e sua maneira, o historiador trabalha sempre com atos lingüísticos, ou seja, poéticos".

Como é possível notar, a nova história veio para inovar e desautomatizar a história tradicional. Segundo Hutcheon (1991, 132), "o estudo das forças anônimas de dissipação substitui o estudo dos acontecimentos e das realizações 'assinalados', cuja coerência é dada pela narrativa retrospectiva"; dessa forma "as

contradições desalojam as totalidades; as descontinuidades, as lacunas e as rupturas são privilegiadas em oposição à continuidade, ao desenvolvimento, à evolução"; pois "o particular e o local assumem o valor antes mantido pelo universal e pelo transcendental".

1.3. A micro-história X a macro-história

Por derivar-se de uma prática historiográfica de referências teóricas das mais variadas, pode-se dizer que a micro-história parece ser composta de teses dos mais diversos sistemas. Ela se constitui de uma confluência de respostas prováveis, redefinindo conceitos e analisando mais aprofundadamente os instrumentos e métodos existentes.

Segundo Levi (1992), a micro-história possuía uma posição muito específica dentro da chamada nova história. Sua função não era mais simplesmente a de corrigir os aspectos historiográficos acadêmicos que pareciam não funcionar. Cria-se que era mais importante rejeitar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador em prol de uma atividade puramente retórica que interpretasse os textos e não os próprios acontecimentos. Ou seja, a ela era atribuída uma prática interpretativa, reduzindo, assim, sua escala de observação a favor de análises microscópicas e de estudos intensivos dos documentos.

Essa qualidade de ser microscópica se presta à revelação de micro-fatores até então não observados. A micro-história, de caracterização minuciosa e "descrição densa", é, de acordo com Clifford Geertz (*apud* Levi, 1992, 141), "a perspectiva adequada para o trabalho antropológico". Essa descrição condensada

unesp

da história serve para registrar por escrito acontecimentos que, apesar de serem significativos, seriam quase imperceptíveis de outra forma; todavia, inseridos no fluxo do contexto social, são capazes de ser interpretados. E, a análise refinada dos acontecimentos, insignificantes na aparência, ajuda a chegar a conclusões mais amplas, embora seu objetivo não seja o de comparar casos, mas o de simplesmente apresentar maiores esclarecimentos sem contudo, mencionar regras específicas. Acaba, assim, por demonstrar a falência e a incoerência de contextos sociais tidos como bem definidos.

A micro-história usa a técnica da retórica para galgar a sua técnica de exposição, porém se seu objetivo girasse apenas em torno dessa técnica, o significado dessa micro-disciplina seria muito pobre. Ela usa a técnica da exposição para travar uma comunicação com o leitor. Nesse diálogo, calcado em acontecimentos, alguns mecanismos do funcionamento da estrutura social, diluídos nas generalizações e nas quantidades, são desmistificados. São incorporados à narrativa os próprios procedimentos da pesquisa, com suas limitações documentais, com suas técnicas de persuasão e com suas construções interpretativas; rompendo, assim, com a forma tradicional de narrar, dona de um discurso autoritário, cujos historiadores cuidavam em apresentar uma realidade objetiva. Ao contrário, o ponto de vista do micro-historiador torna-se parte intrínseca do relato historiográfico; principalmente, tendo-se em vista o parecer de Eco (1995, 573) para quem "mesmo à falta de gênio, a imaginação é sempre criativa".

Nessa abordagem micro-histórica, é através de indícios e sinais, particulares, portanto, que se tem acesso ao passado. Logo, o particular, altamente específico e limitado, é o ponto de partida, que também prossegue explicando-se à luz de seu próprio contexto específico. Explica-se esse contexto social específico

unesp

a partir de acontecimentos estranhos, desconhecidos ou insignificantes que acabam revelando sua natureza oculta e seu ajustamento ao sistema. Com base, muitas vezes, em um ponto mínimo, chega-se à coerência, e ao significado almejados, apesar de se originar do banal, em aparência, pautando-se também no "papel ativo do indivíduo" (Levi, 1992, 160), antes, escondido atrás da indiferença ou da passividade.

A micro-história tenta enfatizar as vidas e os conhecimentos individuais sem dilui-los a generalizações muito amplas e não refutar todas as formas de abstração, porque casos, aparentemente, insignificantes e individuais, podem revelar a concretude de fenômenos mais gerais. Ela estuda a generalização do plano social como instâncias inerentes e refratárias, mas como conjuntos inter-relacionados que, apesar de deslocados, estão em constante processo de adaptação; pois, dessa forma, de acordo com o que propõe Burke (*apud* Ferreira, 1996, 36) a diferença entre história narrativa (micro-história) e história analítica (macro-história) é superada, dado que, num mesmo texto, "esses recursos" funcionam "como formas de tensionar a narrativa histórica e de relativizar a onisciência do narrador/historiador, criticando dessa maneira os paradigmas fechados de referencialidade do texto histórico e de objetividade do conhecimento".

Ou seja, essa história microscópica funciona como modo de clarear pontos específicos da história, imperceptíveis no curso da análise global, enquanto que a macro-história serve para relativizar a análise histórica, tendo em vista que, segundo Lefebvre:

> *(...) le relativisme dont on tire argument n'engendre pas le scepticisme; il signifie seulement que la connaissance du monde sensible n'est point*

> *écrite une fois pour toutes: c'est um mouvement qui progresse, puisque cette connaissance s'accroît par accumulation, et qui ne s'arrêtera point aussi longtemps que l'intelligence subsistera. La stabilité, l'immobilité donc, c'est la mort; si la connaissance cesse un jour de se perfectionner, l'espèce humaine aura disparu ou sera retournée à l'animalité.* (Lefebvre, 1978, 110)*

A questão da micro e da macro-história parece estar associada à questão da curta e da longa duração, abordada por Le Goff (1990, 92). Segundo ele, "a história da morte (é um) excelente teste para essa história da longa duração", pois os historiadores "se contentam em constatar que há tempos longos, médios e curtos, e em notar as interferências destes como produto de seus encontros, não como produto do todo que os comanda: o modo de produção".

Portanto não há o predomínio de um sobre o outro, mas há uma superação dialética que, para ser instituída, são necessários os pequenos flashes de luz da micro-história, aliada à curta duração, mobilizando-se para a compreensão global da macro-história, aliada à longa duração. Assim, as duas histórias contribuem, interativamente, para o bom funcionamento da história das mentalidades, contexto onde ambas estão sediadas, como colocam Le Goff e Nora:

> (...) a história das mentalidades não se define somente pelo contato com as outras ciências humanas e pela emergência de um domínio repelido pela história tradicional. É também o lugar de encontro de exigências opostas que a dinâmica própria à pesquisa histórica atual força ao diálogo. Situa-se no ponto de junção do individual e do coletivo, do longo

---

* (...) o relativismo do qual se tira argumento não engendra o ceticismo; ele significa apenas que o conhecimento do mundo sensível não é escrito de uma vez por todas: é um movimento que progride, pois este conhecimento se chaga por acumulação, que não parará enquanto a inteligência subsistir. A estabilidade, a inércia, portanto, é a morte; se o conhecimento cessar um dia de se aperfeiçoar, a espécie humana desaparecerá ou retornará à animalidade.

unesp

> tempo e do quotidiano, do inconsciente e do intencional, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral. (Le Goff, Nora, 1988, 71)

1.4. O esquecimento na história

As mudanças causadas na forma de produzir, conceber e compreender a arte, atualmente, estão profundamente relacionadas às profundas mudanças no interior da individualidade e da coletividade do homem. Origina-se daí a impossibilidade das formas de narrar a história de até então e pede-se, com urgência, uma nova concepção histórica, que não faça distinção nem privilegie uma história da outra. Para Gagnebin (1994, 68), "a história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel vago da história comum (...), pois habitar significa deixar rastros". E para se "deixar rastros" e se narrar uma "história do si" é preciso estar presente, na composição desse tecer, o que há de mais particular e individual, delineando o fazer histórico. Porém, é extremamente delicada a questão de restaurar a dinâmica paradoxal do passado, respeitando sua necessidade inerente de ser composto de faltas e silêncios, e prevendo sua qualidade inata de ser inacabado e irredutível; assim como a do presente de ser imprevisível.

A comunicação com o passado pode seguir múltiplos desenvolvimentos e seqüências dotados de múltiplas conclusões diferentes. E se o passado é constituído do findo, do silêncio, portanto, do morto, e a narração da história é a que faz esse contraponto impregnado do coletivo e do "si"; o morrer e o narrar, o passado e a história são unidos por laços comuns e essenciais. Então, a proposta de Gagnebin (1994, 80) para que a memória, "a história do si fique liberta das

interferências de si mesma", dado que "a verdade e a retórica não são boas companheiras", obtendo a neutralização de seus conteúdos, é que caia "primeiro no esquecimento", porque "esse está ainda mais próximo da memória". Tem-se, então, "uma metáfora paradoxal magnífica de feliz esquecimento não associado à perda", mas, sim "associado ao resgate doloroso da história reivindicadora e finita com a pulsação apelativa do presente e a promessa do futuro, sendo fiel ao passado, mas infiel ao presente".

Senhoras de ambições distintas, a história aspira ao velho, enquanto a arte aspira ao novo. Nesse encontro com o velho, portanto, com a história, explica-se a causa de Hegel (*apud* White, 1995, 102) ter concluído que "o drama é a forma de arte cuja modalidade do movimento se consolida através da fratura" e, "tendo chegado a esse ponto, Hegel se lançasse incontinente na análise da história como a forma de prosa mais próxima, por sua imediatez, da poesia em geral e do drama em particular". Assim, "Hegel não só historicizou a poesia e o drama como também poetizou e dramatizou a própria história".

Se a historiografia alimenta-se do relato do passado, por sua vez, único e real, é normal ocorrer uma pressão pela objetividade.

O sentido de "interpretação" como sinônima de "subjetividade", segundo Gay (1990, 190), é "ilegítimo", pois "os historiadores o trouxeram das artes". Como coloca o teórico:

> (...) para o historiador, uma interpretação é uma explicação geral dos acontecimentos, quase sempre apresentando uma hierarquia de causas. Na medida em que esteja correta, qualquer outra interpretação conflitante será falsa. (Gay, 1990, 190)

Dessa forma, ele sugere que seria melhor o estudioso da história partir da

sua subjetividade para galgar a interpretação prevista pela história e não, como sempre faz, percorrer o caminho da aparente objetividade para chegar a subjetividade camuflada, isto é, permanecer sempre no âmbito da "interpretação" vinda das artes.

No sentido histórico, a interpretação, mesmo que unilateral, só tende a complementar. Reforça-se, então, a necessidade de se instalar primeiro o esquecimento para depois se fazer história.

1.5. O corte historiográfico

Para se resgatar o passado, no desvairamento do presente, é preciso que surja um outro tempo isento do "fardo da história" (White, 1994, 53), necessário, porém capaz de tornar a palavra muitas vezes pausa, e a extinção muitas vezes felicidade. Pois, conforme considera W. Benjamin (*apud* Gagnebin), em sua teoria da narração e, em particular, em sua filosofia da história:

> (...) o indício de verdade da narração não deve ser procurado no seu desenrolar, mas, pelo contrário, naquilo que ao mesmo tempo lhe escapa e a esconde, nos seus tropeços e nos seus silêncios, ali onde a voz se cala e retoma fôlego. (Gagnebin, 1994, 115)

Parafraseando seu pensamento, a narração e a história são únicas, necessárias, atuais e efêmeras, se a elas estiver acoplado o sentido de verbo como finito e redentor. O totalitarismo, repetido e previsível, gera algo muito distante do desenraizamento e do terremoto almejados, supondo que a historiografia se satisfizesse com uma sucessão cronológica, em que o simples nexo causal entre os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

momentos históricos, escritos no presente e para o presente, garantissem o fato histórico e lhe atribuíssem a verdade discursiva só por trazer em seu bojo uma desenvoltura harmoniosa, com coerência interna e boa argumentação. Como diz Hegel:

> os historiadores devem lidar com eventos e temas em sua concretude e particularidade; traem sua vocação quando deixam de fazê-lo. Mas isso significa que a perspectiva deles é sempre limitada e restrita. Essa limitação é o preço que pagam por tentar representar uma vida passada em toda a sua idealidade e concretude; servem melhor ao seu escopo quando não procuram elevar-se acima da simples reconstrução do passado e aventurar-se a aduzir do seu conhecimento do evento concreto os princípios universais que vinculam uma determinada vida passada a seu contexto total. (White, 1995, 115)

O ato paciencioso de volta, no sentido de renovação, é responsável pela fragmentação esburacada da sucessão cronológica, trazendo para si o finito e a salvação através de fontes desconhecidas, pois no fluir da verdade tanto se sustenta a palavra quanto a fragiliza, mostrando tanto o fundo de verdade dessa linguagem, inerentemente fragmentada, quanto sua pretensão totalitária, ao mesmo tempo que desmistifica a idéia de beleza como de totalidade e coloca o verdadeiro compreender histórico no âmago do "sem-expressão" e do momento aniquilador e redentor, furtador da representação em favor da apresentação do próprio trabalho do pensamento imaginativo. Esse trabalho imaginativo não se limita ao sentido literal do fato em si, mas procura a redenção unificadora através de traços, ações e ocorrências que melhor insiram o material no "campo histórico", para, a partir daí, poder trabalhar com sua linguagem historiográfica, sem as interferências convencionais dos registros, a fim de melhor explicar seu

objeto de análise: "o que realmente aconteceu no passado". Dessa forma, segundo White:

> (...) o enlace desses conteúdos com a forma de representação sob a qual eles são adequadamente reunidos, permitirá ao historiador construir uma narrativa, cuja ação é levada adiante pela tensão entre duas manifestações concretas de uma vida especificamente humana. (White, 1995, 103).

A "cesura", a "interrupção", de W. Benjamin (*apud* Gagnebin, 1994, 121) não limita sua verdade à exaustão das palavras, mas justamente, como ainda ele coloca (*apud* Gagnebin, 1994, 119) no "sopro 'sem expressão' que as forma e as traz ou as dispersa e as perde". O trabalho do novo historiador ou do historiador "materialista" deve ser, não o de explicar uma "'contra-história' plena e valente" tal qual a do historiador oficial, mas aquela reflexiva que provoque um terremoto e imobilize o falso curso natural da narrativa. Quem faz história deve estar livre para mostrar com precisão e com conhecimento de causa a história e também as suas fraturas, sem fidelidades cegas, visões consoladoras de futuros iluministas ou marxistas, nem passados utópicos. O lembrar tem que se alimentar do paradoxo entre o criar e o transformar, entre o destruir e o salvar, revelando a intensidade do presente; pois é justamente a história real e inexprimível a que se mostra ao lado dos vencidos e dos mortos, mostrando-se, paradoxalmente, exata pela efemeridade e finitude do verbo que procura mostrar o presente, com minúcias sim, mas não com a intenção de compreendê-lo em sua totalidade, de resolvê-lo, ilusoriamente, já que ele é por natureza irresoluto.

Sua peculiaridade intrigante será, porém, o que impulsionará a buscar, proibindo de calar a respeito desse passado ininteligível mais a cargo da enunciação que propriamente do enunciado. Pois, afinal, a história tradicional

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

precisa ultrapassar o medo de sua dor e de seu silêncio, entregando-se de forma ética e política ao fluxo da narração para galgar uma satisfação, mesmo que breve, por exaurir as forças muitas vezes e, quando muito, só emitir tímidos flashes de verdade à história real, fundando a partir das pequenas cesuras, instâncias breves, mas únicas em verdade. No que diz respeito à história, "ler os cortes", segundo Mota (1978, 105), "é uma operação que não é simples". Então a melhor proposta é não lê-los, não interpretá-los, ou lê-los e interpretá-los sempre, mas respeitando seus buracos.

Observar e refletir são formas de agir sobre o objeto. O historiador deve, portanto, pautar seu estudo do passado para poder influir, da forma mais modesta possível, sobre o mundo dentro e em torno de si. Ou seja, o historiador é sempre portador de estilo:

> (...) o estudo do estilo, portanto, dá a entender que o historiador não encerra sua tarefa ao compreender as causas e o curso dos acontecimentos. A narrativa histórica sem análise é trivial, a análise histórica sem narrativa é incompleta. As monografias não precisam ser artísticas, ainda que em mão habilidosas possam lograr sua qualidade estética própria. Mas a morada da história, à qual são tão indispensáveis as monografias, além de segura, precisa ser agradável. (Gay, 1990, 171)

1.6. O estilo historiográfico

Apesar do modo peculiar de cada historiador escrever sua "história da história", não se pode agir com preconceito sobre sua verdade histórica, pois já se sabe que a concretude do passado é missão quase impossível em meio ao passado textualizado, o único disponível. A história tem uma missão dialética, indo do

interno (imaginado) ao externo (vivido), e quem é responsável pela representação poética dessa dialética é o "drama" cujos aspectos formais são os mesmos da história, como já disse Hegel. (*apud* White, 1995)

A composição historiográfica está vinculada à marca registrada do historiador, mas isso não quer dizer que o tipo de enredo não tenha que estar relacionado à ideologia adequada para melhor explicitar o objeto da pesquisa. Segundo White:

> (...) um estilo historiográfico representa uma combinação particular de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica. Mas os diversos modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica não podem ser indiscriminadamente combinados numa determinada obra. (White, 1995, 43)

Do estilo historiográfico, portanto, também faz parte inerente o manejo do historiador; porque, além de ser uma opção de dizer a verdade sem beleza ou com beleza, o estilo é – desde Buffon – não a roupagem do pensamento, mas parte de sua essência, tornando "especial a ciência do historiador, com sua própria maneira de dizer a verdade" (Gay, 1990, 196). À medida que o modo de escrever a história depende do olhar individual de cada um sobre o objeto olhado, com diferentes formas de avaliar e interpretar o real, pode-se dizer que o estilo limita, subordina a realidade aos olhos de quem o vê. Embora, para Gay (1990, 190), é preciso enfatizar que essa subordinação deve estar de acordo com a "hierarquia de causas" proposta na interpretação historiográfica, que tanto busca a objetividade. Posição contestada por Ferreira (1996, 41-2), pois se trata do parecer de historiadores como Stone (1991), Veyne (1988) e Chartier (1990) que tentam amarrar a "história cultural" a um dos dois caminhos divisores da nova história: "o

conservador", preocupado especificamente em descrever as "relações entre história e literatura" e tentar "garantir sobrevivência aos cânones fundamentais da disciplina". Caminho este que vai justamente na contramão da sugestão de White:

> (...) o fardo do historiador em nossa época é restabelecer a dignidade dos estudos históricos numa base que os coloque em harmonia com os objetivos e propósitos da comunidade intelectual como um todo, ou seja, transforme os estudos históricos de modo a permitir que o historiador participe positivamente da tarefa de libertar o presente do fardo da história. (White, 1994, 53)

1.7. O atual processo histórico na historiografia do Brasil

A história ajuda a compreender o presente, rápido e instantâneo, quando comparado à eternidade do processo histórico global. A voz do historiador deve atingir a nação e não circunscrever-se ao círculo dos historiadores profissionais. A ciência, em pauta, não deve ser vista como pertencente ao domínio dos mortos, mas ao domínio da realidade presente, dos vivos. O historiador não deve ser o portador da voz dos mortos, monologando com outros historiadores, contribuindo, assim, para que a consciência histórica fique cada vez mais insensível. Pois, no Brasil, há uma falta de conexão entre o processo histórico e o pensamento historiográfico. O passado ainda não consegue iluminar o presente e este ainda não dá conta de esclarecer o passado, ou seja, os pontos de vista e métodos da historiografia atuais ainda não conseguiram se adequar à demanda mundial em mutação.

A historiografia brasileira sempre se mostrou demasiado descritiva, erudita e repetitiva, voltando-se para seus especialistas oficiais, deixando,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

conseqüentemente, sua finalidade primitiva e seu papel; lembrando a crítica de W.Benjamin (*apud* Gagnebin, 1994, 111), de que a função da história não é só o da "ideologia do processo da social-democracia, nem somente (o da) erudição cansativa, pretensamente desinteressada do historicismo".

Em torno de 1930 surgiu uma nova historiografia iniciada com Capistrano de Abreu, com a evolução crítica da estrutura econômico-social do marxista Paulo Prado e com as investigações e interpretações histórico-sociais do presente em conexão com o ontem de Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Mas essa tentativa de renovação não soube conservar-se correspondendo aos apelos da problemática e da temática novas de um Brasil novo, pois a superação de um estado de subdesenvolvimento exige a força de um espírito de desenvolvimento. De 1939 a 1958, pode-se dizer que a historiografia decantou em seu posto de história historizante. Uma visão política mais profunda da realidade brasileira, mostrando a personalização histórica e a ênfase nas forças impessoais ausentes de responsabilidade pessoal, tem sido mostrada nas obras de Otávio Farquínio de Sousa, Luís Viana e José Antônio Soares de Souza.

Para essa historiografia que pouco se lê e cujos resultados pouco se aprecia, Rodrigues (1965) coloca que a solução consiste na própria reforma da história brasileira, pela sua aproximação aos problemas e temas atuais, pela superação da fase puramente descritiva, pela teorização, pela generalização e pela criação de novos métodos. Pois, de acordo com o tratamento que ela dá a seus temas, "todas suas análises são conjunturais e não estruturais; vêem as aparência sensíveis mas não a realidade profunda". (Rodrigues, 1965, 28)

Desde 1958, os resultados da historiografia brasileira têm sido mais satisfatórios. Há o crescimento dos estudos nos campos da história local e estadual, com grande quantidade de arquivos, de pesquisas e da publicação

documental, sempre visando a defesa do patrimônio não pelos monumentos, mas também pelas fontes e pesquisas de documentos. Pois, a história deve ter sua evolução calcada no método, na orientação da pesquisa, na crítica, nas relações, nas contribuições com as ciências vizinhas, a fim de que a evolução historiográfica aconteça. Afinal, como aconselhou Gay (1990, 191), "o impulso de disciplinas vizinhas pode dar um novo movimento ao pêndulo, lançando a dúvida sobre antigas certezas ou estabelecendo conexões insuspeitas".

Porém, apesar dos avanços, o que ainda predomina é a força do Estado como o detentor da razão e da vitória. Ambos os esforços do Estado e do povo devem completar-se, ou seja, a pesquisa avança quando uma fonte recebe e fornece incentivo e impulso da outra; quando uma fonte está, em princípio, fracionada do mundo de fora em suas fronteiras, mas não em seu âmago. Deve-se recuperar o equilíbrio, ouvindo-se e incorporando-se vencedores e vencidos, porque o objetivo da história é conhecer e compreender o passado – não um passado fúnebre – para poder dar sentido a ele, agindo sobre ele com as forças do progresso e libertando as consciências, a fim de reconhecer e reintegrar todo o país com sua história, vinculada ao seu presente e ao seu futuro. Há que se ter uma força vital coletiva não facilmente destruída. Às vezes, essa unanimidade pode tornar-se ameaçada, mas deve ser dotada de força suficiente para se reanimar e atingir o sublime da consciência individual, voltada para a coletiva, e dos questionamentos gerais, conectados aos particulares.

Porém, a resistência parece continuar mudando, mesmo que aos poucos, uma vez que no Brasil ultimamente – segundo Ferreira (1996) – pelo número de trabalhos publicados na área da nova história, nota-se que tem tido boa receptividade entre os estudiosos dessa nova disciplina. Na América Latina de forma geral – segundo Chiappini e Aguiar (1993, 153) – uma importante parcela

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dos escritores incorpora a "temática histórica" como pauta de seus "textos literários", havendo, assim, "uma mescla no trabalho tanto dos historiadores quanto no dos literatos".

1.8. O romance histórico

Como a maior parte dos gêneros, o romance histórico ou a ficção histórica do século XIX tem dificuldade de definição, pois ainda não se tem muito claro se o passado histórico da forma que chega até o presente é individual, particular e passado, ou se é coletivo e presente, tendo, portanto, valores em comum com o cotidiano por meio do tempo. Em geral, o romance histórico retrata um microcosmo genérico e centrado no passado. Para tanto, seu protagonista deve portar características representativas tanto particulares do ser humano quanto gerais da sociedade; portanto, é a escultura de um tipo de protagonista que traz as marcas de detalhes que contribuirão para se erigir a verdade concreta e histórica. Não se deve esquecer que essa verdade concreta e histórica, deveria estar associada ao conceito de novela colocado por Lukács (s.d., 55) , pois para ele, "a novela é a mais artística das formas; traduz, ainda que de maneira por isso mesmo abstrata, o sentido último de toda a criação artística como atmosfera, como significação do seu próprio conteúdo".

No romance histórico, os detalhes são aproveitados apenas para melhor se verificar e particularizar o mundo ficcional. As personagens históricas, por fazerem parte de conflitos do desenvolvimento histórico, e, portanto dos detalhes, são reduzidas a um segundo plano – fato que não será regra para o romance pós-moderno. A presença delas se justifica para melhor legitimar, extratextualmente, a

ficção que se fecha em um debate moral das complicações sociais e políticas.

Cândido (1992, 56) coloca que esse romance de tendência documental e poética transmite à obra dupla dimensão: "a infinita – dada pela poesia – e a concreta – dada pela história". Porém esta última se desloca de seu estado de documento bruto. Assim, as dimensões poética e histórica se fundem para dar ao romance o que faltava aos outros: "a psicologia, em profundidade". Como ele observa:

> (...) o romance histórico, gênero pouco e mal cultivado entre nós, se não ultrapassa o pitoresco nos seus representantes menores, pode, nos escritores de boa qualidade, adquirir um admirável sentido poético. (Cândido, 1992, 56)

Para Cândido (1992, 56), o significado humano das personagens de Jorge Amado, por exemplo, "tem análise fraca e sumária", compensada "pelo sopro criador e animador da poesia, por um lado, e pela perspectiva cíclica dos acontecimentos históricos que lhe asseguram a verdade e o relevo, por outro". A "significação" da obra é aberta pela "história" para que "a espoliação tanto de espoliados quanto de espoliadores seja denunciada, enquanto que a significação da obra é sentida, poeticamente, através do valor e do significado social".

Nas décadas de 60 e 70, de acordo com Hutcheon (1991, 153) o romance histórico ramificou-se em uma "narrativa documentária": "o romance não-ficcional", porém utilizando-se das "técnicas da ficção" e não da "objetividade" documental. Essas novas arestas abertas pelo romance histórico contribuem para que "essa metaficcionalidade e essa provisoriedade vinculem o romance não-ficcional à metaficção historiográfica". Pois, sem se preocupar em ser objetivo ou de tentar galgar a objetividade, o romance de não-ficção ainda questiona, de forma

reflexiva, a verdade de quem escreve por meio de uma técnica narrativa em que, primeiro, estabelecem e, depois, diferenciam e dispersam as vozes do narrador que tentam falar sobre o passado através da memória – polêmica que vai de encontro às estruturas da narrativa pós-moderna.

Porém Lukács teima em castrar, em nome de uma ética, essa intervenção da subjetividade questionadora do status do relato histórico:

> (...) a composição romanesca é uma fusão paradoxal de elementos heterogêneos e descontínuos chamados a constituir-se numa unidade orgânica permanentemente em causa. As relações que dão coerência a estes elementos abstratos são, apenas na sua pureza abstrata, de natureza formal; por isso o último princípio unificante não poderia ser neste caso senão a ética da subjetividade criadora, ética tornada evidente pelos próprios conteúdos. Mas é necessário que esta última se anule a fim de que possa realizar-se a objetividade normativa do criador épico e ela é contudo incapaz de penetrar inteiramente os objetos que deve pôr em forma; não pode despojar-se inteiramente do seu aspecto subjetivo para aparecer como o sentido imanente ao mundo dos objetos; por isso é necessário que, para alcançar o tato criador de equilíbrio, ela se corrija a si mesma por meio de uma nova ética, determinada por sua vez pelos conteúdos. (Lukács, s. d., 95)

Desse modo, o autor supra-citado não leva em consideração que os conteúdos também já passaram pelo crivo da capacidade organizacional da subjetividade, cujos acontecimentos não pertencem ao mundo passado exterior, mas aos fatos históricos do espírito do historiador. E essa organização, que pode ser passível de verdades e de mentiras, é apreciada pelo leitor. Como diz Gay (1990, 175), "por mais que possamos apreciar as histórias de ficção pelas verdades que revelam, apreciamo-las ainda mais pelas mentiras que contam".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1.9. O romance pós-moderno

O romance pós-moderno faz uso da ficção, colocando versões imaginárias da história e do real em sua tessitura, mas o vácuo e a dissolução historiográficos não deveriam ser tidos como desestruturação social e sim como maior legitimação. Conforme argumenta Gagnebin:

> (...) para voltar a uma teoria da narração e da historiografia, as fraturas que escondem a narração não são, portanto, simplesmente as marcas da desorientação moderna ou do fim de uma visão universal coerente. São igualmente, os indícios de uma falha mais essencial da qual pode emergir uma outra história, uma outra verdade (da qual podem nascer outras histórias, outras verdades). (Gagnebin, 1994, 119)

E, de acordo com o pós-modernismo, confrontam-se, paradoxalmente, a história e a ficção, o particular e o geral, o presente e o passado. O literário e o fictício são explorados; mas, contrário ao esperado, não há intenção de recuperá-los ou reintegrá-los pela simples razão de não haver verdade, mas verdades, trazidas ao presente pelas mãos da história ou da ficção de forma não-fechada nem concluída. Dessa forma, a provisoriedade e a indeterminação passam a fazer parte da metaficção, que usa os documentos históricos tirando proveito de suas verdades e também de suas mentiras. E o que é interessante: a voluntariedade e doação de significação à obra, não desabonam sua seriedade, pelo contrário, outorgam-lhe ainda mais a seriedade por se tratar de uma obra pautada nas limitações de um passado voluntário e impregnado de doação de significações.

Como diz Berenson (1972, 245), "a história é a estória de como o homem

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

está sendo humanizado", mas para conseguir essa humanização, o pós-moderno traça uma intertextualidade entre passado e presente como o intuito de aproximá-los e de reorganizar o passado dentro de um novo contexto, cuja ideologia paradoxal reside no fato de não ser nem radical, nem oposicional. A ideologia pós-moderna não ignora nem as tendências culturais, nem as convenções interpretativas, ela só indaga sobre a autoridade modernista e sobre a sua própria autoridade, vivenciada e projetada numa espécie de "crise eufórica" – como diz Connor (1992, 108) – na qual "os conteúdos (...), ao invés de apenas manifestos da teoria, são avaliados em seus efeitos discursivos na práxis, realmente, desta crise".

Assim, como é tendência atual o estudo da narrativa, por englobar todos os gêneros e construtos da expressão humana, é também atual a busca do pós-moderno, cuja função é estabelecer e depois perverter as convenções narrativas. A busca do romance pós-moderno, aliado ao romance histórico, centra-se também na origem e no status dos vestígios do passado vindos até o presente através dos "fatos", reintegrando o mundo real novamente à literatura, uma vez que o romance moderno a afastou do mundo real com seu excesso de formas demasiado rígidas e fechadas. O pós-modernismo vem fraturar essas formas "auto-suficientes", a fim de interagir a experiência com a literatura, trazendo para a escrita a consciência da não necessidade de organização e de presença, portanto de uma ironia paradoxal por já prever a ausência de reparos, a desconstrução. Ilustrando melhor, White (*apud* Ferreira, 1996, 31) diz que "precisamos de uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a ruptura e o caos são o nosso destino".

O convívio da literatura com o mundo se dá de forma modesta, mas engajada, pois a incoerência das aparências só é superada ou modificada quando a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

literatura estiver contida do âmago do mundo exterior ao seu e cuja temporalidade estiver dialeticamente ligada à diacronia para dar conta do "ser-no-mundo" (Connor, 1992, 100) e à sincronia, simultaneamente, para melhor ilustrar o engajamento literário no mundo. Porém, a poética deste mundo é feita de forma finita e provisória, e rima-o com uma "dominante ontológica" que, nas palavras de Connor (1992, 105), "significa que já não é possível recuperar a distorção, o desvio e outros efeitos não-realistas como efeitos da consciência distorcida ou intensificada". Embora seja possível representar esse mundo como coisa através da metáfora: a sua verbalização por meio do texto, porque, segundo considera Ricoeur:

> *(...) si, formellement, la métaphore est bien un écart par rapport à l'usage courant des mots, d'un point de vue dynamique, elle procède d'un rapprochement entre la chose à nommer et la chose étrangère à laquelle on emprunte le nom.* (Ricoeur, 1975, 35) •

1.10. A metaficção historiográfica

Na ficção pós-moderna, o literário e o histórico são sempre reunidos, porém com resultados nem sempre cômodos: esse é o desafio que o pós-modernismo resolveu colocar à frente da tradição modernista, reforçando a provisoriedade e a indeterminação, a não neutralidade e não objetividade da história e, ao mesmo tempo, problematizando tanto a história quanto a literatura.

• (...) se, formalmente, a metáfora é mais um desvio em relação ao uso corrente das palavras, de um ponto de vista dinâmico, ela procede de uma aproximação entre a coisa a nomear e a coisa alheia à qual se empresta o nome.

De acordo com a concepção pós-moderna abordada por Hutcheon (1991), o sentido e a forma dos acontecimentos passados são dados a eles, no presente, pela organização das atividades humanas. E são à "coisas" retratadas, envoltas em uma nova significação, que se dá o nome de "fatos" históricos, em meio aos quais a história e a ficção, além de misturadas, tornam-se alteradas, abolindo, assim, a autenticidade e a cristalização da história. Esse desequilíbrio não causa nem conflito, nem descrença, nem desapropriação, pois ambas, ficção e história, apoiam-se, dependem uma da outra. A multiplicidade e a disparidade subjugam a individualidade e a unidade da narrativa, a favor de uma narrativa menos nostálgica e mais crítica do passado, enquanto põem em cheque a pressuposição de uma arte atemporal e senhora de valores universais. Arte histórica e teoria desconstroem as fronteiras da teoria e da prática, desfazendo-se, fundindo-se e se transformando, a partir das informações significantes do passado, impregnado de valores humanos e, conseqüentemente, de problematização das noções de conhecimento histórico.

Essa "nova história literária" ou "metaficção historiográfica", conforme é denominada por Hutcheon (1991, 126), "é questionadora da história e da crítica literária, que não são concebidas sem análise ideológica e metalingüística, contrariando a objetividade, a neutralidade, a impessoalidade e a transparência da história tradicional". As regras da redação histórica passada são apagadas, porque, no contexto pós-moderno, tanto a história, quanto a literatura são escritas através de um processo de inserção e depois de confrontamento crítico do embasamento historiográfico, por meio do qual o passado será enxergado. O monopólio da verdade, só atribuído à história, também é apagado, dado que tanto ela quanto a ficção revelam sistemas de significação modelados pela mão humana, isto é, são feitas textos, são "textualizadas" pela ação organizadora do homem que não o faz

unesp

passivamente, quando organiza o pronto. Embora, segundo coloca Gay (1990, 195), como medida apaziguadora, "a ordem em si, não é o historiador que faz: ele a encontra", pois "uma atividade tão controversa quanto a demarcação de um período histórico não é uma construção, e sim uma descoberta. A ordem, o período estão lá".

Como era lei, a história tomava um caminho totalmente oposto ao do literário. A literatura, em sua autonomia, tinha uma trajetória privilegiada em relação à história no sentido de poder expandir a limitação e a restrição da verdade. A nova história veio então apenas regulamentar o que já era seu pelo seu caráter ideológico, trabalhando, assim, com a história das mentalidades, com a história dos eventos, mostrando-se uma história de *longue durée*, pois, conforme coloca Ricoeur (1994, 320), mesmo "com o acontecimento breve o episódio continua a prevalecer nas intrigas embora altamente complexas e (...) o longo prazo marca a presença da configuração".

A preocupação do pós-moderno centra-se na narrativa e em sua forma, antes convencional e até literária, de narrar, pois a remodelagem dada ao passado, no presente, culmina em uma forma pluralista e ímpar de se ver os vestígios do passado, embora igualmente significativa e provisória. Hutcheon (1991, 131) observa, tanto na historiografia, quanto na ficção, a existência de "tentativas declaradas de abordar o passado" como já sendo "semiotizado" ou "codificado", ou seja, "já inserido no discurso e, portanto, 'sempre já' interpretado, mesmo que apenas pela seleção daquilo que foi registrado e por sua inserção numa narrativa".

E essa interpretação, responsável pela totalização e pela continuidade da história, está a nível do discurso e não, propriamente, da história. Então, a tarefa da metaficção historiográfica é descortinar essa unidade fingida, convencionalmente, atribuída, no presente, à história, fazendo com que a história

se reconheça ser história do discurso e não das coisas, carregando um tempo animado e uma trama configurada, ou seja, uma história e uma forma aliadas. Descortina, também, o papel do poeta, segundo a Arte retórica e arte poética de Aristóteles (1964, 279), cuja missão "consiste mais em fabricar fábulas do que versos, visto que ele é poeta pela imitação e porque imita as ações". Pois, agora, o poeta tem sua missão de fingir compartilhada com o novo historiador. E, dessa forma, a historiografia é obrigada a atualizar seu papel de disciplina simbólica, de disciplina "textualizada" – como considera Hutcheon – assinalando o que já havia sido, anteriormente, considerado, por Barthes:

> (...) chega-se assim a esse paradoxo que pauta toda a pertinência do discurso histórico (com relação a outros tipos de discurso): o fato nunca tem mais do que uma existência lingüística (como termo de um discurso), e, no entanto, tudo se passa como se essa existência não fosse senão a "cópia" pura e simples de uma outra existência, situada num campo extra-estrutural, o "real". (Barthes, 1970, 155)

A metaficção historiográfica baseia-se em um contexto histórico e em uma auto-representação formal. Lukács, ao falar sobre a natureza formal da epopéia e do drama já considerava, mesmo não admitindo, essa questão:

> (...) por meio da força da forma, os mundos da essência conservam-se lançados por cima da existência e tanto os seus modos como os seus conteúdos são apenas determinados pelas virtualidades internas dessa forma. (Lukács, s.d., 50)

O contexto histórico é problematizado de forma irresoluta, por estar contaminado por múltiplas e diversas verdades. Então, as ferramentas, que a

metaficção historiográfica usa para desmarginalizar a literatura por meio da confrontação com a história, são os temas e as formas. A ficção e a história distinguem-se, como narrativas, pelas suas estruturas estabelecidas pela metaficção historiográfica e, logo depois, contrariadas, tendo em vista as fronteiras movediças e genéricas entre ficção e história. Daí, vão instalando-se os paradoxos do pós-moderno, pois a aproximação da história com a ficção tanto refuta a necessidade de autenticidade histórica, como põe em cheque a originalidade artística.

Os protagonistas desse tipo de metaficção, ao invés de pré-fabricados, de típicos, são excêntricos porque estão à margem da história tradicional e na periferia da história ficcional, longe do microcosmo típico de uma única sociedade, posto que "a metaficção historiográfica adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença" (Hutcheon, 1991, 151). E, ao trabalhar com o plural e com a autoconsciência das diferenças, as especificidades historiográficas são tomadas em suas verdades e em suas mentiras, sem, contudo, servir de limitação, pois é consciente de que resta do passado apenas um passado textualizado. As personagens históricas vão atuar nessa trama discursiva e não nos conflitos dos acontecimentos históricos, propriamente ditos, contestando a moralidade e a legitimidade das complicações político-sociais instauradas e, "uma vez que o real se transformou em discurso, já não há separação entre texto e mundo a ser transposta". (Connor, 1992, 107)

A noção de subjetividade historiográfica também é problematizada por adotar como formas de narração ou um narrador onipotente ou vários pontos de vista sobre o passado, inserindo e, ao mesmo tempo, subvertendo ironicamente, os conceitos de subjetividade. Assim tem-se como resultante o relato do passado de forma paródica.

A referencialidade histórico-literária é esvaziada e só sobra uma representação, agora, questionada, do passado, que tanto via literatura como via história, chega selecionado através da mesma referência não-real, não-concreta: os documentos textualizados gerados no interior da própria cultura. Por isso, o passado, que realmente existiu, tem que ser visto de forma diferente e, talvez, limitada, porque, como espectadores e atores simultâneos do processo histórico, o que resta aos homens de hoje é uma visualização limitada do passado, transformado não em acontecimentos, mas em signos dos acontecimentos. Para Hutcheon (1991, 162) a ficção pós-moderna não "aspira a contar a verdade, mas aspira a perguntar de quem é a verdade que se conta".

Em geral, tudo que diz respeito à memória e, por associação à memória coletiva, tem uma forte tendência a adulterar, a esquecer ou a enfatizar os vestígios do passado que lhe são convenientes. Muitas vezes o esquecer, parcialmente, ou o adulterar, involuntariamente, não deve ser motivo para condenar, logo a princípio, o historiador; pois, assim como em alguns casos a finitude e a limitação históricas são legítimas, em outros, são justamente os fatores de ilegitimidade, por faltar ao historiador uma visão dominante e competente do mundo exterior.

Com certeza, a história crítica pode cometer suas falhas ao trocar velhos mitos por novos, descabíveis, ou confundi-los desmascaradamente, como demonstração de verossimilhança, mas ela também presta-se a jogar novas luzes ao passado no sentido de dar a importância devida aos acontecimentos merecidos e de subtrai-la dos acontecimentos não merecidos. Mostra, com isso, tentar dar uma explicação objetiva a um passado também realmente objetivo e aberto a infinitas revisões. A historiografia torna-se uma tentativa de objetividade, porque ela é uma ciência cujo material são seus próprios vestígios, característica que a faz

sobreviver em meio a um paradoxo tenso, mas fecundo, constantemente, ou seja, em meio a seu engajamento e seu distanciamento do passado. É necessário o historiador, segundo Gay (1990, 193), estabelecer "uma relação empática com o passado", mas, ao mesmo tempo, manter "distância dele", sem refutá-lo, pois, se esquecer o passado, "nunca sairá do presente, mas fará desfilar em seus textos atores contemporâneos em trajes de época", e se esquecer o presente, "nunca deixará o passado, tornando-se não seu estudioso, mas seu cúmplice".

Reforça-se, assim, o componente ideológico impresso na forma narrativa da história, ao recontar suas estórias repletas de provisoriedade do início ao término, porém, desta vez com um alto teor de conscientização meta-histórico, em sua teoria, e super-histórico, em seu objetivo, como já queria Nietzsche, a respeito da historiografia:

> (...) era, portanto, uma defesa de uma apercepção autoconsciente metafórica do campo histórico, o que vale dizer que era apenas metaforicamente irônica em sua intenção. No pensamento de Nitzsche sobre a história a psicologia da consciência histórica está aberta à análise; além disso, revelam-se suas origens numa apreensão especificamente poética da realidade. (*apud* White, 1995, 55)

1.11. A ficção X a historiografia

A literatura e a história, durante muito tempo, foram vistas como ciências diferentes: a primeira buscando uma meta para verdade e a segunda uma verdade objetiva. Pós-modernamente, essa visão tem mudado e as duas são vistas mais pelas suas semelhanças que parecem ser em maior número, pois a verdade objetiva, buscada pela história de outros tempos, é hoje altamente questionada,

unesp

restando para a história e para a literatura trabalharem com o verossímil. Ambas, logo de saída, já partem de textos convencionalizados pela linguagem, pela estrutura, enfim, pela sua ideologia social, política, econômica, etc.

Embora trabalhem com o mesmo tipo de contexto e com as mesmas técnicas formais, a ficção e a história têm discursos diferentes; a ficção se apropria até certo ponto da história social e política, enquanto que a historiografia, como qualquer ficção narrativa constituída, é estruturada, coerente e teleológica.

"No entanto" – como ressalta Gay (1990, 173) – "o que é notável na ficção, enquanto se diferencia da história, não são seus limites, mas sua liberdade". Ambas, porém, constituem nesse sentido, medialmente, seus sujeitos como possíveis objetos de representação narrativa por meio da linguagem e da estrutura utilizadas através de uma linha não muito definida entre as duas, tendência do romance pós-moderno, porque, do ponto de vista da profissão histórica moderna em geral, a arte e a ciência não se separam nitidamente; com-dividem uma longa e sinuosa fronteira, atravessada pelo trânsito erudito e literário sem grandes impedimentos nem muitas formalidades. E, com a falta de nitidez dessas fronteiras, elimina-se também a supremacia da ficção frente à história, pregada na citadíssima observação da Arte retórica e arte poética de Aristóteles (1964, 278), ao colocar que "a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular".

As técnicas estilísticas dos historiadores, ao procurarem dizer suas verdades, têm muita coisa em comum com as dos romancistas e poetas ao escreverem suas ficções, mas isto não implica que se deve igualar as verdades da ficção e da história, embora ambas tenham seus estilo. A história não tem a liberdade da oratória, ela apenas usa os fatos, é claro, seletivamente, para melhor

ilustrar o tipo de discurso de sua composição. O romance tem a liberdade intencional da oratória e cria os fatos da forma que lhe aprouver. A história, detentora da forma poética e do conteúdo prosaico, reside, de alguma forma, entre a poesia e a oratória; embora, como acrescenta Hegel:

> (...) na história (...) encontramos uma variedade muito maior, mais contingências, mais subjetividade, reveladas na expressão de paixões, opiniões e destinos, que nesse modo prosaico de vida apresentam mais excentricidade e variação do que mostram as maravilhas da poesia, que através de toda a diversidade deve permanecer fiel ao que é válido em todos os tempos e lugares. (*apud* White, 1995, 104-5)

Assim mostra-se mais uma vez, se não a supremacia da história, pelo menos a igualdade entre poesia e história, pois os gêneros literários modernistas, em sinal de subversão, estão com suas estruturas elásticas e contaminadas na dimensão do pós moderno. E, conforme adiciona Connor (1992, 106) "toda a história é uma espécie de literatura".

2. O PAINEL HISTORIOGRÁFICO

O romance em questão, *A Estranha Nação de Rafael Mendes* (E.N.R.M.), desde o início já deixa transparecer que a historiografia é também objeto de sua perseguição. Inicia-se indagando, problematicamente, sobre o tempo. "Que horas são? Que horas são?" (p.7)

Mas a obra já vai indiciando que além da história ela trabalha também com a ficção. Eis alguns exemplos dados logo no início:

> São seis horas da manhã e tudo vai bem. O tempo, por assim dizer, escorre lento; a História, por assim dizer, segue seu curso – e estou louco para urinar. (p.7)

> Seis e dez. Desde as quatro estou acordado, ruminando pensamentos. Coisas acontecem, enquanto estou aqui deitado: guerras e golpes de Estado, casos de súbito enriquecimento e paixões devastadoras. (p.8)

Scliar (*apud* Medina, 1985, 9) diz que seu compromisso, enquanto autor, restringe-se "ao grande movimento histórico que está bem no fundo das situações ficcionais" e, depois de impregnar-se dele, "destila"-o "sob forma de ficção".

Desde o início, há re-lampejos no enredo narrativo, mostrando a simultaneidade histórica do tempo e da criação literária que asseguram a dialética da obra através da história e da ficção. Esses dois discursos, como se verá no próximo capítulo, trazem para a obra uma multiplicidade de outros discursos, favorecendo a disparidade e colocando em cheque a narrativa com sua história e

sua ficção, tipicamente ímpar, porque imersa no contexto pós-moderno, cuja "desconstrução", "ruptura" (Connor, 1992, 89) e "ausência" (Connor, 1992, 65) de seriedade "ironia", de forma admitida, é o que lhe outorga a autenticidade.

O painel historiográfico objetiva mostrar o vácuo que vai se desenhando entre o paralelo da história e da ficção. As duas até se tangem, mas não se alteram. Em sinal de respeito à história tradicional, apenas como mais uma verdade ou uma mentira, ela é inalterada. A ficção é colocada ao lado da história tradicional para enriquecê-la e para mostrar a outra face da história, quem sabe mais verdadeira ou mais mentirosa, revelando "a concepção irônica, complexa e ao mesmo tempo crítica que Scliar tem da história 'oficial' ou 'tradicional'" (Monteiro, 1998, 191). Mostra-se uma história não vista de baixo, mas vista de lado, pois, em geral, os descendentes dos Rafael Mendes, amigos dos personagens históricos, mantêm com a história tradicional uma relação lateral. Mas pelo seu próprio caráter de perplexos, os Mendes mantêm uma atitude passiva frente às grandes causas e aos planos históricos, de forma que o curso da história tradicional não se muda, embora deixe de ter a forma "sisuda e algo maçante dos embolorados livros escolares" para ganhar "carne e osso", como faz Scliar com o sanitarista Oswaldo Cruz. (Couto, 1992, 9)

Enquanto Moacyr Scliar vai, ficcionalmente, desenhando a história nessa obra, a que mais se demorou para compor, não deixa de colocar em pauta a grandeza dos judeus; o financiamento judaico da descoberta das terras do Novo Mundo; bem como a chegada, senão anterior, pelo menos conjunta com o português ao Brasil, a fim de reclamar seu direito histórico, esquecido no amalgamamento da nacionalidade brasileira.

No painel, mostrar-se-á a história como se conhece e, em notas de rodapé, mostrar-se-á como a mesma história acontece no corpo narrativo, não do ponto de

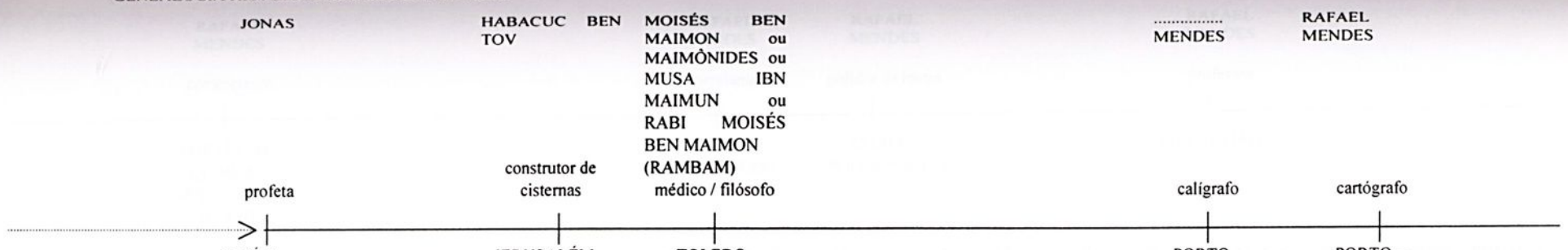
cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

vista de seu grandioso momento histórico, como se costuma vê-la, mas do ponto de vista do "*continuum* da história" (Benjamin, 1986, 231), do ininterrupto cotidiano histórico banalizado, porém igualmente importante, pois, como declara Scliar a Espeschit (1983, 8), "a Literatura Brasileira está numa fase de grande vitalidade, especialmente no que se refere aos temas políticos".

Antes de se apresentar o painel historiográfico com as referências históricas na obra, por meio das notas de rodapé, mostrar-se-á em uma linha do tempo as referências históricas – denominadas "Genealogia Histórica dos Rafael Mendes" – fazendo parte do cotidiano de cada descendente dos Mendes, "judeus", segundo Scliar (1989, 8) como é usual para "as personagens centrais de alguns de seus livros". E, depois, essas mesmas referências históricas estarão espalhadas pelo painel da história.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

GENEALOGIA HISTÓRICA DOS RAFAEL MENDES



1. "Perplexo, recebeu Jonas do Senhor a missão de profetizar contra a corrupta cidade de Nínive." (p.77)

"Ele resolveu abrir mão de sua missão e fugir: afinal, o que tenho a ver com Nínive? Estão fornificando, os ninivitas? Que forniquem, a mim não interessa. Nínive lá, eu cá..." (p.78-9)

"Fugiu. Em Yaffo, tomou um barco para a longínqua Tarshish. Viagem a princípio tranqüila; depois, tempestade. Marinheiros acharam que alguém a bordo atraia cólera divina. Sorteio; Jonas indicado. Lançado ao mar. Peixe engoliu-o." (p.79)

"Em Nínive Jonas profetizou contra a luxúria, como lhe tinha sido determinado pelo Senhor (...). O povo acreditou em suas palavras, pôs-se a jejuar e a orar; ninguém mais fornicava." (p.84)

2. "Palestina ocupada pelos Romanos." (p.86)

"Crimes políticos e religiosos em Jerusalém." (p.86)

3."Nascido em 1135, à época do domínio árabe na Península Ibérica, Maimônides foi educado por seu culto pai e por mestres muçulmanos." (p.94)

"O ano é 1192 da era cristã." (p.102)

A antiga praga do Oriente, a cólera, devasta a população. (p.102)

O Sultão Saladino enfrenta os cristãos, chefiados por Ricardo da Inglaterra, em Yaffo, Palestina. Embora derrotado duas vezes, está negociando um tratado de paz altamente vantajoso. (p.102-3)

4. "Em 1148, os Omaiadas, que até então governa-vam a Espanha, são alijados do poder pelos fanáticos Almôadas. Seguiu-se a expulsão de judeus e cristãos." (p.94)

5. "Final do séc.XV, cenário para atuação do Santo Ofício ibérico." (p.108)

"Em 1536 é instalado o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, com a finalidade de vigiar os cristãos-novos no cumprimento de suas obrigações religiosas. A ascendência judaica é cuidadosamente investigada; para um cargo público somente é aceito "homem fidalgo de limpo sangue". As denúncias de práticas judaizantes são estimuladas, podemdo ser anônimas. A confissão é obtida do réu mediante tortura. O julgamento obedece aos preceitos de um regimento secreto, conhecido apenas do Inquisitor-Mor e de alguns funcionários do Santo Ofício; e a proclamação solene da sentença é feita em praça públi- ca." (p.115)

"Em 1540 realização do primeiro auto-da-fé em Lisboa." (p.115)

6. "Na Espanha, Torquemada clamava junto a Fernando e Isabel pela expulsão dos judeus; em Portugal, onde um quinto da população era de origem judaica, as pressões eram igualmente intensas." (p.108)

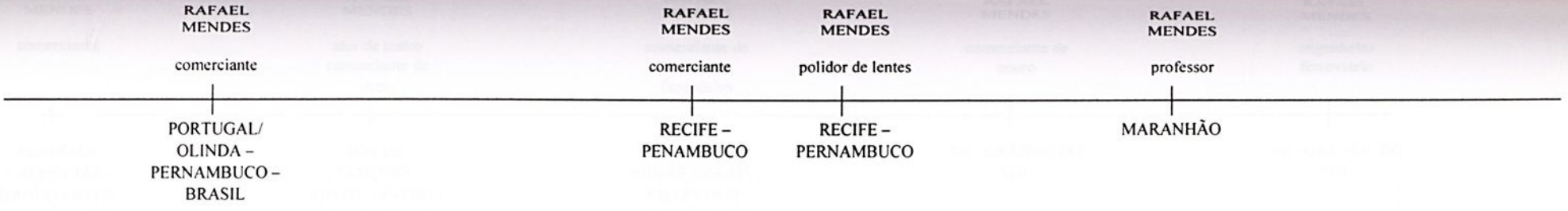
"A 2 de agosto de 1492 Fernando e Isabel lançam um decreto: à meia-noite desse dia nenhum judeu terá o direito de permanecer em solo espanhol." (p.115)

7. "Os judeus, médicos, poetas, astrôno-mos, filósofos e, sobretudo, comerciantes e financistas, despertam inveja e temor. Durante a Idade Média são os únicos intermediários comerciais entre Ocidente (Espanha e França) e Oriente (Índia e China)." (p.108)

"Na Inglaterra a usura é simplificada pela existência do saccarium judaeorum, local onde os títulos judeus são registrados e gravados com uma taxa de 10% em benefício do tesouro real. Em caso de inadimplência, os títulos ali depositados são queimados." (p.109)

8. "Em 1492 Cristóvão Colombo obtém a aprovação de Fernando e Isabel para a sua expedição marítima pelo Atlântico. Oficialmente, vai em busca de um novo caminho para as Índias. Extra-oficialmente, vai em busca de conquistar terras e explorar suas riquezas." (p.110)

9. "Em 1497 Dom Manuel, rei de Portugal, decreta: os judeus são obrigados a se converter ao cristianismo." (p.115)



10. "Da caravela que o levou ao Brasil, Rafael Mendes lembraria o ranger do madeirame (...). Os marujos desconfiavam dos estranhos, os oficiais debochavam desles. "Sta fermo, Moïse!" – gritava o imediato, um genovês chamado Bartolomeo, que se dizia parente de Cristóvão Colombo (...)." (p.122)

"Raiou o dia, um belo dia; avistaram pás-saros (...) ajuda-dos pela corren-teza deram a uma praia de areias muito brancas, cheia de coquei-ros (...). Quando acordaram, esta-vam rodeados de índios. Uns trinta. Nus, os corpos pintados de urucum, fitavam impassíveis os dois homens." (p.123)

Rafael Mendes e Afonso Sanches passam a viver na tribo dos índios. Afonso casa-se com Pombinha, a filha do cacique e se tornou o algoz da tribo. Os índios o comem, posteriormente. (p.122-7)

"O acaso ajudou-o: um navio português apareceu na baía (...). Por intermédio do capitão, Afonso estava mandando uma carta a Fernão de Noronha, sogro do almirante Pedro Álvares Cabral pedindo-lhe, "em nome dos interesses da nação" que lhe providenciasse as peças do engenho e algum capital pois "o açúcar daqui breve será maior riqueza que o pau-brasil, de tanta fama." (p.126-7)

11. Bento Teixeira foi o primeiro poeta do Brasil. Sua obra prima é um longo poema chamado Prosopopéia cantando as glórias da família do capitão Jorge de Albuquerque Coelho, governador da capitania de Pernambuco, homenageando o Brasil e sensibilizando-o para os sofrimentos do povo eleito. (p.128)

"Em 1595, Bento Teixeira é preso e enviado a Lisboa. Julgado, foi forçado a abjurar de sua heresia num auto-de-fé público. Morreu tísico em 1600." (p.129)

"Em 1601, o editor Antonio Alvares publica em Lisboa, com o imprimatur da Santa Inquisição, a Prosopopéia de Bento Teixeira com um emblema no final: a fênix renascendo das próprias cinzas. Nesta mesma época, a fênix aparece como emblema em um outro lugar: na sinagoga judaico-portuguesa de Amstedam, Niveh Shalom (Os Profetas da Paz), mandada construir por narranos fugidos da Inquisição." (p.129)

12. "A despeito de encarniçada resistência, os holandeses conquistaram Recife." (p.131)

13. "A cotação do açúcar está em alta na Europa. É artigo de luxo: paga-se 18 gramas de ouro por uma arroba de açúcar." (p.136)

14. "(...) os holandeses foram expulsos de Pernambuco." (p.140)

15. "(...) o Padre Antônio Vieira (...) apoiou a criação de uma Companhia de Comércio, tendo como acionistas banqueiros da nação; anda às turras com o Santo Ofício; e é mal visto por causa dos índios que defende." (p.140)

"(...) em 1661 ele é obrigado, por interferência do Santo Ofício, a voltar à Europa." (p.140-1)

16. "No governo maranhense de Sá e Menezes, a política da coroa portuguesa contribui para que os colonos passem privações, já que não há mão-de-obra; os fretes são caros, os gêneros alimentícios escassos, as taxas elevadas." (p.144)

Enquanto isto, os jesuítas estão isentos do imposto de exportação; e a Companhia de Comércio do Maranhão e do Grão-Pará tem o monopólio (estanco) da importação, do comércio e da venda de escravos, isenção de impostos e foro especial." (p.144)

17. "A 24 de fevereiro de 1684, irrompeu-se o levante chefiado por Manoel e Thomaz Beckman. O governo foi intimado a não reagir, uma junta foi formada, denominada "Junta dos Três Estados" – nobreza, clero e povo. Beckman era um dos representantes da nobreza. Foram abolidas as leis restritivas ao comércio; a Companhia de Jesus deveria retirar-se do Maranhão." (p.145)

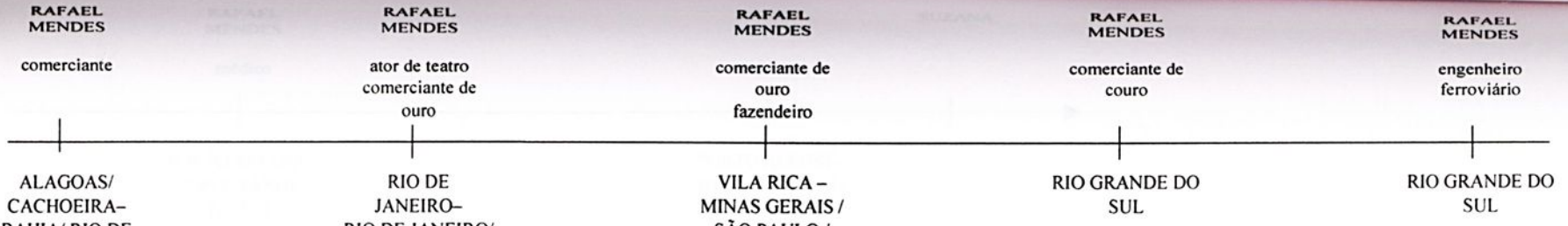
"O governo revolucionário durou quinze meses; e, desde o início, ficou claro que não receberia qualquer apoio. O Senado do Pará cuja adesão seria vital, decidiu-se pela fidelidade à Coroa; o mesmo aconteceu com a Capitania de Santo Antônio de Alcântara." (p.145)

"O Maranhão ficou isolado." (p.145)

"Depois do entusiasmo inicial reina a discórdia entre os partidários do movimento." (p.147)

"(...) o bloqueio cria problemas para comerciantes, para os senhores de engenho." (p.147)

"Chega o novo governador Gomes Freire de Andrade, prometendo restabelecer a lei e a ordem. Voltam os jesuítas; é restaurado o estanco." (p.147)



18. "Zambi de Palmares. Um negro forte de olhar sombrio. Esperava-os sen-tado numa tosca cadeira de troncos, ornamentada com dentes de animais e penas de aves exóticas. Postura de rei; como rei, lhes dirigiu a palavra, altivo." (p.151)

"Dura tarefa. Abater árvores na floresta, desbastá-las dos ramos, trazer as toras de arrasto pelo carreiro enla-meado; armar as pafissadas, escorá-las, escavar trincheiras, construir muros de pedras." (p.153)

Palmares é atacado. (p.158)

19. Em 1705, o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão inventa um balão suficientemente grande batizando-o com o nome de Pas-sarola. (p.158-9)

20. "Em 1738 o teatro está pronto para ser inaugurado." (p.163)

"Apresentará uma peça baseada em textos de Antonio José da Silva, o Judeu, dramaturgo que, nascido no Rio de Janeiro, foi levado ainda criança para Lisboa junto com o pai, prisioneiro do Santo Ofício. Ao ouvir esta notícia, Rafael estremece; é que Antonio José da Silva está, ele mesmo, sendo julgado pela Inquisição em Lisboa e tudo indica que será condenado." (p.163)

21. "Em 1773, José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiros e Marquês do Pombal obteve do Rei de Portugal um decreto abolindo a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos." (p.164)

22. No último quartel do séc. XVIII, os inconfidentes Thomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, o Coronel Joaquim Silverio dos Reis e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, Tiraden-tes, conspiram para libertar o Brasil do jugo português, culmi-nando com a traição e decepamento de Tiradentes em praça pública. (p.165-9)

23. "Ali sempre gozaram, os da nação, de grande prestígio desde os tempos do meirinho de campo João Ramalho, a quem cabe fiscalizar todo o comércio com as regiões de colonização espanhola. Os da nação tinham engenhos e navios; o controle da Alfândega e o monopólio de cobrança de impostos. E eram médicos, astrônomos, boticários e mercadores (...) por todo o continente. Os cristãos-novos fi-nanciavam, junto com outras, expedições destinadas ao apresamento de índios, visando suprir a falta de mão-de-obra, ou a descoberta de ouro e pedras preciosas." (p.170)

24. "David Canabarro, chefe farrapo, prepara uma expedição à cidade de Laguna. Reúne voluntários para a frota da República Rio-grandense." (p.177)

É ajudado pelo legendário rebelde Garibaldi, vindo da Itália para ajudar os Farrapos contra o governo imperial. (p.177)

"Para burlar a vigilância dos legalistas, Garibaldi tinha concebido um plano fantástico: levar os dois navios da frota, o Seval e o Farroupilha, por terra, até Tramandaí, muitas milhas ao norte; de lá, por mar, seguirão até Laguna, em Santa Catarina, onde atacarão os desprevenidos imperiais." (p.178)

"A tomada de Laguna é feita sem nenhuma resistência (...). É proclamada a República Juliana."(p.181)

"(...) os legalistas (...) preparam um bem sucedido ataque: a vila é retomada, os Farrapos batem em retirada." (p.182)

25. "Trabalhou um tempo para os Rotschild da França que faziam investimentos dos franceses Rotschild em estradas de ferro." (p.182)

26. "O ano era 1929. Em Nova Iorque a Bolsa quebrava, financistas desesperados saltavam de altos edifícios (...)." (p.192)

27. "Era a Revolução de 1930 que começava." (p.198)

28. "Minha vida, parecia razoavelmente encaminhada; eu estava noivo de Alzira, uma boa moça, de família tradicional: o pai era homem influente na política gaúcha, amigo de Getúlio Vargas." (p.206)

" Estendeu-me um grosso envelope. Continha um exemplar do Diário Oficial que circularia no dia seguinte. E ali estava minha nomeação para o cargo de Chefe da Seção de Doenças Infecto-Contagiosas do Estado. Olhei-o sem entender. "Foi o próprio doutor Getúlio Vargas que autorizou" – disse, com satisfação. "– Estou tratando disto há tempo...." (p.208)

"No Brasil, depois do fracasso do levante comunista de 1935, Getúlio Vargas consolida sua posição, mas em muitos Estados – Rio Grande do Sul, inclusive –conspira-se para derrubá-lo. " (p.210)

"Aí é que está. Ninguém sabe. Deve ser um agitador; um comunista decerto. Eles não aprenderam a lição da Intentona".(p.211)

"O Jornal Alerta move, através de um pasquim sensacionalista, uma insidiosa campanha contra Getúlio Vargas." (p.220).

"Fui até o hotel; lá encontrei o Saturnino, meu sogro, dois assessores do Palácio, e um mulato alto e forte, elegantemente vestido, que se apresentou como agente do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda." (p.220)

"Aquela coisa, pelo menos porque a agitação política crescia extraordinariamente, culminando no golpe de novembro – o Estado Novo." (p.245)

29. "Em 1936, na Espanha havia uma guerra civil, prelúdio, ao que todos diziam, de um conflito mundial." (p.210)

"Agora mesmo na Espanha, trava-se uma luta sangrenta pela democracia, uma luta com a qual também estamos comprometidos." (p.227)

"(...) Débora deixou o país. Seguiu para a Espanha, onde alistou-se, como médica, nas Brigadas Internacionais." (p.245)

30. "(...) o generalíssimo Franco continua em estado de coma." (p.18)

"Franco continua em coma, (...)." (p.266)

"'A propósito' – murmurou Rafael, uma voz débil – 'morreu, o Franco?' 'Quem?' – o velho pensa não ter ouvido bem. 'O Franco. O general Franco.' 'Ah!' – o doutor surpreso. – 'Morreu sim'." (p.283)

2.1. O profeta Jonas

Como relata no livro de Jonas (*A Bíblia*, 1986, 861-3), vem a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: "Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim". Jonas, querendo fugir da missão dada pelo Senhor, toma um navio rumo a Tarsis. O Senhor, porém, manda uma forte tempestade de forma que o navio quase vai a pique. Mesmo depois de aliviarem o peso do navio, lançando parte de sua carga ao mar, a tempestade persiste.

O chefe do navio acorda Jonas que dorme no porão e lhe pede para invocar seu Deus. Os marinheiros, desesperados, "lançam sorte" para ver de quem é a culpa de tão grande catástrofe marítima. A sorte cai sobre Jonas. Interrogado, Jonas lhes declara que é hebreu, teme ao Senhor, e está fugindo da sua presença. Em seguida lhes diz para o lançarem ao mar, a cada vez mais enfurecido, e a grande tempestade se acalmará. Apesar do temor dos marujos, eles assim o fazem e há bonança no mar. O Senhor envia um grande peixe para tragar o profeta fugitivo. No ventre do peixe, ele permaneceu por três dias e três noites.

Nas entranhas do grande peixe, Jonas ora ao Senhor com fervor e lhe faz voto com promessa de pagamento. Deus o ouve e manda o peixe vomitá-lo em terra. O Senhor envia a Jonas, pela segunda vez, sua palavra, dizendo-lhe para fazer o que já lhe ordenou anteriormente.

Jonas se dirige à grande cidade de Nínive, "de três dias de caminho". Prega para o povo que, em quarenta dias, a cidade será subvertida. O povo crê e, desde o rei até os animais jejuam e cobrem-se de cinzas, arrependendo-se. Dessa forma Deus, reconhecendo sua humilhação, arrepende-se de sua sentença e não

destrói a cidade.

O profeta, no entanto, indigna-se com o Senhor. Faz a Ele uma oração, dizendo que fugiu porque, conhecendo a piedade divina, ele se arrependeria de sua decisão. Pede ao Senhor a morte e assenta-se fora da cidade, esperando o que lhe sucederá. Para tirá-lo de seu enfado, o Senhor faz crescer por cima de Jonas uma aboboreira. Este se alegra muito. No dia seguinte, Deus envia um bicho, para ferir a planta e ela se seca. O sol quente fere a cabeça de Jonas. Ele desmaia e deseja novamente morrer. Deus lhe acusa de não estar sendo razoável, pois tem piedade da aboboreira que não foi ele quem fez crescer, a ponto de desejar a morte. Acrescentando, então, ser muito mais razoável Ele ter compaixão de uma grande cidade como Nínive, com mais de cento e vinte mil homens inocentes. [1]

2.2. A ruína de Israel

Após o ápice do reinado de Israel com Davi, por volta de 1000 a.C., e Salomão, de 966 a 26 a.C., um longuíssimo período de crise coloca em extinção a sobrevivência da nação judaica, que é dominada por assírios, babilônios, persas, gregos e romanos.

Depois da morte de Jiroboão II, em cujo reinado Israel readquire suas

---

Referências históricas na obra:

1. "Perplexo , recebeu Jonas do Senhor a missão de profetizar contra a corrupta cidade de Nínive". (p.77)

"Ele resolveu abrir mão de sua missão e fugir: afinal, o que tenho a ver com Nínive? Estão fornificando, os ninivitas? Que forniquem, a mim não interessa. Nínive lá, eu cá..." (p.78-9)

"Fugiu. Em Yaffo, tomou um barco para a longínqua Tarshish. Viagem a princípio tranqüila ; depois, tempestade. Marinheiros acharam que alguém a bordo atraía cólera divina. Sorteio; Jonas indicado. Lançado ao mar. Peixe engoliu-o". (p.79)

"Em Nínive Jonas profetizou contra a luxúria, como lhe tinha sido determinado pelo Senhor (...). O povo acreditou em suas palavras, pôs-se a jejuar e a orar; ninguém mais fornicava". (p.84)

antigas fronteiras, o reino de Israel entra em franca decadência. Passa pelo domínio da Assíria, que destrói Jerusalém em 722 e deporta seus habitantes, apesar das esperanças judaicas no Egito de Ezequias, sucessor de Acaz de Judá. O exército assírio entra em Judá, chegando até Jerusalém. É preciso ceder-lhe parte do território e prometer-lhe tributo, mas antes mesmo de começar a fazer suas operações contra Jerusalém, em 690, Senaquerib tem de se retirar com seu exército já esgotado. Os cultos a Javé feitos pelos judeus são abandonados, com exceção do rei Josias, e os seus altares derribados e saqueados.

Israel passa aos babilônios, herdeiros das pretensões assírias e, em 596, Joaquim de Judá é levado ao cativeiro e substituído por Sedecias e por Nabucodonosor. Este invade Jerusalém, destrói o Templo de Salomão e desaparece com a Arca da Aliança, dando origem, em 586 a.C., ao primeiro momento da diáspora judaica.

O cativeiro na Babilônia dura até sua conquista por Ciro. Ele dá permissão aos judeus para voltarem à Palestina. Muitos deles preferem permanecer na Babilônia ou no Egito. Dos que voltam e encontram influências helenísticas, resta de sua cultura, praticamente, a sua religião monoteísta. O templo é reconstruído, precariamente, por Zorobabel e os judeus vivem meio protegidos desde a época dos arquemênidas à de Alexandre.

A partir de 320a.C. passam a sofrer as conseqüências das rivalidades entre o rei do Egito e da Síria, sendo perseguidos, cruelmente, a partir de 169a.C. por Antíoco Epifânio. Conseguem libertar-se em 143a.C. com o levante dos macabeus.

Em 64a.C., o romano Pompeu derruba as muralhas de Jerusalém e a reduz à condição de província de Roma. Com a invasão parta em 39a.C., Herodes, o Grande, nomeia-se rei da Judéia pelos romanos e manda reconstruir e decorar o

unesp

Templo. Como anunciado pelos profetas, nasce o Messias (Cristo), que humanizado na pessoa de Jesus, vem à Terra para realizar as promessas feitas por Javé a seu povo. Mas Jerusalém, revoltada contra os romanos desde o ano 70a.C., foi tomada e destruída por Tito. Um arco do triunfo, em Roma, comemora esse acontecimento. (*Enciclopédia*, 1960, 737)

A partir de então, o povo judeu permanece disperso entre as nações, por cerca de dezenove séculos, num segundo momento da diáspora judaica.

"Em 636d.C., os árabes ocupam a Palestina e convertem a maioria dos habitantes ao islamismo" (*Almanaque*, 2000, 258). Após sucessivas invasões, a região é dominada pelos turcos, sendo incorporada ao Império Turco-Otomano por um longo período, de 1517 a 1917. [2]

2.3. A invasão árabe da Península Ibérica

As primeiras conquistas árabes são no Oriente, no estreito de Gibraltar e, segundo Silva e Penna (1969, 162), poucos anos depois já são "senhores de quase toda a Península Ibérica, à exceção de um recanto do norte, as Astúrias", para onde se refugiam "os bravos companheiros de Pelágio, heróis, cujos descendentes, conservando a liberdade e a fé", mais tarde reconquistam numa luta de séculos, o território da Ibéria cristã". Essas conquistas se dão sob a dinastia omíada (661 – 750d.C.), com seu ápice em 711d.C. na conquista do estreito Gibraltar entre a África e a Europa. Bandos de cavaleiros berberes seguem Mussá e conquistam

---

Referências históricas na obra:
2. "Palestina ocupada pelos Romanos". (p.86)
"Crimes políticos e religiosos em Jerusalém". (p.86)

com ele a Espanha.

Com o rompimento da dinastia omíada, as possessões ficam a cargo de califados independentes. Porém, por sua falta de unidade, provocam pressões de reconquista por parte dos cristãos europeus nos califados de Bagdá, na Ásia; do Cairo, no Egito; e de Córdoba, na Espanha. E, segundo Vicentino:

> (...) é nesse panorama que se encaixa a Guerra de Reconquista da Península Ibérica, iniciada no século VIII, e as Cruzadas cristãs contra os muçulmanos, no século XI. (Vicentino, 1991, 64)

Os cristãos, iniciando a Guerra de Reconquista, mais propriamente em 718d.C., só conseguem expulsar definitivamente os árabes da Península Ibérica em 1492, com a reconquista de Granada pelos espanhóis. [3]

2.4. Os almorávidas e os almóadas

O Magreb Berbere (Magreb: hoje Tunísia, Argélia e Marrocos; Berbere: população originária desta região) separa-se do califado quase após ser conquistado pelos árabes. Estende-se pelo Mediterrâneo ocidental: Espanha, Itália, França e Sicília.

No século XI a situação do Magreb se transforma. Em Marrocos, berberes

---

Referências históricas na obra:

3. "Nascido em 1135, à época do domínio árabe na Península Ibérica, Maimônides foi educado por seu culto pai e por mestres muçulmanos". (p.94)

"O ano é 1192 da era cristã". (p.102)

A antiga praga do Oriente, a cólera, devasta a população. (p.102)

O Sultão Saladino enfrenta os cristãos, chefiados por Ricardo da Inglaterra, em Yaffo, Palestina. Embora derrotado duas vezes, está negociando um tratado de paz altamente vantajoso. (p.102-3)

unesp

sanhajás acampados às margens do Senegal são impelidos para o norte por um grupo instalado em Ribat a fim de defender o islame. Tomam deles o nome de Almorábitin (almorávidas) e atravessam o Atlas, sob a chefia do líder religioso Abadalá-Ben-Iasin. Marráquexe é fundado em 1062 e o Marrocos inteiro é conquistado. A história de Marrocos, desde então, torna-se ligada à da Espanha e o sultão Iussuf-Ben-Tachfin dedica sua existência ao combate de príncipes cristãos e à conversão de emires muçulmanos em vassalos.

Enquanto isso, no leste, ocorrem fatos fundamentais para a história magrebina. O emir zírida Al-Moiz repudia, em 1045, a suserania do califa fatimita e faz celebrar a prece da sexta-feira ao califa de Bagdá. O fatimita envia então para a Tunísia duas tribos beduínas insuportáveis. Estes sanhajás saqueiam Cairuã em 1057, expandindo-se por todo o Magreb. São expulsos de Ifriquia, mas se mantêm em Caalá e na Bugia até a conquista almóada, enquanto os árabes invasores absorvem os zenatas do Magreb central.

Em decorrência da carestia imposta por Ibn Calrun, os Almorávidas se enfraquecem, devido a opulência nas cidades morroquinas e andaluzas. Os almóadas constituem, com isso, a mais original dinastia do Magreb. Seus fundadores, Ibn Tumert e Abd-el-Mumin, baseiam-se na concepção de uma sociedade nova:

> (...) sua doutrina se fundava no respeito absoluto da unidade divina (de onde Al-Mová-idin), na crença no mádi renovador do mundo, enfim numa hierarquia social. (*Enciclopédia*, 1960, 848)

A dinastia almóada encontra também sua força num agrupamento de tribos, os masmudás, montanheses do Atlas, adaptando-se rapidamente à civilização andaluza, porém sofrendo sua atração deprimente. Desaparece desde

1249, embora tenha influenciado na localização das tribos beduínas da invasão do século IX; deixado herdeiros diretos em Ifriquia; e exercendo grande influência nas formas de governo de seus inimigos sucessores. [4]

2.5. O Santo Ofício

A necessidade de combater as heresias origina desde o século IV a luta anti-herética e atormenta, por quase quatrocentos anos, inúmeros pensadores, intelectuais, artistas, ricos e mesmo a gente simples do povo.

Um forte instrumento para combater os hereges de forma geral, purificar o catolicismo e forçar a conversão dos heréticos é a instalação do tribunal da Inquisição, que em 1501 está em seu auge.

No caso dos judeus conversos ao cristianismo, os cristãos-novos, se são suspeitos, real ou imaginariamente, de continuar a praticar sua religião original, podem ser presos, julgados e condenados, sofrendo torturas excruciantes, como inclusive a fogueira, mesmo a partir de processos com base em denúncias anônimas, sem direito à defesa dos acusados e cercados de procedimentos secretos. Isso ocorre, principalmente, por trás do braço secular da Inquisição, pois há uma luta pelo poder político e econômico. Extremamente paradoxal, porque o julgamento é de cunho religioso, porém a execução da sentença é de autoria de autoridades reais, ambicionando o confisco dos bens.

Desta longa noite de tortura, fogo e lucro resultantes da Inquisição,

---

Referências históricas na obra:

4. " Em 1148, Omaiadas, que até então governavam a Espanha, são alijados do poder pelos fanáticos Almôadas. Seguiu-se a expulsão de judeus e cristãos". (p.94)

destaca-se a Inquisição portuguesa, um dos episódios mais cruéis e dramáticos da história européia. Acumulando um total de 40.000 processos de réus do Santo Ofício, esta instituição religiosa tem início em Portugal, em 1492, ano "em que afluíram em massa ao país judeus expulsos de Espanha e surge o problema dos cristãos-novos" (Grigulévitch, 1990, 183). E só finalizando, em 1821, quando o "governo provisório nascido de uma revolução liberal acabou definitivamente com a Inquisição portuguesa e os lisboetas destruíram o edifício do santo tribunal" (Grigulévitch, 1990, 328). Porém depois de cem anos da abolição desses tribunais nos demais países europeus, e em pleno Século das Luzes ou Iluminismo. [5]

2.6. A expulsão dos judeus da Espanha

Em 1483, na Espanha, os tribunais da Inquisição foram definitivamente intensificados, quando Tomás de Torquemada foi nomeado inquisidor-geral da Espanha.

Os reis católicos espanhóis, Fernando e Isabel, sentem-se entusiasmados com a escolha de serem os propulsores para a implantação universal do cristianismo, suscitando uma segunda vinda de Cristo.

Referências históricas na obra:

5. "Final do séc.XV, cenário para atuação do Santo Ofício ibérico". (p.108)

"Em 1536 é instalado o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, com a finalidade de vigiar os cristãos-novos no cumprimento de suas obrigações religiosas. A ascendência judaica é cuidadosamente investigada; para um cargo público somente é aceito "homem fidalgo de limpo sangue". As denúncias de práticas judaizantes são estimuladas, podendo ser anônimas. A confissão é obtida do réu mediante tortura. O julgamento obedece aos preceitos de um regimento secreto, conhecido apenas do Inquisitor-Mor e de alguns funcionários do Santo Ofício; e a proclamação solene da sentença é feita em praça pública". (p.115)

"Em 1540 realização do primeiro auto-da-fé em Lisboa". (p.115)

unesp

O avassalador crescimento das agruras inquisitoriais leva um grupo de judeus conversos a assassinar o inquisidor Pedro de Arbues, na noite de 16 de setembro de 1485, dentro da catedral de Zaragoza. O episódio é mais uma desculpa para que Torquemada queime mais duzentas pessoas vivas, sob acusação de envolvimento com o crime.

Entre 1483 e 1498, 13.000 judeus convertidos são condenados a diversas penas por práticas judaisantes; 2.000 pessoas são queimadas vivas pela Inquisição espanhola sob o comando de Tomás de Torquemada, "sentimento complexo para o neto de uma judia conversa" (A Aventura, 2000, 71). O onipotente dominicano é, simplesmente, o confessor-particular da rainha Isabel, e do seu braço inquisitorial, só escapa o cristão-novo Dom Afonso de la Caballería, vice-chanceler do reino de Aragão, um dos maiores juristas da península, humanista de vasta cultura e braço direito do rei Fernando de Aragão. Mas isso só acontece por interferência direta do papa espanhol Alexandre VI, que chega a ser acusado de trair o cristianismo, para proteger judeus:

> Enquanto os reis católicos Isabel de Castela e Fernando de Aragão inauguravam a era das perseguições religiosas na Espanha, o papa protegia judeus, chegando a ser acusado de trair o cristianismo. (A Aventura, 2000, 69)

Sob a influência de Torquemada, Fernando e Isabel, a 31 de março de 1492, publicam um edito expulsando os judeus da Espanha.

Apesar de não estarem muito firmes em sua decisão, os reis cedem ao inquisidor-geral, mesmo depois que o rico e respeitado financista Dom Isaac Abravanel lhes oferece trinta mil ducados para reverterem o edito da expulsão. Mas, de acordo com a lenda, Torquemada entra no palácio com o crucifixo em

punho e diz aos soberanos: "Eis aqui Jesus, a quem o malvado Judas vendeu por trinta moedas. Vós os venderíeis de novo – só que por maior preço". (Scliar, 1994, 66)

Assim 170.000 judeus deixam a Espanha. Desses, 120.000 refugiam-se em Portugal e 50.000 permanecem no país, convertendo-se ao cristianismo. [6]

2.7. A empresa intelectual dos judeus

Os judeus, de forma geral, apoiam a invasão árabe na península Ibérica; porém, mais tarde, nas batalhas entre cristãos e muçulmanos, fazem parte de ambos os exércitos. Na Espanha dominada pelos árabes, "os judeus conheceram dias de esplendor intelectual – foi a "Idade de Ouro" do judaísmo, que durou do século IX ao XIII". (Scliar, 1994, 60)

A cultura árabe influencia muito a cultura judaica, como na poesia de Bahia, que viveu em Zaragoza no século XI. As grande estrelas da Idade Média são, sem dúvida, o poeta, filósofo e médico Iehuda Halevi ou Abu al-Hasan al-Bawi e o comerciante, filósofo e médico Moisés ben Maimon ou Musa ibn Maimun ou Maimônides, discípulo do primeiro.

Em Portugal, integrantes dos judeus expulsos da Espanha em 1492, os sábios encontram na corte: trabalho, status social e tolerância religiosa. E, como astrônomos, matemáticos e cartógrafos, os judeus passam a compartilhar a vida de

---

Referências históricas na obra:

6. "Na Espanha, Torquemada clamava junto a Fernando e Isabel pela expulsão dos judeus; em Portugal, onde um quinto da população era de origem judaica, as pressões são igualmente intensas". (p.108)

" A 2 de agosto de 1492 Fernando e Isabel lançam um decreto: à meia-noite desse dia nenhum judeu terá o direito de permanecer em solo espanhol". (p.115)

unesp

sua majestade, sendo até conselheiros dos reis portugueses:

> Os conselheiros que dom João II reuniu para desenvolver os conhecimentos náuticos são, em sua maioria, sábios judeus expulsos da Espanha em 1492. (A Aventura, 2000, 50)

Acredita-se que o primeiro judeu a ensinar os portugueses no manuseio da bússola e da agulha magnética é Mestre Jaime, "o judeu da Bússola", convertido ao cristianismo e trazido da Ilha de Maiorca para Sagres, em 1420, pelo infante Dom Henrique, o Navegador.

A grande contribuição tecnológica dada pelos portugueses auxiliados pelos sábios estrangeiros é a tradução, simplificação e adaptação dos instrumentos náuticos para uso em alto-mar, como é o caso do astrolábio, por exemplo.

O *Almanaque Perpétuo*, "obra de astrologia (...) adaptada ao uso náutico" (A Aventura, 2000, 52), fundamental para as navegações portuguesas, é de autoria do sábio judeu de origem espanhola Abraham-ben-Samuel Zacuto, que se destaca na famosa escola de Sagres, juntamente com Jehuda Crescas e José Vizinho. Expulso da Espanha, Zacuto é convidado a trabalhar como conselheiro de Dom João II e, depois, de Dom Manuel. Estudioso judeu, médico de Dom João II, traduz o almanaque do hebraico para o latim. É ele quem dá instruções pessoais a Vasco da Gama antes da partida da expedição que descobre a rota para as Índias.

Judeus e mouros expulsos da Espanha e de Portugal chegam a Constantinopla, hoje chamada Istambul, onde sedia a capital do império otomano. Seu conquistador, o sultão Maomé II constrói um palácio de sonhos, o Topkapi, no ponto mais alto da cidade. Nesse império, os estrangeiros ajudam a engrossar a multidão de turcos, gregos e armênios nas lojas e vielas do bazar aberto dia e noite. O sultão, mediante um imposto especial, permite que a religião, costumes e

unesp

leis dos judeus e cristãos sejam praticadas secretamente:

> Graças à pax otomana, o comércio e o artesanato prosperam, abrem-se estradas para o trânsito de caravanas, as colheitas são abundantes e a população aumenta sem parar. (A Aventura, 2000, 62)

Emprestar a juros, praticar a usura, é abominação. Por isso, só é permitido ao elemento marginal da sociedade, o judeu, enquanto que lhe é vedada a posse de terra, de armas e cavalos. Os fidalgos que desprezam o dinheiro, mas também o trabalho, precisam pegar emprestado dinheiro dos judeus, à altas taxas de juros, para manterem seu luxo, sua guerra e seus torneios. Mas, para essa atividade rendosa, os judeus encontram sócios na Inglaterra:

> Na Inglaterra, tinham sócios: todos os empréstimos contraídos com judeus, notificados a um registro chamado Saccarium Judaeorum, eram gravados com uma taxa de 10%, recolhida ao tesouro real. Quando os nobres não podiam pagar os empréstimos, ou quando precisavam de muito dinheiro, recorriam ao puro e simples massacre. Os bens de outros judeus, os comerciantes, por exemplo, também eram alvo de cobiça. (Scliar, 1994, 58-9) [7]

Referências históricas na obra:

7. "Os judeus, médicos, poetas, astrônomos, filósofos e, sobretudo, comerciantes e financistas, despertam inveja e temor. Durante a Idade Média são os únicos intermediários comerciais entre Ocidente (Espanha e França) e Oriente (Índia e China)". (p.108)

" Na Inglaterra a usura é simplificada pela existência do saccarium judaeorum, local onde os títulos judeus são registrados e gravados com uma taxa de 10% em benefício do tesouro real. Em caso de inadimplência, os títulos ali depositados são queimados". (p.109)

unesp

2.8. Cristóvão Colombo

Estudam-se duas possibilidades de se chegar às Índias: uma, pelo sul, contornando a África; e outra, navegando em direção ao poente, contornando o mundo. Bartolomeu Dias, chegando ao Cabo da Boa Esperança em 1488 pela primeira rota, convence Dom João II de que é o caminho mais rápido. Desenha-o, inclusive, numa carta náutica.

Na audiência com o rei está outro grande marinheiro, defensor da segunda rota para as Índias, o genovês Cristóvão Colombo. Vendo sua proposta refutada, abandona Portugal e encontra na Espanha os reis católicos que a financiam, juntamente com os "judeus" (Scliar, 1994,73). E em 1492, com três navios o mundo em direção ao Ocidente, encontra as ilhas Fernandina, Isabela, Juana e Hispaniola, embora imagina erroneamente estar chegando às Índias. Segundo Arruda e Piletti (1996, 140) "pensando ter chegado às Índias, chamou os habitantes da terra de índios, nome que persistiu até hoje".

Faz mais três viagens, em que descobre outras ilhas das Antilhas e parte da América Central e, apesar da promessa da rainha de Castela do cargo de vice-rei das terras descobertas, cai no esquecimento, depois de o acusarem de pretender o poder total das novas terras. [8]

Referências históricas na obra:

8. "Em 1492 Cristóvão Colombo obtém a aprovação de Fernando e Isabel para a sua expedição marítima pelo Atlântico. Oficialmente, vai em busca de um novo caminho para as Índias. Extra-oficialmente, vai em busca de conquistar terras e explorar suas riquezas". (p.110)

2.9. A expulsão dos judeus de Portugal

Escorraçados da Espanha, a monarquia portuguesa passa a ver nos judeus uma alternativa para apropriar-se de sua vasta experiência comercial, financeira e científica, além dos impostos que são obrigados a pagar. Porém, os judeus não podem continuar em Portugal, principalmente porque não é do gosto da poderosa Espanha, e Dom Manuel I pretende se casar com Isabel, filha dos reis espanhóis. Esta "disse que não pisaria em Portugal enquanto o país não fosse 'limpo' dos judeus". (Scliar, 1994, 109)

Finalmente, a rainha espanhola só cede "a mão de sua filha ao rei Dom Manuel" mediante a expulsão dos "judeus de Portugal". (A Aventura, 2000, 71)

O rei Dom Manuel I, um tanto demorado nas decisões e com a atenção voltada apenas para a fortuna comercial que as Índias oferecem, cede às exigências políticas dos sogros; carregando, assim, uma mancha em seu venturoso reinado: decreta, em 1497, a expulsão dos judeus portugueses não convertidos.

Mas, na desenfreada tentativa de manter no país os capitais necessários à empresa das explorações marítimas, é promovido, com extrema violência, um ato contínuo, a fim de forçar a conversão de todos os judeus. Fato que não impede a fuga aterrorizada de muitas das famílias mais endinheiradas e que a maior parte dos judeus, agora cristãos-novos, seja praticante secreta do judaísmo. [9]

Referências históricas na obra:

9. "Em 1497 Dom Manuel, rei de Portugal, decreta: os judeus são obrigados a se converter ao cristianismo". (p.115)

2.10. O descobrimento do Brasil

Depois de o navegador Bartolomeu Dias contornar a ponta da África, e de Vasco da Gama, uma década mais tarde, avançar até as Índias; Dom Manuel segue a proposta de seu pai: chegar às Índias pelo sul, contornando a África. Para financiar a viagem há, "mais que todos, os recursos do investidor florentino Bartolomeu Marchion, judeu convertido, um dos primeiros a pôr fé e ver fortuna na saga descobridora dos portugueses". (A Aventura, 2000, 31)

A possibilidade de haver um novo mundo entre os dois continentes já é quase certa, tendo em vista que Duarte Pacheco Pereira, o grande cosmógrafo e navegador embarcado na esquadra de Cabral, já o teria avistado em sua sigilosíssima expedição, feita por ordem expressa do rei em 1498 e, inclusive o mapeado secretamente. Pois, comprovando a grande extensão dessas terras, entre as expedições de Duarte Pacheco e a de Cabral, Vicente Pinzón cruza o Mar Oceano, como é chamado o Oceano Atlântico, e chega ao norte deste novo território. A Espanha, para se dar conta da mesma conclusão portuguesa: encontrar terras ao sul do Equador, é só uma questão de tempo. Portanto, Dom Manuel manda seu capitão-mor, Pedro Álvares Cabral, dar por descoberta a Terra de Santa Cruz, em nome do rei português, sabedor de que ela já estava pronta para ser oficializada como descoberta. Oficialmente, vai em busca de um novo caminho para as Índias.

A 9 de março de 1500, Cabral deixa Lisboa, com uma frota de 13 caravelas e 1.200 homens. Segundo a revista *Veja* (A Aventura, 2000, 28-7), há, na esquadra, o competentíssimo navegador Bartolomeu Dias, tragicamente falecido, e seus irmãos Diogo e Nicolau Coelho; o primoroso e humanista escrivão Pero Vaz de Caminha, impiedosamente morto no massacre na cidade

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

indiana Calicute, juntamente a muitos outros portugueses, mão-de-obra marítima e bélica dos desbravamentos; o fidalgo castelhano Sancho de Tovar, refugiado em Portugal, como subcomandante; o judeu castelhano João Taras, Mestre João, médico do rei, cosmógrafo e reputado cientista. Outro judeu presente, figura imprescindível nos tratos marítimos de Portugal, é Gaspar da Gama, assim conhecido porque, depois de batizado, ganhou o sobrenome de Vasco da Gama. Por viver muitos anos nas Índias, conhece os usos e costumes de lá como ninguém e embarca como conselheiro e intérprete das naus cabralinas. Integra, ainda, a tripulação um negro cativo de Guiné e cinco indianos levados por Vasco da Gama das Índias, para aprender em sobre a cultura portuguesa e que estão voltando para casa com Cabral.

O almirante Vasco da Gama instrui Cabral a tomar o rumo da Ilha de São Nicolau, nos Açores. Sem pousar na costa africana, Cabral segue os ventos para o mar aberto e para a grande curva a oeste, a fim de fazer um vasto semicírculo e seguir para as Índias. Porém, por motivos não tornados públicos, segue muito além do descobridor do caminho das Índias e, por tanto abrir demais a curva, chega às praias de um novo mundo, o Brasil, no dia 22 de abril de 1500, depois de avistar e dar o nome de Monte Pascoal ao primeiro monte avistado.

Trata-se de uma terra imensa com matas verdejantes e rios de água doce, habitada por gente de hábitos diferentes e fala incompreensível, porém boa, festiva e inocente. Anda nua e se enfeita com magníficas plumas multicolores. É parda e tem boa feição.

Como bem ilustra a "Carta de Caminha" a D. Manuel:

> A feição deles é serem pardos maneira d'avermelhados de bons rostos e bons narizes bem feitos. Andam nus sem nenhuma cobertura, nem

> estimam nenhuma cousa cobrir nem mostrar suas vergonhas e estão acerca disso com tanta inocência como têm de mostrar o rosto (...). De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito fremosa (...). Nela até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... porém a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Ninho. Águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem, porém o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar. (Bosi, 1995, 17) [10]

2.11. Bento Teixeira

Ao poeta Bento Teixeira atribuía-se o sobrenome Pinto, porém Francisco Adolfo de Vernhagen (*Grande Enciclopédia*, 1970, 6587) apura que "Bento Teixeira Pinto, companheiro de viagem de Jorge de Albuquerque Coelho" não é "o autor da relação do naufrágio da nau Santo Antônio, impressa na *História trágico-marítima*". E, como mostra Capistrano de Abreu, o autor da *Prosopopéia*

Referências históricas na obra:

10. "Da caravela que o levou ao Brasil, Rafael Mendes lembraria o ranger do madeirame (...). Os marujos desconfiavam dos estranhos, os oficiais debochavam deles. "Sta fermo, Moïse!" — gritava o imediato, um genovês chamado Bartolomeo, que se dizia parente de Cristóvão Colombo (...)". (p.122)

"Raiou o dia, um belo dia; avistaram pássaros. (...) ajudados pela correnteza davam a uma praia de areias muito brancas, cheia de coqueiros (...) Quando acordaram, estavam rodeados de índios. Uns trinta. Nus, os corpos pintados de urucum, fitavam impassíveis os dois homens". (p.123)

Rafael Mendes e Afonso Sanches passam a viver na tribo dos índios. Afonso casa-se com Pombinha, a filha do cacique e se tornou o algoz da tribo. Os índios o comem, posteriormente. (p.122-7)

"O acaso ajudou-o: um navio português apareceu na baía (...). Por intermédio do capitão, Afonso estava mandando uma carta a Fernão de Noronha, sogro do almirante Pedro Álvares Cabral pedindo-lhe, "em nome dos interesses da nação" que lhe providenciasse as peças do engenho e algum capital pois "o açúcar daqui breve será maior riqueza que o pau-brasil, de tanta fama". (p.126-7)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

não pode ter sido companheiro de Jorge de Albuquerque Coelho, pois à época da travessia marítima, Bento Teixeira não é nem nascido ainda. Durante algum tempo também lhe atribuem a autoria de *Diálogo das grandezas do Brasil*, de várias poesias inseridas nos cinco volumes da *Fênix renascida* e da tragédia *História do rico avarento e Lázaro pobre*. Mas, conforme constata Pereira (1998, 52), "apenas o poema épico *Prosopopéia* é da autoria de Bento Teixeira".

Há divergências quanto ao ano e local do nascimento e da morte de Bento Teixeira. O local e ano de seu nascimento é registrado como sendo 1560 (*Grande Enciclopédia*, 1970, 6587); em Pernambuco em torno de 1540 e 1545 (Enciclopédia Brasileira, 1964, 203); em Pernambuco antes de 1550 (*Grande Enciclopédia Portuguesa*, 1945, 67); no Porto entre 1540 e 1545 (Lello, s.d., 992); no Porto por volta de 1561 (Moisés, 1986, 31); por volta de 1550, ignorando o local (Cândido, 1964, 34); no Porto, ignorando o ano do nascimento e da morte (Garcia, 1929, 161).

Quanto ao local e ano de sua morte, aparece sendo no Porto em 1618 (*Grande Enciclopédia*, 1970, 6587); em 1618, ignorando o local (Enciclopédia Brasileira, 1964, 203); em 1618, ignorando o local (*Grande Enciclopédia Portuguesa*, 1945, 69); em 1610, ignorando o local (Lello, s.d., 992); em Lisboa em fins de 1600 (Moisés, 1986, 31); em 1600, ignorando o local (Cândido, 1964, 34). Garcia (1929, 161) também difere da *Enciclopédia Brasileira* e da *Enciclopédia Portuguesa* quanto à nacionalidade do poeta, citando-o como "natural da cidade do Porto".

Bento Teixeira estuda no colégio da Bahia e vive em Pernambuco, dedicando-se à carreira de advogado e de professor. Nas palavras de Garcia (1929, 161) é "mestre de ensinar moço o latim, e ler, e escrever, e aritmética". Assassina sua mulher, as datas são bem divergentes, a saber: em 1570, segundo Cândido

(1964, 35); em 1594, segundo Moisés (1986, 32); e em 1593 ou 1594, segundo a Grande Enciclopédia (1970, 6587); e refugia-se no convento dos Beneditinos, em Pernambuco. É perdoado, escreve, então, a *Prosopopéia*. De acordo com Cândido (1964, 34), em 1594, presta declarações, como cristão-novo, ante os visitadores da Inquisição, em Olinda. Em 1595 é preso e mandado para Lisboa para ser julgado. Posteriormente, em 1599, é submetido a um Auto-da-Fé, sendo condenado à prisão perpétua. Apesar de conseguir licença para ficar solto, falece tuberculoso no ano seguinte.

É considerado, segundo a *Enciclopédia Brasileira* (1964, 203), "depois de José de Anchieta, o mais antigo escritor brasileiro". Sua única obra, publicada em 1601, após sua morte, é a *Prosopopéia*. É considerada, na *Grande Enciclopédia* (1970, 6587), a "primeira obra da literatura brasileira". Este "poemeto" épico, como diz Moisés (1986, 31) tem a "estrutura deficiente". Como diz Cândido (1964, 35) e a maioria da crítica, "presta-se apenas a enaltecer os feitos dos filhos do primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Jorge de Alburquerque Coelho, em relação à prosperidade da capitania, bem como de sua colonização". Enquanto críticos como Pereira (1992, 155) encoraja-se a dizer belamente que a *Prosopopéia* é "um dos mais acabados poemas de resistência em língua portuguesa, sendo uma das primeiras tentativas ousadas de Bento Teixeira em reafirmar sua fé judaica". Pois, segundo Wiznitzer (*apud* Pereira, 1998, 66), "o poeta imprime no final do poema a gravura da fênix, símbolo da Congregação Neweh Shalom, fundada por judeus no início do século XVI, em Portugal". [11]

Referências históricas na obra:

11. Bento Teixeira foi o primeiro poeta do Brasil. Sua obra prima é um longo poema chamado Prosopopéia cantando as glórias da família do capitão Jorge de Albuquerque Coelho, governador da capitania de Pernambuco, homenageando o Brasil e sensibilizando-o para os sofrimentos do povo eleito. (p.128)

unesp

2.12. Os fatores responsáveis pela invasão holandesa no nordeste

No século XVI, a Holanda (Províncias Unidas, como eram chamadas) integra a monarquia espanhola, possuindo uma próspera burguesia de negociantes e financistas durante a Baixa Idade Média. Depois da Reforma protestante, a Holanda calvinista está sob o jugo espanhol que, por sua vez, lidera a Contra-Reforma.

Em 1556, no reinado do rei espanhol Filipe II, inicia-se grande perseguição a protestantes e judeus e aumenta-se os tributos, já que o rei precisa de capitais para suas guerras. Isso contribui para sua independência em 1609, tornando-se a República das Províncias Unidas.

De relações cortadas com a Espanha, a Holanda financia, lucrativamente, a montagem do sistema produtor de açúcar no Brasil, porque, nos primeiros tempos da colonização, o sistema colonial português é extremamente "liberal", o que não acontecia com a Espanha. Quando Portugal é dominado por ela, essa rigidez é transplantada para o Brasil e, conseqüentemente, de forma ainda mais rígida, para os comerciantes flamengos. Excluídos de atividade tão rendosa, os holandeses resolvem ocupar as fontes produtoras de açúcar no Nordeste do Brasil, através da Companhia das Índias Ocidentais.

A 9 de maio de 1924, invadem Salvador na Bahia, porém, no ano seguinte, a esquadra luso-espanhola, chamada "Jornada dos Vassalos", comandada por

---

"Em 1595, Bento Teixeira é preso e enviado a Lisboa. Julgado, foi forçado a abjurar de sua heresia num auto-de-fé público. Morreu tísico em 1600". (p.129)

"Em 1601, o editor Antonio Alvares publica em Lisboa, com o imprimatur da Santa Inquisição, a Prosopopéia de Bento Teixeira com um emblema no final: a fênix renascendo das próprias cinzas. Nesta mesma época, a fênix aparece como emblema em um outro lugar: na sinagoga judaico-portuguesa de Amstedam, Niveh Shalom (Os Profetas da Paz), mandada construir por narranos fugidos da Inquisição". (p.129)

Dom Fradique de Toledo Coutinho expulsa os invasores. Porém, isso não impede que durante cinco anos os holandeses continuem na costa da América pirateando ouro, prata, açúcar e pau-brasil, vindos das colônias espanholas e acumulando capital para invadirem Pernambuco. [12]

2.13. A invasão holandesa

Na primeira metade do século XVII, Pernambuco é o campeão mundial da produção de açúcar. Em 1630 as tropas batavas tomam Olinda e Recife, mas frente à resistência luso-espanhola ficam presas aí, passando, inclusive, necessidades.

Em meio às guerrilhas, alguns negros e mulatos lutam a favor dos portugueses ou dos holandeses, outros fogem e organizam quilombos. O mulato Domingos Fernandes Calabar do lado dos holandeses, em 1632, contribui para a vitória dos invasores, que conquistam pontos importantes do interior pernambucano e destroem, em 1635, o Arraial do Bom Jesus. Pois Calabar:

> (...) nascido em Porto Calvo, conhecia bem o território e os métodos de luta dos pernambucanos, tendo colaborado para os grandes sucessos que os flamengos passaram a ter na luta contra luso-brasileiros. (Vicentino, Dorigo, 1997, 118)

Mais tarde, Calabar é enforcado e esquartejado pelos colonos luso-portugueses.

De 1630 a 1654, a Holanda conquista as capitanias de Pernambuco, a

---

Referências históricas na obra:
12. "A despeito de encarniçada resistência, os holandeses conquistaram Recife". (p.131)

maior; Itamaracá; Rio Grande do Norte; e Paraíba. A Companhia das Índias Ocidentais reativa e moderniza a produção do açúcar, em declínio.

A administração holandesa está sob o comando do governador Maurício de Nassau, que administra de 1637 a 1644. Para que a produção açucareira atinja seu auge, ele propõe paz à população; consolida as posições militares no Nordeste; cede financiamento aos colonos para restauração e construção de engenhos e para a compra de escravos; e garante a liberdade religiosa, que, segundo Vicentino e Dorigo (1997, 119), "estende-se aos judeus e a todos os católicos". Além disso, a fim de melhorar a vida e a cultura do Nordeste holandês, Nassau traz para o Brasil cientistas, literatos, teólogos e artistas.

A Espanha, eternamente em guerra, está envolvida na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) entre países católicos e protestantes. [13]

2.14. O fim do domínio holandês no Nordeste

A dominação de Portugal pela Espanha implica em perdas de possessões e comércio portugueses. Em 1640, apoiado por franceses e ingleses, Portugal conquista sua Restauração. Porém, diante da resistência espanhola, busca apoio na Holanda, assinando com ela, em 1641, a Trégua dos Dez Anos. Os batavos não respeitam a trégua, apossando-se de São Paulo de Loanda e da Ilha de São Tomé, na África, e do Maranhão, no nordeste Brasileiro.

Devido à popularidade de Nassau no nordeste e a não cobrança das dívidas

---

Referências históricas na obra:

13. "A cotação do açúcar está em alta na Europa. É artigo de luxo: paga-se 18 gramas de ouro por uma arroba de açúcar". (p.136)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

dos senhores de engenho reclamadas pelos acionistas da Companhia das Índias Ocidentais, Nassau passa a representar uma ameaça para os holandeses no sentido de vir a proclamar um império pessoal no nordeste. Depois de muitas desavenças com seus chefes, em 1644, Nassau regressa à Holanda.

Os novos governantes da Companhia, seguindo as normas, não só cobram as dívidas dos senhores de engenhos, mas também confiscam seus bens em caso de não pagamento. Isso contribui para que organizem a Insurreição Pernambucana, com o objetivo de expulsar os holandeses. Nessa luta, o senhor de engenho João Fernando Vieira, amigo de Nassau, chefia os senhores de engenho; o negro Henrique Dias, comanda os africanos; e Felipe Camarão, o índio Poty, chefia os indígenas catequizados. O movimento parte do interior para o litoral.

Portugal apoia discretamente os insurretos, já que não tem condições de enfrentar abertamente a Holanda, a maior potência marítima da época. Porém, em 1651, a Inglaterra, interessada em expandir sua marinha mercante, decreta os Atos de Navegação através de seu governante Oliver Cromwell. A partir dessas normas, no comércio entre a Inglaterra e suas colônias, as mercadorias só podem ser transportadas pela marinha mercante inglesa.

Em 1652 a Holanda decreta guerra à Inglaterra. A primeira é derrotada, perdendo o controle dos mares. Além disso; a Inglaterra passa a financiar a expulsão dos holandeses do Brasil. Então, sem medo da Holanda, Portugal a combate com o auxílio de uma poderosa esquadra, enviada pelos ingleses, para ajudar a expulsão dos holandeses. Em 1654, põe-se fim à dominação sobre o Brasil. Mas só em 1661, depois da indenização de quatro milhões de cruzados é que a Holanda reconhece os domínios coloniais lusos e assina a Paz de Haia. [14]

Referências históricas na obra:
14. "(...) os holandeses foram expulsos de Pernambuco". (p.140)

unesp

2.15. A Companhia de Jesus: Padre Antônio Vieira

A evangelização do Brasil é realizada por ordens religiosas jesuítas: franciscanos, carmelitas, beneditinos, capuchinhos e oratorianos. Todos esses trabalhos missionários objetivam-se no aldeamento dos indígenas e, deles, a ordem religiosa mais importante no Brasil é a Companhia de Jesus, que inicia seu movimento pioneiro na América em 1549.

Ela, conhecida como "o Exército de Cristo", é fundada durante a Contra-Reforma por Inácio de Loyola, que, para fazer valer a supremacia da igreja, crucificaria, se preciso fosse, o próprio Cristo pela segunda vez.

Os padres jesuítas possuem um poderio altamente centrado e agressivo tanto para os inimigos quanto, até, para os aliados, devido a sua tenacidade e perspicácia. São como todos os padres das outras ordens religiosas. Intransigíveis em seus três votos: pobreza, castidade e obediência ao papa, fazem prevalecer o último, entrando em choque com bispos e autoridades coloniais para que suas idéias prevaleçam, já que são guerreiros fanáticos.

Fundam escolas e catequizam colonos e índios, protegendo estes da escravidão, mas explorando-os no trabalho de suas grandes propriedades. Recusam-se a pagar impostos e a ter seus domínios fiscalizados. Segundo Cáceres (1997, 59), "por procurarem defender os índios da escravidão entraram em conflito também com os colonos".

No Brasil colonial dos primeiros tempos, tido como o paraíso terrestre, a cultura é modelada pelo catolicismo fechado da Contra-Reforma. Mas, no decorrer da colonização, essa imagem brasileira se modifica, pois aqui estão os índios selvagens, os negros escravizados, os mulatos corrompidos e os brancos indesejáveis ou saudosos da metrópole. É nesse mundo que os jesuítas devem

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

atuar a favor da salvação das almas. Nessa missão, empenham-se juntos os jesuítas, as autoridades coloniais e o Tribunal da Santa Inquisição, a fim de afastar o povo do demônio e ganhá-lo para Cristo. Para isso, as medidas tomadas são a repressão e o castigo, uma vez que "os idólatras, os hereges, os sodomitas, os inimigos do rei, deveriam ser mortos, extirpados sem piedade". (Cáceres, 1997, 60)

Dentre os integrantes da Companhia de Jesus, destaca-se o Padre Antônio Vieira pela sua oratória sagrada com sermões que pressupõem "auditórios de alto nível cultural" (Coutinho, 1968, 217). Em sua prosa, há uma riqueza tridimensional, a saber: o Padre Vieira brasileiro, o português e o europeu. Com essa ousadia incansável, revela peculiaridades geniais, além do caráter supranacional próprio de um membro da Companhia de Jesus. Mas é justamente esse seu compromisso militante de dar cobertura ideológica aos projetos do poder que o faz se chocar-se contra a resistência do Império luso-católico:

> Advogado dos cristãos-novos (...), suscita o ódio da Inquisição que o manterá a ferros por dois anos e lhe cassará o uso da palavra em todo Portugal. Enfim, batido na Europa, conhece no Maranhão as iras dos colonos que não lhe perdoam a inoportuna defesa do nativo. (Bosi, 1995, 50)

Por se debater contra o lugar em que o destino o coloca, Vieira, apesar de arquiteto de sonhos malogrados, revela-se superior à cor local de sua realidade. E, como "defensor dos índios contra os colonizadores, consegue do rei até uma lei

que oficializa essas reformas". (Lins, 1956, 125)[15]

2.16. As causas das manifestações nativistas

Até meados do século XVII os colonos, que se consideram portugueses residentes no Brasil com o objetivo de se enriquecerem e tornarem mais ricos o rei e Portugal, têm grande autonomia política, tanto no que diz respeito a assuntos locais, quanto à administração da colônia.

Após a Restauração dos domínios portugueses das mãos espanholas, a expulsão dos holandeses e com eles o declínio do comércio açucareiro, o declínio do mercantilismo metalista e o grande terremoto de 1755, em Lisboa, Portugal mergulha-se numa séria crise econômica. A dinastia de Bragança arrocha as restrições mercantilistas, reforçando o pacto colonial a fim de centralizar o poder político na colônia e aumentar a exploração colonial.

Essa nova política colonial revolta os colonos. Todavia essas manifestações anticoloniais, ocorridas entre o fim do século XVII e início do século XVIII, ainda não aspiram à Independência; são apenas reações regionais contra a exploração metropolitana, colocando em cheque os interesses dos colonos e os abusos da metrópole sobre a colônia. Como explica Cáceres:

> (..) ora eram movimentos contra o monopólio que uma companhia

---

Referências históricas na obra:

15. "(...) o Padre Antônio Vieira (...) já em 1649 apoiou a criação de uma Companhia de Comércio tendo como acionistas banqueiros da nação, anda às turras com o Santo Ofício; e é mal visto por causa dos índios que defende". (p.140)

" (...) em 1661 ele é obrigado, por interferência do Santo Ofício, a voltar à Europa". (p.140-1)

> privilegiada de comércio tinha sobre uma determinada região; ora eram contra leis da metrópole que protegiam os índios contra a escravidão. (Cáceres 1997, 111)

Quanto ao comércio, para manter o poder absoluto do Estado e garantir a exploração colonial sobre determinada região, é criada a Companhia Geral de Comércio do Estado do Brasil (1649-1720), que passa a ter a exclusividade sobre o comércio de diversos produtos fornecidos à colônia empreendendo a região entre o atual Rio Grande do Norte e São Vicente. O mesmo ocorre com a Companhia do Comércio do Estado do Maranhão (1682-1685), Companhia Geral do Comércio do Estado do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778) e Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba (1759-1779). Portugal já tem seus lucros antecipados pelas concessões, participação direta nos negócios e ampliação da arrecadação. [16]

2.17. A revolta de Beckman

O antigo estado do Maranhão compreende desde o atual Rio Grande do Norte até o Pará. Região não tão rica quanto Pernambuco e Bahia, o antigo Maranhão produz algodão, drogas do sertão e também açúcar e utiliza a mão-de-obra indígena, já que a negra é mais cara e abastece, sobretudo, as regiões

---

Referências históricas na obra:

16. "No governo maranhense de Sá e Menezes, a política da coroa portuguesa contribui para que os colonos passem privações, já que não há mão-de-obra; os fretes são caros, os gêneros alimentícios escassos, as taxas elevadas". (p.144)

"Enquanto isto, os jesuítas estão isentos do imposto de exportação; e a Companhia de Comércio do Maranhão e do Grão-Pará tem o monopólio (estanco) da importação, do comércio e da venda de escravos, isenção de impostos e foro especial". (p.144)

unesp

açucareiras. A escravidão indígena gera grandes conflitos entre colonos e jesuítas que conseguem o Alvará Régio de 1655, colocando os indígenas da região sob sua exclusiva autoridade. Dessa forma, os padres da Companhia de Jesus proíbem que os fazendeiros escravizem os índios, mas utilizam-nos para manterem suas propriedades.

Anteriormente, as principais Câmaras Municipais de Belém e São Luís lideraram os protestos de colonos, prenderam os padres mais atuantes e os expulsaram. Os jesuítas perderam o monopólio dos indíos, tendo que dividi-los com outras ordens religiosas. Mas, com a morte do rei Afonso VI, o regente e aluno dos jesuítas, Dom Pedro II devolve-lhes, em 1680, o controle dos índios.

Com o objetivo de resolver os constantes conflitos entre colonos e religiosos, é criada, em 1682, a Companhia Geral do Comércio do Estado do Maranhão. Sua função é fornecer à região 500 escravos por ano, perfazendo um total de 10 mil escravos nos vinte anos de sua gestão exclusiva. Sua outra função é abastecer a região com produtos do reino como: bacalhau, azeite, vinho, farinha de trigo, sal; e comprar os produtos da região como: algodão, drogas do sertão, açúcar, madeira e incentivar o plantio de cacau, baunilha e cravo.

A Companhia de Comércio do Maranhão não cumpre suas funções. Não fornece, suficientemente, os escravos e, quando o faz, o preço é muito alto. Toma atitude semelhante com relação aos gêneros importados, que, apesar de escassos e caros, estão sempre estragados, com pesos e medidas violados. Como pagamento destes produtos só aceita panos e cravo, por valores baixos. Paga, por produtos como cacau e baunilha, preços ínfimos.

As grandes dificuldades geram a insatisfação geral dos colonos que "queriam ver pelas costas ou de preferência mortos dois inimigos: os jesuítas, que se opunham à escravização dos índios, e a Companhia de Comércio, que

monopolizava a compra e venda de mercadorias". (Arruda, Piletti, 1996, 195)

Liderados pelos grandes proprietários Manuel Beckman, Tomás Beckman e Serrão de Castro, a 24 de fevereiro de 1684, sexta-feira de Passos, o povo extravasa seu descontentamento na festa. Na ausência do governo, os rebeldes prendem seu substituto, saqueiam e destroem os armazéns, invadem os colégios jesuítas. A 25 de fevereiro, numa reunião na Câmara Municipal de São Luís, os revoltosos decidem expulsar os jesuítas, eliminar o monopólio da Companhia do Maranhão sobre o comércio e enviar Tomás Beckman a Portugal, a fim de negociar e reivindicar os direitos dos colonos, afastando qualquer sombra de intenções separatistas.

Manuel Beckman, que se opõe ao governo já há quinze anos, é colocado à frente da Junta Revolucionária. Em torno de um ano mais tarde, a metrópole reage violentamente. Envia ao Maranhão tropas para combaterem os revoltosos e um novo governador, Gomes Freire de Andrade. Homem enérgico, de grande habilidade política, extingue o monopólio comercial da Companhia, desmobilizando o movimento; prende e degreda alguns líderes; perdoa outros e enforca Manuel Beckman, considerado líder principal. Dessa forma, a metrópole assume novamente o poder absoluto e os jesuítas retornam ao Maranhão, retornando também seu monopólio sobre os índios. [17]

Referências históricas na obra:

17. " A 24 de fevereiro de 1684, irrompeu-se o levante chefiado por Manoel e Thomaz Beckman. O governo foi intimado a não reagir, uma junta foi formada, denominada "Junta dos Três Estados"– nobreza, clero e povo. Beckman era um dos representantes da nobreza. Foram abolidas as leis restritivas ao comércio; a Companhia de Jesus deveria retirar-se do Maranhão". (p.145)

"O governo revolucionário durou quinze meses; e, desde o início, ficou claro que não receberia qualquer apoio. O Senado do Pará cuja adesão seria vital, decidiu-se pela fidelidade à Coroa; o mesmo aconteceu com a Capitania de Santo Antônio de Alcântara". (p.145)

"O Maranhão ficou isolado". (p.145)

"Depois do entusiasmo inicial reina a discórdia entre os partidários do movimento". (p.147)

"(...) o bloqueio cria problemas para comerciantes, para os senhores de engenho". (p.147)

unesp

2.18. O quilombo dos Palmares

A presença negra, no Brasil, tem início por volta de 1550. Provenientes de vários grupos étnicos: bantos, sudaneses e maleses, eles são trazidos, massacradamente, nos navios negreiros ou tumbeiros, para a América. E deles, cerca de 40% são destinados ao Brasil. Para trazê-los da África, "no início, os traficantes caçavam: entravam nas aldeias e prendiam os habitantes", porém, "com a valorização do escravo, passaram a intermediar: em vez da caçada, a compra. Os próprios chefes das tribos africanas vendiam as pessoas em troca de tecidos, jóias, armas, tabaco, algodão, cachaça". (Arruda, Piletti, 1996, 160)

Desde o século XVI, os negros escravizados pelas casas-grandes buscam a fuga, aspirando à liberdade cultural e religiosa, à paz e à segurança, já que nenhuma outra camada social está interessada – pelo menos até antes da independência – em libertá-los, tão dependente está da escravidão negra.

Os negros fugitivos, apesar de perseguidos pelos capitães-do-mato, vão organizando comunidades negras livres chamadas quilombos que chegam a mais de cem, espalhados sobretudo pelo Nordeste do Brasil.

Os quilombos mais conhecidos são o dos Palmares e o de Trombetas. Este, localizado no Pará com uma população de 2.000 pessoas, teve seu auge já perto da independência. Aquele, localizado na serra da Barriga, em Alagoas, na época pertencente à capitania de Pernambuco, com uma população de cerca de 30.000 habitantes.

Palmares, originado no fim do século XVI, é a revolta dos escravos mais importante ocorrida no Brasil e a segunda na América. Só perde em importância

---

"Chega o novo governador Gomes Freire de Andrade, prometendo restabelecer a lei e a ordem. Voltam os jesuítas; é restaurado o estanco". (p.147)

unesp

para a revolta do Haiti, onde os escravos tomam o poder e expulsam os colonizadores franceses.

Para Palmares convergem não só negros fugitivos, mas também índios das missões religiosas do Nordeste e brancos pobres. Vivendo em casas e em condições precárias, cada família é formada por vários homens e uma mulher, que coordena o trabalho. Além dos engenhos que, a princípio, saqueiam para levarem mulheres, homens, armas de fogo, pólvora e ferramentas de trabalho; cultivam milho, mandioca, feijão, banana, batata-doce e até cana-de-açúcar e desenvolvem pequenas oficinas para fabricarem roupas, móveis e instrumentos de trabalho para sua subsistência. Chegam até a comercializar com muitos brancos, que os protegem, com interesses comerciais.

Em Palmares, são proibidas as armas de fogo e o homicídio; o adultério e o roubo são castigados severamente. O topo da pirâmide hierárquica é ocupado pelos sacerdotes dos cultos religiosos africanos, indígenas e católicos, militares, chefes de aldeia e pelo rei, cujo cargo é vitalício:

> Reunidos em assembléia, os chefes elegiam o rei – cujo cargo era vitalício – baseado em critérios como coragem, força física e capacidade de comando. O rei era assistido por um conselho de anciãos, escolhido entre os chefes das cidades. Somente os chefes e o rei tinham o direito de usar guardas pessoais e possuir várias mulheres. Além do mais, eram os únicos que se vestiam bem, para simbolizar a importância do cargo. (Cáceres, 1993, 107)

Os quilombolas sempre ansiaram pela paz com os brancos. O primeiro rei de Palmares, Ganga Zumba, começa a negociar um tratado de paz com os brancos e a fazer um trabalho contra as propriedades coletivas, passando-as para o domínio de uma aristocracia em formação. Acaba assassinado em 1678, e quem assume o reinado de Palmares é seu sobrinho Zumbi.

unesp

Ao longo do século XVII, Palmares constitui um dos maiores inimigos a ser erradicado pela administração colonial lusitana. Sobrevive, 60 anos, com bravura a muitas expedições – Cáceres (1997, 107) assinala dezoito, Arruda e Piletti (1996, 161) assinalam mais de trinta – chefiadas por portugueses e holandeses.

As autoridades da capitania de Pernambuco contratam os bandeirantes paulistas, chefiados pelo bárbaro sertanista Domingos Jorge Velho, experiente em destruir as missões jesuítas do Sul, a fim de caçar índios e riquezas, apossando-se dos latifúndios indígenas. Depois de duas derrotas dos paulistas, o governo pernambucano coloca sob a chefia do sertanista um poderosíssimo exército de cerca de 10.000 homens composto de pretos libertos, mamelucos, indígenas, brancos e prisioneiros, retirados das cadeias sob a promessa de perdão, e padres.

O forte da cidadela de Macacos é rompido e, em 1694, apenas em torno de quinhentos de seus habitantes são captados com vida, com exceção de outros negros das outras cidadelas do quilombo e de Zumbi, que conseguem fugir de Macacos. Zumbi, com outros companheiros, intenta resistir, reorganizando-se para a luta; porém é preso, morto e castrado, tendo o pênis enfiado na boca. Sua cabeça decepada e salgada é pendurada em uma praça de Recife até apodrecer. [18]

Referências históricas na obra:

18. "Zambi de Palmares. Um negro forte de olhar sombrio. Esperava-os sentado numa tosca cadeira de troncos, ornamentada com dentes de animais e penas de aves exóticas. Postura de rei; como rei, lhes dirigiu a palavra, altivo". (p.151)

"Dura tarefa. Abater árvores na floresta, desbastá-las dos ramos, trazer as toras de arrasto pelo carreiro enlameado; armar as pafissadas, escorá-las, escavar trincheiras, construir muros de pedras". (p.153)

Palmares é atacado. (p.158)

unesp

2.19. Bartolomeu Lourenço de Gusmão

O padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão é irmão do estadista e diplomata Alexandre de Gusmão e aluno, no Seminário de Belém da Cachoeira do padre Alexandre de Gusmão. Bartolomeu de Gusmão viaja para Coimbra, aos quinze anos, a fim de estudar Cânones, licencia-se pela Universidade e se ordena sacerdote. Chama a atenção como pregador e dedica-se ao estudo da Física e da Matemática. É nomeado por João V capelão-fidalgo da Casa Real.

Gusmão provoca o interesse do rei por seus projetos de uma máquina de voar:

> Bartolomeu de Gusmão foi o primeiro a construir um aeróstato e a elevar-se na atmosfera, experiência que realizou 73 anos antes da célebre prova dos irmãos Montgolfier. (Enciclopédia, 1959, 331)

A primeira tentativa de voar realiza-se em Lisboa, no pátio da Casa da Índia em 5 de agosto de 1709, em presença do rei e dos grandes da corte. Resulta em completo fracasso, pois o balonete se incendeia, antes mesmo de se elevar do solo. Na segunda, a 8 de agosto, sobe a uma altura de aproximadamente quatro metros e meio, choca-se contra as cortinas do palácio, incendiando-as; os criados intervêm, armados de varapaus, e abatem o aeróstato. Na terceira tentativa, em outubro de 1709, o balão sobe novamente, mas choca-se com uma parede e, mais uma vez, se incendeia.

Apesar dos fracassos, os experimentos granjeiam grande popularidade. O povo cognomina-o "voador" e o aparelho "passarola". A Inquisição passa a olhá-lo como feiticeiro. O rei nomeia-o professor de Matemática da Universidade de Coimbra e o faz sócio da Academia Real de História Portuguesa. Em 1711,

encarrega-o de uma missão em Roma, recebendo, em seu regresso, um cargo na Secretaria dos Estrangeiros. Caindo, porém, no desfavor real, o Santo Ofício o prende, mas o "voador" consegue fugir para a Espanha.

Deixa uma obra numerosa, conforme consta na *Enciclopédia* (1959, 332). A saber: *Petição do Padre Bartolomeu de Gusmão Sobre o Instrumento que Inventou Para Andar Pelo Ar e Suas Utilidades* (1709); *Descrição do Novo Invento Aerostático ou Máquina Volante, do Método de Produzir o Gás ou Vapor com que Esta se Enche e Vários Modos de Esgotar, sem Gente, os Navios que Fazem Água* (1710); diversos sermões, entre os quais o celebrado "Sermão Pregado na Festa do Corpo de Deus" (1721); *Conta de uns Estudos Acadêmicos* (1723), etc. [19]

2.20. Antônio José da Silva

Antônio José da Silva - "uma das mais famosas e curiosas vítimas da Inquisição Portuguesa, cujo crime foi ser um maculado cristão-novo" (Santos, 1992, 1) - nasce no Rio de Janeiro, a 8 de maio de 1705, e é morto nas fogueiras da Inquisição, em Lisboa, a 19 de outubro de 1739. Descendente de pais judeus e cristãos novos, o notável comediógrafo, poeta e advogado, é forçado a ir para Lisboa com apenas 8 anos, uma vez que seus pais são acusados de judaizantes em 1713 e, neste caso, de acordo com uma ordem de D.João V, são enviados a Lisboa, a fim de serem encarcerados pelo Santo Ofício.

Referências históricas na obra:

19. Em 1705, o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão inventa um balão suficientemente grande, batizando-o com o nome de Passarola. (p.158-159)

Diploma-se em cânones na Universidade de Coimbra, já bastante conhecido pelo seu talento e conhecimento dos mestres da literatura portuguesa. Ao concluir sua faculdade, em 1726, ajuda seu pai nos trabalhos forenses. Poeta, principalmente em assuntos cômicos, suas produções poéticas já circulam e seus ditos são repetidos. Contudo, embora seus pais e seus irmãos tenham estado libertos do cárcere, o poeta é vigiado e, por alguma pequena imprudência, é preso a 6 de agosto de 1726 pelo Santo Ofício. Seu talento lhe granjeia amigos poderosos, como o 4º Conde de Ericeira, que consegue libertá-lo, depois de ter tido os dedos espedaçados. A 13 de outubro é absolvido, fazendo um protesto de fé católica. Volta a advogar como católico fiel, mas sua paixão pelo teatro o persegue. A 14 de outubro de 1733 é representada, com grande êxito, a comédia *História do grande D.Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.* Antônio José da Silva já é conhecido como O Judeu e "sua arma são o riso e a zombaria, como expressão de revolta contra os poderosos, em favor do povo oprimido". (*Enciclopédia de Literatura*, 1990, 1242)

Seu humorismo, às custas de enredos cristãos, não é, bem visto, a princípio, apenas pelos escritores seus rivais, invejosos de sua glória. Sua peça, a *Esopaida*, teve sucesso, mas a seguinte, *Os Encantos de Medeica*, representada pela primeira vez em maio de 1735, é um triunfo total. Em maio de 1736, é representada a comédia *O Anfitrião*, vista com certas alusões perigosas pelos seus inimigos. Porém, imprudente, expõe-se cada vez mais. Em novembro de 1736 representa *O Labirinto de Creta*; no Carnaval de 1737, as *Guerras do alecrim e mangerona.* Começam os ensaios de as *Variedades de Proteu*, representada em 1737, porém já com alterações feitas pela censura a mandado do Inquisidor Geral. As peças de Antônio José passam a ficar sob os olhos da Inquisição, embora parece que o perigo não o intimida:

Inst. de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP
BIBLIOTECA
S. J. Rio Preto

unesp

> Mas ele parecia alhear-se ao perigo e quando estava em ensaios o Príncipe de Faetonte, os familiares do Santo Ofício bateram-lhe à porta e levaram-no preso (...). A base da acusação fora o depoimento de uma velha escrava, e o processo correu, a despeito dos protestos do público e em pleno reinado de D.João V criticar e ridicularizar os hábitos e costumes de bons católicos.(*Grande Enciclopédia Portuguesa*, 1945, 769)

O processo encerra-se a 11 de março de 1739 com sua condenação. A 19 de outubro de 1739, é queimado nas fogueiras do Campo da Lã, com apenas 34 anos. Em 1860, o Barão de Santo Ângelo descobre, na Biblioteca Nacional de Lisboa, uma obra manuscrita de O Judeu, intitulada, de acordo com a *Grande Enciclopédia Portuguesa* (1945, 770), "*Obras do diabinho da mão furada para espelho de seus enganos e desenganos de seus arbítrios; palestra moral e profana onde o curioso aprende para o divertimento dictames, e para o passa tempo recreios, obra inédita de Antônio José da Silva, natural do Rio de Janeiro*".

De qualquer forma, fica evidente, como nos constata Pereira (1998, 91), que tanto a vida quanto a obra de Antônio José revelam-se "marcadas pela resistência poética e pela rebeldia política e religiosa". [20]

Referências históricas na obra:

20. "Em 1738 o teatro está pronto para ser inaugurado". *(p.163)*

" Apresentará uma peça baseada em textos de Antonio José da Silva, o Judeu, dramaturgo que, nascido no Rio de Janeiro, foi levado ainda criança para Lisboa junto com o pai, prisioneiro do Santo Ofício. Ao ouvir esta notícia, Rafael estremece; é que Antonio José da Silva está, ele mesmo, sendo julgado pela Inquisição em Lisboa e tudo indica que será condenado". (p.163)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

2.21. O ministério de Marquês de Pombal

Em 1750, falece Dom João V, rei absolutista português, deixando em seu lugar Dom José I. Nessa época o decadente reino lusitano conta com a mineração e a agricultura em declínio e contrabando em disseminação.

Portugal, atrasado, pequeno, sem manufaturas e com farto poder real, é considerado uma colônia da Inglaterra, pois lhe é submisso em tudo, dividindo com ela a exploração colonial. Como a Inglaterra se usufrui mais da colônia que a corte, o reino luso precisa consolidar seu poder real e se modernizar, tarefa a cargo do ministro de Dom José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal (1750-1777).

Adepto das idéias Iluministas, Pombal as concilia com o fortalecimento do poder real e de proteção do mercado nacional, engrossando o rol dos déspotas esclarecidos. Para elevar Portugal à condição de superpotência, pretende combater os privilégios da nobreza e do clero – com seu poder sobre a educação, a intolerância religiosa e o poder da Inquisição – assim como desenvolver o pensamento literário, educacional e científico.

Durante seu ministério, cuida pessoal e minuciosamente dos assuntos referentes às navegações metropolitanas.

No Brasil, extingue as capitanias hereditárias, objetivando fortalecer o poder real. Com a intenção de diminuir o contrabando e a sonegação, diminui o poder do Conselho Ultramarino. Os tributos sob a mineração passam a ser de 100 arrobas anuais com direito outorgado às Câmaras Municipais de fazer a derrama no caso dos mineradores terem pago menos tributos. A circulação de ouro em pó é proibida e os ourives, expulsos da capitania de Minas em 1751. Protege os produtores e comerciantes dos dois produtos mais importantes do Brasil colônia:

açúcar e fumo.

A fim de evitar o contrabando, monopolizar o comércio e aumentar as rendas da Coroa, Pombal cria as companhias privilegiadas de comércio. A Companhia do Grão-Pará (1755-1778) tem como objetivo desenvolver a Amazônia, fortalecer o poder do Estado, estimular o comércio e prover mão-de-obra africana a preços mais acessíveis. Nos mesmos moldes da anterior, é criada a Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba (1759-1779), devendo também incentivar a produção de açúcar.

Pretendendo enfraquecer o poder jesuístico – que tem imensas propriedades, não pagam tributos e não permitem que os senhores de engenho escravizem os índios, mas os usam para seus trabalhos – declara os indígenas cidadãos livres, que não podem ser escravizados e expulsa os jesuítas de Portugal e do Brasil, em 1759, por várias causas. Os padres têm grande capacidade de fazer inimigos por toda parte. Há a imensa fortuna da Companhia de Jesus, na qual a Coroa está interessada e, após confiscá-la, transfere-a a fazendeiros, comerciantes, militares e outros funcionários da Coroa. Por ocasião do Tratado de Madri (1750), espanhóis e portugueses suspeitam de que a Companhia de Jesus quer edificar, no Brasil, um império sólido e independente de ambos. Pois, de acordo com o tratado, Portugal ficaria com Sete Povos das Missões, e a Espanha, com a Colônia do Sacramento; os jesuítas que ocupam Sete Povos das Missões incitam os índios à Guerra Guaranítica e o tratado é desfeito. Alega-se que os jesuítas estão envolvidos no atentado do rei José I (1758).

A educação colonial, até então monopolizada pelos religiosos, passa para o controle do Estado através das aulas régias. Tendo como objetivo povoar a colônia, Pombal estimula os casamentos entre colonos e indígenas e transforma algumas aldeias em vilas, especialmente na Amazônia, com o objetivo também de

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

incorporar esses territórios ao domínio português. A expulsão dos jesuítas, porém, causou mais dissenções que integrações.

Em 1763, Pombal transfere Salvador, capital do Brasil na época, para o Rio de Janeiro. Pois, além do centro portuário de exportação e importação, o Rio domina a economia do Centro-Sul e é mais próximo da região mineradora e do Rio da Prata, para que os portugueses controlem o comércio.

O ministro português elimina a distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos, devido a sua importância para a expansão comercial luso-brasileira:

> O marquês determinou a supressão da distinção entre "cristãos-velhos" e "cristãos-novos" (descendentes de judeus), objetivando favorecer a integração destes últimos no reino, dada a sua sempre importante atuação econômica e social tanto em Portugal como no Brasil. (Vicentino, Dorigo, 1997, 141)

A política monopolista pombalina afeta jesuítas, contrabandistas, comerciantes e nobres. Destes últimos são tiradas as regalias e passam a ter que pagar impostos. Todos almejam a sua queda, provavelmente incentivados pelos jesuítas.

Em sua gestão há o aumento da burguesia nacional, que agora é quem é a privilegiada. Sua administração corre, medianamente, bem enquanto ele mesmo se incumbe de tudo, em especial na metrópole. Na colônia, dada a distância e as funções duplicadas, gera-se grande apadrinhamento calcado em interesses individuais.

O rigor administrativo de Pombal diminui em sua velhice; aumenta o contrabando e os interesses pessoais dos burgueses. Todos os prejudicados com sua política anseiam por sua queda. Com a morte do rei Dom José I, os padres,

juntamente à nobreza, cercam a herdeira Dona Maria I, a Louca, e demitem o ministro. Suas medidas se perdem, enquanto a corrupção aumenta e prospera a burguesia privilegiada em sua gestão. [21]

2.22. A Inconfidência Mineira

A Inconfidência Mineira (1789), fazendo parte das revoluções separatistas – embora só ganhe dimensão de maior revolta colonial no Brasil República do século XX – àquela época já é suficiente para colocar em cheque o sistema colonial e repudiá-lo a favor de uma nova nação livre dele, através de suas personagens principais, que são, inclusive, beneficiárias internas dele: a classe dominante.

No fim do século XVIII e início do XIX, a sociedade brasileira muda sua composição extremista: minoria, senhores, e maioria, servos. Mediando sua composição, há agora comerciantes, militares, professores, funcionários públicos, artesãos e homens livres. A sociedade vai crescendo e a opinião pública vai se delineando, apesar da morosidade comunicativa. Os estudantes, chegando da Europa com as idéias dos filósofos iluministas, difundem entre a elite colonial o absurdo do monopólio absolutista, o mercantilismo, o pacto colonial e defendem a divisão dos três poderes, a liberdade comercial tanto interna quanto externa e a livre concorrência.

O grande problema dessa revolta é a carência de documentos e os riscos

---

Referências históricas na obra:

21. "Em 1773, José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiros e Marquês do Pombal obteve do Rei de Portugal um decreto abolindo a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos". (p.164)

quanto a sua interpretação, pois como se trata de pessoas importantes, detalhes podem ser ressaltados ou omitidos pelas autoridades para proteger alguém, e a metrópole está interessada em não revelar a verdade dos movimentos anticoloniais, a fim de não incentivar outros.

O Alvará de 1785 proíbe a produção de manufaturas na colônia, encarecendo os produtos importados e estimulando o contrabando de produtos ingleses e norte-americanos. Junto com os produtos, vêm livros e idéias sobre o pensamento revolucionário europeu, a Declaração de Independência dos Estados Unidos e sua Constituição. O cônego Luís Vieira da Silva, cuja biblioteca sobre idéias liberais é vastíssima para a época, dá aulas para outros inconfidentes, que também possuem vastas bibliotecas sobre essas idéias. O estudante José Joaquim Maia encontra-se em Paris com o embaixador norte-americano na França, Thomas Jefferson e lhe pede ajuda militar para lutar contra Portugal. O embaixador não se compromete com a ajuda oficial dos Estados Unidos que se interessa em manter boas relações com Portugal, mas coloca a possibilidade, ainda que remota, de soldados e especialistas particulares ajudarem os inconfidentes.

Para o novo ministro do governo de Dona Maria I, Melo e Castro, que substitui Pombal após sua demissão, a capitania é sinônimo de corrupção e propõe – através de seus governadores Cunha Meneses, o corrupto Fanfarrão Minésio das Cartas Chilenas, e Visconde de Barbacena – o achatamento salarial dos padres, a perseguição de contrabandistas e ladrões, a perda dos contratos e execução das dívidas dos contratadores e a prática da derrama para recebimento dos impostos atrasados ou para a complementação das 100 arrobas anuais de ouro à Coroa.

Toda elite mineira: grande proprietários, padres, advogados e autoridades coloniais teme a derrama. Como todo o sistema colonial se faz por meio de crédito, a crise da mineração vem arruinar este sistema. Portanto a salvação e o

unesp

perdão das dívidas estão no rompimento com Portugal.

Em fins de 1788, os inconfidentes começam a se mobilizar; dividem-se em três grupos. Do primeiro grupo fazem parte os ativistas, que são os líderes do movimento. Incumbem-se da função militar e todos têm interesses pessoais no sucesso da mobilização. Deste grupo fazem parte Álvares Maciel, Tiradentes, Alvarenga Peixoto, os padres Carlos Correa de Toledo e Oliveira Rolim e o tenente-coronel Paula Freire. O segundo grupo é o dos ideólogos, formado por homens bem informados, encarregados de elaborar as leis e a Constituição da República e de justificar ideologicamente o rompimento com Portugal. Deste grupo fazem parte o cônego Vieira, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga cuja ideologia crítica que se faz situar nas Cartas Chilenas, é o "despotismo esclarecido e mentalidade colonial" (Bosi, 1994, 76). O terceiro grupo fomenta os outros dois, sustentando a Inconfidência com pólvora, armas e cavalos. Movido por interesses econômicos, o grande número de integrantes deste grupo – as grandes fortunas endividadas – vê no rompimento com Portugal a solução para não cair na miséria.

O alferes Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, é o único inconfidente que não pertence à elite. Perdendo seus pais muito cedo, perdeu também suas propriedades por dívidas. Tentando, sem êxito, ser minerador e comerciante, vai fazer parte da Tropa dos Dragões como segundo-tenente e exerce o ofício complementar de "tirador de dentes". Quando comandante da patrulha na Serra da Mantiqueira, Tiradentes recebe propinas para favorecer o contrabando. Seu posto é rentável, mas perde-o no governo de Cunha Meneses. É pobre, mas quer tornar-se proprietário para ter valor social. Como a aristocracia, acha que a Coroa está liquidando os "homens de bem" e quer mudar esta situação, pregando um futuro republicano melhor. Para muitos de sua época é um louco, ocioso, tagarela e

unesp

imprudente, e por ser o agitador imprudente e pobre da revolta separatista, é o único morto e um dos únicos – junto com o cônego Vieira – a demonstrar dignidade nos interrogatórios.

Embora muitos inconfidentes falem em um movimento apoiado também pelo Rio de Janeiro e São Paulo, o movimento é regional com o apoio e interesses de algumas das sessenta principais famílias de Minas; objetivando a ruptura do pacto colonial, a independência política e a liberdade comercial. Vila Rica passará a ser a capital cultural com a fundação de uma universidade e a capital política será transferida para São João Del Rei, revelando a falência da mineração e o aumento da pecuária. Quanto à escravidão nem se cogita sobre ela, pois a elite é uma classe acostumada à escravidão e beneficiária dela.

O plano é que seja proclamada a República quando o novo governo, o Visconde de Barbacena, impuser a derrama para cobrança dos impostos atrasados, pois o povo se revoltará e também apoiará a rebelião. Tiradentes, com outros conspiradores, instigará o povo, prenderá e assassinará o governador; porém, o plano não tem êxito.

Ameaçado de perder seus bens com a derrama, mas, alegando que o movimento não terá sucesso, o contratador Joaquim Silvério dos Reis, amigo e protetor de Tiradentes, denuncia ao governo a conspiração em troca do perdão de suas dívidas. O governo suspende a derrama. Tomás Antônio Gonzaga, de nada desconfiando, continua insistindo na derrama para que a rebelião tenha sucesso. No Rio de Janeiro, Tiradentes passa a ser vigiado e é preso em 1º de maio de 1789. Com as prisões em Minas, vários conspiradores, mais preocupados em se defender, incriminam alguns dos conspiradores. Dentre os poucos inconfidentes acusados, o principal indicado é Tiradentes, acusado de insano. Depois de três anos de prisão – com sentenças à forca e ao degredo perpétuo – e de depoimentos,

nos quais a conduta da maioria dos inconfidentes é vergonhosa, com exceção da do alferes que assume sua postura e não denuncia quase ninguém; uma carta da rainha, a fim de salvar a honra dos intelectuais e dos ricos, mas de punir um pobre tagarela como exemplo, transforma a forca ao degredo perpétuo, exceto a forca destinada a Tiradentes:

> Segundo uma testemunha, '...então se viu representada a scena mais tragico e comica, que se póde imaginar. Mutuamente pedirão perdão e o derão; porém cada um fazia por imputar a sua ultima infelicidade ao excessivo depoimento do outro. Como tinhão estado, há tres anos incommunicados, era n'elles mais violento o desejo de fallar...' Depois de quatro horas de recriminações recíprocas os presos foram postos sob pesadas correntes ligadas às janelas da sala. Então, dramaticamente como fora planejada, a leitura da carta de clemência da rainha transformou a situação. Todas as sentenças, salvo a do alferes Silva Xavier, foram comutadas em banimento. O espetáculo estava quase no fim. Na manhã de 21 de abril de 1792, Tiradentes, escoltado pela cavalaria do vice-rei, foi conduzido a um grande patíbulo nas cercanias da cidade. Aí, ao redor das 11 horas, sob o rigor do sol, com os regimentos formados em triângulo, depois de discursos e aclamações 'à nossa augusta, pia e fidelíssima Rainha', o bode expiatório foi sacrificado. (Vicentino, Dorigo, 1997, 150)

Segundo Cândido (1981, 161), as Cartas Chilenas de Gonzaga circulam "largamente por Vila Rica em cópias manuscritas, (...) mas na devassa da Inconfidência não se lhe faz qualquer menção", embora o poema "seria peça de primeira ordem para delatores, acusadores e juízes".

Tiradentes é enforcado e esquartejado no Campo de São Domingos, no Rio de Janeiro. Sua cabeça é exposta em Vila Rica e os pedaços de seu corpo são

distribuídos em cidades de Minas e Rio para intimidação de possíveis conspiradores. [22]

2.23. João Ramalho

Há informações contraditórias em relação ao sertanista português João Ramalho (1490-1580), segundo aponta a *Grande Enciclopédia* (1998, 4909), pois ele é mencionado como degredado, náufrago ou aventureiro. É um dos primeiros povoadores do Brasil, e já é casado com Isabel, filha do cacique Tibiriça, por ocasião da chegada de Martim Afonso de Souza, em 1531.

Recebe de Martim Afonso uma grande sesmaria na Ilha de Guaíbe. Nesse local, funda a povoação da Borba do Campo, tornada vila de Santo André da Borba do Campo pelo governador-geral Tomé de Sousa, em 1553. E exerce as funções de capitão, de alcaide – alcaide: antigo oficial de justiça (Ferreira, 1999, 86); meirinho: antigo funcionário judicial, corresponde ao oficial de justiça de hoje (Ferreira, 1999, 1310) – e de vereador entre 1553 e 1558.

Por ocasião da fundação de São Paulo (1554), João Ramalho entra em conflito com os jesuítas, combatendo-os até a rebelião dos tamoios em 1562 – *Enciclopédia Barsa* (1966, 376) – ocasião em que se dá o arrasamento final de Santo André, que, já em 1560, passou à jurisdição de São Paulo. Nessa época, Ramalho desaparece, exilado entre os tupiniquins, onde falece. Este episódio é

Referências históricas na obra:

22. No último quartel do séc. XVIII, os inconfidentes Thomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, o Coronel Joaquim Silverio dos Reis e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, conspiram para libertar o Brasil do jugo português, culminando com a traição e decepamento de Tiradentes em praça pública. (p.165-9)

dramatizado por Antônio Callado em sua peça histórica *A Cidade Assassinada* (1954). [23]

2.24. O Período Regencial: Revolução Farroupilha (1835-1845)

Finalizando o Primeiro Reinado (1822-1831), a abdicação de Dom Pedro I acontece em 7 de abril de 1831. É engendrada por liberais, moderados ou radicais, aliados aos militares, a fim de afastar o absolutismo metropolitano e a possibilidade de recolonização. Inicia-se, então, o Período Regencial (1831-1840), porque que o herdeiro do Império brasileiro, Dom Pedro de Alcântara, conta com apenas cinco anos.

O Período Regencial é um dos mais agitados da história brasileira. O povo, muitas vezes, foge ao controle dos líderes, ganhando autonomia em movimentos ou revoltas que visam reivindicar seus interesses. Por outro lado, a dispersão, as dissensões, a ausência de elo entre as revoltas e a falta de objetividade política e ideológica sempre favorecem seu esfacelamento pelo poder central e pela elite. Para esse tipo de movimento, a classe dominante usa de diferentes posturas: se advêm das camadas populares, usa a repressão e a violência; se advêm da própria elite, pacifica, anistia e reincorpora ao poder. É porém, neste período, que as elites nacionais tomam o poder político, consolidam o Estado nacional e afastam o

---

Referências históricas na obra:

23. "Ali sempre gozaram, os da nação, de grande prestígio, desde os tempos do meirinho de campo João Ramalho, a quem cabia fiscalizar todo o comércio com as regiões de colonização espanhola. Os da nação tinham engenhos e navios; o controle da Alfândega e o monopólio de cobrança de impostos. Eram médicos, astrônomos, boticários e mercadores (...) por todo o continente. Os cristãos-novos também financiavam, junto com outras, expedições destinadas ao apresamento de índios, visando suprir a falta de mão-de-obra, ou a descoberta de ouro e pedras preciosas". (p.170)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

perigo da recolonização, já que se torna necessário desenvolver muitas estratégias para assegurar o poder. O Estado passa pela administração da Regência Trina Provisória (1831) com suas facções políticas dos liberais moderados ou chimangos; liberais exaltados, farroupilhas ou jurujubas e restauradores ou caramurus. Há um avanço dos liberais e a administração passa à Regência Trina Permanente (1831-1835), que cria o Código do Processo Criminal (1832) e reforma a Constituição de 1824, através do Ato Adicional de 1834. Eleito com pouco mais de 2000 votos, o Estado passa à Regência Una de Feijó (1835-1837) com o Partido Liberal Moderado em alta, mas dividido em progressistas – futuro Partido Liberal – e regressistas. Em sua regência eclodem as revoltas Cabanagem, no Grão-Pará e a Farroupilha, no Rio Grande do Sul. Por ser suspeito de simpatizante com os farroupilhas, Feijó fica minoritário na Câmara, sem o apoio das classes dominantes, envolvido em conflitos com a hierarquia da igreja e acusado de ser cúmplice com os farrapos. O regente renuncia e o conservadorismo volta ao poder com a Regência Una de Araújo Lima (1838-1840). Com o intuito de tirar o poder das mãos dos conservadores, o agora denominado Partido Liberal consegue dar o Golpe da Maioridade e a 23 de julho de 1840, Dom Pedro II é coroado imperador do Brasil, iniciando o Segundo Reinado (1840-1889).

Em meio ao turbulento período regencial, o governo se preocupa mais com a economia cafeeira da região Sudeste, abandonando o Rio Grande do Sul com sua economia marginal: gado, charque, couro, sebo. Seu principal produto, o charque, não tem proteção do governo que o onera com impostos e abastece o Sudeste com o charque platino, quase sempre de melhor qualidade e melhor preço por ser fruto do trabalho assalariado, ao contrário do caro trabalho escravo do Sul.

No Rio Grande do Sul, pela sua forma de apropriação militar da terra e por estar na fronteira, os Partidos Liberal e o Restaurador têm mais adeptos que o

Partido Liberal Moderado, dominante no período regencial. Os presidentes provinciais, nomeados pelo governo central, são pessoas desconhecidas que se aliam a determinada facção da oligarquia local e esquecem as outras. Os conflitos entre as oligarquias do Sul e o regente não se resolvem com o Ato Adicional de 1834, que aumenta a autonomia das províncias.

O conflito se inicia quando o presidente da província reúne, pela primeira vez, a assembléia e acusa o estancieiro e militar Bento Gonçalves de ter idéias republicanas e ter relações com caudilhos (grandes proprietários e chefes militares) platinos. Realmente Bento Gonçalves é estancieiro no Uruguai e no Rio Grande do Sul, apropriador de terras e contrabandista de gado, procedimento normal para os homens de sua classe social. A 20 de setembro de 1835, as tropas particulares dos estancieiros invadem Porto Alegre e o presidente é deposto, sendo nomeado outro pela assembléia. Em 1836, os revoltosos proclamam a República Riograndense com sede em Piratini. Cáceres (1997, 168) coloca que não são idéias separatistas que estão em pauta, uma vez que os gaúchos dependem do mercado interno para colocarem o seu charque, mas que isso só acontecerá se não lhes for dada autonomia para a nomeação do seu presidente provincial e se seus interesses econômicos não forem atendidos. O Regente Feijó dá pouca atenção à repressão. Bento Gonçalves é vencido em uma batalha e preso na Bahia. Na prisão, é nomeado presidente da nova república e foge da prisão auxiliado pela Maçonaria e, segundo alguns, por Feijó.

De 1835 a 1839 a revolta começa a se alastrar pelo Sul, enquanto que a repressão começa a ser intensificada na regência conservadora de Araújo Lima. Em 1836, a revolta dos farroupilhas atinge Santa Catarina, conquistando Laguna, que é proclamada a República Juliana, por ser mês de Julho. "Por terra, sobre carretas, conduziram dois navios de Porto Alegre e Laguna e pegaram as forças

imperiais de surpresa" (Arruda, Piletti, 1996, 225). Pedem o auxílio de David Canabarro e do mercenário e corsário italiano Giuseppe Garibaldi – líder revolucionário da unificação da Itália – ativos participantes em troca de participação nas presas de guerra.

A conquista de Santa Catarina está relacionada à colocação do charque no mercado interno, já que não há lugar para sua colocação na região Sudeste.

A Guerra dos Farrapos, apesar do nome dado pelos precários trajes e pelos chapéus usados pelos componentes das tropas, é chefiada pela classe dominante do Sul. Os peões gaúchos que integram as tropas têm a ideologia de seus patrões, portanto, da sociedade latifundiária e escravocrata. Os líderes liberais da revolta falam em liberdade individual, mas somente são considerados cidadãos os homens livres e proprietários.

A partir de 1842, já no Segundo Reinado, as tropas imperiais, livres dos outros movimentos regionais, lançam-se contra os farroupilhas, tendo por chefe Luís Alves de Lima e Silva, futuro Duque de Caxias, que tem parentes envolvidos na revolta. Os revoltados não são quaisquer homens, são homens de bens, necessários ao império, que se prepara para investir contra Rosa, o unificador argentino. A causa da revolta é que oligarquias regionais reagem às imposições da oligarquia central. Logo, Caxias, o "Pacificador do Império", anistia todos os revoltosos; dá autonomia para escolherem seu presidente provincial; garante o direito de suas propriedades e bens; concede o ingresso, se quiserem, no exército imperial no mesmo posto do exército farrapo; garante o pagamento, pelo governo central, das despesas da República Rio-Grandense, a cobertura alfandegária ao charque sulino e a libertação dos escravos combatentes na guerra. Dessa forma, depois de dez anos de conflitos, a 28 de fevereiro de 1845, os rebeldes farroupilhas assinam sua rendição através do acordo chamado Paz de Ponche

Verde, pondo fim à mais longa guerra brasileira. [24]

2.25. Os Rotschild

Os Rotschild fazem parte de uma "célebre família de banqueiros israelitas, donos de grandes cabedais e que tiveram forte influência na política européia do séc. XIX". (*Enciclopédia Brasileira Globo*, 1974, n.p.)

Em 1815, o chefe da família recebe, do Imperador da Áustria, o título de Barão. O primeiro representante, Mayer Amschel (1743 – 1812), deixa numerosa descendência. Seu nome deriva, segundo a *Enciclopédia Barsa* (1966, 205), "do escudo (schild) vermelho (rot) existente na casa onde viveram seus membros, no Gueto de Francfort-sobre-o-Meno, na Alemanha no início de sua história".

Os Rotschild espalham-se pelas grandes cidades da Europa, com uma longa e poderosa rede de negócios calcada nos princípios de operar em conjunto e em lucros limitados, nunca exorbitantes. Os principais são:

Mayer Anselm Rotschild (1743-1812), é o fundador da casa bancária. Estabelece ramos de negócio pela Europa e Inglaterra, ajudado pelos filhos.

Referências históricas na obra:

24. "David Canabarro, chefe farrapo, prepara uma expedição à cidade de Laguna. Reúne voluntários para a frota da República Riograndense". (p.177)

É ajudado pelo legendário rebelde Garibaldi, vindo da Itália para ajudar os Farrapos contra o governo imperial. (p.177)

"Para burlar a vigilância dos legalistas, Garibaldi tinha concebido um plano fantástico: levar os dois navios da frota, o Seval e o Farroupilha, por terra, até Tramandaí, muitas milhas ao norte; de lá, por mar, seguirão até Laguna, em Santa Catarina, onde atacarão os desprevenidos imperiais". (p.178)

" A tomada de Laguna é feita sem nenhuma resistência (...). É proclamada a República Juliana". (p.181)

"(...) os legalistas (...) preparam um bem sucedido ataque: a vila é retomada, os Farrapos batem em retirada". (p.182)

Amschel Mayer Rotschild (1773-1855), em Francfort-sobre-o-Meno, é o filho primogênito e se incumbe de dirigir a casa de Francfort.

Salomon Rotschild (1774-1855), em Viena, é o segundo filho de Mayer Anselm.

Nathan Mayer Rotschild (1777-1836), em Londres, é tido como o gênio das finanças.

Karl Rotschild (1788-1855) fixa-se em Nápoles.

Jacob ou James Rotschild (1792-1868) fixa-se em Paris.

Lionel Rotschild (1808-1879), na Inglaterra, é o primeiro judeu a ser membro do Parlamento inglês.

Anthony de Rotschild (1810-1876), na Inglaterra, chega a se tornar par da Inglaterra. Vários outros membros da família, posteriormente, também se ocupam da política.

Henri Rotschild (1872-1947), na França, é o que menos se ocupa das finanças, trabalha como físico e autor teatral.

No Brasil os Rotschild aparecem bem mais tarde.

Com o domínio holandês no Brasil (1630-1654), os judeus refugiados na tolerante Holanda para cá também vêm. Com a expulsão holandesa, eles optam por emigrar ou diluir no organismo social. Mas, mesmo que tardiamente, a regularidade dos judeus só é alcançada durante o ministério do Marquês de Pombal, cujos princípios iluministas contribuem para que, em 1773, ele consiga de Dom José I um decreto abolindo a diferença entre cristãos-velhos e cristãos-novos. O princípio da liberdade religiosa é incorporado à primeira Constituição (1824) do Brasil independente.

Segundo Scliar (1994, 115-6), começam, então, novos ciclos migratórios. Ainda no século XIX, um grupo relativamente pequeno de "judeus marroquinos"

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

vem para a Amazônia. A partir de 1850, os "judeus alsacianos" localizam-se no Rio de Janeiro. O grande fluxo migratório, porém, ocorre na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. São os "sefardins" que vêm da Grécia, Turquia, Síria, Líbano e, sobretudo, os "ashkenazim" que vêm da Europa oriental fugindo da miséria e das convulsões sociais do agonizante Império Russo. São ajudados por uma organização filantrópica financiada por ricos judeus da Europa ocidental: a Jewish Colonization Association (ICA), fundada pelo barão Maurice de Hirsch, juntamente aos "Rotschilds" (Izklo, 1990, 42). A ICA convence Franz Philipson, vice-presidente da sociedade e presidente da Companhia de Estradas de Ferro da Argentina e do Rio Grande do Sul, a adquirir terras no Rio Grande com o objetivo de desenvolver um projeto similar ao dos italianos e alemães.

Levando o nome das fazendas adquiridas, temos hoje as cidades de Philipson e Quatro Irmãos, apesar do êxodo para Porto alegre. [25]

2.26. A quebra da bolsa de valores de Nova York

Findada a Primeira Guerra Mundial em 1919, os Estados Unidos tomam a dianteira da economia mundial, passando de devedores a credores internacionais, devido a seus grandes empréstimos. Quanto à Europa pós-guerra, ajudam-na a se reconstruir e aumentam as exportações para lá. Combinando a vazão de excedentes da produção com a de capitais ociosos, desenvolvem-se

---

Referências históricas na obra:

25. "Trabalhou um tempo para os Rotschild da França que faziam investimentos em estradas de ferro". (p.182)

explosivamente com a concentração de renda nas mãos dos grandes industriais, banqueiros e negociantes.

O consumismo exagerado resulta no aumento da produtividade ou na tentativa de dinamização do mercado. O salário é aumentado. A poupança é deixada de lado, devido à instabilidade monetária, causadora de insegurança nas transações comerciais. Os seguros sociais são expandidos, favorecendo o consumo e os serviços. O crédito para consumo é ampliado, ficando 15% para as compras no mercado em geral e 60% para o mercado de automóveis. A queda dos preços agrícolas favorece o consumo de produtos industriais e serviços. A publicidade atua no sentido de impulsionar novas necessidades para os consumidores.

O estilo americano com seu progresso técnico racional dita as normas do Ocidente. O investimento na produção e no exterior aumenta, nascendo as multinacionais. Em 1929, os Estados Unidos concentram 44,8% da produção industrial do mundo, sendo que apenas 200 *holdings* controlam 38% do capital das empresas americanas. O poder aquisitivo dos americanos sobe 35%, apesar da queda dos produtos agrícolas, mas da manutenção dos preços industriais.

Quando a Europa consegue se reequilibrar e reativar sua produção, os Estado Unidos não diminuem sua produção, gerando a crise de 1929. O liberalismo econômico não permite a intervenção governamental. Para eliminar a superprodução, são feitos empréstimos ao mercado interno, em forma de crédito de consumo, e ao mercado externo, para que outros países comprem dos americanos. O excedente agrícola resulta no acúmulo de estoque e no endividamento dos agricultores com a armazenagem.

Os lucros dos capitalistas ampliam em 60% a capacidade produtiva nacional, atraindo investidores de todas as camadas sociais. Eles tomam empréstimos do governo a juros de 5% e repassam o dinheiro ao cliente de 12% a

15% para a compra de ações empresariais, com valorização artificial de 3,5% entre 1925 e 1929.

A distribuição de riqueza, no capitalismo monopolista, é desequilibrada, uma vez que os salários e preços tendem a ficar estáveis, dando-se o lucro no aumento da produção. A indústria pesada (bens de consumo duráveis) cresce 70%, enquanto que a indústria de roupas e sapatos (bens de consumo não-duráveis) só cresce 35% e, com a crise, o setor mais atingido pela diminuição dos investimentos é a indústria pesada.

O governo, devido à conturbada situação européia, retira as garantias dos capitais privados no exterior, resultando na diminuição das exportações. Com os estoques agrícolas excedendo, os preços caem e os fazendeiros falem. Com o aumento da oferta industrial, há diminuição de sua produção e desemprego. Essa crise se reflete na Bolsa de Valores de Nova York, negociante das ações das grandes companhias, que agora têm tanto o valor real quanto o valor especulativo de suas ações, despencados no dia 24 de outubro de 1929 – a chamada quinta-feira negra. A tendência à baixa atinge proporções catastróficas. Até 1933, sente-se os efeitos do *crack* da Bolsa, que prejudicam os financistas, retêm as vendas a crédito e impedem os que recebem financiamentos de pagar suas dívidas.

Mundialmente, sente-se a crise, pois com a elevação das tarifas alfandegárias americanas, para garantir o mercado interno, diminuem as importações e exportações; como no Brasil, por exemplo, as do café. A retirada rápida de capitais americanos da Europa provoca a falência de bancos, indústria e comércio europeus; o desemprego; a desvalorização monetária. Como propostas de soluções radicais, crescem os partidos socialistas e os fascistas, antiliberais e antidemocráticos. No período compreendido entre 1930 e 1933, há o maior número de deposições violentas de governo da história latino-americana, como

unesp

repúdio aos governos e suas oligarquias, culpados da complicada situação pelos grupos prejudicados. [26]

2.27. A Revolução de 1930

A República Oligárquica, com todo o seu coronelismo, durante a década de 1920, começa a despencar até totalizar seu desabamento com a Revolução de 1930. Para melhor ilustrar essa crise, há a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Semana de Arte Moderna e o tenentismo, revelando a insatisfação de um grupo funcional, o exército, o descontentamento de setores da classe média não absorvidos pela política do café-com-leite, e, sobretudo, as discórdias entre as oligarquias dominantes, quando algumas delas passam a combater a hegemonia das oligarquias paulista e mineira sobre a vida política nacional.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, resulta da união de várias Associações que o antecedem. Depois de discussões sobre a Revolução Russa de 1917, o anarquismo, a queda do governo anarquista na Ucrânia e o desaparecimento do Partido Comunista do Brasil (PC do B); as associações objetivam formar um novo partido disciplinado, organizado e centralizado, seguindo os moldes ideológicos e organizativos do Partido Bolchevique russo. Após apenas quatro meses de existência legal, com o início do tenentismo em 1922, o presidente Epitácio Pessoa proíbe a existência do partido, que passa a ser

---

Referências históricas na obra:

26. "O ano era 1929. Em Nova Iorque a Bolsa quebrava, financistas desesperados saltavam de altos edifícios (...)". (p.192)

unesp

clandestino até agosto de 1927, no governo de Washington Luís. As constantes repressões governamentais, o mecanicismo não associado à realidade brasileira, a falta de penetração na classe operária, por impedimento dos governamentais sindicatos amarelos, apesar da unidade sindical proposta e as frentes únicas, formadas por grupos dissidentes ou por frágeis bases operárias, a participação política do partido é prejudicada, embora, em 1928, com a fundação da Confederação Geral do Trabalho do Brasil, aglutine 60% dos trabalhadores sindicalizados. Em torno de 1927, o PCB aproxima-se do líder tenentista Luís Carlos Prestes a fim de combaterem o inimigo comum: o imperialismo e o feudalismo brasileiros. Prestes, torna-se marxista, mas só se filia ao partido em 1934.

A Semana de Arte Moderna (1922) reage à República Velha das Letras, que, de 1900 a 1920, pouco produz de importante. Da mediocridade geral sobre a qual escrevem os funcionários públicos das letras, só escapam Machado de Assis, alguns poetas simbolistas, Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto. Os três últimos, com seu inconformismo cultural, rebatem ao passadismo, fazendo uma análise mais profunda da realidade brasileira. Na cidade de São Paulo, após a Primeira Guerra Mundial, surge uma vanguarda de artistas cujos principais nomes são Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Cassiano Ricardo, na literatura; Anita Malfati, Tarsila do Amaral e Emiliano Di Cavalcanti, na pintura; Guiomar Novais e Villa-Lobos, na música; e Victor Brecheret, na escultura. Este grupo é bem-informado sobre as novas tendências da Europa: a saber, o Futurismo, o Cubismo e o Surrealismo, e escarnece o passadismo e o academicismo da literatura brasileira. A primeira obra modernista é *Paulicéia desvairada* (1922) de Mário de Andrade, cantando o urbanismo da capital paulista. O auge se dá nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, com

a Semana de Arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, com exposição, apresentação e declamação das artes modernistas. O povo vaia, os jornais criticam e Monteiro Lobato acusa o grupo de mistificador. Passado o primeiro impasse, são editadas revistas sobre as idéias dos grupos de intelectuais modernistas, que passam a se integrar às correntes estéticas e políticas extremadas do país.

O tenentismo é um movimento da baixa oficialidade do exército, repudiando a República Oligárquica. Desde o Presidente Prudente de Morais (1894-1898), os militares se encontram fora do poder, embora a jovem oficialidade sempre se manifeste contra o poder das oligarquias civis. A elite política gaúcha, de costume, aliada aos militares, fica excluída da esfera federal, até a ascensão do Marechal Hermes da Fonseca (1910-1914) à presidência. Porém, em sua gestão, os militares não têm grande autonomia por estarem subordinados às oligarquias mineira e gaúcha. Desde o governo de Floriano Peixoto, a alta oficialidade do exército está interessada em recrutar o exército para que seja menos positivista e mais disciplinado, defendendo o país sem envolvimentos políticos. Para tanto, em 1920, proíbe-se a participação militar em movimentos políticos coletivos. Os baixos salários e a lentidão nas promoções geram descontentamento nos postos de tenente e capitão, os mais numerosos. Enquanto a cúpula militar se acomoda aos governos oligárquicos, os tenentes querem "purificar" a sociedade e o exército. Querem purificar o país da corrupção e do controle oligárquico paulista do poder, crendo que os únicos capazes de fazê-lo através da centralização do poder são eles mesmos. O que revela, segundo Boris Fausto, o caráter elitista do movimento:

> É muito comum ouvir-se a afirmação de que os 'tenentes' foram os representantes da classe média urbana. Ela é explicável pela aparente

> analogia entre setores intermediários da sociedade e do Exército e pelo inegável prestígio do tenentismo na população urbana até o fim da década de 20. Entretanto, considerar o tenentismo um movimento representativo de classe, seria uma simplificação de sua natureza. Do ponto de vista da origem social, os tenentes provinham em sua maioria de famílias militares ou de ramos empobrecidos da família da elite do Nordeste. Muito poucos foram os recrutados entre a população urbana do Rio ou de São Paulo. Acima de tudo, devemos lembrar que os 'tenentes' eram tenentes do Exército. Sua visão de mundo formou-se sobretudo por sua socialização no interior das forças armadas. Essa visão era específica deles, assim como as queixas contra a instituição de que faziam parte. (Vicentino, Dorigo, 1997, 317)

Dos movimentos tenentistas destacam-se três. Os 18 do Forte de Copacabana (1922) é o que dá início a esses movimentos. Inicia-se pela publicação de uma carta, falsamente assinada pelo candidato eleito da política do café-com-leite à presidência da República, Artur Bernardes. Os militares, já descontentes com a reeleição do candidato da situação, mais a carta de ataque ao Marechal Hermes da Fonseca e, por extensão, a todo o exército, conspiram impedir a posse de Artur Bernardes. Na madrugada de 5 de julho de 1922, o Forte de Copacabana anuncia a rebelião com disparos. Porém, dos trezentos revoltosos, restam apenas dezessete e um civil para lutarem contra as tropas do governo; e, ao final, sobrevivem apenas Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Os políticos da Reação Republicana, condenando a atitude dos tenentes, afastam-se deles. O segundo movimento tenentista é a revolta paulista de 1924, que começa no segundo aniversário da primeira revolta. Alguns setores militares tomam a cidade de São Paulo por 22 dias, provocando pânico popular e fuga do governador Carlos de Campos. Com a ajuda das tropas federais, a coluna paulista é contida e vai para Foz do Iguaçu, no Paraná, juntar-se aos revolucionários gaúchos e formar a

famosa Coluna Prestes. A terceira revolta do ciclo de reações tenentistas é a Coluna Prestes da qual fazem parte tenentes paulistas e gaúchos com interesses comuns: deposição de Artur Bernardes, voto secreto, reforma tributária, liberdade religiosa, alfabetização, justiça, liberdade de imprensa e melhoria de condições para os operários. Sob o comando de Luís Carlos Prestes e Miguel Costa, há em torno de 900 homens que percorrem mais de 20 mil quilômetros, fazendo propaganda contra o governo e evitando combates com suas tropas. Em 1927, os últimos participantes da coluna vão para a Bolívia, onde Prestes toma contato com o Partido Comunista e com a teoria Marxista. No Brasil, o tenentismo é aglutinado pelas oligarquias dissidentes, pela sua carência de programa e impopularidade. Prova disso é que, à época da Revolução de 1930, os tenentes são soldados de Getúlio Vargas, portanto das oligarquias, e não combatentes delas com seu imperialismo e poder latifundiário.

Apesar de a crise da República Oligárquica vir se manifestando durante toda a década de 1920, havia um sistema rígido e sedimentado. Portanto, a Revolução de 1930 só acontece, porque ocorre uma cisão, um grande desentendimento das oligarquias dominantes: o rompimento da política do café-com-leite. Desde 1914, há uma alternância na Presidência da República entre paulistas e mineiros. Washington Luís (1926-1930), que faz sua política em São Paulo, deverá apoiar o mineiro Antônio Carlos de Andrada, o que não acontece. Com sua política de estabilização financeira, indica para sua sucessão Júlio Prestes.

Sentindo-se traído, Antônio Carlos de Andrada alia-se ao governador gaúcho Getúlio Vargas, apoiando-o para presidente junto ao paraibano João Pessoa, para vice. Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba formam a Aliança Liberal, reunindo diversos partidos e grupos sociais pertencentes à classe

dominante. Seu programa de governo promete anistia aos presos políticos, revogação das leis de exceção, voto secreto, leis sociais para os trabalhadores, proteção nacional não apenas ao café e enfoque não apenas ao setor rural como o programa de Júlio Prestes. Porém, apesar do apoio do povo, do Partido Comunista e dos tenentes a essa luta que não passa de disputa entre oligarquias, a máquina do governo federal e paulista derrota Getúlio Vargas.

Derrotados, Vargas, Antônio Carlos e outros líderes oligárquicos procuram se reaproximar do seu lugar comum, o governo federal. Os tenentes continuam pensando numa solução armada impulsionados por jovens oligarcas que também querem se reaproximar do governo federal. Os tenentes desconfiam da Aliança Liberal da qual também fazem parte Artur Bernardes e João Pessoa, seus antigos perseguidores. A conspiração sofre avanços e recuos até que o pivô para desencadear a ação militar se dá com o assassinato de João Pessoa, por razões de política local.

Em 3 de outubro de 1930, o movimento deflagra no Rio Grande do Sul e é seguido no Nordeste e em Minas. São Paulo não reage ao movimento, talvez porque os cafeicultores falidos estão ressentidos com Washington Luís que, em meio à crise mundial de 1929, não compra os estoques de café, preocupado com sua política de estabilização financeira. Dessa forma, a cúpula militar, com o intuito de se manter no poder, depõe o presidente. Os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto, Leite de Castro e o almirante Isaías Noronha querem assumir o poder, mas devido a agitações populares no Rio de Janeiro e a tropas gaúchas são obrigados a entregarem o poder a Getúlio Vargas. A Revolução de 1930, dadas a

revolução oligárquica interna e a crise internacional, põe fim à política do café-com-leite e ao domínio oligárquico. [27]

2.28. Getúlio Vargas

2.28.1. A era de Getúlio Vargas (1930-1945)

2.28.1.1. Governo Provisório

Após a vitória na Revolução de 1930, Getúlio Vargas, instalado no Rio de Janeiro, passa a governar ajudado por um ministério representativo de todas as forças que o apoiam anteriormente. Em seu governo provisório procura reorganizar o Estado através do combate da velha política do café-com-leite. Os tenentes interventores, colocados nos estados em lugar dos governadores, não conseguem reformar as oligarquias conservadoras, optando pela reconciliação com elas – como o poderoso tenente Juarez Távora – ou pela adesão a entidades políticas radicais – como a Ação Integralista Brasileira e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Nos conflitos tenentistas e oligárquicos, Vargas, inteligentemente, põe uns contra os outros e se faz surgir como elemento conciliador e, portanto, indispensável a ambos.

Uma de suas primeiras medidas é a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em novembro de 1930. Com sua habilidade política de enxergar além das elites, o governo provisório adota as teses do Ciesp, que

---

Referências históricas na obra:
27. "Era a Revolução de 1930 que começava". (p.198)

também conta com a simpatia dos tenentes. A fim de deixar os conflitos de classe ao sabor de confrontos abertos, organiza sindicatos pelegos, ou seja, atrelados ao Estado e combate os independentes que não se subordinam às novas diretrizes para a questão social.

A fim de lutarem contra os tenentes reformistas e pela reconstitucionalização do país, as oligarquias vitoriosas em 1930 reaproximam-se das oligarquias agrárias. A burguesia cafeeira paulista fica muito prejudicada com a perda do poder, após a Revolução de 1930, e com a perda econômica, após a crise de 1929. Retomando a política de valorização do café, Vargas compra e queima 30 milhões de sacas e proíbe novos plantios. Os salários nas fazendas são rebaixados, gerando o êxodo rural e o desemprego nas grandes cidades, onde as indústrias estão falindo. Em São Paulo, o Partido Democrático, que apoiou a revolução, espera obter o poder. Vargas, porém, nomeia o tenente interventor João Alberto Lins e Silva que, apesar de tentar conciliar patrões e empregados, desagrada a elite no que se refere ao campo trabalhista, assim como os outros interventores nomeados. Em 1932, as elites gaúcha e mineira rompem com o governo federal, pois, por trás do argumento da necessidade reconstitucional do país, acusam-no de ditador, por não lhes ter entregado o poder. A 9 de julho de 1932, a Frente Unida dos Partidos Republicano Paulista e Democrático inicia a Revolução Constitucionalista de 1932, tentando incitar o estado contra Vargas com a morte, em maio, de quatro estudantes nos conflitos entre tenentes e a elite paulista. Getúlio Vargas, mais uma vez com classe e diplomacia políticas, mantém o país a seu lado com medidas reconciliatórias, de forma que São Paulo é apoiado apenas por Mato Grosso, sendo derrotado em três meses, apesar de seus esforços.

Como manobra do governo federal, é convocada uma Assembléia Constituinte depois da revolta dos paulistas para elaborar a nova Constituição

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

liberal-democrática brasileira de 1934. Atendendo à reforma eleitoral de 1932, são eleitos por voto secreto quarenta deputados classistas, por pressão dos tenentes. As eleições para qualquer cargo político passam a ser diretas e por voto secreto e as mulheres passam a votar. Nas questões sócio-trabalhistas, a Constituição dá autonomia aos sindicatos – multiplicam-se os pelegos – e beneficia os trabalhadores com as férias e a Justiça do Trabalho.

2.28.1.2. Governo Constitucional

Digladiando-se as rotas oligarquias agrárias, os desestabilizados tenentes e a fraca burguesia industrial, fortalecem a burocracia estatal e o chefe do Estado, cuja política tem que atender, agora, aos vários interesses nacionais em jogo, embora o setor mais favorecido seja o industrial, dadas a política de industrialização e as reivindicações da classe operária.

Enquanto o Estado não se consolida, os anos posteriores a 1934 são os mais críticos da era de Vargas. O fascismo de Hitler e a ditadura de Franco repercutem no Brasil, onde Plínio Salgado organiza a Formação da Ação Integralista (1932), pregando a formação de um Estado totalitário para unificação da nação. Esta é olhada, por certo período, com simpatia por Vargas que a vê como freio aos movimentos de esquerda. O alastramento do fascismo na Europa contribui para que, no Brasil, se forme a Aliança Nacional Libertadora (1935), filiada à III Internacional Comunista e se opondo ao fascismo, ao imperialismo e ao latifúndio. Luís Carlos Prestes, presidente de honra da ANL, entra clandestinamente no Brasil, acompanhado de sua mulher e de outros comunistas. A Aliança faz grandes comícios pelo país e a Internacional incentiva um levante

comunista no Brasil. Devido à radicalização da ANL, Vargas a coloca na ilegalidade em 11 de junho de 1935. Agitações militares e conflitos gaúchos com seu interventor Flores da Cunha tornam o momento próprio para um levante militar. No dia 23 de novembro de 1935 deflagra, em Natal, um movimento militar e em Recife também; são retidos. Ninguém espera os levantes, a não ser os líderes aliancistas e o governo federal, que tem agentes infiltrados na ANL. Quase extintos no Nordeste, os levantes começam no Rio de Janeiro, na madrugada de 26 para 27 de novembro e são, também, sufocados. Os levantes, conhecidos como Intentona Comunista, visam implantar o comunismo e dar vazão às frustrações civis e militares dos aliancistas:

> Desde a sua criação, a ANL recebera a adesão de muitos militares. Foram esses militares, aliados aos comunistas, os principais envolvidos na insurreição militar de 1935, conhecida como Intentona Comunista. (Ferreira, 1997, 94)

O estado de sítio é instaurado, primeiro, por trinta dias, depois, pelos anos seguintes, por causa da "ameaça comunista". Sufocam-se todos os movimentos populares e de oposição. Há julgamentos e centenas de prisões. A polícia do Distrito Federal tortura, estupra e assassina os prisioneiros comunistas. Prestes não sofre torturas físicas, mas é condenado a trinta anos de prisão, e, até 1943, é submetido ao mais completo isolamento.

Apesar das eleições para presidente da República e governadores dos estados, marcadas para janeiro de 1938, e dois candidatos à presidência posicionados, Armando Sales de Oliveira e José Américo de Almeida, Vargas e os políticos de Minas querem prorrogar os mandatos. Para tanto, Getúlio, aliado a militares autoritários como os generais Dutra e Góis Monteiro, começa a defender

a mudança do regime e da Constituição. Para justificar a intervenção militar, o capitão do exército e chefe do serviço secreto da Formação da Ação Integralista, Olímpio Mourão Filho, faz um plano sobre uma hipotética insurreição comunista liderada por um fictício líder comunista chamado Cohen. Assim, o general Góis Monteiro articula o plano como se fosse realmente verdadeiro. Na manhã de 10 de novembro de 1937, o Congresso é fechado e, à noite, Vargas justifica, pelo rádio, o golpe revelando sua suposta ameaça comunista. Oposicionistas, liberais, comunistas civis e militares populam a censura, as prisões, as torturas e o terror policial da ditadura.

2.28.1.3. O Estado Novo

No Estado Novo, Getúlio Vargas, auxiliado pelos militares e pela burocracia civil, consolida o poder que já vem sendo centralizado desde 1930. Com sua habilidade política, o ditador procura conciliar as pressões das forças armadas com as pressões menores, surgindo sempre como elemento apaziguador e emissor da última palavra. Ao criar um Estado autoritário e estável, subordina a ele estados e regiões, de forma que a política se estabiliza e se implementa a modernização conservadora, isto é, o Estado moderniza o país com indústrias e novas tecnologias, não fazendo o mesmo com as bases econômicas e sociais do país.

A Constituição de 1937, escrita pelo jurista e político mineiro Francisco Campos, é conhecida por Polaca, por ser inspirada na Constituição fascista da Polônia e influenciada pelas Constituições fascistas da Alemanha, Itália e Portugal. Ela fortalece o Executivo e enfraquece o Judiciário e extingue o Legislativo, pois todas as Câmaras e o Senado são fechados, os direitos

individuais e os partidos políticos são anulados. Essa Carta de 1937, na realidade, nunca é verdadeiramente aplicada, pois deve ser legitimada por um plebiscito que nunca se realiza. Ela tem por objetivo apenas fazer uma jogada política para implantação do Estado Novo:

> Baseado num falso plano de tomada do poder pelos comunistas – o Plano Cohen – em novembro de 1937 Getúlio Vargas deu um golpe de Estado, outorgando uma nova Constituição (...). Enfim, estavam criadas as bases do Estado Novo, regime que vigorou no Brasil entre 1937 e 1945. (Dreguer, Toledo, 1995, 133)

Os integralistas de Plínio Salgado apóiam o golpe do Estado Novo no intuito de ser o único partido político a compartilhar o poder com Vargas. Porém, com a extinção de todos os partidos, eles também caem na ilegalidade. Para o ditador, o vínculo com o integralismo prejudica suas manobras políticas nos níveis interno e externo. Unidos a outros dissidentes, os integralistas atacam o palácio do Catete, no dia 11 de maio de 1938. Pretendem assassinar o presidente, mas, por um telefone secreto, a central de polícia é contactada e muitos integralistas são exterminados no local. Exílios e prisões seguem o ataque, e o poder de Vargas se arrocha ainda mais.

Para planejar e intervir no sistema econômico, o presidente dá grande importância ao Conselho Federal do Comércio Exterior, que incentiva as exportações e atua na política do aço e do petróleo. O Conselho Técnico e Financeiro do Ministério da Fazenda atua na política econômico-financeira. O Estado incentiva e participa das economias urbana e rural. Defende a produção do café através do Conselho Federal do Café e incentiva outros produtos agrícolas. O Conselho Nacional do Petróleo incentiva as pesquisas petrolíferas. Constrói a

hidrelétrica de Paulo Afonso, a Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941), a Companhia Vale do Rio Doce (1942) e a Fábrica Nacional de Motores (implantada depois de sua queda), de forma que, em 1940, o valor industrial supera o rural.

Trazendo para o bojo estatal as relações entre empregados e empregadores urbanos, o Estado Novo, em 1943, sistematiza as leis existentes na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que institui o imposto sindical para fins assistenciais, impondo o controle do Estado, tanto economicamente, quanto no que diz respeito aos líderes e demais sindicalizados. Em 1940, institui o salário mínimo, regulariza o trabalho feminino e valoriza os institutos de Previdência Social.

O Estado Novo preocupa-se com a educação, aumentando o número de escolas e melhorando o nível educacional, pois a indústria crescente e a burocracia estatal exigem profissionais competentes. Para se legitimar perante a opinião pública, o Estado Novo cria, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O DIP é encarregado de toda a propaganda governamental, organiza comemorações oficiais e distribui fotos por todo o país, endeusando a figura de Vargas, cuida da censura, e veicula o programa radiofônico *A Voz do Brasil*:

> O Departamento de Imprensa e Propaganda tinha como objetivo fazer a propaganda dos atos do governo, buscando sempre exaltar a figura do presidente e, de alguma maneira, aproximá-lo das massas. Não é preciso contato físico (entre o líder e a massa) para que haja multidão. É possível hoje (...) transformar a tranqüila opinião pública do século passado em um estado de delírio ou alucinação coletiva, mediante os instrumentos de propagação, de intensificação e de contágio de emoções, tornadas possíveis precisamente graças ao progresso que nos deu a imprensa de grande tiragem, a radiodifusão, o cinema, os recentes processos de

comunicação. (Vicentino, Dorigo, 1997, 366)

Getúlio Vargas pretende construir uma siderúrgica para equilibrar a balança de pagamentos, já que o país importa muito aço. Para conseguir recursos, os políticos de uma ala mais liberal, como o ministro Osvaldo Aranha, são favoráveis a uma aproximação dos Estados Unidos; já a cúpula das forças armadas, mais autoritária, quer que o Brasil se aproxime da Alemanha. Depois da Conferência de Havana, em 1940, e da conferência dos chanceleres americanos no Rio de Janeiro, em 1942, apregoando a política da boa vizinhança do presidente Roosevelt, o Brasil resolve aliar-se aos Estados Unidos, que declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), depois que o último atacou a base aeronaval de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941. Em troca, o Brasil recebe dos Estados Unidos financiamentos para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda e da Companhia Vale do Rio Doce; reaparelhamento das forças armadas e promessa de controle sobre as bases aéreas que os EUA construirão em Natal, Recife e Belém. A espionagem alemã e as atividades nazistas começam a ser reprimidas no Brasil, e a Alemanha, em resposta, afunda navios mercantes brasileiros. A opinião pública começa a exigir a entrada do Brasil na guerra contra o Eixo. Em 1942, declara-se guerra e, em 1943, é criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar contra a Itália, sob o comando do 5º Exército norte-americano. A participação brasileira contra o nazi-fascismo incentiva a redemocratização do Brasil, que está em uma situação contraditória: externamente, luta contra o totalitarismo e, internamente, vivencia-o.

Em 1942, é fundada pelo general Manuel Rabello a Sociedade dos Amigos da América, com a finalidade de incentivar o esforço de guerra brasileiro contra o nazi-fascismo e combater os fascistas escondidos no aparelho de Estado brasileiro,

ou seja, os "quinta-coluna". Em 1º de agosto de 1944, a sociedade pretende homenagear Osvaldo Aranha, muito lembrado, à época, para a presidência da República. No dia marcado, a sociedade é proibida e seus membros presos. O ministro se demite. Em abril de 1945, no discurso de reabertura da Sociedade, que vem trabalhando pela União Democrática Nacional (UDN), o ex-ministro Osvaldo Aranha explica os ideais da sociedade de combate ao nazismo e critica, indiretamente, a ditadura e o Estado Novo.

Desde fins de 1942, a oposição liberal, formada por políticos, inclusive participantes da Revolução de 1930 e do Estado Novo, começa a se articular. Em 1943, o Eixo está praticamente derrotado. Vários juristas criticam as leis de exceção do Estado Novo num congresso nacional e no Congresso Interamericano dos Advogados. Sobral Pinto, advogado de presos políticos, entre eles Prestes, trava uma polêmica no Jornal do Commercio contra o jornalista governamental Cassiano Ricardo. Em outubro de 1943, políticos, intelectuais e juristas antitotalitários de Minas Gerais lançam o Manifesto dos mineiros, que contribui para mostrar que uma parte das elites econômicas e pensantes não está contente com o regime. Vargas ameaça aumentar a repressão, mas o regime está enfraquecendo; como exemplo, o ministro Osvaldo Aranha passa para a oposição e militares importantes afastam-se de Getúlio.

Protegido por membros do governo e das forças armadas, o escritor e ex-ministro José Américo de Almeida encontra o jornal Correio da Manhã que aceita publicar, em fevereiro de 1945, sua entrevista falando das conclusões do I Congresso Brasileiro de Escritores. José Américo fala sobre a depressão econômica, o empobrecimento das classes médias e operárias, o alto custo de vida, as aposentadorias irrisórias, a intervenção do Estado na economia, a tentativa de se prorrogar o regime, a impopularidade crescente de Vargas e o

excelente candidato e ex-tenente de 1922, o brigadeiro Eduardo Gomes. A publicação da entrevista derruba a censura e os jornais passam a publicar fatos, documentos e entrevistas que antes são censurados pelo regime de exceção do Estado Novo.

Em 1943, os dissidentes civis e militares estruturam a União Democrática Nacional (UDN) e lançam a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, apesar de não haver eleições marcadas. A UDN, como um partido de oposição das classes médias e das elites, tem o liberalismo dessas classes. As forças do regime também lançam a candidatura militar do ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra, sendo acampada pelo Partido Social Democrático (PSD), pelos interventores, outros políticos e burocratas do regime, além dos políticos municipais, que se filiam ao PSD por ser o partido das massas rurais e o partido conservador do governo:

> Foi o grande partido da república populista, que, segundo os adversários, era o partido do "Diário Oficial", preocupado apenas com a nomeação dos seus correligionários. Foi o grande partido conservador brasileiro, produzindo as velhas "raposas" da política nacional. (Cáceres, 1993, 286)

Restabelecendo a liberdade partidária, em 1945, Getúlio Vargas cria o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) para ter o apoio de dois partidos. Nascido dentro do Ministério do Trabalho, o PTB controla as massas urbanas sindicalizadas.

Com a surpreendente anistia dos presos políticos, em abril de 1945, concedida por Getúlio, Luís Carlos Prestes, preso há dez anos, é eleito secretário-geral do PC, que volta à legalidade. Nos comícios dos quais participa, Prestes elogia o povo e o presidente brasileiro por lutarem contra governos nazi-fascistas na Europa, e critica Eduardo Gomes, acusando-o de só ter fachada democrática. O PC defende uma Assembléia Constituinte com Vargas na presidência, e só lança

Yedo Fiúza para presidente por não concordar com a candidatura de Dutra.

Ninguém tem certeza se as eleições de 2 de dezembro de 1945 vão, realmente, realizar-se. Vargas faz de tudo para as prorrogar. Incentiva o PC na campanha "Constituinte com Getúlio" e o PTB na campanha "Queremismo", mas à conspiração ele prossegue. Em fins de setembro, o embaixador norte-americano Adolf Berle Jr. dá uma entrevista à imprensa defendendo a redemocratização do Brasil e a realização das eleições. No final de outubro, Getúlio nomeia seu irmão Benjamim Vargas para a chefia da polícia do Distrito Federal. Diante da quase certeza dos conspiradores de que não haverá mais eleições, o articulador da ditadura do Estado Novo e agora novo ministro da Guerra, Góis Monteiro, depõe o presidente. O presidente do Supremo Tribunal Federal assume a presidência até as eleições, nas quais Dutra, o candidato das massas, vence. Apesar de deposto e sem sair de sua fazenda, Getúlio Vargas é eleito senador por dois estados e deputado por nove estados, por ser o protegido das massas populares urbanas.

2.28.2. O Segundo Governo Vargas (1951 – 1954)

Percebendo que para voltar ao poder e nele se manter é preciso o apoio das camadas populares urbanas, Getúlio Vargas organiza e desenvolve o seu PTB. O também seu PSD está no governo com Dutra, mas Getúlio cultiva relações com os líderes oligárquicos. Em São Paulo, o Partido Social Progressista (PSP) fundado por Adhemar de Barros o apóia. Como obstáculo para sua volta ao poder, há a antipatia da cúpula militar tanto ligada a Dutra quanto ao brigadeiro Eduardo Gomes e que só aceita sua posse se ele mantiver a Constituição e as corporações militares.

A impopularidade do governo Dutra cresce a cada dia devido ao elevado custo de vida, ao arrocho salarial, à repressão dos sindicalistas e grevistas, à proibição no país do jogo do bicho e dos cassinos.

Para as eleições, a UDN lança a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, a coligação PTB-PSP lança Getúlio Vargas e o PSD lança Cristiano Machado, mas sua máquina eleitoral trabalha para Getúlio, que é eleito presidente. A UDN tenta impedir sua posse, alegando que não obtém a maioria dos votos, porém os golpistas são impedidos, inclusive por Dutra.

Sem a maioria no Congresso, Vargas assume uma postura democrática. Distribui os ministérios entre os partidos. Tentando reconciliar-se com a UDN, também lhe oferece o Ministério da Agricultura, que não é aceito, mantendo-se na oposição. O turbulento mandato de Vargas demonstra a dificuldade de manter o pacto populista sob pena de perder o apoio político das classes sociais. O presidente tem que tentar se equilibrar em uma gangorra de contradições para defender as bandeiras de seu discurso político: "interesse nacional e defesa dos trabalhadores". Como Dutra, procura ter boas relações com os Estados Unidos a fim de conseguir empréstimos. Incentiva os investimentos estrangeiros, desde que associados a capitais nacionais. Cria o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico com o objetivo de incentivar a industrialização nacional a juros baixos.

Em 1951, Getúlio envia ao Congresso o projeto do monopólio estatal do petróleo. A companhia norte-americana Standard Oil está interessada na exploração e os Estados Unidos não querem o controle do estado. No Parlamento, a UDN é contra o projeto; o PTB, o PSB e parte do PSD são a favor. Nas ruas, a campanha "O petróleo é nosso" visa pressionar o Congresso a aprovar o projeto, que é aprovado em 1953, embora a luta já tenha acirrado as divergências políticas

unesp

e militares.

Apesar de a posse de Vargas não ter sido impedida, ele não tem a unanimidade do apoio militar. A ala militar que apóia o brigadeiro Eduardo Gomes é antivarguista. Em 1948, fundou-se a Escola Superior de Guerra (ESG), objetivando preparar os oficiais-generais para a direção, o planejamento da segurança nacional e altos cargos governamentais. Na sua grande maioria são anticomunistas, pró-americanos e pró-UDN. Em junho de 1951, o Brasil é chamado a enviar tropas para lutar, aliado aos Estados Unidos, na Guerra da Coréia. Devido às baixas recompensas, Vargas não envia as tropas. Os oficiais da ESG e os anticomunistas das forças armadas condenam a neutralidade brasileira e dão origem à chamada Cruzada Democrática. Em 1952, é assinado o acordo militar Brasil – Estados Unidos, pelo qual o Brasil deve prestar auxílio automático aos Estados Unidos em qualquer ação bélica em nome do chamado "mundo livre"; e vender minerais estratégicos aos Estados Unidos, a baixo custo e sem beneficiamento. A ala nacionalista das forças armadas critica o acordo, e a Cruzada Democrática passa a combatê-la e chamá-la de comunista e antiamericana. A luta pelo monopólio estatal do petróleo aumenta as divisões nas forças armadas. As pressões para a demissão do Ministro de Guerra, general Estilac Leal, são fortes e este é demitido por Getúlio, depois de derrotado nas eleições para o Clube Militar. Seguem-se inquéritos e prisões contra os oficiais nacionalistas. Em 1953, os antivarguistas ocupam a cúpula do Ministério de Guerra, ocupando posições favoráveis a darem um golpe militar.

Getúlio Vargas lança um ambicioso plano de investimentos públicos, que é frustrado com a queda violenta do preço do café no mercado internacional. A inflação interna corrói os salários dos trabalhadores. As medidas antiinflacionárias, totalmente impopulares, tomadas por Getúlio em 1953

unesp

provocam greves que não são reprimidas pelo governo. Como reação, a burguesia se volta contra o governo. Preocupado em manter o apoio popular, o novo ministro do Trabalho, João Goulart, concede um aumento de 100% sobre o salário mínimo. Os militares anticomunistas e antipopulistas acusam Goulart de querer criar uma república sindicalista e Vargas de querer criar uma frente antiamericana na América Latina, aliado a Perón, líder populista da Argentina. Vargas demite Goulart, mas a grande imprensa continua a acusá-lo de ser "um mar de lama" e corrupto. Então, para solidificar o apoio que recebe, em maio de 1954, o presidente decreta um aumento salarial superior ao decretado por Goulart. O jornal *A Tribuna da Imprensa*, dirigido por Carlos Lacerda, ex-membro da ANL e agora udenista, faz constantes críticas pessoais e políticas ao presidente. O chefe da guarda pessoal de Vargas, tenente Gregório Fortunato, prepara um atentado contra Lacerda. O tiro atinge seu pé e mata seu guarda-costas, o major Rubens Vaz da aeronáutica. Devido à influência do brigadeiro Eduardo Gomes, a aeronáutica é radicalmente antigetulista. Instaura-se um inquérito policial-militar com o objetivo de incriminar o presidente. Pessoas ligadas ao presidente são chamadas a depor. Vargas dispõe-se a licenciar e só voltar ao poder se nada for apurado contra ele. Os militares e a UDN querem a renúncia de Vargas, que os desafia dizendo que nunca o fará. Eles lhe enviam, a 24 de agosto de 1954, um ultimato; Getúlio se suicida.

Sua última e grande manobra é o suicídio, pois os militares e a UDN, que querem o poder e Vargas fora dele, têm Vargas longe dele, mas não são eles que ficam com o poder. A divulgação da carta-testamento deixada por Getúlio cria um clima de comoção nacional. As massas populares saem às ruas chorando, apedrejando a embaixada dos Estado Unidos e jornais oposicionistas. Lacerda parecia o herói ferido, agora Vargas é o mártir. Lacerda tem que se esconder e

partir para o exterior. O PTB continua radicalizando seu reformismo, a UDN torna-se mais conservadora e golpista e o PSD coloca-se como o centro conservador.

Com a morte de Getúlio Vargas, o golpe militar é adiado por dez anos e só ocorre em 1964. [28]

2.29. A Guerra Civil espanhola

A Segunda República espanhola inicia-se em 14 de abril de 1931, com a deposição de Alfonso XIII e com o governo provisório de Niceto Alcalá Zamora, no poder até a instalação da nova Constituição. Após a aprovação da Constituição, a lua-de-mel da elite – que quer se manter no poder, defendendo a monarquia – rompe com o governo republicano eleito, Manuel Azaña. Acusam a República de querer abolir o cristianismo e, com ele, a tradição espanhola. Surgem assim a

---

Referências históricas na obra:

28. "Minha vida, parecia razoavelmente encaminhada; eu estava noivo de Alzira, uma boa moça, de família tradicional: o pai era homem influente na política gaúcha, amigo de Getúlio Vargas". (p.206)

"Estendeu-me um grosso envelope. Continha um exemplar do Diário Oficial que circularia no dia seguinte. E ali estava minha nomeação para o cargo de Chefe da Seção de Doenças Infecto-Contagiosas do Estado. Olhei-o sem entender. "Foi o próprio doutor Getúlio Vargas que autorizou" – disse, com satisfação. – "Estou tratando disto há tempo...." (p.208)

" No Brasil, depois do fracasso do levante comunista de 1935, Getúlio Vargas consolida sua posição, mas em muitos Estados – Rio Grande do Sul, inclusive –conspira-se para derrubá-lo". (p.210)

"Aí é que está. Ninguém sabe. Deve ser um agitador; um comunista decerto. Eles não aprenderam a lição da Intentona". (p.211)

"O Jornal Alerta move, através de um pasquim sensacionalista, uma insidiosa campanha contra Getúlio Vargas". (p.220).

"Fui até o hotel; lá encontrei o Saturnino, meu sogro, dois assessores do Palácio, e um mulato alto e forte, elegantemente vestido, que se apresentou como agente do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda". (p.220)

"Aquela coisa, pelo menos porque a agitação política crescia extraordinariamente, culminando no golpe de novembro – o Estado Novo". (p.245)

Confederación Española de Derechas Autónomas (CEDA), apoiada pelo Vaticano, e a *Falange Española Tradicionalista*, criada por José Antonio Primo de Rivera, filho do ditador fascista espanhol Miguel Primo de Rivera, além de críticas dos grupos de esquerda e dos militares. Segundo dizem Ortega y Gasset:

> *Hasta entonces se había usado de las ideas como de meros instrumentos para el servicio de las necesidades vitales. Ahora se va a hacer que la vida se ponga al servicio de las ideas. Este vuelco radical de las relaciones entre la vida e ideas es la verdadera esencia del espíritu revolucionario.* (*apud* Rama, 1960, 107)*

Os conflitos atingem seu auge em outubro de 1934, ao eclodir o movimento dos mineiros nas Astúrias e manifestações populares na Catalunha. O governo da República deixa a violenta repressão a cargo do chefe das Forças Armadas, Francisco Franco. A esquerda se une sob a orientação da Frente Popular – aliança entre republicanos e comunistas. As eleições de 1936 mostram um eleitorado dividido, mas a Frente Popular é a vitoriosa. Manuel Azaña é reconduzido a chefe do Estado, aprovando a reforma agrária e o aumento dos salários dos trabalhadores. Ciente da conspiração, o presidente Azaña desloca os principais generais anticomunistas para áreas distantes de Madri.

Em 17 de julho de 1936, a guerra civil se inicia no Marrocos, favorecida pela distância de Madri e pelos soldados marroquinos. Morto o general Sanjurjo, líder da rebelião militar, esta se alastra pela Espanha, o general Franco assume o comando do Exército, indo para o Marrocos. O movimento entre nacionalistas e republicanos vai atingindo proporções não esperadas. A chefia do governo é

---

* Até então se havia usado as idéias como meros instrumentos a serviço das necessidades vitais. Agora vais se fazer com que a vida se ponha a serviço das idéias. Essa guinada radical das relações entre a vida e as idéias é a verdadeira essência do espírito revolucionário.

unesp

assumida por José Giral. Em Castela, Galiza, Navarra, Sevilha, Cádiz e Salamanca, vencem os nacionalistas; nas demais regiões, vencem os republicanos. Em Barcelona, os nacionalistas são os mais fortes; em Madri, os republicanos vencem momentaneamente em uma batalha feroz no dia 20 de julho. Guarnições de toda a Espanha apoiam Franco; enquanto a população invade os quartéis e toma armas para defender a Frente Popular dos franquistas também apoiados pela oligarquia rural e pela Igreja.

A Espanha conhece, em nível nacional, um espírito de nacionalidade preexistente, mas desconhecido, pois "iniciam-se violentos combates entre milícias populares – em grande parte liderados pelos anarquistas – e o Exército". (*Almanaque*, 2000, 199)

No nível internacional, a Guerra Fratricida toma dimensões também inesperadas:

> A Guerra Civil Espanhola tem sido considerada a última guerra romântica e a última grande causa da humanidade. E não só pela participação apaixonada do povo espanhol, mas também porque homens de pelo menos 53 nações abandonaram espontaneamente suas casas para lutar ao lado dos republicanos, formando as Brigadas Internacionais. (...) apresentaram-se aproximadamente setenta mil voluntários. Mais da metade era formada por comunistas. Os demais eram antifascistas, democratas, socialistas, judeus, alemães e italianos perseguidos em seus países. Participaram ainda desses grupos cerca de cinqüenta mil espanhóis, dando origem às chamadas Brigadas Mistas, tentativa republicana para unir sob o mesmo comando, estrangeiros e espanhóis. (Meihy, Bertolli Filho, 1996, 27-8)

unesp

Nesta Guerra que se estende até 1º de abril de 1939, a União Soviética auxilia os republicanos com as Brigadas Internacionais, e a Alemanha e a Itália auxiliam os nacionalistas. Depois de muitas batalhas, como a de Madri e de verdadeiros massacres como o de Guernica, por exemplo, a Espanha ganha da opinião pública o horror pelo bombardeio de áreas densamente povoadas.

As forças republicanas entram em crise. Em lugar de Azaña desde novembro de 1936, o presidente Largo Caballero, pressionado pelos diversos grupos republicanos, pede demissão e é substituído pelo médico Juan Negrín em maio de 1937. As divergências entre comunistas e anarquistas contribuem para a desorganização e a desconfiança entre os grupos republicanos. Todos procuram o grande culpado. Falta-lhes apoio governamental, uma vez que o governo está preocupado com a defesa de Madri. As forças nacionalistas já têm o controle de dois terços do território espanhol.

Em 1938, Hitler já está envolvido na Guerra da Tchecoslováquia na Europa central e nega-se a continuar ajudando os franquistas. Stalin, advertido do perigo de guerra nas proximidades da URSS, compromete-se com Hitler a retirar sua ajuda aos republicanos. A 13 de março de 1939, iniciam-se as negociações secretas de rendição do general Casado ao general Franco e, a 1º de abril, termina a guerra civil. Com a vitória dos militares e a morte de um milhão de pessoas, implanta-se a ditadura de Franco.

O Brasil, como quase todos os países latinos, mantém-se neutro em relação ao conflito. Apesar disso, aproximadamente quarenta brasileiros – de acordo com Meihy e Bertolli Filho (1996, 61) – "filiam-se às Brigadas Internacionais como soldados e civis do Partido Comunista Brasileiro e como 'pessoas independentes,

antifascistas convictos'". [29]

2.30. O franquismo e sua queda

O General e Estadista Espanhol Francisco Bahamonde Franco (El Ferrol, 1892-Madrid, 1975), comandando a Legião Estrangeira no Marrocos (1923-1927), torna-se o mais jovem general da Espanha, em 1926. Como chefe do Estado-Maior no Exército (1933), participa da repressão à greve dos mineiros das Astúrias em 1934. É afastado pela Frente Popular, que o envia às Canárias como comandante-geral das tropas, em 1936. Em julho deste mesmo ano, após participar do levante nacionalista, é nomeado generalíssimo e chefe do governo pela junta de Burgos.

Proclamado caudilho, depois chefe de Estado do governo e do Exército, a 30 de janeiro de 1938, instaura, "ao final da guerra, um regime autoritário, teoricamente inspirado nos princípios da Falange, partido único". (*Grande Enciclopédia*, 1998, 2556)

Apoiado pelo Exército e pela Igreja, exerce os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Cria cortes (1942) cujos membros são eleitos pelas corporações ou nomeados pelo governo. Mantém o país fora da II Guerra Mundial, apesar de enviar soldados para ajudar os nazistas na invasão da URSS.

Referências históricas na obra:

29. "Em 1936, na Espanha havia uma guerra civil, prelúdio, ao que todos diziam, de um conflito mundial". (p.210)

"Agora mesmo na Espanha, trava-se uma luta sangrenta pela democracia, uma luta com a qual também estamos comprometidos". (p.227)

"(...) Débora deixou o país. Seguiu para a Espanha, onde alistou-se, como médica, nas Brigadas Internacionais". (p.245)

Em 1948, o ditador faz com que seja votada uma "lei de sucessão", segundo a qual a Espanha deve voltar à condição de monarquia, tendo-o como regente vitalício. "Em 1969, nomeia como seu sucessor o príncipe Juan Carlos, neto do antigo rei Alfonso XIII". (*Almanaque*, 2000, 199)

A atitude da Espanha franquista com relação a II Guerra Mundial, fomenta a hostilidade dos vencedores, que a isolam do restante da Europa. Sua entrada na ONU só é permitida, em 1955. Um relativo progresso econômico ocorre, a partir dos anos 60, com a ajuda financeira e militar dos Estados Unidos, favorecendo o desenvolvimento industrial e a expansão da classe média e do ensino universitário, obtida com os lucros do turismo.

Apesar da violência franquista, que inclui a pena de morte para alguns líderes estudantis, em 1964, Franco se vê obrigado a "fazer algumas concessões como, por exemplo, a libertação de muitos presos políticos desde o final da guerra civil". (Meihy, Bertolli Filho, 1996, 67)

Depois de longa doença, o caudilho morre a 20 de novembro de 1975. Nenhuma nação democrática envia representantes, com exceção dos Estados Unidos.

No longo período – desde o final da Guerra Civil, em 1939, até a morte de Franco, em 1975 – que compreende a era franquista, a Espanha vive sob a violência personalística do caudilho espanhol, ou seja, sob sua ditadura, conhecida como franquismo. [30]

Referências históricas na obra:

30. "(...) o generalíssimo Franco continua em estado de coma". (p.18)
"Franco continua em coma", (...). (p.266)
"'A propósito' – murmurou Rafael uma voz débil – 'morreu, o Franco?' 'Quem?' – o velho pensa não ter ouvido bem. 'O Franco. O general Franco.' 'Ah!' – o doutor surpreso. – 'Morreu sim.'" (p.283)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3. O Paradigma Pós-Moderno

Em coerência com o momento atual, a obra vai se apropriando da inerente multiplicidade discursiva e, sem esconder sua ruptura, vai mostrando sua composição ou sua descomposição, mas de forma consciente.

3.1. O entrelaçamento de fronteiras: junção

E.N.R.M. vai compondo no longo trajeto de suas duzentas e oitenta e sete páginas um emaranhado de discursos, confirmando o "repertório" scliariano "bastante amplo", constatado por Araújo (1987, 21). Em seu contágio, eles mais se problematizam que se auto-afirmam enquanto tais, embora sua função seria costurar com verdades e/ou mentiras os vácuos deixados entre a história e a ficção, como visto no capítulo anterior.

A transdisciplinaridade da obra contribui para que as várias facções do discurso dêem origem não a fraturas estanques com suas características fechadas em fórmulas, mas a uma obra pós-moderna, livre do rigor formal e longe da auto-suficiência de ser encaixada em uma fórmula ou em várias, uma vez que suas faces são alteradas pelas outras faces, adquirindo um novo significado enquadrado em um gênero transplural, condizente com o contexto atual.

Dessa forma, apesar de anteriomente ter se falado sobre a história inalterada pela ficção, esse turbilhão de discursos pode tanto confirmar, quanto alterar o curso historiográfico, expressando coerência com seu caráter inerente de

não seriedade e de desestruturação e sendo, assim, genuinamente, pós-moderno. Scliar, ao contrário da acusação anterior de Castelo (1992, 4), desta vez, mais experiente, mimetiza a história com a propriedade de seu estilo e, da mesma forma que em *Os deuses de Raquel*, faz "uma colagem ou uma organização intersectada, feita de fragmentos justapostos e que por força da justaposição vai estabelecendo relações de contaminação, a ponto de se poder falar em um duplo movimento conjuntivo/disjuntivo".(Waldman, 1977, 311)

A obra em questão parece querer seguir a trilha da obra proustiana, cujo "espaço ilimitado é a palavra" (Perrone-Moisés, 1992. 1) e, à semelhança do que aponta Benjamin a respeito de Proust, excede a norma em tudo:

> A começar pela estrutura, que conjuga a poesia, a memorialística e o comentário, até a sintaxe, com suas frases torrenciais (um Nilo de linguagem, que transborda nas planícies da verdade, para fertilizá-las), tudo aqui excede a norma.(Benjamin, 1986,36)

Na aquarela de discursos, convivem a história oficial, de ordem geral, nacional e local, vista no capítulo 2; a poesia, o pesadelo; o sonho atrelado à fantasia do mito; a lenda proveniente do documentário e da memória; a propaganda através de folheto, rádio; a notícia veiculada por canais de comunicação; o caso médico-político, o caso psicanalítico; a contribuição científica; a lei da física; a confissão; a sátira; a bruxaria; a lei mosaica; a rebelde filosofia judaica; a cabala; a profecia proferida, inclusive, por meio de versos e provérbios; a visão; a canção; a devoção; a informação biográfica; a carta ao leitor; o escândalo econômico; a cena proustiana.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.1.1. A poesia

A poesia, entendida aqui como texto em versos, aparece inserida dentro da prosa. Só é percebida pelo itálico do trecho que será sublinhado e pela barra que separa os versos:

> Não é um barco. É uma cama. É a cama que minha mulher e eu escolhemos numa lojinha do Bom Fim, isto há quase cinqüenta anos. Dá-me o calor, minha linda, dá-me o calor / que é o bálsamo da minha dor. Linda, talvez não, mas amável... . (p.8)

Citados em meio a reflexões do velho genealogista com relação a sua mulher, os versos aparecem meio que informais, por não se separarem da prosa, e ilegais, por não mencionarem a autoria, de forma que não é possível saber se eles pertencem a algum poeta ou ao próprio narrador-personagem, ilustrando os versos repetidos pelo povo na cotidianidade.

Os textos poéticos aparecem desde uma maneira mais informal e ilegal, como os vistos, até uma maneira mais formal e legal, como é o caso do poema *Prosopopéia*. Os versos do poeta são formalizados da maneira esperada, ou seja, separados da prosa, e é mencionada a autoria.

Antes de ler alguns versos da *Prosopopéia*, o comerciante Rafael Mendes faz para sua mulher uma breve análise do poema que ganhou de seu amigo professor de latim e aritmética e poeta, Bento Teixeira. Segundo a análise, como primeiro poeta do Brasil, Bento Teixeira dedica sua obra-prima ao governador da capitania de Pernambuco, o capitão Jorge de Albuquerque Coelho. Homenageia o Brasil, mas também canta as glórias da família Albuquerque, a fim de sensibilizar o governador para o sofrimento do povo eleito. Depois, Rafael faz a sua mulher a

leitura de alguns versos da *Prosopopéia*:

> Ó sorte tão cruel como mutável,
> Por que usurpas aos bons o seu direito?
> Escolhes sempre o mais abominável,
> Reprovas e abominas o perfeito,
> O menos digno fazes agradável,
> O agradável, menos aceito.
> Ó frágil, inconstante, quebradiça
> Roubadora dos bens e da justiça! (p.128-9)

Conforme coloca Moniz (1982, 60) "a alegoria é o veículo mais apropriado e positivo de crítica e a alegoria pressupõe transferência"; portanto, Moacyr Scliar usa de uma alegoria, que já havia sido usada por Bento Teixeira, para chamar a atenção para a questão judaica.

Folheando ao acaso o caderno de anotações esparsas de seu pai, o último Rafael Mendes, o financista, encontra também versos:

> *Malato está el fijo del rey, malato que no salvaba,*
> *siete dotores lo miran, los mijores de Grenada.*
> *Siete suben y siete abajan, ninguno le face nada*
> *ainda manca de venir el de la barba envellutada.*
> *Calentura fuerte tiene, las tripas tiene dañadas.*
> *Tres horas de vida tiene, hora y media han pasadas.*
> *En esa horica y media – hasedle bien por su alma.* (p.43)

Como observa Rafael, os versos escritos em espanhol fazem sentido, tendo em vista que seu pai foi para a Espanha. Porém, o financista nota ser um espanhol diferente, por exemplo, do que se fala em Buenos Aires. Ele não tem idéia de

onde se fala aquele espanhol, cujas palavras nunca as viu escritas ou pronunciadas em nenhum lugar. Parece-lhe um dialeto do espanhol, mas ele não sabe dialeto de qual povo. Certamente, deve se tratar do dialeto ladino, o mesmo dialeto das canções de ninar, como se pode notar na página 106 da obra. Um outro dado é que o espanhol é tão arcaico ou tão específico do dialeto que, por exemplo, a tradução ou a explicação da palavra "*envellutada*" não é encontrada em nenhum dos dicionários consultados, a saber: *Diccionario* (1950), Cavero (1977), Almoyna (1979) e Moliner (1984). Mas sabendo que "*vello*", conforme Cavero (1977, 1830), significa "pêlo, penugem do corpo e das faces", é possível deduzir apenas que uma "*barba envellutada*" seja uma barba meio rala.

Essa influência no espanhol se deve, com certeza, ao longo domínio árabe Omaiada, Almôada, etc, da Península Ibérica cuja Guerra de Reconquista vai de 718 a 1492, aproximadamente.

Abrindo novamente ao acaso o caderno, Rafael lê: "*Malato está el fijo del rey*" (p.58). Questiona que rei é esse cujo filho está doente. "O que quer dizer isso? Sim, pode ser alguma coisa como doente está o filho do rei; mas que rei?" (p.58)

Talvez o poema faça uma referência ao sultão árabe, Saladino, cujo médico é Maimônides, o melhor de Granada. Saladino, apesar de estar gravemente enfermo, ninguém lhe pode fazer nada, visto que é vítima de uma doença desconhecida. Quando ele e Maimônides chegam à conclusão de que sua doença, provavelmente, seja o cólera: os dois se põem a rir, de maneira incontrolável. Alguma coisa de bom Maimônides proporciona ao sultão, pelo menos nas suas últimas horas de sua vida; pois, quando acorda ele está morto, porém morre depois de rir muito.

Os versos aparecem ainda, em forma de frases-feitas ou de provérbios com

autoria, como é o caso dos versos do Padre Vieira citados pelo velho genealogista, Samar-Kand, a Rafael Mendes financista: "melhor profeta é aquele que é capaz de amar do que aquele que é capaz de razão" (p.65); ou sem autoria, como é o caso dos versos citados pelo ingênuo negro M'bonga, um dos assessores de Zambi de Palmares, a Álvaro de Mesquita: "de nada vale a força do leão sem a astúcia da raposa" (p.158); porém, de maneira a sempre enriquecer a trama discursiva.

3.1.2. O pesadelo

Partindo do princípio de que "o que quer que os sonhos ofereçam, seu material é retirado da realidade e da vida intelectual que gira em torno dessa realidade" (Freud, 1987, 46) e que os "pensamentos oníricos ocultos (...) só dizem respeito ao que nos parece importante e tem grande interesse para nós" (Freud, 1987, 534), então, quando há recalcamento, inibições, "as excitações inconscientes" liberam "um tipo de afeto que (...) só pode ser vivenciado como desprazer, como angústia". (Freud, 1987, 529)

Os pesadelos permeiam o sono do último Rafael Mendes, o financista. Eles também percorrem a obra e, enquanto a obra caminha, ela mesma funciona como sessões de psicanálise. Essas sessões, aparentemente sem solução, só no final culminam com um efeito terapêutico, ocasionado pelo conhecimento do passado, ou seja, pelo desterramento da história e dada a "função curativa e revigorante dos sonhos" (Freud, 1987, 107), como "mecanismos de defesa dos conflitos emocionais". (Oliveira, 1980, n.p.)

Logo no início da obra, o capítulo que trata sobre Rafael já se abre com seu pesadelo habitual, ultimamente. O pesadelo representa uma síntese

metonímica da genealogia dos Rafael Mendes, só conhecida por Rafael através dos incômodos grãozinhos oníricos:

> Os olhos do profeta? Hein? Os olhos do profeta? Não. Nem os olhos do profeta, nem as fogueiras da Inquisição, nem a caravela, nem a cabeça decepada de Tiradentes, nada disso Rafael Mendes vê, ao abrir os olhos. E no entanto foi uma noite de aventuras, de amores e de traições; foi uma noite de fogo e de sangue, de vinho e de urucum; foi uma noite de harpas e tambores. Foi uma noite que durou séculos. E da qual poderia não mais acordar; no último de uma espantosa sucessão de sonhos e pesadelos era atacado por um cavaleiro em armadura medieval que lhe apertava o pescoço com manoplas de ferro; a ponto de que não podia mais respirar; a ponto de – embora sabendo que tudo não passava de pesadelo – sentir-se morrer. (p.13)

Nessa "noite que durou séculos", coloca-se em evidência a longa duração do tempo histórico, em relação à breve duração do tempo atual, porém, a cronologia histórica, trazida para o presente pelas mãos de quem narra, ganha a duração que lhe querem dar, pois em apenas um sonho é possível retomar acontecimentos históricos de vários séculos.

O pesadelo, dialeticamente, remonta a fragmentos de um passado que Rafael desconhece totalmente e preconiza um futuro conhecimento sobre o passado que ele só terá depois de lidos o "Primeiro Caderno do Cristão-Novo" (terceiro capítulo), sobre seus antepassados, e o "Segundo Caderno do Cristão-Novo" (quinto capítulo), sobre seu pai.

Como Rafael não conhece ainda seu passado, é incapaz de compreender seu presente. O seu habitual pesadelo com o cavaleiro medieval de manoplas de ferro, querendo matá-lo, metaforiza a inabilidade do protagonista em lidar com o

presente, uma vez que não resolveu, ainda, os conflitos com o passado.

No início do último capítulo, intitulado "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo", Rafael, como de costume, tem o mesmo pesadelo. Desta vez, porém, parece que atinge sua instância apocalíptica, quando Rafael e toda a "longa linhagem dos Mendes" serão finalmente exterminados:

> Antes que amanheça surge, de entre as brumas de um sono agitado, o cavaleiro medieval. Vem em direção a Rafael que, trêmulo, o espera; e dedica-se então à sua tarefa habitual, qual seja, a de apertar com as manoplas de ferro o pescoço de sua vítima. E aperta com mais força que de costume, o que faz supor que desta vez é para valer, é para terminar mesmo com a longa (...) linhagem dos Mendes. (p.268)

A genealogia de Rafael Mendes, cujo primeiro antepassado de que se tem notícia é o profeta Jonas, retrata, através do pesadelo, seu rompimento agonizante, tendo em vista que, conforme coloca Margarido (1985, 5), esse último Rafael Mendes "só tem uma filha e que, por isso, será o último rebento dos Mendes". Ressalta-se, assim, o pronunciamento de Ciccu (1985, 117), ao colocar que "o espaço fechado, imagem do círculo, é o que predomina na narrativa de Scliar". Embora seja necessário acrescentar que, com relação ao pesadelo em questão, está sendo enfatizada a morte, o final do ciclo dos Mendes que acontece não sem o sofrimento e a dor do conhecimento.

Rafael Mendes, comerciante de ouro, como todos os seus descendentes, tem o "sono constantemente agitado por pesadelos" (p.182). Pesadelos esses provenientes do impasse existencial irresoluto entre passado e presente, entre história antiga e história atual.

Depois de extrair, arduamente, um molar com seu amigo dentista,

unesp

Tiradentes, o comerciante vai à casa do alferes, à noite. Lá, toma de um vinho, provavelmente, envenenado por uma criada espiã. Com a inflamação resultante da extração do dente e o provável envenenamento, passa duas semanas entre a vida e a morte, em meio a pesadelos.

Em seu delírio, Rafael Mendes vê, em um processo catártico, o embate entre a história ancestral e a história atual. Vê Tiradentes sendo julgado no salão inquisitorial; depois a cabeça de um Cristo que se abaixa, quando o delator, escondido, quer confirmar uma acusação; e, finalmente, a cabeça do Cristo que cai e rola até seus pés, mas para seu horror, não é mais de madeira, não é a cabeça do Cristo, é a cabeça ensangüentada de Tiradentes, que está sendo traído:

> No delírio, debate-se na cama: quer se levantar, quer avisar o alferes de que está sendo traído. A custo conseguem contê-lo. Salvem Tiradentes, ele grita, desesperado, mas ninguém sabe do que está falando. (p.169)

O pesadelo, tal qual aparece na obra, funciona como um sinalizador do que ainda não foi bem digerido pela consciência das personagens.

3.1.3. O sonho/a fantasia

Como todo final de ciclo pressupõe o início de ciclo, o "eterno retorno", "o retorno individual à origem concebida como uma possibilidade de renovar e regenerar a existência daquele que a empreende" – como diz Eliade (1972, 74-5), a obra termina com uma espécie de mito de origem. O último Rafael Mendes, o financista, de olhos fechados, está à espera não de pesadelos, mas de sonhos,

confirmando a tese de Freud (1987, 45) de que "os quadros oníricos contêm aquilo que o homem em estado de vigília já pensa":

> Espera pelo sono que virá; e pelos sonhos... Não os olhos do Profeta, nem as fogueiras da Inquisição, nem a cabeça decepada de Tiradentes, nem o guerreiro medieval, nem a sacerdotiza de Astarté, nem Habacuc, nem Eliézer, nem Naomi, nem nenhum dos essênios, Velhos ou Novos; nem Maimônides, nem Saladino, nem Bandarra, nem Colombo, nem o Inquisidor-Mor, nem Afonso Sanches, nem o cacique, nem Pombinha, nem os índios; nem Bento Teixeira, nem Vicente Nunes, nem Joseph de Castro; nem Frans Post; nem Felipe Royz; nem Manoel Beckman, nem João Felipe Bettendorf, nem Maria de Freitas, nem Gracia Tapanhuna; nem Álvaro de Mesquita, nem Zambi, nem M'bonga, nem os quilombolas; nem Bartolomeu Lourenço de Gusmão, nem Bárbara Santos, nem Pedro Telles; nem Diogo Henriques, nem Isabel Henriques; nem o bandeirante cego; nem Garibaldi, nem Anita; nem a doutora Débora, nem o Micróbio, nem o doutor Saturnino, nem o jornalista do Alerta, nem o Padre João de Buarque, nem Sepé Tiaraju; nem nenhum dos muitos Rafael Mendes que jazem sob a terra, ossos e pó, pó e ossos; nada disto verá; verá, isto sim, um menino em roupinha de marinheiro a espiá-lo, sorridente, por entre os ramos da Árvore da Vida. (p.287)

De posse do conhecimento histórico, desconhecido até antes de saber de sua genealogia, Rafael sente-se apto para entender o presente já que solucionou seus conflitos com o passado, ou seja, "transforma um passado pelas miragens do presente, inscrevendo-se em múltipla temporalidade". (Jozef, 1981,4)

A Rafael, cabe "a perplexidade, a perplexidade de gerações" (p.287). Com o conhecimento de seus antepassados, ele, finalmente, liberta-se desse traço peculiar a todos os Rafael Mendes, perpassando, insistentemente, toda essa longa genealogia de indivíduos "esquisitos", do ponto de vista de seus observadores, e

unesp

"perplexos", do ponto de vista deles mesmos. Há retrospectiva histórica, mas por estar calcada em um conhecimento nítido do passado, ela acontece livre de culpa e da remota perplexidade.

A situação agora se reverte porque não há mais a involuntariedade dos pesadelos históricos e inconscientes: "(...) esses pesadelos, essas medonhas visões. De onde vem isso? Rafael não sabe, não tem a menor idéia" (p.13-4) dos pesadelos históricos e inconscientes, mas a voluntariedade dos sonhos atuais e conscientes: "Rafael Mendes deita-se, fecha os olhos. Espera pelo sono que virá; e pelos sonhos...". (p.28)

Segundo o pensamento de Jung (*apud* Pacheco, 1959), ao se buscar as origens, o que se procura é o "renascimento" que por sua vez abre arestas para o "retorno ao paraíso perdido e à infância" como possibilidade "de um novo ciclo vital, quem sabe mais fecundo".

Nos sonhos que Rafael aguarda, está impressa a figura de um menino sorridente. A marca do novo ciclo vital não tem mais a amargura dos espectros cúmplices do passado: "Vocês, judeus, são amargos..." (p.278), e, sim, a alegria de um menino inocente do presente.

A marca do início do novo ciclo que se abrirá revela-se na figura do "menino". A esperança, a alegria do novo se mostra na qualidade de "sorridente". A trajetória judaica, marcada pela condição de aventureiros, peregrinos e, finalmente, escorraçados, deixa-se entrever em sua "roupinha de marinheiro". O não conhecimento do futuro se mostra na visão unidimensional, dada pelo ato de "espiar", de uma criança inocente.

O "menino" que vai nascer espia Rafael Mendes, pois, por associação, nascerá a partir de todos os Rafael Mendes. Tem-nos como raízes, mas já faz parte de seus "ramos". E os "ramos" pertencem não à lendária "Árvore do Ouro", mas à

unesp

"Árvore da Vida". É bom lembrar que nesta nova lenda há uma dupla idéia de eternidade, pois só a palavra árvore – segundo Cirlot (1984, 99) – já remete à "vida inesgotável" equivalendo "à imortalidade".

Ao se reiniciar o ciclo, substitui-se o mito. Pois, como diz o índio Sepé Tiaraju ao Padre João de Buarque (p.233), a Árvore da Vida dá a eternidade, ou seja, simboliza, de acordo com Chevalier (1989, 84), "o aspecto cíclico da evolução cósmica: morte e regeneração", assegura a característica cíclica à genealogia dos Mendes; genealogia que renascerá com um menino, conforme se espera de uma linhagem machista, proveniente da cultura bíblico-judaica. Essa genealogia só de homens: Jonas, Habacuc, Maimônides e todos os Rafael Mendes, acaba, ciclicamente, com a filha do último Rafael Mendes: Suzana, ou seja, morre com uma mulher, e se reiniciará com o provável filho de Suzana, mas um homem.

O menino, ao espiar sorridente Rafael Mendes por entre os ramos da Árvore da Vida, revela não a libertação da arqueológica perplexidade – "E, como Jonas, os Mendes se caracterizaram pela perplexidade: o que está acontecendo? O que aconteceu? O que vai acontecer?" (p.77) –, fruto do castigo por também procurarem a riqueza, a Árvore do Ouro – "Como outros, procuraram a Árvore do Ouro" (p.77). Mas revela, paradoxalmente, a superação dessa perplexidade por uma "perplexidade diferente" (p.284), daí o menino estar "sorridente, por entre os ramos da Árvore da Vida", pois encontrou não a árvore do dinheiro, mas a árvore da paz de espírito buscada pela genealogia dos Mendes: "(...) mas com muita convicção; na verdade, à riqueza teriam preferido a paz de espírito, a tranqüilidade". (p.77)

Os Mendes, provenientes de uma raiz da Árvore do Ouro, da riqueza e, conseqüentemente, da perplexidade, esperam encontrar através de seu ramo, o "menino", a Árvore da Vida, a eternidade e, conseqüentemente, a tranqüilidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Pensando na Árvore da Vida como metáfora do ciclo genealógico dos Mendes e, conseqüentemente, da eternidade, pode-se renovar a cauda e ampliá-la para a dimensão cíclica do próprio ato de escrever, conforme aponta Poulet, ao falar da repetição, na obra de Proust:

> *Lo que retorna a luz del día, lo que revive, no son solamente los acontecimientos y los personajes: es la totalidad de la novela misma que, de alguma manera, una vez que se acaba, se acaba sobre la apertura de una obra todavía no escrita, pronta a nacer o más bien a renacer, y que no puede ser más que la repetición total de la obra ya escrita. Es un relato que recomienza, idéntico a sí mismo, a partir del momento en el que parecía que debía acabar.*(Poulet, 1975,236-7)*

No sonho, está implícita a idéia de repetição e, portanto, de ciclo, mas não apenas para ser imaginada e, sim, vivida em meio à fantasia.

3.1.4. O mito

Engrossando a gama de sonhos e fantasias, tem-se também, no decorrer de toda a obra, a esperança de dias melhores, ou/com muito dinheiro.

Os amigos dos Rafael Mendes são quase sempre judeus ou, quando não, são defensores dos judeus. De forma geral, os amigos, com mais freqüência, e os Rafael Mendes junto com alguns de seus familiares, com menos freqüência,

---

* O que retorna à luz do dia, o que revive, não são apenas os acontecimentos e as personagens; é a totalidade do próprio romance que, de alguma maneira, uma vez que se acaba, acaba-se com a abertura de uma obra ainda não escrita, pronta para nascer, ou melhor, para renascer, e que não pode ser mais que a repetição total da obra já escrita. É um relato que recomeça, idêntico a ele mesmo, a partir do momento em que parecia dever acabar.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

buscam a realização de seus sonhos e fantasias através da concretização de seus mitos.

Para Jung (*apud* Patai, 1974, 29) o mito corresponde a "elementos estruturais coletivos da psique humana em geral".

Esses mitos, frutos dos anseios coletivo-culturais, presentificam-se, na obra, através do mito de uma sociedade melhor, do mito da América como paraíso perdido e do mito da Árvore do Ouro. E, como coloca Zilberman (1981, 13), se "o mítico sempre retorna, é porque nunca havia sido abandonado".

Em *E.N.R.M.* há o mito de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, mais avançada, tecnologicamente, e mais tolerante, religiosamente. Do grupo dos defensores deste mito fazem parte Bento Teixeira (p.128), Vicente Nunes (p.130), Joseph de Castro (p.134), Padre Antonio Vieira (p.140), Manoel Beckman (p.145), Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão (p.159), Diogo Henriques (p.162), Tiradentes (p.167-8), Garibaldi (p.180), o índio Sepé Tiaraju (p.232-3), Débora (p.245) e Boris Goldbaum (p.255).

Uma sociedade em que "as pessoas tinham a pele rósea e os olhos úmidos de emoção" – como diria Joseph; "um mundo de igualdade, liberdade e fraternidade" – como diria Tiradentes; que "prazer será a palavra de ordem" – como diria Garibaldi; e que as pessoas "pairarão sobre as cidades e vilas, bem acima do ódio e da intriga, da mentira e da corrupção" – como diria o Padre Gusmão.

Há o mito da América como paraíso perdido, lugar onde reina a harmonia, a paz e a inocência, em meio ao convívio social. Dos partidários deste mito fazem parte, sobretudo, os Rafael Mendes e seus descendentes: Jonas (p.83), o cartógrafo (p.110), o comerciante (p.123) e o financista (p.264); além do sapateiro Bandarra (p.107), de e Boris Goldbaum (p.279).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Jonas contende com Jeová, que, ao invés de mandar-lhe a uma terra pecaminosa, poderia ter lhe enviado a uma terra paradisíaca e de gente inocente, onde seria fácil ser profeta. O sapateiro Bandarra, em Portugal e a serviço da família Mendes, conhece esse mito através de uma visão tida, a partir do olho de um novilho dos Mendes, representando o "*oeil jamais endormi de la conscience*" (Jung, 1961, 271)*. O Rafael Mendes, cartógrafo, ainda em Portugal, tem esse mito influenciando suas fantasias. Seu filho, o Rafael Mendes, comerciante, já no Brasil, vive esse mito ao ver sua concretização nas praias brasileiras, cheias de pássaros e de índios, longe das fogueiras inquisitoriais. O Rafael Mendes, financista, encontra esse mito pintado/cristalizado na parede de sua casa-prisão, por meio de uma paisagem sem habilidade. Boris, juntamente com Suzana, filha do último Rafael Mendes, também têm esse mito em suas fantasias, mas já para ser vivido não no Brasil, mas em um lugar distante, tendo como primeira escala o Uruguai. Pelo fato de a última manifestação desse mito se atualizar nas fantasias de Boris e Suzana, já marca o início de um novo ciclo dos Mendes, em um lugar longínquo, como o Uruguai, por exemplo, para onde eles vão primeiramente; não se esquecendo de que esse país está na América, e o mito, em questão, é o mito da América como paraíso perdido.

O importante a ressaltar é que, de uma forma ou de outra, a vivência desse mito refere-se sempre aos Mendes, e a essência da ilustração é sempre a mesma:

> Um país de belas paisagens (uma baía, é o que ele imagina, uma linda baía, ondas quebrando na praia de areias muito brancas; coqueiros, aves coloridas em revoada, céu de azul glorioso) habitado por gente amável (homens, mulheres e crianças, de tez bronzeada, rosto pintado de cores

* olho jamais adormecido da consciência

> berrantes, adornos de plumas nos longos cabelos negros) e sem pecado. (p.83)

Há, na obra, ainda um terceiro mito, que é o da Árvore do Ouro ou, "se não a Árvore do Ouro, a riqueza que o ouro pode comprar" (p.38). Do grupo fazem parte Boris Goldbaum (p.38); o pai de Jonas (p.78); Eliézer (p.91); David, o irmão de Maimônides (p.94); Cristóvão Colombo (p.111); Afonso Sanches (p.126); Felipe Roys (p.140); Álvaro de Mesquita (p.155-6); Bento Seixas (p.171); e Micróbio (p.231).

Quem sempre possui o segredo, o conhecimento, enfim os meios de consegui-la, direta ou indiretamente, são sempre os descendentes dos Mendes. Esse poder eles desprezam, mas, porque o possuem, são sempre objeto da ambição de seus amigos ou familiares e acabam ficando em situações complicadas. Como, por exemplo, Jonas foge, devido à pressão do pai, e é tragado pela baleia; o filho do Rafael Mendes, cartógrafo, é preso pela Inquisição, por causa do envolvimento de seu pai com Colombo; o último Rafael Mendes vai parar na cadeia, devido ao golpe financeiro de Boris; etc.

Sonhando com o mito da Árvore do Ouro também há Joseph de Castro, Tiradentes e o índio Sepé Tiaraju. Mas não são incluídos nesse grupo por se tratarem de "aventureiros" que a encontrando "só pensam em se apossar das sementes para vendê-las" (p.38) – como relatará a história da Arbor Áurea (item 3.1.5) –, mas se tratam de personagens partidárias do mito de uma sociedade melhor que vêem na riqueza apenas um meio para concretizar seu sonho coletivo.

O único dos amigos dos Rafael Mendes, partidário dos três mitos, é Boris Goldbaum, amigo e patrão do último Rafael Mendes. Rafael sempre o tem na conta de vigarista, de safado "aquele judeuzinho pequeno e magro, de olhar

brilhante e sorriso "levemente irônico" (p.51) para quem tudo se resolve assim:

> (...) num almoço, num jantar, numa festinha íntima; com um telefonema para o Rio, ou para Brasília, ou para Nova Iorque ou para Zurique; com uma gorjeta, polpuda ou não; com um presente, caro ou não. (p.48)

Boris integra aí o grupo dos ambiciosos perseguidores da Árvore do Ouro, pura e simplesmente. Depois, Rafael, desconfiado, toma conhecimento de que Boris se integra no grupo dos defensores do mito de uma sociedade melhor; pois, embora seu ex-corretor, o Júlio, tenha lhe roubado trinta mil dólares antes de suicidar-se, Boris diz a Rafael que é preciso "respeitar a memória dele" (p.57). Porém, os dólares, segundo Boris soube depois, eram falsos, e Rafael não consegue chegar a uma conclusão em relação a Boris. Mas, conforme Rafael fica sabendo depois, há funcionários na Pecúnia S.A. que consideram muito Boris por ele ter ajudado em momentos difíceis. Então, Rafael conclui que, apesar da longa vivência com ele, "decididamente, há coisas que as listagens de computador não revelam" (p.45). E, finalmente, Boris integra-se também no grupo do mito da América como paraíso perdido. Dos amigos dos Rafael Mendes, é o único a partilhar esse mito com os Mendes, pois será quem vai reiniciar ou, pelo menos, compor o ciclo genealógico, casando-se com a filha de Rafael Mendes. Boris atualiza, como muitos outros, as crenças e anseios que impulsionam a esperança de sobreviver e de viver.

3.1.5. A lenda (o documentário/a memória)

A lenda, que também aparece tanto através de documentário quanto em forma de memória, presta-se a reforçar a ficcionalidade ou a veracidade da teia

discursiva.

À Pecúnia S.A., com seus três mil e seiscentos metros quadrados, o magnata Boris sempre quis passar uma imagem de solidez e sobriedade.

Fazendo uma alusão ao sobrenome de Boris, Goldbaum – pois para ele "um nome, ou sobrenome, pode condicionar um destino" (p.38) – o emblema da empresa é uma árvore dourada em campo azul com a legenda Arbor Áurea.

No centro do Salão da Moeda, em uma redoma de vidro com intensos refletores, há a pequena Árvore do Ouro de tronco grosso e rugoso e escassas folhas, exibindo os grãos de ouro em suas favas entreabertas. Em uma placa de acrílico há a sua história:

> (...) a Árvore do Ouro é uma das três árvores mencionadas na Bíblia, as outras duas sendo a Árvore da Vida e a Árvore da Ciência do Bem e do Mal. Diferente destas, a Árvore do Ouro não estava no Paraíso, mas sim em algum ponto do vasto território que se estendia a leste do Éden, a espera de que a encontrassem homens destemidos e empreendedores. A Árvore do Ouro (...) deve seu nome ao poderoso tropismo que têm suas raízes pelo precioso metal. Elas buscam avidamente os filões subterrâneos, infiltrando-se nas rochas mais duras. Solubilizam o minério, mediante a secreção de certo líquido, absorvem-no; o ouro dissolvido circula na seiva, deposita-se nas sementes das favas, que com o tempo transformam-se em grãos do mais puro ouro, perfeitamente esféricos. Embora a Árvore do Ouro dure milênios, o número delas não chega hoje provavelmente a uma dezena. Isto porque os aventureiros que por acaso a encontram só pensam em se apossar das sementes para vendê-las. O que não sabem é que estas sementes têm, surpreendentemente, capacidade de germinar, gerando – verdade que após longo tempo – novas Árvores do Ouro. A sabedoria, a paciência, o descortínio são assim regiamente recompensados. (p.37-8)

A lenda que, direta ou indiretamente, percorre toda a narrativa é a causadora da ambição que, por sua vez, impulsiona o caminhar da ficção e da história, problematizando-as. Pois é sua função, uma vez que sua localização não está, como a Árvore da Vida e a Árvore da Ciência do Bem e do Mal no paraíso, e sim a "leste do Éden", à espera não de homens inocentes e passivos, mas de homens ousados e destemidos.

A lenda dos essênios e de seu lendário tesouro aparece como uma extensão da lenda da Árvore do Ouro.

Os essênios, vivendo em meio a "jejuns, preces, meditação" (p.87), levam uma vida dura e casta, esperando o seu Messias cuja chegada "será comemorada com um grande, fantástico banquete" (p.88) e com a doação a ele do tesouro dos essênios.

Mas porque "a cobiça envenenou-lhes a vida" (p.92), Eliézer entrega-os (os essênios) junto com seu tesouro aos romanos, em troca de sua amada Naomi e de parte da riqueza. Mas Habacuc mata Eliézer e foge com Naomi que leva parte das jóias. Ao fugirem, porém, em alto mar uma voz profetiza contra Habacuc:

> Teu crime não passou despercebido (...). Por causa dos teus pecados e de outros, um deus morreu, Habacuc. Por castigo, teus descendentes vaguearão pelo mundo, até que a palavra dos Filho da Luz seja ouvida. Entendido? (p.93)

Fica impressa, assim, na obra, a temática de Scliar, proveniente do mito universal, de que "ser judeu significa a crença do eterno recomeçar". (Jozef, 1981, 98)

São desses velhos essênios (cristãos-velhos) que surge a seita dos Novos Essênios (cristãos-novos) dos quais a rebelde filha de Rafael Mendes faz parte,

apesar de ser alheia a sua origem.

Um grupo de jovens, vivendo em comunas ou não, acreditam num cristianismo misturado ao paganismo. Cristo tem identidade masculina e feminina e com a conjunção carnal com ele/ela "chegam à verdade, o orgasmo representando então a paixão, a morte e a ressurreição" (p.16). Usando longas túnicas e sandálias de couro cru, proseliticamente, abordam as pessoas, na rua, a fim de expandirem sua fé.

Além de pincelada a lenda de Dom Sebastião, a obra trata também da lenda das tribos perdidas de Israel, atualizada nas histórias do Pajé, de Zambi e de Sepé Tiaraju. À semelhança do que diz Ismael (1991, 4) sobre a obra scliariana "*Cenas da Vida Minúscula*, na lenda são extraídas alegorias do cotidiano desde os tempos do rei Salomão cujo resultado é a asfixia diante de um projeto histórico, cultural e religioso irrevogável".

Quando o primeiro Rafael Mendes, comerciante, e Afonso Sanches chegam ao Brasil, fugidos da Inquisição portuguesa, passam a viver entre os índios. O velho pajé os cumprimenta em hebraico e lhes conta que são descendentes dessas tribos, contando-lhes a lenda que um dos filhos do rei Salomão queria ter acesso ao harém. Proibido para não cometer incesto com sua mãe, que não sabia quem era, conspira contra o pai e subleva uma parte da guarda. Salomão vai voando em forma de pássaro e, ao voltar em forma humana, domina-os e os coloca com suas famílias em um navio sem leme, "sábio castigo para quem havia perdido o rumo" (p.124). Os hebreus perdidos, por fitarem o sol, ficam com os olhos estreitos e a tez bronzeada. Já não falam mais o hebraico, mas em cada geração um é encarregado da guarda dos rolos da Lei. Quanto à circuncisão, fazem o *brith milá*, mas com uma concha e sem a antiga habilidade.

Rafael Mendes, comerciante, e Álvaro de Mesquita, ao serem capturados

pelos negros fugitivos de Palmares, são levados à presença de Zambi. Ele só não os mata porque se lembra de algo que lhe calou fundo no espírito, quando conhece, ainda na África, um judeu negro, Menelik. O errante Menelik lhe diz que seu ilustre antepassado é filho do rei Salomão e da rainha de Sabá. Nascido na África, ele vive dos treze – época em que se torna *bar-mitzvah* – até os vinte e cinco anos na corte de seu pai. Salomão, mandando-o de volta, dá-lhe de presente uma cópia das Tábuas da Lei, que Menelik troca pelas verdadeiras. Dessa forma, os negros são "os verdadeiros guardiões da palavra divina". (p.152)

A atualização dessa lenda ainda continua na do índio Sepé Tiaraju ou de "São Sepé", como a denomina Lessa (s.d., 103-10), isto é, há uma lenda dentro de outra: a lenda das tribos perdidas de Israel dialogando com a de São Sepé, nascida dentro do contexto da Guerra Guaranítica. Dentro de um documentário denominado "Memória da Igreja de São Tolentino" (p.231), o Padre João de Buarque conta sobre sua missão divina, revelada por São Tolentino, o processo árduo da construção da igreja, a catequização passiva dos índios guarani, o ataque dos castelhanos, a aparição de uma doença misteriosa e a valentia e rebeldia do índio Sepé Tiaraju "de porte varonil, fronte alta e bronzeada" (Lessa, s.d., 103). Contestador, ele critica a construção da igreja, ao invés da de uma fortaleza; o encontro com a Árvore da Vida, ao invés da Árvore do Ouro; a felicidade bárbara, ao invés da castração civilizada; e a implantação da palavra divina, ao invés da simples manutenção da mesma. Quando o Padre João diz que os portugueses trouxeram aos indígenas a palavra divina, o índio ironiza o argumento do padre, contestando:

> (...) palavra divina? A palavra divina já estava conosco, padre. Não esqueças – tu mesmo o disseste – que somos uma das tribos perdidas de Israel, que descendemos do Rei Salomão. (p.233)

Como o próprio Scliar (1985, 8) diz, muitos escritores latino-americanos procuram "dar voz àqueles que não a têm, fazendo de suas histórias a História que a versão oficial deturpa ou pasteuriza".

3.1.6. A propaganda

A propaganda aparece pontilhando a obra tanto de forma mais sinalizada, quanto de forma mais diluída, porém sempre introduzida de maneira a retalhar o texto. Admirador de Mário Quintana, quem Moacyr Scliar (*apud* Zilberman, 1985, 11) considera "um homem que conjuga uma capacidade de filosofar, de pensar sobre o mundo, sobre as coisas"; utiliza-se também das coisas do mundo, como a propaganda, para filosofar sobre o mundo pós-moderno.

Mais sinalizadamente, as campanhas publicitárias da Pecúnia S.A. fazem apelos ao sexo feminino, do tipo: "(...) em Pecúnia, você investidora, é tratada com carinho todo especial" (p.40). Rafael Mendes, financista, lembra-se do entusiasmado anúncio que descrevia seu apartamento à época da compra: "('Espetacular apartamento em aristocrática zona da cidade com deslumbrante vista', etc)". (p.19)

De forma mais diluída, encontra-se a propaganda, mesmo que em pequenos excertos, compondo a massa textual nas reflexões de Rafael sobre a cozinha de seu apartamento: "Vai até a cozinha (ampla e moderna cozinha) e, sob o olhar inquisidor das empregadas pega o telefone interno" (p.22). Na obra, o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

trecho entre parênteses vem em itálico. A propaganda, de forma diluída, aparece, ainda, nas irônicas cogitações de Rafael sobre o seu quarto na prisão especial:

> (...) para cenas de maior mobilidade, há um televisor, verdade que P&B, verdade que apenas de 16 polegadas; sem antena externa; sem controle remoto; fabricado na Zona Franca de Manaus (...). Em resumo, este aposento, que tem até banheiro, poderia ser o quarto de um hotel de duas talvez três estrelas (dependendo da condescência do funcionário da Embratur). (p.264)

E as reflexões aparecem, porque, como diz o narrador no início da obra, "essas coisas, por corriqueiras que sejam, sensibilizam Rafael Mendes" (p.16), além de que, na obra scliariana, conforme ressalta Silverman (1982, 170), "a característica fundamental de Scliar é a ironia vibrante, intensa, própria de sua espécie particular de parábola contemporânea". Dessa forma, a propaganda aparece, através de folhetos, de rádio e de pessoas, a fim de mostrar a irônica dialética humana, por meio dos diferentes canais.

3.1.7. O folheto

O folheto, como no documentário sobre a "Memória da Igreja de São Tolentino", presta-se para trazer à luz a história, a lenda e ainda a propaganda de religiões e de outras ciências, confirmando que Scliar é um dos escritores brasileiros mais criativos dessa geração, segundo as palavras de Jozef (1978,99): "(...) podemos considerar Moacyr Scliar um dos escritores mais criativos do momento literário brasileiro", e de Gomes (1989, 8), "(...) Moacyr Scliar,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

considerado um dos mais criativos escritores brasileiros desta geração".

O último Rafael Mendes, o financista, está indo para o trabalho, quando uma moça da seita dos Novos Essênios, vestida como a filha, aborda-o no sinal fechado. Estende-lhe um folheto que Rafael já sabe do que se trata:

> (...) é uma história em quadrinhos contando a história de um ateu ("Eu não acreditava nada. Só queria dinheiro e poder") que se converte ("Voltei aos braços do meu doce Jesus") e fica feliz ("... e fiquei feliz"). (p.34)

Um outro folheto faz o apelo das profissões do velho genealogista, colocando o vínculo entre presente e passado, que por constituir-se de sua roturas, delineia a unidade complexa do indivíduo no presente. Assim apela o folheto, já amarelado:

> Leia até o fim! Poderá lhe ser útil! Ciências ocultas – genealogia – quiromancia – grafologia – astrologia – frenologia – radiestesia – transmissão de pensamentos – curas pelo espírito. A genealogia é uma ciência positiva. Quem foi seu pai? Quem foi seu avô? Os antepassados determinam nossa sorte – os vivos serão sempre e cada vez mais governados pelos mortos. Traga fotos antigas – cartas – cadernos – documentos da família. Consultando o Professor Samar-Kand poderás saber os fatos mais importantes. Também alquimia. Cabala, a ciência dos números (...). Modernos tarôs. Se V.S. vive desanimado, tem perturbações espirituais em demanda, separações, dificuldades em vencer na vida, etc, não esqueça: Professor Samar-Kand tem a solução. (p.49)

E o folheto, depois de trabalhar com seus objetos apelativos, traz explicitada a definição do objeto de sua venda, isto é, a definição de genealogia:

"A genealogia é uma ciência positiva. Quem foi seu Pai? Quem foi seu avô? Os antepassados determinam nossa sorte...".(p.49); porém, sempre, revivando a comunicação social.

3.1.8. O rádio

O lançar mão do rádio, como de tantas outras modalidades, explica-se pela "divisão interior" e essencial "que dilacera" os judeus-brasileiros, "provocando sua infelicidade", segundo Zilberman (1982, 8), pois eles fazem parte "de uma comunidade em cortes de experiência e cultura", segundo Ramos (1973, 3), uma vez que, na condição de imigrantes ou de filhos de imigrantes europeus de descendência judaica, vivendo no Brasil, estão atrelados à três culturas: judaica, européia e brasileira.

Assim que Rafael Mendes, o financista, liga o rádio pela manhã, ouve uma indagação que fica sem resposta por um corte de energia: "Está você preparado para a grande aventura de sua vida?" (p.16). A mesma indagação se repete por mais três vezes e, como Rafael já supõe, é o anúncio de um loteamento:

> (...) trata-se de um loteamento à beira-mar em Santa Catarina, próximo a Laguna. Lugar de sonho. A brisa do mar, o encanto da paisagem, etc., tudo por uma módica prestação. (p.25)

Mas até que o locutor não dar a resposta, Rafael fica a se perguntar de que grande aventura se trata:

> De que grande aventura se trataria? De uma viagem ao redor do mundo, numa frágil caravela? De uma exploração espacial? De uma

> expedição à Africa? De um encontro com mulher misteriosa? De mergulho no passado em busca de espectros infantis ou mesmo de raízes históricas? De sondagem do futuro num audaz exercício de prospectiva? Não, claro que não. Deve ser um loteamento na praia. Ou um novo modelo de automóvel.(p.17)

A pergunta propagandística: "Está você preparado para a grande aventura de sua vida?"(p.16) aparece de forma ambígüa, uma espécie de antecipação do enredo. Indícios, assim, aparecem em vários outros momentos da obra, como é o caso dos pesadelos de Rafael, do poema "*Malato esta el fijo del rey...*" (p.43) e de reflexões de Rafael: "Já estaria inscrito no rol das coisas arcaicas o incidente. Só que estas coisas voltam. Voltam sempre". (p.20)

Celina Cordeiro, ex-Miss Rio Grande do Sul e ex-mulher de um rico industrial, é uma figura conhecidíssima na sociedade, Boris a contrata como uma espécie de relações públicas da financeirae sua tarefa consiste em fazer contatos, descobrir investidores potenciais e ricos fazendeiros, no que se sai muito bem, garantindo, assim, as interrelações entre os seres, no mundo, uma vez que elas são, por natureza, entrecortadas.

3.1.9. A notícia

Em *E.N.R.M.*, aparecem várias notícias, que chegam até Rafael, o financista, via rádio, TV, jornal, bilhete. E a todas elas Rafael reage "duro; estóico" (p.197), com a problematização dos perplexos.

Segundo Hecker (1973, 4), Scliar vai captando os contrastes injustos e os vai dourando "com uma frase polida e modesta e uma graciosa fantasia".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O rádio noticia toda sorte de notícias; desde as locais até as internacionais. No decorrer de toda a obra, há uma incômoda notícia sobre o coma prolongado do General Franco: "O generalíssimo Franco continua em coma" (p.18). A informação perturba Rafael, a ponto de levá-lo a murmurar sozinho que "não pode deixar de se espantar com a resistência do ditador"(p.18). Ouve suas empregadas comentarem:

> Que coisa (...) como esse homem está durando. Verdade (...), esse pessoal antigo tem muita resistência (...). Bem (...) mas durar demais também não tem graça, a gente precisa deixar lugar para os outros (...) aquilo não é vida. (p.19)

Rafael tem vontade de perguntar a elas então: "E o que é vida?" (p.19)

Caminhando paralelamente com a história dos Mendes, a resistência do ditador espanhol em morrer parece refletir, além de sua longa ditadura, a resistência e o poder do final de um ciclo com a proposta, inclusive, do "eterno retorno":

> Franco continua em coma. Continuará em coma, de certo, até que Rafael chegue ao centro, e no dia seguinte e no outro, e no outro, gerações se sucedendo... Está aí, pensa, uma boa idéia para um livro. (...) aí está um romance que gostaria de ler, a história de um homem, que mesmo em coma, mantém seu poder. (p.33)

E.N.R.M. está centrada no final da longa linhagem dos Rafael Mendes, que não é sem dor nem sofrimento que termina para reiniciar o ciclo novamente, como ilustram as ponderações de Zambi sobre os judeus:

> (...) mas impressiona-o a força deste povo, a sua persistência, o apurado instinto de sobrevivência que os leva a se introduzir na sociedade por todos os poros possíveis, por minúsculos que seja, para, uma vez dentro do corpo social, ocupar espaços tornando-se indispensáveis e progressivamente incômodos; até que são expulsos, o ciclo então recomeçando noutro lugar. (p.152)

O caudilho espanhol só morre no dia 20 de novembro de 1975, dia em que a narrativa termina e que está nos planos de Boris e Suzana reiniciarem uma nova vida em lugar de idílica paisagem como Montevidéu, por exemplo.

A notícia do coma de Franco está diretamente relacionada com o médico Rafael Mendes, pai de Rafael. Como reflete Rafael: "Franco, Espanha: o pai" (p.25) e se dá conta o Dr. Raul Castellar quando Rafael lhe pergunta se Franco morreu: "(...) Morreu, sim. Por que o senhor pergunta? (...) Por causa de seu pai, claro" (p.283). Pois seu pai abandona tudo: a família, os amigos, a clínica, o cargo no governo e vai para a Espanha onde a guerra civil está no auge, onde a ditadura franquista está nascendo.

Quando Rafael e Boris já estão na cela especial, a notícia do coma de Franco, naturalmente, é comentada na TV. O estranho é que no "noticioso" (p.266) não se dá nenhuma notícia sobre a prisão deles: "É um fato suficientemente importante para merecer destaque a nível não só local, como nacional". (p.266)

O emprego do termo "noticioso" já mostra as dissimulações do noticiário ressaltando ou omitindo os fatos de acordo com os interesses da classe dominante. Como se pergunta Rafael: "Será mais uma safadeza de Boris?" (p.271)

A TV, ao ser desligada, deixa na tela um ponto luminoso. Por estar já quase no final da obra, o ponto luminoso remete não a uma simples antecipação,

mas à lembrança dos acontecimentos daquele dia e de todos os outros; à, praticamente, "uma síntese história de extraordinário brilho" (p.266), como conclui Rafael.

Rafael recebe, junto com as coisas de seu pai, um bilhete no verso do folheto sobre as habilidades do Professor Samar-Kand. O bilhete menciona haver, além das coisas que está mandando, outros objetos e documentos interessantes para Rafael. Apesar de agora saber da existência de alguém em Porto Alegre que lhe possa falar sobre o pai, suspira se perguntando: "Quem será, esse tal Professor? O folheto sugere um vigarista; o que teria o pai a ver com um vigarista?" (p.49)

O médico, pai de Rafael, em meio ao complicado caso de uma vanguarda do MST (Movimento dos Sem-Terra), no qual a política se funde à medicina, encontra um bilhete de sua mulher Alzira dizendo que foi passar uns dias na fazenda com a mãe e levado o Rafaelzinho. Ao médico, não lhe agrada tal atitude, uma vez que "logo, logo estariam comentando" (p.225), sobre a ausência da esposa e do filho.

O mesmo Rafael Mendes ao chegar ao Hospital de Isolamento, fica sabendo, por meio do bilhete de uma enfermeira destinado a sua supervisora, que Débora injetou-se sangue do paciente em coma, vítima de uma doença não identificada. Estarrecido e chegando a se sentir mal – "(...) eu chegava a me sentir mal, tonto". (p.236) – perante a notícia, Rafael pergunta a Débora por que fez aquilo.

Nota-se que, perante a adversidade, os Rafael Mendes agem com uma contida perplexidade, fazendo gerar uma problematização, um questionamento, apesar de embrionário. Como é o caso do Rafael Mendes, médico, que, mesmo ignorando sua descendência judaica, sente certa atração pelo exótico, pelo

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

misterioso, pelo paradoxal; certa perturbação ao passar por uma sinagoga, uma sensação de dissimulação; uma perplexidade:

> Não a perplexidade do olho arregalado, da boca aberta e do queixo caído; uma perplexidade menor, embrionária; mas inquietante, de toda forma; inquietante o suficiente para demandar auxílio de um guia de perplexos, se disponível. O que não acontecia. (p.191)

A notícia, de forma clara ou apenas sugestiva, induz à herança de comportamentos, os mais recônditos possíveis.

3.1.10. O caso médico-político

No romance há um caso, não breve, mas longo e complicado, em que os problemas da medicina se emaranham aos da política.

Segundo um longo bilhete que Kurt Schnitzel pede para o jornalista do *Jornal Alerta* entregar ao médico Rafael Mendes, um homem conhecido por Ruivo é estudante e militante trotskista de Berlim, fugitivo para a América e sob a mira das autoridades. No México e depois no Peru, ele é preso por querer sublevar os índios a fim de se libertarem do jugo branco, escreve vários livros sob o pseudônimo de B.Traven e foge para o Brasil, onde encontra um grupo de compatriotas, também fugitivos, e o persuade a fundar uma nova república nas ruínas das Missões, com a adesão dos índios locais. É denunciado, provavelmente, por membros do movimento nazista; ameaça, então, revelar tudo que sabe sobre o nazismo na América Latina, indicando, inclusive, nomes importantes do governo e do mundo dos negócios.

As manchetes dos jornais dizem: "Intrusos prometem resistir" (p.210). O rádio noticia que os intrusos se entrincheiram nas ruínas da antiga igreja de São Tolentino, localizadas nas terras de Saturnino, bisneto do famoso Coronel Picucha, degolador de seus inimigos, usando a cabeça deles como bola de ludopédio – como dizem os "causos".

Essa notícia de rádio, segundo Rafael, "mudou o rumo de tudo. De tudo mesmo, como eu viria a constatar depois" (p.213). É uma antecipação do que acontecerá: o médico Rafael Mendes deixará tudo e irá para a Espanha atrás de Débora (que se alista como médica das Brigadas Internacionais na Guerra Civil), a fim de se certificar se a ama, pois, na qualidade de perplexo questionador, desde que a conhece, ele se pergunta: "Eu a amava?" (p.197). A mesma pergunta que aparece na obra, até mesmo, via notas de rodapé. E é em busca da resposta que parte para a Espanha.

À época da invasão, Débora é médica da região. Devido a uma doença desconhecida que mata vários intrusos, Rafael lhe pede para acompanhar o caso mais de perto e, com isso, traz a médica judia, definitivamente, para mais perto de suas indagações amorosas. Além de que Rafael, por meio de seu percurso existencial, também é trazido definitivamente para o centro do "retrato" e da "complexidade" que fazem "a representação do Brasil moderno". (Zilberman, 1988, 4)

Através de uma mensagem de rádio-amador, Débora transmite:

> Nas ruínas, encontrou toldo improvisado – dentro, no chão, dezessete cadáveres de índios, homens, mulheres e crianças – alguns ainda quentes, indicando morte súbita – manchas azuladas e amareladas na face, no tórax, nos braços – um, o branco, está vivo. (p.214)

unesp

Débora conduz Ruivo ao Hospital de Isolamento, em Porto Alegre, e, a despeito do desdém dos grandes da medicina por ser médica, mulher e judia, empenha-se ao máximo no caso em nome de sua altivez e perseverança de semita e da sempre almejada consagração na medicina. Discute o caso com outros médicos, consulta tratados de medicina dos quais faz anotações:

> Em 1898, Renard, nos Annales de l'Academie de Médécine, menciona cinco casos de uma doença febril e com manchas multicolores (...). Em 1902, V.Kranz, numa comunicação ao Instituto de Doenças Tropicais da Universidade de Berlim faz menção a uma doença febril com manchas amareladas e azuladas (...). Em 1912, num editorial do *Journal of Tropical Diseases, Allen e Dunswick* fazem um comentário sobre o Riu-riu, curiosa doença ocorrendo em aborígenes da Polinésia e por estes atribuída à maldição da serpente sagrada. Manchas multicolores... febre... delírios místicos (...). (p.221)

Apresenta o caso em uma sessão clínica da Faculdade. Devido à tensão de Débora, Brito, o presidente da mesa, aproveita-se da situação para acusá-la de não comprovar nenhuma doença nova. Os grupos conspiradores da queda de Getúlio Vargas, também presente, aproveitam para promoverem sua campanha contra o presidente, usando, como meio, seu amigo pessoal, Saturnino, quem acusam de envenenamento do poço de água utilizado pelos invasores.

Estudantes proferem violentos discursos contra, Getúlio com gritos de "abaixo a ditadura" (p.227), aplaudidos por uns e vaiados por outros. O velho médico comunista, Dr.Artêmio, faz um comício:

> Por que se é envenenamento, meus senhores, temos de esclarecer os fatos! Já se passou o tempo em que, neste país, os crimes ficavam

> impunes. O mundo quer justiça, senhores. Agora mesmo na Espanha, trava-se uma luta sangrenta pela democracia, uma luta com a qual também estamos comprometidos. É nosso dever descobrir o que está por trás disto! (p.226-7)

O Dr.Artêmio faz circular um abaixo-assinado pedindo para tirar o doente do Hospital de Isolamento.

O Dr.Micróbio estuda, mesmo antes de Fleming, os antagonismos entre fungos e bactérias e isola uma substância, que, coincidentemente, denomina penicilina. Convencido de que é a droga do futuro, pensa em abastecer o mercado nacional antes dos americanos. Aguarda para demonstrar seu experimento em uma situação dramática como aquela: caso difícil e curioso tanto para os médicos quanto para o público. O Dr. Micróbio, então, aplica várias doses em Ruivo.

De maneira sensacionalística, os jornais vão noticiando cada fato até que Ruivo, depois de seu período de coma, falece. O *Jornal Alerta* tira uma edição extra, dizendo entre outras coisas que:

> (...) o doente tinha sido cobaia para experimentos com uma droga estrangeira; levantava de novo a hipótese de assassinato, acusando diretamente Saturnino. (p.244)

Então Saturnino, procurando se defender e defender seu amigo, Getúlio Vargas, denuncia à imprensa que o jornalista do *Alerta* é amante de uma enfermeira do Hospital de Isolamento e assinala as ligações do jornal com os grupos conspiradores da queda de Getúlio. Mas a coisa (o caso médico) vai morrendo, ao contrário da agitação política: "Aquela coisa, pelo menos, porque a agitação política crescia extraordinariamente, culminando no golpe de novembro – o Estado Novo" (p.245). Mostra-se que as células dos problemas sociais se

adicionam e se dividem, para gerarem novos problemas, porém, mais complexos.

3.1.11. O caso psicanalítico

A psicanálise está presente na obra, embora, como relata o médico Rafael Mendes, "naquele ano, 1935", é "ainda novidade". (p.203)

Ao terminar a faculdade, a persistente Débora tenta de tudo, buscando a sua auto-afirmação e a glória da descoberta na medicina. Depois de mais uma tentativa fracassada – na qual, ao fazer um transplante de um coração mecânico, seu ajudante se atrapalha e é bombado gasolina ao invés de sangue no garoto, além de o ajudante se golpear com uma marreta de ferro, produzindo faíscas e um incêndio que destrói o pavilhão e incendeia o corpo – Débora vai parar em uma clínica psiquiátrica.

Não é o fim de suas manias, pelo contrário, do contato com os doentes mentais, ela sai do hospital convicta de que o futuro da medicina está na psiquiatria. Vai para Buenos Aires, a fim de iniciar-se nos segredos da psicanálise, com o Dr.Ernesto Finkelman, "(judeu, naturalmente; todo o mundo dizia que psicanálise era coisa de judeu)". (p.203)

Aquela coisa de psicanálise, estranhamente, inquieta o médico Rafael Mendes. Lembra-lhe magia, cabala e ele não sabe o que tem a ver com cabala.

Em Buenos Aires, Finkelman lhe diz que não há estágio e não há curso em psicanálise e, para se tornar psicanalista, terá que se analisar primeiro, em um processo longo e difícil. Ele, porém, não tem horário para os próximos três anos.

Débora não se dá por vencida. Senta-se em uma praça em frente ao consultório do psicanalista e, de súbito, vê, no andar de cima, uma placa: "Aluga-

unesp

se" (p.204). Aluga a sala e faz um orifício no assoalho, a fim de ver o que Finkelman faz com seus pacientes. Um jovem agitado e de olhar esgazeado deita-se no divã, sem falar nada. Depois de algum tempo, diz estar sentindo cheiro de queimado. O psicanalista também sente. Só então, Débora percebe que ateou fogo em velhos papéis, por ter esquecido seu cigarro aceso, revelando o "*cómico*" scliariano "*en medio de tragedias*" (Bollinger, 1987, 87)*. Volta para Porto Alegre e, como qualquer médico, começa a freqüentar as enfermarias, já que pretende ir para o interior com a mãe.

O discurso psicanítico da obra objetiva mostrar que o rigor científico tem como função, muitas vezes, revelar a comicidade da condição humana.

3.1.12. A contribuição científica

As descobertas científicas na obra são várias. Vão desde projetos, invenções, descobertas e experimentos, até textos, objetos e traçados, enriquecendo a ciência e a tecnologia. Shüler (1975, 97) diz que Scliar confere uma nova dimensão ao quixotismo, ou seja, "substitui este saudosismo quixotesco por um profetismo quixotesco".

O professor Samar-Kand diz ao financista Rafael Mendes que tem um projeto de "uma bola de cristal eletrônica, a ser operada pelo próprio consultante" (p.64). Os sensores eletrônicos captam, através da mão, características sobre a saúde, a fortuna e a linha da vida. Através dos calos, são reveladas características sobre a profissão. A presença de anéis, o tamanho e pressão dos dedos, a

* cômico(...)em meio às tragédias

temperatura das mãos são elementos psicológicos importantes a serem processados em minicomputadores e transformados em visões do futuro. Pensa também em introduzir, em Porto Alegre, o horóscopo e a árvore genealógica por computador, em linguagem Cobol ou linguagem Fortran.

Tais quais os projetos do genealogista, há projetos de aviões, de Joseph de Castro (p.134), Manoel Beckman (p.145), Álvaro de Mesquita (p.153), e Tiradentes (p.167); de submarinos, de Joseph de Castro (p.134), Álvaro de Mesquita (p.153), e Tiradentes (p.167); de esquistossomose, de Artêmio (p.213); de Chagas, de Artêmio (p.213); de máquinas para substituírem o árduo trabalho humano, de amigos de Colombo (p.112), Joseph de Castro (p.134), Manoel Beckman (p.145), Álvaro de Mesquita (p.153), e Tiradentes (p.167); da fundação de uma Nova Jerusalém, de Bento Seixas (p.170), Rafael Mendes, fazendeiro (p.175); de relógios, de amigos de Colombo (p.112); da imprensa gráfica, de amigos de Colombo (p.111); de elevadores, de Álvaro de Mesquita (p.153); de laboratórios para produção de Árvore do Ouro, de Tiradentes (p.167), e Rafael Mendes, fazendeiro (p.175); de lastro de moeda, de Álvaro de Mesquita (p.154).

O padre Bartolomeu de Gusmão constrói "um balão suficientemente grande para transportar pessoas, carga" (p.158). É uma plataforma de madeira de vinte léguas de comprimento, batizada com o nome de Passarola. Nela poderão ser construídas casas, escolas, oficinas, sinagogas. Haverá lugar para reservar água e plantar hortaliças e árvores.

Há outras invenções como a do microscópio, por Joseph de Castro (p.134); do telescópio, por Joseph de Castro (p.134), e Garibaldi (p.181); da telepatia, por Joseph de Castro (p.134); do jogo de xadrez, por Colombo (p.112); da prensa manual, pelo padre Bartolomeu de Gusmão (p.158); do coração mecânico, por Kurt Schnitzel (p.202); do jogo de ludopédio, por Rafael Mendes, cartógrafo

(p.117).

O profeta Jonas, na frieza e no escuro do ventre do grande peixe, encontra duas pedras de sílex e trapos velhos. Produzindo faíscas, inflama os trapos e faz uma fogueira sobre uma base de areia e pedras. Quando a fogueira se apaga, ele nota uma lâmina de material transparente. Jonas faz a descoberta do vidro, mas disto não se dá conta. Há até a explicação do processo químico:

> (Muito simples: as pedras com as quais Jonas tinha armado a fogueira eram – mas ele não sabia disto – de soda, carregamento de um barco engolido pelo peixe. A soda e a areia, pela ação do fogo, tinham se transformado em vidro.) (p.80)

Como Jonas, há outros descobridores. Maimônides descobre a cólera, doença que vem da água (p.102).

Kurt Schnitzel experimenta o implante de um coração mecânico em um cão com insuficiência cardíaca (p.202). Micróbio experimenta sua penicilina (p.237).

Igualmente, Débora experimenta um coração mecânico em um jovem (p.202-3); uma nova droga em hipertensos (p.201); holofotes para iluminar o corpo e diagnosticar por meio das sombras (p.201); plantas aquáticas para extrair substâncias diuréticas (p.201); balões intra-abdominais para levantar órgãos caídos (p.201); câmara de ar rarefeito para tuberculosos (p.201); cartilagem de roedores para artrite (p.201); hidrogênio para grandes queimaduras (p.201); brânquias de peixe para câncer de pulmão (p.201).

Há também na obra trabalhos sobre medicina – "uma monografia intitulada Cálcio e Phosphoro: Algumas Considerações sobre seu Papel no Metabolismo dos Seres Humanos" (p.198), com a qual Débora participa em um

concurso de um laboratório farmacêutico para estudantes de medicina. Textos de História – "A Inquisição em Portugal e no Brasil. O Ciclo da Cana de Açúcar e outros. Um caderno, com anotações" (p.23). encontrados na caixa que é enviada ao Rafael Mendes, financista; e um acervo de História "Brasiliana, principalmente, mas também História Universal" (p.44), adquirido da mãe de Rafael pelo dono de um sebo. Textos sobre a arte do amor – "a respeito das modalidades orientais do coito" (p.47).

Objetos – a mãe de Rafael doa ao dono boquiaberto de um antiquário uma coleção de toda sorte de objetos curiosos: "mapas antigos, astrolábios, sextantes, telescópios, bússolas, retortas, ampulhetas, clepsidras" (p.44); à medida que adentra a casa do genealogista, Rafael vê estantes atulhadas de livros e objetos os mais curiosos – "inclusive o esqueleto de uma cobra e três cabeças de bonecas. As paredes estão cobertas de quadros: mapas celestes, símbolos do zodíaco, a Árvore da Vida tudo um pouco vulgar". (p.64)

Traçados de heráldica – o pai de Rafael explica que, sendo um aficionado da genealogia, para chegar às raízes de sua família, os Mendes, estudou inclusive os brazões em talheres, baseando-se em vários indícios:

> (...) no século doze figurava no escudo d'armas dos Mendes a efígie de uma baleia, no qual o típico esquicho tinha sido substituído por uma árvore estilizada – a Árvore do Ouro, sem dúvida. A associação da baleia com a lenda que acompanhou por gerações a família é certamente muito sugestiva. (p.77)

Folheando ao acaso, o caderno de anotações que vem com as coisas de seu pai, Rafael vê pequenos desenhos: "armas antigas (o arco e a flecha, a maçã, a alabarda), brazões, bandeiras" (p.43); o emblema da financeira onde Rafael

trabalha, encomendado a um especialista de heráldica, faz uma alusão ao sobrenome de Boris Goldbaum: "é uma árvore dourada, em campo azul, com legenda Arbor Áurea". (p.37)

Traçados de grafologia – vendo a letra do pai nas anotações do caderno, Rafael a encontra absolutamente comum, mas talvez um grafólogo possa lhe revelar algo mais sobre o caráter do pai, sua súbita partida:

> Seu pai, apesar de médico, era na verdade um guerreiro potencial. Note, ele corta violentamente o t – como quem maneja uma espada (...). Trotsky tinha uma letra parecida (...). (p.42)

O Rafael Mendes, cartógrafo, tem freqüentes discussões com seu pai, calígrafo de profissão, para quem a caligrafia é superior, uma vez que é uma arte muito prezada no século XV:

> As letras, afirmava o velho, são símbolos bem definidos, codificados, têm o rigor da lógica. Mas, além disto, permitem exercícios de imaginação: no traçado das volutas, por exemplo podes ver desde o bailado das chamas até a imagem da serpente; ou, se quiseres, os sinuosos caminhos do destino. Destino que muitas vezes está contido numa simples letra. No traçado do A, por exemplo, tu sobes, tu desces; de um golpe, tu cortas; e aí tens, em três movimentos, o resumo de uma vida. (p.109)

Ao trazer as situaçãoes mais obtusas possíveis para o campo científico, pretende-se despriorizar algumas situações, em prol da relativização, pois tudo pode contribuir e ser passível de explicação científica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.1.13. A lei da física

Em vários pontos da obra, a fim de esclarecer tudo, aparecem, disseminadas, até, as leis da física, como acontece, também, na obra *O Centauro no Jardim*, que, de acordo com Medina (1987, 132), "esta fábula às vezes coxeia mesmo na sua preocupação de tudo contar, de tudo explicar e de todas as objecções vindas da verossimilhança e dos hábitos realistas do público servir resposta condigna, aceitável".

Quando o Rafael Mendes, comerciante, é preso pela Inquisição em Portugal, os seus sofrimentos nas masmorras inquisitoriais, a fim de confessar práticas judaizantes, são descritos, por exemplo, através do potro. Nele a vítima é deitada nua, então, o carrasco aperta as cordas, o prisioneiro reage gritando de dor e o grito desencadeia outras reações:

> O grito assusta um canário, colocado numa gaiola A, e o faz esvoaçar desesperado. Um gato, colocado no ponto B, abaixo da gaiola, salta, tentando alcançar o canário. Um cão tenta correr no encalço do gato; está preso, contudo; suas patas fazem mover uma esteira rolante, C, cujo movimento transmite-se, por um jogo de engrenagens, a um macete de madeira, D, que golpeia o prisioneiro na cabeça. Na realidade, como observa o inquisitor-inventor aos visitantes, é o próprio prisioneiro que se pune: quanto mais culpado, mais grita, mais o canário esvoaça, mais o gato pula, mais o cão corre, mais a esteira gira, mais o macete golpeia. (p.117)

O coração mecânico inventado por Kurt Schnitzel funciona do seguinte modo:

> (...) os batimentos do coração enfermo, recolhidos pelo tambor de um estetoscópio, A, aplicado ao peito enfermo, faziam variar a pressão dentro de um sistema de tubos de borracha, B, acionando uma espécie de acelerador de alta precisão C, o qual injetava mais ou menos gasolina no motor à explosão, D, que movia os pistões da bomba. O sangue do paciente, desviado a princípio para um frasco-depósito, E, era re-injetado no paciente pela bomba, F. (p.202)

Quando Toledo vai à casa-prisão, a mandado do Ministro da Fazenda, dizer para Boris resolver a situação da Pecúnia S.A., Boris, que não está interessado, fica cada vez mais zombeteiro, enquanto que Toledo fica cada vez mais inseguro:

> Num gráfico, a Curva 1 – corresponde a níveis de zombaria de Boris – e a Curva 2 – idem, para insegurança de Toledo – são quase que paralelas, e fortemente ascendentes. (p.274)

Na cela dividida por Rafael Mendes, financista, e por Boris, depois de este ter lhe contado sobre sua desilusão pelas mentiras do mundo da economia e seu amor por Suzana, Rafael levanta-se e dá uns passos em direção à cama do outro:

> (...) três, para ser exato. A distância que separa as camas sendo de dois metros e vinte centímetros e medindo cada passo de Rafael sessenta centímetros, ele poderia atingir a cama do outro no quarto passo, o que não acontece: ele de repente vacila (...), e cai, não para frente, o que lhe permitiria atingir seu objetivo (supondo que a cama de Boris fosse o objetivo; supondo que o próprio Boris fosse o objetivo...). (p.279-80)

Nota-se que nos detalhes dos inventos científicos e das atitudes das personagens, está presente a física para tudo explicar.

3.1.14. A confissão

A confissão aparece de forma irônica, revelando que, atrás de uma suposta religiosidade, há, muitas vezes, intenções não muito boas.

O judeu Pedro Telles, de péssima reputação, quer usar o invento do Padre Bartolomeu de Gusmão para capturar índios e outras coisas. Quando o recém-ordenado sacerdote recusa indignado sua indecorosa proposta, Pedro Telles manda buscar, em Recife, uma meretriz para seduzi-lo e conseguir os planos da Passarola.

A bela jovem quer confessar ao padre certos pecados "tão terríveis que nem no recinto sagrado da igreja pode mencioná-los. Pede que o padre a receba em seus aposentos particulares" (p.161), Bartolomeu de Gusmão, ingênuo e até orgulhoso por ser sua primeira confissão, aceita. A cortesã não tem a menor dificuldade em seduzi-lo e depois, enquanto ele, embriagado, dorme, ela foge com os projetos precursores do avião.

Segundo Scliar (*apud* Leite, 1989, 5), o humor melancólico de seus livros é, na realidade, "uma forma irônica de reclamar, de revelar desconformidade".

3.1.15. A sátira

Apesar de ter como meta denunciar, a sátira, em *E.N.R.M.*, mostra também a denúncia recalcada, em função do trágico.

Os conflitos entre a comunidade judaica do Recife e Joseph de Castro,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

definitivamente, estouram quando ele publica um livreto chamado *As Criaturinhas do Açúcar*. Conta que o açúcar é artigo de luxo na Europa, porque adoça a vida insípida dos holandeses e os engorda: "Os holandeses", em especial, "gostam de rostos rechonchudos e corados e de ventres prósperos e traseiros generosos", como retratam os artistas plásticos "Rembrandt e Hals" (p.137). Nas mesas batavas, em meio às finas iguarias, sobressaem-se os doces, grandes energéticos para a conquista de terras:

> O açúcar dá-lhes a energia de que precisam para conquistar terras onde será plantada mais cana, que lhes dará mais açúcar, que lhes aumentará as forças. (p.137)

Um sonhador, que despreza os bens materiais, mira um cristal de açúcar e vê "seres humanos em miniatura, que se alimentam exclusivamente de açúcar. São judeus; Jeová castigou-os por seu orgulho, reduzindo-os a proporções insignificantes" (p.137). Mais adiante, fala de um nobre que manda construir uma cidade toda de açúcar. Até os peixes têm a "carne esbranquiçada" e "doce" o "sangue" (p.137). Temendo um dilúvio, "castigo de Jeová por seu capricho", deixa permanentemente "um gigantesco guarda-chuva branco (...) aberto sobre a cidade". (p.137)

Há uma sátira corrosiva que não poupa nem seus patrícios – pois segundo Joseph diz: "A gente da nação vendeu-se por açúcar" (p.135) – nem os holandeses, tolerantes religiosamente com os judeus, por causa de sua habilidade comercial.

Como se pode ver, em relação à sátira "o ataque é a sua marca indelével, a insatisfação perante o estabelecido, a sua mola básica" (Moisés, 1984, 470). A rebeldia, porém, custa a Joseph sua marginalidade social e religiosa, a princípio, e

vital, ao final, característica, muitas vezes, comum aos escritors de sátira.

3.1.16. A tradição mosaica

A rigidez dos preceitos bíblico-judaicos do Velho Testamento de Moisés aparecem, na obra, como punição do rebelde Joseph de Castro.

Reagindo à irreverência de Joseph, a comunidade judaica, revoltada, queima em praça pública centenas de exemplares do livreto, apedreja a casa de Joseph, insultando-o em plena via pública e cospe quando ele passa. Com a intercessão do Rafael Mendes, polidor de lentes, os notáveis da comunidade fazem uma reunião de várias horas, à portas fechadas, e lavram a sentença:

> (...) absolveriam Joseph de Castro de seus crimes, desde que se submetesse à humilhação pública. Deveria entrar na sinagoga vestindo roupas de luto, com uma vela negra na mão. Declararia perante a comunidade estar sinceramente arrependido. Receberia trinta e nove chicotadas; ficaria prostrado à porta do templo para que todos, saindo, pisassem nele. (p.138)

Como Joseph não se humilha e se joga no mar, ele é enterrado no cemitério judaico, "mas ao pé do muro, como suicida" (p.139), exemplificando bem o rigor da lei mosaica.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.1.17. A bruxaria

A obra de Scliar ilustra desde questões mais formais, como as científicas, até as mais prosaicas, revelando as crenças do povo, como a bruxaria.

Maria de Freitas, a Maria-Arde-lhe-o-Rabo, é uma feiticeira frustrada que nunca foi, realmente, iniciada nas artes da magia, branca ou negra. Tudo o que sabe é de ouvir falar.

Confecciona em cera a efígie de uma vizinha odiada, espetando alfinetes, mas a vizinha até engorda, ao invés de morrer. Seu mau-olhado sobre as plantações só faz a cana e o tabaco crescerem viçosos, ao invés de levitar. Na esperança de voar, galopa com a vassoura, projetando-se cheia de fé para o alto: "lá vou eu!" (p.142). Cai, miseravelmente. Tenta prever o futuro, observando vísceras de animais e, onde outros vêem a previsão do tempo, a marcha de exércitos vitoriosos, a cotação do açúcar da Bolsa de Londres ou Amsterdam, ela vê apenas a moela de um galo, apesar de o galo ser preto, de boa caça e abatido de acordo com os preceitos rituais. Resta-lhe comer a moela cozida.

Nunca é convidada para os sabás das bruxas e nada consegue em suas tentativas de se comunicar com os mortos, apesar das repetidas visitas a cemitérios, em noites de sexta-feira. De boa-vontade se entregaria aos íncubos e outros demônios, pois anseia pelo grotesco pênis deles, imagina-o grande e avermelhado. Rolando na cama, murmura, ardente:

> (...) venham, demônios venham me possuir, venham que sou gostosa de traseiro. Não apareciam; muito menos o Diabo, a quem almejava beijar o rabo, o osculum obscenum sendo o grande sonho de sua vida. Invocava-o em vão: *"Eko, eko, Azarak! Eko, eko, Zamelak! Eko, Eko, eko"*. (p.142)

O que mais deseja, e jamais aparece, é a marca do diabo estampada em sua carne. Maria-Arde-lhe-o-Rabo acredita que só da conjunção carnal com Manoel Beckman conseguirá mágicos poderes, além de gozar muito. Uma noite, transtornada pelo desejo, ousa bater-lhe à porta, precisando falar com ele, em particular. Embaraçado por não ser hora, dirigem-se ao curral. Deixando cair as roupas, "tem o rosto enrugado, os seios murchos, a bunda caída (...). Tudo o que resta são pelancas" (p.146). Abraça-o, fremente, dizendo: "Sou tua, mago! Possui-me!" (p.143). Bequimão olha-a, espantado e ultrajado; friamente, ordena-lhe que se vista e nunca mais o procure.

Coerentemente com a bruxaria, no qual a marca do fantástico está explícita, os episódios dão margem também ao grotesco que, segundo Moisés (1984, 266) "muitas vezes confunde-se com o fantástico", além de ressaltar duas forças poderosas da obra de Scliar, segundo Couto (1991, 8): "imaginação e veia cômica".

Ao contrário de Maria-Arde-lhe-o-Rabo, sua escrava Gracia-Tapanhuna, uma negrinha tonta, consegue tudo o que Maria tanto almeja e sem o menor esforço. Prevê chuva, o céu estando azul, e chove, faz engravidar mulheres estéreis, colocando-lhes apenas a mão no ventre. Dá sorte a jogadores e é capaz de secar a perna de um gordo com apenas um olhar de viés. Quando quer, eleva-se ao ar, um palmo ou mais, e tem relações sexuais com demônios pelo menos duas vezes por semana, inclusive nos dias santos de guarda. E ainda diz a Maria de Freitas: "Ah, Dona Maria, se a senhora soubesse como é bom, dizia a respeito, revirando os olhos". (p.143)

Ursula Albernaz é outra bisca que, segundo Maria-Arde-lhe-o-Rabo, esteve com ela no degredo, antes de irem para o Maranhão. Ursula quer um lugar na Junta do Governo, pois pretende oficializar suas bruxarias: "(...)se possível

criará até o Ministério da Feitiçaria para ser entregue a um mago qualquer, seu preposto".(p.146)

Como ressalta Marin (1996, 214), a obra de Scliar prioriza duas grandes tradições: "*celle du réalisme magique latino-américain et cette de l'humour fantastique des conteurs du shtetl de l'Europe de l'Est*"*, ressaltando, muitas vezes, o folclore popular.

3.1.18. A rebelde filosofia judaica

Em *E.N.R.M.*, a filosofia judaica, ao exigir posturas e repostas não convencionalizadas, mostra-se rebelde por ser questionadora.

O rebelde judeu, Joseph de Castro, quase não tem amigos, não encontra mulher que o ature, não sai de casa, não vai a festas. Mesmo em alegres celebrações que suscitam a tradição bíblico-judaica, como o Purim, a festa da Rainha Esther, não sorri como todos, à lembrança do castigo inflingido pelo Rei a seu cruel ministro Haman, algoz dos judeus da Pérsia e precursor, de certo modo, da Inquisição.

Aprecia os filósofos da nação, citando frases de Michel Eyquem de Montaigne: "Sou tão aferrado à liberdade que, se me proibissem o acesso a qualquer recanto das Índias, já isso bastaria para que vivesse até certo ponto descontente". (p.132)

Preza, sobremaneira, o rebelde Uriel da Costa, pregador de um judaísmo de livre consciência.

---

* a do realismo mágico latino-americano e a do humor fantástico dos contadores de histórias do leste europeu

Corresponde-se com Baruch Espinosa, à época residente em Amsterdam, onde na escola Árvore da Vida e na Academia da Coroa da Lei conhece a obra de Maimônides. De Espinosa, Joseph adquire "a paixão pela liberdade e o horror à superstição" (p.133). Continua a lhe escrever, mesmo depois que o livre pensador é excomungado pela comunidade judaica de Amsterdam, por causa de um longo e escabroso processo, cuja sentença final, calcada na severidade da lei mosaica, é transcrita por Espinosa:

> Pela decisão dos anjos e julgamento dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch Espinosa... Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito quando deita e maldito quando levanta; maldito quando sai, maldito quando regressa... Ordenamos que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas; que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele. (p.133)

Zombeteiramente, Joseph comenta que está lendo algo escrito e transcrito por Espinosa e acrescenta: "(...) cometo um grave pecado, mas como poderia eu saber que cometo este pecado sem ler a carta de Espinosa?" (p.133). Conforme coloca Bortolotti (1991, 48), "a ironia de Scliar mostra por trás da fantasia a amarga denúncia".

Um famoso antepassado dos Mendes, Moisés ben Maimon ou Maimônides, perde-se em divagações sobre: "O que vem a ser a condição humana? Qual a relação entre Deus e o universo?" (p.94). Com o duro golpe da morte de seu irmão, Maimônides, trancado no quarto, escreve sua obra-prima: "*O Guia dos Perplexos*" (p.95). Procura orientar-se a si mesmo e a outros, sobre as grandes questões acerca da vida e da morte, não aceitando as explicações convencionais.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Nessa obra, preconiza-se a aplicação da lógica aristotélica à própria religião judaica. O que deixa os judeus mais ortodoxos perplexos, por serem sempre desconfiados com as modas gregas, perguntando-se como a lógica pode estar na religião. O próprio Maimônides, questionador, pergunta-se: "Pode haver algo mais profundo, algo que não esteja no plano da consciência a explicar o que acontece? Ou forças supra-individuais, leis históricas?" (p.100)

O Guia dos Perplexos, do médico-filósofo, assim como as obras de seus compatriotas, exemplificam bem essa filosofia, rebelde por não aceitar e por questionar.

3.1.19. A cabala

Aliado ao tema do judaísmo, também há a cabala na composição da narrativa.

O judeu Joseph de Castro, com seu afetado gosto pelo irreverente e pelo paradoxal, mantém relações com gnósticos, rosacruzes e pedreiros-livres.

Conhece os trabalhos dos antigos judeus cabalistas do Languedoc. Seu pai é descendente do famoso Isaac, o Cego, de quem leu "*A Demonomania dos Feiticeiros*" (p.133). Leu, também, "um tratado sobre as virtudes dos números e o poder das estrelas" e "as profecias de Michel de Nostredrame, Nostradamus" (p.133), de Jean Bodin.

Tentando inicia-se na arte cabalística, a feiticeira Maria de Freitas almeja fazer uma união com Manoel Beckman, o Bequimão, pois crê que a ascensão do cristão-novo sobre os maranhenses se explica por Beckman possuir "estranhos poderes" (p.143), adquiridos pelo conhecimento da cabala, do segredo dos

essênios, dos trabalhos de Michel de Nostradame e de Jean Bodin.

O genealogista faz propaganda de suas múltiplas habilidades esotéricas, por exemplo, a cabala:

> Cabala, a ciência dos números (...). Modernos tarôs. Se V.S. vive desanimado, tem perturbações espirituais; desarmonia em seu sagrado lar; maus negócios, questões em demanda, separações, dificuldades em vencer na vida, etc, não esqueça: Professor Samar-Kand tem a solução. (p.49)

Embora, como diz ao financista Rafael Mendes, não seja adivinho de profissão: "(...) faço isto só para ganhar uns cobres". (p.66)

O médico Rafael Mendes, ignorando ainda sua ascendência judaica, ao ouvir falar em psicanálise sente-se incomodado e a associa, diretamente, à magia e à cabala: "(E mexia comigo. Estranhamente mexia comigo. Por quê? Cabala – que teria eu a ver com cabala? Não sabia, então. Mas me inquietava)". (p.203)

Como observa Schüler (1974, 97), "o mundo criado" por Scliar deixa transparecer "a recusa do mundo hostil, racionalizado, fragmentado, à busca duma unidade sonhada, à procura do fundamental no homem".

3.1.20. A profecia

De raiz bíblica, *E.N.R.M.* está permeada de profecias que se explicam e se cumprem no âmago da própria obra.

Por exemplo, o pai de Rafael Mendes, o cartógrafo, quer dissuadi-lo da idéia de acompanhar Cristóvão Colombo como cartógrafo em sua missão, oficial,

para as Índias, e extra-oficial, em busca de terras e do El Dorado. Por julgar que o filho está louco, leva-o para ser aconselhado pelo rabino. O sacerdote tenta tirar-lhe também a idéia da cabeça, embora já tenha ouvido falar do genovês e saiba dos fundos que estão sendo destinados, secretamente, para financiar a expedição e de uma companhia que já está sendo organizada para beneficiar as riquezas a serem encontradas. O rabino tem tanta certeza da exploração espanhola, que retoma, inclusive, a profecia de Isaías: "As ilhas me esperarão; e as naus de Tarshish trarão teus filhos; e com eles a prata e o ouro, para honra do Eterno. (Tarshish, o rabino sabe, é Tartessus, na Espanha.)".(p.113)

Além dessa profecia, há uma tonitruante profecia contra os judeus, quando Habacuc ben Tov está fugindo com Naomi, filha de um sacerdote, e parte do tesouro dos essênios, após deixar seu punhal cravado em Eliézer. Os judeus, porque um deus foi morto, "vaguearão pelo mundo, até que a palavra dos Filhos da luz seja ouvida". (p.93)

Zambi de Palmares, também, fazendo uma reflexão profética sobre os judeus, evoca a luta persistente desse povo pela "sobrevivência que os leva a se introduzir na sociedade por todos os poros possíveis" (p.152) – os "poros da sociedade", segundo Marx (*apud* Scliar, 1994, 81) – e ocupam espaços, tornando-se indispensável e, finalmente, incômodo até ser escorraçado e recomeçar o ciclo em outro lugar, como cumprimento das profecias.

3.1.21. A visão

A visão na obra, tal qual a profecia, explica-se e se cumpre no decorrer da própria obra, dentro dos moldes alterados do fantástico:

> *(...) il y a chaque fois le mystère, l' inexplicable, l' inadmissible, qui s'introduit dans la vie réelle, ou le monde réel, ou encore dans l'inaltérable légalité quotidienne.* (Todorov, 1970, 31)*

Na visão, como em vários outros momentos, vê-se o mesmo tema do reducionismo fantástico, presente nos contos sclirianos, segundo Fonseca (1981, 7), cercando e/ou cerceando a "criação e a vida do homem, num universo oclusodestruidor, em que as alternativas de fuga são eliminadas, condenadas ou tenuamente entrevistas".

Jonas, depois de ter profetizado, como ordenou Jeová, contra a fornicária Nínive, dirige-se perplexo e irado para fora da cidade, por ver que os ninivitas estão se humilhando e Jeová está tendo misericórdia deles. Os raios de sol batem-lhe em cheio no crânio, produzindo-lhe grande calentura. Jonas sente os miolos ferverem e tem visões terríveis:

> (...) os mansos homens bronzeados, que antes imaginava ver no país de belas paisagens, eram agora atacados e massacrados por guerreiros em couraça de aço. O sangue tingia a areia branca... (p.84)

Tal visão vai além do mito da paradisíaca América, pois já prevê a dominação de seu povo pelo branco, concretizada na escravidão indígena imposta por Afonso Sanches (p.126), desde que o Paraíso Perdido foi encontrado até os dias atuais.

O humilde lavrador, pai de Habacuc ben Tov, deixando de lado um pouco a labuta, nada, gostosamente, no Mar da Galiléia. De súbito, desaba uma violenta

---

* (...) há às vezes o mistério, o inexplicável, o inadmissível, que se introduz na vida real, ou no mundo real, ou ainda na inalterável legalidade cotidiana.

tempestade sobre a região. Interpretando o fenômeno como reprovação divina pela sua luxúria, fica submerso, temendo que um raio o fulmine. Não agüentando mais, eleva os olhos em um pedido de misericórdia. Então vê belos pés andando sobre a superfície do lago: "Um homem andava sobre as águas" (p.86). Logo em seguida, vem a explicação: "Não imaginou, naquele instante, que se tratasse de Jesus Cristo caminhando em direção a um destino transcendente". (p.86)

O habilidoso sapateiro Bandarra, levantando a marreta a fim de matar o novilho – de cujo couro confeccionaria sua obra-prima, as melhores botas do mundo para os pés de seus senhores, a abastada família Mendes – ,vê, nos olhos do animal, "o olhar de um ser humano, o olhar do condenado à morte" (p.107). O novilho cai no precipício e, além do animal estraçalhado e do couro rasgado, só resta "um olho intacto" (p.107) que o fita irônico, com a mesma expressão perturbadora de antes. Extrai o olho e "movido por uma força invencível, espiou através da pupila dilatada. Teve então visões que muito o impressionaram" (p.107). Tem a visão do descobrimento do Brasil, ou seja, a visão mítica do encontro da América como paraíso perdido.

É importante enfatizar o que coloca Pötter (1984, 60) sobre os conteúdos fantásticos na obra scliariana: às vezes eles "apresentam-se menos extravagantes e extraordinários que a realidade do homem no seu cotidiano".

3.1.22. A canção

Também fazendo parte da narrativa de Scliar, a canção evoca o passado, a fim de entendê-lo.

Embora ninguém tenha falado para o Rafael Mendes, médico, de suas

remotas raízes: "Ninguém me falou de cristãos-novos, nem da Inquisição, nem dos essênios, nem dos profetas; nem da Árvore do Ouro" (p.191), ele é portador hereditário da "perplexidade de gerações" (p.287) dos descendentes dos Mendes.

"Tentando entender a perplexidade deles" (p.245) e a sua, e querendo "trocar a perplexidade pela sabedoria" (p.245), Rafael busca, aficcionadamente, sua genealogia. Estuda documentos, objetos e até "letras de cantigas de ninar" (p.77), pois são mais fortes que cada descendente dos Mendes, isoladamente, uma vez que os perpassam e continuam. Além de que "coisas arcaicas são assim: poderosas, ainda que misteriosas" (p.183), e, segundo o velho genealogista, "o mistério e a incerteza valorizam as coisas". (p.71)

A primeira menção à antiga cantiga de ninar se dá em meio aos descendentes de Moisés ben Maimon, o Maimônides. Voltando a Cordoba, vivem em paz na Espanha gerando seus filhos e os embalando com canções em dialeto ladino:

> *Duerme, duerme, mi angelico*
> *Hijico chico de tu nación...*
> *Creatura de Sión,*
> *no conoces la dolor.* (p.106)

Seguindo o exemplo dos descendentes de Maimônides, muitos dos Rafael Mendes, seus ascendentes – paradoxalmente, de tipos "esquisitos, mas carinhosos" (p.176) – embalam seus filhos com a canção em ladino. Por exemplo: o Rafael Mendes, fazendeiro (p.176), o Rafael Mendes, comerciante de couro (p.182), o Rafael Mendes, engenheiro ferroviário (p.183), o Rafael Mendes, médico (p.210).

Os Rafael Mendes vão passando a tradição genealógica judaica para os

Rafael Mendes, ou seja, para seus filhos de mesmo nome, por meio da remota cantiga de ninar, mesmo ignorando sua procedência, como é o caso do Rafael Mendes, médico. Um dia, interrogado por sua mulher sobre a procedência da canção, não sabe responder:

> Que música é essa que cantas quando embalas o Rafaelzinho? – perguntou-me um dia Alzira. Não soube responder, não soube dizer que cantiga era aquela, *Duerme, duerme, mi angelico / hijico chico de tu nación.* (p.210)

Fazendo parte do rol dos "cacos" historiográficos, que são fortes, apesar de difíceis de evocar, o financista Rafael Mendes tem vagas memórias sobre o pai e, dentre, elas uma cantiga de ninar:

> Há também memórias... Confusas imagens... Sensações... Um bigode roçando-lhe o rosto de menino... Uma voz grave de barítono, entoando uma cantiga de ninar... Mas estas coisas são difíceis de evocar. (p.44)

Scliar resgata pela memória "certas situações do país chamado infância" e, assim são "preservadas do esquecimento", são "salvas do tempo", funcionando como "um passaporte para esse país do qual fomos exilados" e "em certas situações especiais, conseguimos revisitar: o mundo sem tédio e sem 'déjà vu' da Infância" (Krauz, 1989, 7). Porém essa volta deve ser vista com os mesmos olhos da fantasia scliariana apregoada por Zilberman (1988, 5), ou seja, deve ser "encarada como parte desse processo revolucionário, e não condenada como escapismo ou compensatória".

O último Rafael Mendes, o financista, não entendendo as causas da rebeldia de sua filha Suzana, lembra-se da estranha de hoje "que ele embalava

unesp

para dormir" (p.19) e da Suzana feliz, quando ele, sua mulher e ela riam, "brincavam, entoavam canções infantis" (p.29). Porém, não especifica que canções são essas.

Há uma provável extensão da remota cantiga de ninar em ladino ou, talvez, uma outra, lembrada pelo adolescente Rafael Mendes, futuro comerciante de couro. Integrante dos farrapos, o jovem entoa (enquanto os outros dormem junto aos barcos parados), as cantigas que a mãe e o pai, por quem procura, cantavam em dueto:

> *Si la mar era de leche*
> *yo sería um pescador*
> *pescaría mis dolores*
> *con palabritas de amor.* (p.179-80)

A antiga canção já é mencionada, anteriormente, na sátira de Joseph de Castro aos seus patrícios judeus e aos holandeses: na cidade de açúcar, construída pelo nobre, os peixes esbranquiçados, pálidos e de sangue doce são atraídos "pela antiga canção *Si la mar era de leche*". (p.137)

Scliar combina, como diz Silverman (1982, 170), "a fantasia infantil e o esculpismo adulto, adicionando ainda uma melodramática ou tragicômica percepção da insensatez humana".

3.1.23. A devoção

A forma da devoção pode se dar na aparência, que pode ser falsa ou incógnita, e na essência, que pode ser verdadeira/consciente ou

verdadeira/inconsciente, respectivamente.

Essa ambivalência, segundo Bernd (1986, 23-5), simboliza "*l'imbivalence humaine en général et l'imbivalence des Juifs en particulier qui se sentent liés à deux cultures*", com o acréscimo da "*conscience de l'homme américain dont l'identité reste encore mal définie, en procès de constitution*"* e pode ser mais bem simbolizada na a bibliografia de Scliar, como diz Zilberman (1981, 8), "pelo Centauro que povoa a literatura ocidental".

Rafael Mendes, cartógrafo, e seu amigo Afonso Sanches, presos do Santo Ofício, "rezam com fervor" (p.116). Rafael Mendes, financista, depois de uma erupção de acontecimentos para um dia só, dirigindo-se à casa do Professor Samar-Kand, entra em uma catedral, apenas para seguir uma tradição decadente:

> Rafael ajoelha-se. Não o faz há muito tempo; católico, não pratica, contudo, a religião; não costuma pensar na vida eterna. Agora, porém, sente vontade de rezar: Pai nosso, murmura, que estais no céu. Dão-lhe consolo, estas palavras, que gerações e gerações sussurraram na semi-obscuridade das catacumbas; das capelas, das catedrais. É bom acreditar, pertencer a algo mais, transcendente; é bom não depender somente de um judeu estranho, de uma filha rebelde. (p.62)

Rafael Mendes, comerciante, o "Silencioso", é cristão-novo, apesar de não acreditar em Cristo: "Ia à igreja, ajoelhava-se, rezava, comungava. Não acreditava em nada daquilo. Mas não queria se incomodar". (p.130)

Pedro Telles, judeu sempre envolvido em falcatruas, é evitado pelos cristãos-novos, apesar de, forçosamente, ser convidado para os cultos secretos,

---

* a ambivalência humana, em geral, e, em particular, a ambivalência dos judeus que se sentem ligados à duas culturas (...) consciência do homem americano cuja identidade ainda está mal definida, em processo de constituição

nos quais revela um fervor questionável: "demonstra um fervor incomum (fingimento, segundo uns; coração muito culpado, segundo outros)". (p.160)

Na igreja, quando a hóstia é consagrada, a imprudente cristã-nova, Branca Dias, murmura: "Há cães acorrentados" (p.130), acaba sendo presa, julgada e condenada do Santo Ofício. Ana, a esposa do Rafael Mendes, comerciante, cristã-nova também, "mas no fundo judia fervorosa" (p.130), obriga-o a praticar a religião hebraica, em segredo. Às sextas-feiras, Rafael tem de tomar banho e vestir camisa limpa; e, no Yom Kipur, é obrigado a jejuar. Tão logo a refeição é servida, Ana dispensa os criados, despeja o conteúdo das travessas em alforjes de couro que depois são queimados. Para não despertar suspeitas, deixa uns restos nos pratos, mas naquele dia não tocam em comida. Rafael Mendes, polidor de lentes, não se separa do sócio, escarninho Joseph de Castro com sua incômoda verdade, apesar da insistência da esposa e de preferir a verdade bíblica, a verdade que o rabino de Recife apregoa com voz tonitruante na prédica das sextas-feiras: "Aquilo sim era uma boa verdade, amarga umas vezes, doce outras, mas sempre nutritiva, reconfortante". (p.136)

O Rafael Mendes, comerciante de couro, avô do Rafael Mendes médico, já não revela a seu filho que descendem de judeus, para que ele viva bem, sem culpas e sem necessidade de dissimulação. Porém o médico Rafael Mendes sente certa atração pelo oculto; "alguma perturbação ao passar por sinagoga; uma sensação de dissimulação" (p.191). A recente psicanálise, estranhamente, incomoda-o, lembrando-lhe cabala, magia: "(Estranhamente mexia comigo. Por quê? Cabala – que teria eu a ver com cabala? Não sabia, então. Mas me inquietava.)". (p.203)

A devoção evidencia o apego, consciente, das personagens a seus dogmas religiosos, ou, mesmo, inconsciente.

3.1.24. A informação biográfica

A vasta massa discursiva é composta também da presença enciclopédica, ou, mais especificamente, biográfica na obra.

Na Pecúnia S.A., a financeira onde o último Rafael Mendes trabalha, há o Salão da Moeda, considerada por Boris Goldbaum, o proprietário, uma homenagem aos grandes financistas. Deles, Boris admira os Rotschild, que fundam um "império financeiro que até hoje subsiste" (Scliar, 1994, 76). Diz ser parente deles, segundo uma, ainda, inacabada pesquisa genealógica.

Não lhe interessam os Rotschild recentes: os barões que vivem em castelos na França, dedicando-se ao cultivo de uva, à equitação e à filantropia. Esses homens junto ao Barão Hirsch simbolizam "o poder, a dominação financeira da burguesia judaica entre as classes médias francesa, inglesa e alemã" (Izklo, 1990, 42). À semelhança do que fala Malard (1981, 200) sobre as narrativas de Scliar, "*O Exército de um Homem Só* e *O Grande Mentecapto*, a negação dos valores ideológicos recrudesce à medida que prosseguem as biografias das personagens".

Os Rotschild, que Boris quase venera, são os primeiros cinco irmãos. Dos cinco financistas de cada capital importante da Europa, seu predileto é o feio, mas genial Nathan:

> Mãos no bolso, ficava de pé junto a um pilar na Bolsa de Londres – o Pilar de Rotschild. Dali acompanhava o pregão, e foi ali que deu o golpe genial que de uma hora para outra fez crescer a riqueza da família. (p.39)

Graças à rapidez que os irmãos se movem pela Europa, Nathan fica sabendo da derrota de Napoleão em Waterloo, antes mesmo do governo britânico. Começa a

vender as cotações que descem a preços ínfimos. Pois, como dizem os especuladores: "se Rotschild está vendendo, Napoleão venceu" (p.39). No último momento, arremata a imensa fortuna por preço vil, de maneira que, por uma atitude brilhante de um Rotschild, os dados biográficos de toda a família ficam conhecidos.

3.1.25. A carta ao leitor

A carta ao leitor, prevendo um possível diálogo entre escritor e leitor, por meio do jornal como canal comunicativo, exemplifica a transformação dessa conversa em um monólogo, apesar de apelativo.

Pela rebeldia da filha Suzana, Helena, a esposa do último Rafael Mendes, desestrutura-se emocionalmente e, sem deixar de lado sua estóica resignação, recorre a soníferos, pede auxílio ao marido, a médicos, a psicólogos e até aos leitores do jornal, sem que ninguém a ajude, dando-lhe uma resposta, à altura, para seus questionamentos angustiantes.

Helena já não come direito, não dorme direito, tem crises de choro. Buscando remédio para sua dor, escreve para o jornal sob o pseudônimo de "Mãe Aflita", uma carta que merece destaque e é publicada, praticamente, por inteiro:

> Carta descrita como angustiada pelo redator encarregado da seção. Carta que mereceu destaque, publicada em negrito e praticamente na íntegra, teve apenas suprimido o parágrafo final ("Esperando de Vs. Ss. a tradicional acolhida", etc). (p.14)

Revela-se aí um exemplo, segundo Chaves (1994, 73), de como as

personagens são lançadas "na complexa malha dos relacionamentos sociais onde já não lhes cabe qualquer gesto heróico; lutam somente por um lugar ao sol num espaço desprovido de magia".

3.1.26. O escândalo econômico

As anomalias sociais brasileiras, que podem ser denominadas de "escândalos", pela sua freqüência e impunidade, entram na normalidade e se dissolvem no organismo social com a mesma rapidez que se salientaram.

Rafael Mendes, financista, logo pela manhã, ao pegar o carro no estacionamento de seu prédio, um médico lhe pergunta: "Que boatos são esses que andam correndo por aí, Rafael? Dizem que a situação financeira não é boa, é verdade?" (p.32). O negro ascensorista tece o comentário: "(...) corre por aí que vocês vão se mandar, seu Rafael" (p.36). Um funcionário, pegajoso, lhe pergunta: "Doutor Rafael... É verdade o que estão dizendo por aí? (...) Que a empresa aqui está para fechar" (p.44-5). Celina Cordeiro lhe telefona:

> Quero saber como está a situação da Financeira, Rafael. Direitinho preto no branco (...). Vou te dizer uma coisa, Rafael: a mim vocês não enganam, estás ouvindo? A mim vocês não vão deixar mal. Sei que a Pecúnia está por um fio, todo o mundo está dizendo que o governo vai intervir, que tu e o Boris vão se mandar para o Paraguai. Mas te aviso: se vocês vão dar o golpe eu tenho de ser compensada, Rafael. Muito bem compensada (...). Caso contrário, boto a boca no mundo (...). (p.47-8)

Na mansão de Boris, Lima Andrade, uma atriz de televisão, entra gritando:

> Eu quero meu dinheiro, Boris! Quero o dinheiro e o apartamento que você me prometeu! A cobertura no Leblon, lembra? Quero já, Boris! Todo o mundo está dizendo que você está à beira da falência. Que você quebre ou não quebre, a mim não importa, mas se você me enganar, vou para o jornal, Boris, palavra que vou. Conto tudo sobre tuas festinhas, ouviu? (p.54)

Por milagre, os jornais da manhã não trazem logo abaixo da manchete: "Franco continua em coma" (p. 36), comentários sobre a situação da financeira: "Boatos sobre situação de Financeira agitam o mercado de valores". (p.36)

Mais tarde, aparece um jornalista, que tem vindo diariamente, a fim de saber sobre a situação da financeira e, desta vez, Rafael tem que atendê-lo. Antes considera que tipo de jornalista será aquele. O que só descobrirá depois que aparecer a matéria. "Se é que vai aparecer. Se é que Boris já não está mexendo os pauzinhos" (p.58). Pois Boris sempre dá um jeito para tudo e considera as jogadas financeiras "pura arte":

> Nestas situações é necessário um verdadeiro talento dramático. O controle das emoções tem de ser total. Face: impassível, pétrea. Voz: firme, segura. Olhar: fixo. Um esboço de sorriso, um tremor na voz, um fugaz brilho no olhar, e tudo estará perdido. (p. 39)

Então, como é típico dos políticos, dos financistas, etc, que principalmente em situações delicadas, falam, falam, sem dizerem nada, Rafael: "(...) durante meia hora fala sobre a situação do mercado financeiro; escolhe cuidadosamente as palavras, desvia-se das perguntas mais embaraçosas". (p.58-9)

Depois de analisar as listagens, Rafael constata que a financeira realmente está falida. O golpe pecuniário ilustra bem a gestão do General Ernesto Geisel

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

(1974-1979), marcada pela "abertura política em detrimento da economia e da administração", atingindo uma "inflação fora de controle, chegando a 40% ao ano e uma dívida externa bruta que dispara para 43 bilhões de dólares". (Florido, 1999, 747)

O rombo – retomando os inúmeros golpes que vão de 31 de março de 1964 até 1988 como, por exemplo, o caso da Coroa Brastel, de 1975 – é incontrolável. Em um mês, começa a se avolumar, assumindo dimensões enormes:

> O rombo, só em letras de câmbio sem cobertura, é de trinta milhões de dólares. E ainda há os cheques voadores, e os empréstimos bancários, e a gorda folha de pagamentos. (p.45)

Ao ser acordado no dia seguinte em seu gabinete por sua mulher, Rafael fica sabendo que Boris vai viajar e o rádio está dando notícias sobre a financeira:

> Desde cedo o rádio está dando notícias sobre a financeira. Diz que está quebrada, e que tem um monte de pessoas na frente do edifício, querendo tirar dinheiro. (p.254)

Goldbaum e Rafael Mendes são pegos no aeroporto e, ironicamente, recolhidos ainda "a xadrez especial – uma casa adaptada para este fim" (p.264). O carcereiro traz os jornais que, para perplexidade de Rafael, dizem estar tudo bem com a financeira:

> Na seção de economia, uma pequena nota diz, que apesar das informações em contrário, a Pecúnia S.A. - Crédito e Investimento continua funcionando normalmente. O que a Rafael causa profunda estranheza. Como, funcionando normalmente? Com o Diretor-presidente

> e seu principal assessor na cadeia? Quem terá dado a nota? Será mais uma safadeza de Boris? (p.271)

O Ministro da Fazenda manda Toledo, em uma missão não oficial, dizer para Boris dar um jeito na situação da financeira que, por sinal, está cheia de intervenções poderosas. Mas Boris, que entra na "corrida de ratos" (p.283) a fim de ganhar dinheiro e não de fazer acumulação e investimento, não está interessado. "Não estou interessado nisto. Não no momento, pelo menos (...) Estou noutra, agora. Entendeu, Toledo? Noutra". (p.274-5)

Fazendo uma reflexão sobre o sistema econômico brasileiro, calcado numa "economia de trocas, tipo índio: você dá espelhinho, recebe pau-brasil" (p.275), feita de "estátuas de pés de barro" (p.276), Toledo pondera:

> (...) jogo de mercado é uma coisa, tramóia é outra, assim como financista – um Rotschild, por exemplo – é uma coisa e um aventureiro especulador – esse Boris – é outra. A verdade, contudo é que o capitalismo brasileiro está cheio desses tipos; se é que existe realmente algo chamado capitalismo brasileiro. (p.275)

Em uma entrevista à revista *Veredas*, Scliar (1989, 49) se pergunta até que ponto a identidade brasileira oculta e dissimulada tem a ver com a forma de política brasileira e com "a corrupção que invade amplos setores dos domínios público e privado do país". Pois, apesar de haver corrupção e de ser, algumas vezes, notificada, ela cai, quase sempre, na impunidade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.1.27. A cena proustiana

A obra, composta praticamente pelo fluxo "involuntário"[31] da consciência, suscita trechos belíssimos à moda de Marcel Proust, para quem os acontecimentos "não aparecem de modo isolado, patético e visionário, mas são anunciados, chegam com múltiplos esteios e carregam consigo uma realidade frágil e preciosa: a imagem" (Benjamin, 1986, 40). "*La imagen como metáfora es la primera (manera), y quizá la más conocida, al menos, de imagen o imágenes em Proust*" (Bozal, 1985, 49)*, apesar de que a imagem, proustiana, perdida anteriormente, dá a impressão de ser nova:

> *The image is then stored and forgotten. When, at some later time, he experiences a sensation identical to the previous one, the current sensation recalls the stored image, wich seems new because it was previously "lost".* (Pasco, 1977, 20)**

Como o próprio Rafael Mendes, financista, coloca, em outra passagem (p.16), essas coisas corriqueiras e pequenas ainda o sensibilizam; sem contar que esses detalhes remontam a flashes cuja função é trazer à tona uma "verdade" recalcada, a fim de problematizá-la. Por exemplo, a visão de uma gota de café na toalha remonta a algo ocorrido com Suzana na infância e, ainda, a um estranho pressentimento que impulsiona Rafael, posteriormente, a abrir a porta e encontrar uma caixa com objetos do pai:

---

[31] Serão usados os conceitos de "memória voluntária" e "memória involuntária" de W.Benjamin (1986).

* A imagem como metáfora é a primeira (maneira), e talvez a mais conhecida, pelo menos, da imagem ou imagens em Proust.

** A imagem é então guardada e esquecida. Quando, posteriormente, ele experimenta uma sensação idêntica à anterior, a sensação atual retoma a imagem guardada, que parece nova porque foi anteriormente "perdida".

> Por uns instantes Rafael Mendes fica olhando a cafeteira de aço inoxidável à sua frente, de cujo bico pende uma gota escura. Fascinado: cairá? Cai. Cai: mancha escura forma-se na toalha branca. A visão desta mancha lembra-lhe algo ocorrido com Suzana. (p.20)

Rafael e Helena, sua mulher, saem à noite. Ao chegarem, deparam-se com a hipertensa empregada, morta, no meio de uma poça de sangue e com Suzana, inquieta, a seu lado. Emocionalmente, não sabem o que esse fato acarretou a Suzana: "Nunca poderiam saber. Já estaria inscrito no rol das coisas arcaicas, o incidente. Só que estas coisas voltam. Voltam sempre" (p.20). E, movido por uma espécie de pressentimento, embora Rafael não acredite em pressentimentos, dir-se-á, por uma espécie de pressentimento histórico, ele levanta os olhos para a porta:

> (Mais tarde se perguntará o que o fez levantar-se e abrir a porta. (...) não acredita em pressentimentos (...). Mas se não foi pressentimento, o que foi? Mais uma incógnita a aumentar sua perplexidade.) Levanta-se, vai até a porta e, num gesto brusco, abre-a. Há algo. Há uma caixa diante da porta. (p.20-1)

Há um outro exemplo desses trechos-detalhes problematizadores, que, na sua qualidade de detalhes, evoca, conotativamente a micro-história, que, por sua vez, joga luzes na macro-história, problematizando-a.

É o caso, quando Rafael encontra, perplexo, uma caixa de papelão com velhos objetos do pai à porta de seu apartamento. Não sabe se veio da Espanha. Não sabe se a iminência da morte de Franco animou o anônimo guardião a enviá-la para o Brasil. Por meio de símbolos, Rafael faz um barquinho (detalhe micro-

unesp

histórico) para ir ao encontro do paradeiro do pai na Espanha (macro-história), mas o barco, problematicamente, naufraga:

> Apanha uma casca de pão, crava nela um fragmento de palito, enfia neste um pedacinho do guardanapo de papel. Casco, mastro, vela, está pronto o pequeno barco. Rafael derrama café no pires e ali põe a navegar a minúscula embarcação. Com um sopro, cria uma brisa favorável; o barquinho desliza, mas logo aderna e naufraga no líquido escuro. (p.27)

Em todo esse entrelaçamento de fronteiras, é possível notar ora discursos mais isolados e característicos, ora discursos mais densos e de difícil caracterização. Há, aí, um entrecruzamento e um transcruzamento de material textualizado que serve tanto para diversificar as fontes da ficção e da história na forma representativa de cacos ficcionais e historiográficos, quanto para colocar em cheque as verdades cuja junção, sempre, nasce de e conflui para um mesmo ponto: o texto.

Assim, um "acontecimento", como coloca Ricoeur (1994, 320), vai se juntando a outro igualmente "breve" a fim de pontilhar textualmente o "episódio" que, afinal, "continua" e é representado, mais uma vez, pelos códigos semiotizados que formalizam a obra.

3.2. As cenas: disjunção

Em *E.N.R.M.* há um total de dezesseis representantes dos Mendes, citados na obra. Desse total, doze recebem o nome de Rafael Mendes; um, o calígrafo, tem o sobrenome Mendes mas seu primeiro nome não é citado; e os outros três

são Maimônides, Habacuc e o profeta Jonas, o primeiro ascendente citado.

Quando se fala em cenas, tem como objetivo denominar, de forma geral, os trechos que se rompem para dar lugar a outro trecho, inclusive do ponto de vista formal, pois a cada trecho, ou seja, a cada cena é deixado um espaço. Isso significa que "cortar mais fundo significa manter uma coerência absolutamente implacável, não pactuar com a facilidade", segundo declara Scliar (1987, 7) em uma entrevista, dado que "o escritor fala metaforicamente". (Scliar, 1985, 198)

As complexas figuras da obra vão sendo adquiridas também pela técnica da narrativa:

> *The complexity of the picture is provided by the narrative technique: fragmented, contrapunctual full of shifts in narrative voice and focus, all the pieces slowly draw together.* (Patai, 1980, 379).*

O terceiro capítulo, intitulado "Primeiro Caderno do Cristão-Novo", fala sobre Jonas, Habacuc, Maimônides e mais treze Mendes. O capítulo se divide em cenas para discorrer sobre cada um deles. Tem-se um total de catorze cenas para falar sobre Jonas e treze ascendentes, significando que as cenas do capítulo tanto podem se referir a, especificamente, um ascendente, como é comum – o que não as impede de também ser fracionadas em cenas menores –, como em uma mesma cena – é o caso de três cenas – fazer o relato genealógico de dois ascendentes, ao mesmo tempo, sem a espacialização que a demarca.

É por isso que serão apresentados os resumos das cenas de forma mais detalhada, mostrando a justaposição de uma cena a outra, ou a segmentação, explícita, ao se falar de cada descendente dos Mendes.

---

* A complexidade da figura é provida pela técnica narrativa: fragmentada, contrapontual, repleta de mudanças no foco narrativo, todas as partes lentamente aproximadas.

As cenas podem também ser impressas através de capítulos, que, por sua vez, são segmentados em pequenas cenas. É o caso, por exemplo, do quinto capítulo denominado "Segundo Caderno do Cristão-Novo", dedicado integralmente ao décimo quinto dos representantes dos Mendes.

Assim como podem se estreitar, as cenas podem também se alargar, espalhando-se por mais de um capítulo. É o caso, por exemplo, do décimo sexto descendente dos Mendes, o último. O relato sobre ele se estende por quatro capítulos, interrompido por outros capítulos. Dessa macro-cena fazem parte o segundo capítulo: "Rafael Mendes", o quarto capítulo: "Rafael Mendes: intervalo", o sétimo capítulo: "Rafael Mendes: a corrida" e o nono capítulo: "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo".

3.2.1. Cenas

Serão apresentados resumos das cenas e, para ilustrar bem o caráter disjuntivo, próprio da "ruptura" inerente ao pós-moderno, serão apresentadas as cenas com início e término bruscos, tal qual acontecem no romance.

3.2.1.1. Cena 1: Jonas – Judéia – Nínive

Jonas, recriminado por ser um homem comum com o dom da profecia, é temido pelos poderosos e abominado pelos humildes. Quando recebe do Senhor a missão de ir profetizar contra a fornicária Nínive e a incumbência de seu pai de conseguir do Senhor a localização da Árvore do Ouro, a fim de saírem da miséria, resolve fugir para Tarshish. Com a tempestade que lhes sobrevém, os marinheiros

lançam sorte e detectam que quem atrai a cólera divina é Jonas. Este é lançado ao mar e engolido por uma baleia. No enorme ventre encontra onze homens e uma mulher que estão ali por terem fugido a missões ou por serem pecadores, ladrões e assassinos. O grupo quer que ele, chegando em Nínive, profetize horrendamente contra a cidade e, ao pânico dos moradores, ofereça-se para apaziguar a ira divina em troca de muito dinheiro adiantado. Com o dinheiro, capturará o peixe e libertará os presos em troca de saber deles a localização da Árvore do Ouro. Aturdido, o profeta crava uma lâmina de vidro, que acaba de descobrir inocentemente, no estômago do peixe. A baleia, enlouquecida pela dor, vomita-o próximo a uma praia. Pondo-se a caminho, Jonas chega em Nínive. Lá profetiza que em quarenta dias, no máximo, a cidade mergulhará no caos. Os ninivitas crêem e se põem a jejuar. Jonas, impiedoso, vê que Jeová vai apiedar-se deles. Enfurecido, fica de fora da cidade sob raios escaldantes de sol. Deus faz crescer uma pequena, mas copada árvore sobre sua cabeça. Jonas começa a arrancar os galhos, à procura das favas com os preciosos grãos da Árvore do Ouro. Jeová, irado, manda que um verme devore a árvore. Jonas põe-se a rir desvairadamente e volta para a Judéia, seu lar. Ao passar por uma montanha ao sul de Jericó e próxima ao Mar Morto, profetiza que séculos depois alguém de sua descendência subirá aquela montanha em busca de seu destino.

3.2.1.2. Cena 2: Habacuc ben Tov – Palestina – Jerusalém

Subindo a montanha, o jovem Habacuc ben Tov vai pensando em uma visão que teve seu pai. Está abandonando a conflituosa, corrupta e mísera Palestina, ocupada pelos romanos, e sua traidora mulher e três filhos. Vai em busca dos essênios, detentores da paz do espírito e da vida eterna. No alto da

montanha, encontra-os na cidade sagrada. Para ser aceito, tem que passar por muitos sacrifícios. Seu mentor é Eliézer, seu amigo. Habacuc é aceito e passa a viver uma laboriosa vida entre eles. Na noite do mesmo dia que é aceito, Eliézer o leva a uma caverna e lhe mostra o tesouro dos essênios junto com as sementes da Árvore do Ouro. Estão reservados ao Messias no dia da sua volta gloriosa. Casto como muitos deles, um dia Eliézer confidencia a Habacuc que deseja Naomi, mas ela só tem quinze anos e só poderá se casar depois dos vinte. Habacuc, que também deseja secretamente a jovem, uma noite é procurado por ela. Naomi revela-lhe que não acredita em nada daquilo e, a partir dali, ambos se possuem todas as noites: ela sôfrega e endemonhiada; ele ávido e lisonjeado. Certa noite, Eliézer também o procura, dizendo-lhe que não suporta mais tudo aquilo. Revelará aos romanos o lugar do tesouro em troca de parte dele e de Naomi. Naquela mesma noite Habacuc e Naomi deixam a Cidade Sagrada e Eliézer morto a punhal. A moça rouba jóias do tesouro e eles fretam um navio. À noite uma voz brada:

> Teu crime não passou despercebido (...). Por causa de teus pecados e de outros, um deus morreu, Habacuc. Por castigo, teus descendentes vaguearão pelo mundo, até que a palavra dos Filhos da Luz seja ouvida. Entendido? (p.93)

Em Sefarad, mais tarde Espanha, Habacuc e Naomi juntam-se a uma colônia hebraica, prosperam e ele vive cheio de remorsos. Seus descendentes vivem em cidades como Toledo e, dentre eles, o mais conhecido dos Mendes é Moisés ben Maimon ou Maimônides.

3.2.1.3. Cena 3: Maimônides – Espanha – Toledo / Norte da África – Cairo

Maimônides nasce em 1135, à época do domínio árabe na Península Ibérica. Dedica-se à filosofia. Em 1148 os Almôadas tomam o poder dos Omaiadas que, até então, governam a Espanha árabe e expulsam judeus e cristãos. A família vai para o norte da África e depois para o Cairo. Com a morte do pai, Maimônides dedica-se ao comércio de jóias, juntamente a seu irmão David que as adora e gostaria de encontrar a Árvore do Ouro. Maimônides, porém, ao invés do amor às jóias, perde-se em questionamentos filosóficos. Em uma viagem comercial, David morre afogado e o corpo não é encontrado. Seu irmão fica sentado na praia durante dias e, quando é levado à força para casa, tranca-se e escreve sua obra-prima: *O Guia dos Perplexos*. Procura orientar a si e a outros sobre as grandes questões acerca da vida e da morte. Resolve dedicar-se à medicina, tornando-se o discípulo predileto de Averroes ou Ibn Rushid, pela sua competência. Estabelece-se em Fostat, perto do Cairo, e é venerado. É convidado imperiosamente, para ser o médico particular de Saladino, o sultão, que será seu único paciente. Maimônides a cada dia fica mais perplexo e deprimido por não ter quem ajudar com os seus conhecimentos. Acaba por medicar pacientes fictícios. No ano 1192 da era cristã, o médico de sua janela percebe certa inquietação na cidade. Supõe que a doença, que mata aos montes, vem da água, e seja o cólera, mas é impedido de fazer qualquer coisa. Certa noite é chamado para ir a Damasco, ver Saladino que foi enfrentar os cristãos da Palestina, mas está gravemente enfermo. A Maimônides falta, agora, a perícia, e ademais, de acordo com os ministros, o Sultão deve morrer. Saladino e Maimônides supõem que sua doença seja o cólera. O sultão, seguido do médico, começa a rir incontrolavelmente. Os

dois adormecem. Quando Maimônides acorda, Saladino está morto.

3.2.1.4. Cena 4: Rafael Mendes – Portugal – Porto

O nome da família de Moisés ben Maimon é mudado para Maimônides, Maimendes, Memendes, Mendes. De forma que no final do século XV surge na família o Rafael (do hebraico: *rapha*, médico, *el*, Deus, médico de Deus; em homenagem a Moisés ben Maimon) Mendes. Nesta época já está preparado o cenário para atuação do Santo Ofício ibérico. Os judeus despertam inveja e temor. São médicos, poetas, astrônomos, filósofos e, sobretudo, comerciantes e financistas. Rafael Mendes, o cartógrafo, tem constantes discussões com o pai, calígrafo de profissão. O velho quer convencê-lo da superioridade da caligrafia. Para uma cara e arriscada expedição marítima, Cristóvão Colombo encomenda mapas do mestre cartógrafo Abraão Zacuto, que pede o auxílio do jovem Mendes. Oficialmente, vai em busca de um novo caminho para as Índias, mas, segundo o que se murmura, vai em busca de novas terras e de riquezas, "cidades de ruas calçadas de pedras preciosas: El Dorado! O país da Árvore do Ouro!" (p.111). Aprovado seu projeto por Fernando e Isabel, Colombo manda uma carta a Rafael Mendes, convidando-o como cartógrafo oficial. Apavorado, o calígrafo leva seu filho ao rabino, para que o aconselhe a desistir. Em janeiro de 1492, Rafael Mendes foge de casa para persuadir Colombo a levá-lo. O navegador já contratou todos os homens para a expedição. O cartógrafo é obrigado a voltar para o Porto e presenciar, a 2 de agosto de 1492, Fernando e Isabel expulsarem os judeus da Espanha; em 1497, Dom Manuel forçar a conversão dos judeus ao cristianismo; em 1536, a instalação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição; e em 1540, o primeiro auto-da-fé em Lisboa.

3.2.1.5. Cena 5: Rafael Mendes – Portugal/Brasil – Pernambuco – Olinda

Dois cristãos-novos, Rafael Mendes, filho do cartógrafo e seu amigo Afonso Sanches são presos e torturados pela Inquisição, acusados de práticas judaizantes, por alguém tão anônimo quanto os desígnios do Santo Ofício. Rafael e seu amigo ficam no mesmo cárcere por falta de espaço e juram-se não trair os da nação. Os inquisitores têm interesse particular em Rafael. Querem saber os nomes dos judeus que financiaram a expedição de Colombo e os nomes dos judeus inventores de modernas tecnologias. O silêncio de Rafael é seguido de uma sessão de tortura, da qual também faz parte seu amigo. Saem da sala em estado lamentável. Passam a noite gemendo; só de madrugada é que, às vezes, conseguem dormir um pouco. Certa vez, Rafael é acordado, brutalmente, por Afonso. Suspeitoso, seu amigo quer saber do que tanto ria, às gargalhadas naquelas masmorras terríveis, a ponto de acordá-lo. Rafael ignora o motivo de seu riso e promete não mais fazê-lo. Mas, na noite seguinte, é novamente acordado por Afonso, que acha que ele se uniu aos inimigos para fazê-los prostrar diante da divindade deles. Rafael preocupa-se por ver que, por certo, seu amigo enlouqueceu, depois de tantos golpes do macete. Afonso lhe promete que se ele rir mais uma vez o denunciará aos inquisidores dizendo que ri da Inquisição, das chagas de Cristo e que tem segredos não revelados. Apesar dos esforços, acaba adormecendo e é acordado bruscamente, desta vez já rodeado de guardas. Por ordem do Inquisidor-Mor, é conduzido à câmara de torturas. Durante duas semanas, Rafael é submetido ao suplício. O próprio Inquisidor se encarrega de golpear o prisioneiro, mas ele resiste e o Inquisidor-Mor se convence de que é um

caso perdido e manda queimá-lo. Naquela mesma noite, o irmão de Afonso manda um dos guardas tirá-los dali e escondê-los numa caravela que se dirige ao Brasil. Confinados no porão, Afonso lhe conta que, sozinho na cela, percebe que sonhava que Rafael ria. Aos deboches dos marujos, o genovês Bartolomeo, o qual se dizia parente de Colombo, os protege. Dados os maus presságios de estarem levando dois hereges, há um motim entre os marinheiros, que matam Bartolomeo. Os dois se lançam ao oceano. No raiar do dia, chegam a uma praia, onde dormem intensamente. Ao acordarem, estão rodeados de dóceis índios que, segundo o pajé lhes diz depois, fazem parte das tribos perdidas de Israel, guardam a Torá e fazem o *brith milá* a seu modo, apesar de muitos já não falarem o hebraico. Afonso casa-se com Pombinha a filha do cacique. Ele quer fazer os índios trabalharem, plantando cana-de-açúcar. Diz: "Para que procurar a Árvore do Ouro que ninguém sabe onde está? Com a cana-de-açúcar ficaremos ricos!" (p.126). Por intermédio de um navio português, que aparece na baía, manda pelo capitão uma carta a Fernão de Noronha, sogro de Pedro Álvares Cabral, pedindo-lhe, "em nome dos interesses da nação" (p.126), que lhe providencie as peças do engenho e algum capital. Já que os índios só querem plantar cana para seu sustento, Afonso torna-se o algoz da tribo e bate na mulher que uma noite se refugia na oca de Rafael. Afonso, acusando-o de traidor, desafia-o para uma luta. Rafael esmaga-lhe a cabeça, despede-se de Pombinha, do velho da Torá e desce para o sul. Fixa-se em Olinda. Manda buscar a mulher em Portugal e passa a viver entre seus patrícios. Torna-se amigo de Bento Teixeira, o primeiro poeta brasileiro, para quem o latim e a aritmética é um meio para a defesa do povo eleito e quem faz uma profecia de paz: "Como a fênix, haveremos de ressurgir de nossas próprias cinzas" (p.128). Bento lhe dá uma cópia de seu poema *Prosopopéia*, dedicado a Jorge de Albuquerque Coelho, governador da capitania de Pernambuco. O poema gloria a

família Albuquerque, o Brasil, e procura captar as simpatias do governador para os sofrimentos da nação. Na noite de 20 de setembro de 1593, já deitados, Rafael lê uns versos da *Prosopopéia* para a mulher, suspira perplexo e morre naquela mesma noite. No dia seguinte, chega Heitor Furtado de Mendonça, enviado do Santo Ofício. Em 1595 Bento Teixeira é preso, enviado a Lisboa e forçado a abjurar de sua heresia num auto-de-fé público, morrendo tísico em 1600. Em 1601 é publicada a *Prosopopéia* com o emblema da fênix, que se torna também o emblema da sinagoga judaico-portuguesa de Amsterdam.

3.2.1.6. Cena 6: Rafael Mendes (comerciante) – Pernambuco– Recife

A mãe de Rafael Mendes, temendo a Inquisição, batiza-o como cristão-novo. Assim como sua mulher, publicamente, são cristãos-novos; sigilosamente, são judeus fervorosos. Comerciante, Rafael fala só o necessário, o que lhe vale o apelido de "Silencioso" (p. 130). Já seu amigo, Vicente Nunes, também cristão-novo, é ambicioso. Tem bons contatos e, dentre eles, com Diogo Dias Querido, comerciante judeu, fugitivo na Holanda e apoiador de uma expedição da Companhia das Índias Ocidentais ao Brasil. Em dezembro de 1629, Vicente Nunes revela a Rafael a breve invasão holandesa em Pernambuco, seus investimentos na indústria do açúcar e sua tolerância religiosa. Pede-lhe que obtenha os serviços do astuto e grande conhecedor da região, Calabar, a fim de guiar os holandeses. Com a conquista holandesa em Recife, Vicente Nunes, orgulhoso, faz-se circuncidar publicamente, mudando seu nome, Vicente Nunes, e de sua mulher, Philipina, para Abraão e Sara. E, assim, Rafael Mendes falece, anos depois, tão "Silencioso" (p. 132) e perplexo quanto vivera.

unesp

3.2.1.7. Cena 7: Rafael Mendes (polidor de lentes) – Pernambuco – Recife

Rafael Mendes e seu amigo Joseph de Castro vivem em Recife, a Nova Amsterdan, com plena liberdade de culto. Dedicam-se ao polimento de lentes. O mais dedicado é Joseph e, irascível, não pensa em se casar. Apreciador da filosofia, lê e se corresponde, inclusive, com filósofos, que embora sejam judeus, são proibidos pela comunidade judaica, como, por exemplo, Baruch Espinosa. Sabe da localização da Árvore do Ouro, mas não acha justo obter ouro de forma predatória. Inventa objetos como uma espécie de microscópio e de telescópio. Com o último procura encontrar a paz, o amor e a beleza no planeta, para onde foi o Profeta Elias, atitude reprovada pelo pintor holandês Frans Post reprova, pois essa beleza já faz parte da deslumbrante paisagem brasileira. Joseph passa a figurar, em primeiro lugar, na lista dos suspeitos ao governo batavo, porque não presta esclarecimentos, nem faz demonstração de seu invento, que pode ser útil aos holandeses, então, supõem que ele, mantendo contato com portugueses, conspire algo contra eles, os invasores. O conflito da comunidade judaica estoura contra Joseph quando ele publica um livreto chamado *As Criaturinhas do Açúcar* satirizando os holandeses, invasores de terra para plantio de cana, e os judeus, por se venderem por açúcar. A comunidade queima centenas dos livretos e o excomunga. Rafael procura os notáveis da comunidade para que o perdoem, eles aceitam, caso Joseph se submeta a sacrifícios extremos, em sinal de arrependimento. Joseph nada diz a respeito da proposta. Dias depois seu cadáver dá à praia e é sepultado, como suicida, ao pé do cemitério judaico. Rafael passa a ser o único polidor de lentes e, às reclamações pelos preços, altos zomba: "(...)

não me façam chorar, sou de açúcar, posso me derreter" (p.139). O filho de Rafael Mendes não tem a mesma sorte, pois, com a derrota dos holandeses, instaura-se a insegurança religiosa e financeira, e ele foge.

3.2.1.8. Cena 8: Rafael Mendes – Maranhão

Dois cristãos-novos, Rafael Mendes e Felipe Roys fogem para o Maranhão. Felipe Roys tem o objetivo de matar André Vidal de Negreiros que, por sua bravura na luta contra os batavos, é designado governador do Maranhão. Logo que chega lá, deixa este plano de lado, torna-se colono. Cultiva cana e tabaco e escraviza índios. O culto Rafael Mendes torna-se professor, e conhece o padre Antônio Vieira, de quem desconfia ser da nação, por defender os judeus. O padre vive às turras com o Santo Ofício e defende os índios. Em 1661, por interferência do Santo Ofício, é obrigado a retornar à Europa. Dois anos depois, chega o Padre João Felipe Bettendorf, comissário da Inquisição. Crescem os atritos com os colonos, pois alargam-se as propriedades jesuíticas e o número de índios sob sua custódia. Destaca-se Manoel Beckman, o Bequimão, dono de engenho, vereador e, possivelmente, cristão-novo, devido a seus parentes e seus hábitos, que fazem criar uma aura de mistério a sua figura. Fascina, em especial, a frustrada feiticeira Maria de Freitas, a Maria-Arde-lhe-o-Rabo. Ela acredita que só da união com Bequimão poderá se tornar uma bruxa muito má. Dada sua ignorância, ela ordena que sua escrava Gracia Tapanhuna, inocente feiticeira de êxito, denuncie Beckman ao Santo Ofício. Sua inquisição dura de 1678 a 1680, mas é suspensa por ordem do rei de Portugal. Abertamente, Bequimão passa a contestar o governo de Sá e Menezes e a coroa portuguesa. Reclama que os colonos passam privações de mão-de-obra e de alimentos, os fretes são caros e as

taxas elevadas, enquanto, os jesuítas são isentos de impostos e a Companhia de Comércio do Maranhão e a do Grão-Pará têm monopólio do comércio e da venda de escravos, isenção de impostos e foro especial. A 24 de fevereiro de 1684, irrompe, chefiado por Manoel Beckman e seu irmão Thomaz Beckman, poeta e trovador, o levante denominado "Junta dos Três Estados" – nobreza, clero e povo. O governo é intimado a não reagir, as leis comerciais são abolidas e a Companhia de Jesus deve se retirar do Maranhão. O governo revolucionário dura quinze meses, mas, desde o início, fica sozinho, sem o apoio do Senado do Pará e da Capitania de Santo Antônio de Alcântara. O Maranhão fica bloqueado, o que traz problemas para os comerciantes e senhores de engenho. Do entusiasmo inicial, reina agora a discórdia entre os partidários do movimento. Chega o novo governador, Gomes Freire de Andrade, para reestabelecer a ordem, voltando os jesuítas e o monopólio. Junto a Manoel Beckman, são presos Rafael Mendes e líderes da junta. Os outros são postos em liberdade e Beckman é enforcado em praça pública, sem que Maria-Arde-lhe-o-Rabo possa salvá-lo. Dias antes de morrer, ela conta a Rafael que a Árvore do Ouro existe e está no Brasil, mais ao sul. O segredo do pai não desperta a ambição do filho de Rafael, mas, sim, de seu amigo Álvaro de Mesquita.

3.2.1.9. Cena 9: Rafael Mendes – Alagoas / Bahia

Embrenhados nas matas da Bahia, Rafael Mendes e seu amigo Álvaro de Mesquita tornam-se prisioneiros de escravos fugidos. São levados a presença do rei Zambi, no Quilombo de Palmares. Interrogados, dizem que estão na mata fugidos da Inquisição. Zambi ordena que sejam queimados; mas não o faz, devido à humilhação de Rafael e Álvaro e à lembrança de um judeu negro, Menelik, que

conhece na África. Menelik lhe revela ser filho da Rainha de Sabá e do Rei Salomão, de quem conseguiu as verdadeiras Tábuas da Lei, e, por isso, os negros são os verdadeiros guardiões da palavra divina. Sob vigilância, Rafael Mendes e Álvaro de Mesquita trabalham nas fortificações. Álvaro trava amizade com um assessor de Zambi, o bondoso e ingênuo M'bonga. Persuade-o a transformar Palmares em uma verdadeira república, tecnologicamente evoluída, com intercâmbios e moeda. Nomeando, previamente, M'bonga para o cargo de Ministro das Finanças, o objetivo de Álvaro é se informar com o negro se há o ouro ou Árvore do Ouro, que ele imagina, nas redondezas. Zambi aprova a idéia e Álvaro e Rafael se põem a redatar o sistema financeiro. Álvaro pretende entrar em contato com um cristão-novo, traficante de escravos das Antilhas, e convencer M'bonga a vender os filhos dos negros, para conseguirem o ouro, do qual uma parte será comissão dos ministros e outra parte será para o lastro da moeda. Como Rafael não concorda com o plano diabólico, Álvaro sugere que simulem a venda e recebam o dinheiro; mas na hora da entrega, o traficante será atacado e fugirá. À noite, há festa e o quilombo é atacado. Álvaro, apesar de ainda querer aproveitar-se da situação para traficar os negros, é baleado e cai morto. Rafael foge.

3.2.1.10. Cena 10: Rafael Mendes – Bahia – Cachoeira / Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

O fugitivo Rafael Mendes chega à cidade de Cachoeira, no Recôncavo. Em 1705 conhece o entusiasta seminarista Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Ele lê obras proibidas e é o inventor, inclusive, de um grande balão voador, batizado, por ele, com o nome de Passarola. Pretende doá-lo aos judeus para que vivam na Nova Sião acima do ódio e da corrupção, e possam voltar à Palestina. O judeu

Pedro Telles, que está sempre envolvido em falcatruas, procura Rafael. Está interessado no invento para capturar índios e, quem sabe, descobrir a Árvore do Ouro pela copa e quer que Rafael fale à respeito com Gusmão. O recém-ordenado padre, ao saber da proposta indecorosa de Pedro Telles e, ainda, por meio de Rafael, fica decepcionado. O traficante, mercenário, não desiste. Contrata uma bela meretriz que, sob o pretexto de confessar seus terríveis pecados nos aposentos do padre, seduz o iniciante Gusmão. Enquanto ele dorme embriagado, ela foge com os planos da Passarola. Telles manda construir o balão e até distribui folhetos, oferecendo-o para viagens de negócios e de recreio. Ao saber, o padre Gusmão tomba inconsciente, por três dias, e, ao acordar, torna-se taciturno, mas, antes do vôo inicial, Gusmão denuncia Pedro Telles ao Santo Ofício e ele é levado a Lisboa e executado. Recuperando seus planos, o padre viaja para Lisboa a fim de levar uma carta, em mãos, ao rei de Portugal, exaltando as vantagens de seu invento. Perseguido, Rafael Mendes vai para o Rio de Janeiro, onde compra produtos e os vende em Minas Gerais, por lucros exorbitantes. Escreve em seu diário: "Árvore do Ouro? (...) Para quê? Isto aqui é melhor que qualquer Árvore do Ouro" (p.162). Seu filho só quer saber de teatro. Associa-se ao imprudente judeu Diogo Henriques que acredita só através do teatro os judeus poderem conscientizar as nações. Para a construção de um teatro, Rafael Mendes pede dinheiro ao pai e aí gasta sua fortuna.

3.2.1.11. Cena 11: Rafael Mendes – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro / Minas Gerais

Em 1738, inaugurar-se-á o teatro com a comédia *Folias nas Gerais*, sátira da febre do ouro de autoria do próprio Diogo Henriques. Os atores principais são

Rafael Mendes e a mulher de Diogo, Isabel. Esta mulher linda e sensual deixa Rafael inquieto e os dois passam a ter um caso amoroso. Descontente com os ensaios, Diogo anuncia a Rafael que apresentará um monólogo baseado nos textos do dramaturgo Antônio José da Silva, o judeu. Rafael estremece, pois o comediógrafo está sendo julgado em Lisboa pela Inquisição e tudo indica que será condenado. Diogo será o único ator. Todas as entradas são vendidas. Na noite de estréia, em meio à platéia lotada, Rafael e Isabel vêem Diogo surgir amarrado num potro, a cama em que os algozes do Santo Ofício torturam as vítimas. Grita:

> Amigos! Sabeis que cordas me prendem? São as cordas da traição! As cordas que neste momento cortam as carnes de Antônio José da Silva, o grande artista brasileiro, prisioneiro do Santo Ofício! Achais justo, isto, brasileiros? Achais justa a perfídia? Revoltai-vos, brasileiros! Abaixo a Inquisição! Abaixo a tirania portuguesa! Abaixo a imoralidade! Abaixo os adúlteros! (p.164)

A confusão se generaliza e o teatro é praticamente destruído. Diogo é preso. Rafael foge para Minas Gerais com remorsos por abandonar o pai, velho, doente e arruinado.

3.2.1.12. Cena 12: Rafael Mendes – Minas Gerais – Vila Rica / São Paulo / Rio Grande do Sul – Viamão

Apesar do decreto de 1773 obtido do rei de Portugal pelo Marquês de Pombal abolindo a distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, o comerciante de ouro, Rafael Mendes, mantém em segredo sua identidade. Um de seus netos, chamado Rafael Mendes, como de costume, fixa residência em Vila Rica já no

final do século XVIII. Conhece o dentista Alferes Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes. Procura-o por causa de um molar apodrecido, de raízes tortas, e Rafael sofre muito para que seja arrancado. Se não da nação, pelo menos simpatizante, Tiradentes convida Rafael para ir a sua casa, à noite. Lá, mostra-lhe, entusiasmado, sua coleção de molares, inclusive, o seu. Fala-lhe da exploração aurífera da metrópole; do iluminismo francês e europeu com seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade; da Independência dos Estados Unidos. Quer um mundo melhor: em termos sociais, com liberdade também de culto e, em termos tecnológicos, também com Árvores do Ouro criadas em laboratórios. De seu grupo coeso e patriota, fazem parte pessoas importantes como Thomás Antonio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e o Coronel Joaquim Silvério dos Reis. Durante quase duas semanas, Rafael fica entre a vida e a morte, com febre alta, resultante da inflamação da extração, por causa de um provável envenenamento. Em devaneios, vê Tiradentes sendo julgado e sua cabeça sendo decepada. Quer avisá-lo de que está sendo traído, grita para que salvem Tiradentes, mas ninguém o entende. Ainda convalescente, sai para um passeio e, estarrecido, vê a cabeça de Tiradentes espetada numa vara na praça principal. Desgostoso, vai para São Paulo, onde os cristãos-novos gozam de grande prestígio, desde os tempos do meirinho João Ramalho. Porém, não encontra os da nação, então acompanha, pelas matas, o velho e cego Bento Seixas, que também tem sangue hebreu e é descendente de bandeirantes. O velho tem na mente o roteiro para a localização da lendária Árvore do Ouro. Durante o caminho, Bento Seixas dá detalhes que conferem, relativamente, com a visão de Rafael, e os dois brigam. Mas, com o longo e amargo trajeto, os dois se tornam amigos. Finalmente, ao chegarem ao local indicado pelo velho cego, dão-se conta de que estão no meio de um cafezal. Como Bento se recusa a voltar sem o ouro, Rafael,

deixando o velho a apalpar os pés de café, prossegue viagem para o Rio Grande do Sul. Lá chegando, depois de meses de caminho, decide procurar, na região das Missões, os remanescentes das antigas reduções indígenas e, reparando uma injustiça histórica, pretende formar uma nova república judaico-guarani. Chega às terras do degolador Coronel Picunha, que com ele se simpatiza e lhe dá o cargo de preceptor da filha. Quando ela cresce, os dois se apaixonam, ela fica grávida e eles fogem. Perambulam numa grande carroça, onde nascem os filhos. A família se fixa em Viamão, próximo à estrada do Mato Grosso, onde se liga a vila a Porto Alegre e ali adquirem terras.

3.2.1.13. Cena 13: Rafael Mendes (comerciante de couro) – Rio Grande do Sul

O pai de Rafael Mendes parte, dizendo que vai guerrear. Dele o adolescente Rafael se recorda de suas remotas canções, ao embalá-lo, e de seu jeito esquisito, mas carinhoso. À procura do pai, Rafael vai ao encontro dos farrapos, apesar da resistência da mãe. Ao chegar a Capivari, onde estão os voluntários chefiados por David Canabarro, que prepara uma expedição à cidade de Laguna, eles o amarram, levando-o à presença do lendário rebelde italiano, Garibaldi. Em uma partida de xadrez, Rafael consegue ser marujo da frota da República Rio-grandense. Para burlar os legalistas, os farrapos vão levar os dois navios da frota, o Seival e o Farroupilha, por terra, até Tramandaí, muitas milhas ao norte e, (...) "de lá, por mar, seguirão até Laguna, em Santa Catarina, onde atacarão os desprevenidos imperiais" (p.178). Rafael é o único que vai a bordo dos lanchões, desfraldando a bandeira da República de Piratini. Ninguém, nem os nativos de Capivari, sabe do paradeiro de seu pai. A tomada de Laguna é feita

sem resistência e é proclamada a República Juliana. Garibaldi assume funções de administrador. Despacha na prefeitura de dia e, à noite, por prudência, volta ao Seival, de onde observa astros e possíveis inimigos, com a ajuda de um telescópio. É através desta luneta que avista a linda Anita e a toma do marido. Transformado, permanece indiferente ao olhar de censura dos lagunenses. Garibaldi, nem mesmo fala com Rafael, que almeja encontrar o pai e tem saudades da mãe. Uma noite, ao vagar insone, Rafael é preso pelos legalistas. Interrogado e torturado, ele não resiste e dá as informações que os legalistas querem. Estes atacam, com êxito, a República Juliana, e a vila de Laguna é retomada. Os Farrapos batem em retirada, Garibaldi e Anita seguem para a Itália e Rafael Mendes volta para casa, certo de que "(...) nunca mais navegará. Nunca encontrará o pai". (p.182)

3.2.1.14. Cena 14: Rafael Mendes (engenheiro ferroviário) – Rio Grande do Sul

Rafael Mendes passa a se dedicar à exportação de couros. Casa-se; tem um filho e o embala, cantando uma remota canção, mas não revela ao pequeno que é da nação, em parte, por rancor ao pai e por ser um segredo já passado, e, em parte, para o filho ter "uma vida boa, sem culpas e sem necessidade de dissimulação" (p.182). Rafael Mendes torna-se um dos primeiros engenheiros formados no Rio Grande do Sul e dedica-se ao ramo ferroviário. Trabalha um tempo para os Rotschild da França, que fazem investimentos em estradas de ferro. A experiência não é boa; odeia os financistas judeus, mesmo sem nunca ter visto seus patrões. E, quando nasce seu filho, o engenheiro o embala com a mesma remota, mas poderosa, canção.

3.2.1.15. Cena 15: Rafael Mendes (médico) – Rio Grande do Sul – Porto Alegre

Os Mendes fixam-se no Rio Grande do Sul. Mesmo ignorando a procedência de cristãos-novos, a perplexidade continua. Rafael Mendes, em 1929, à época da Quebra da Bolsa de Nova Iorque, entra na Faculdade de Medicina. É amigo de Micróbio e da discriminada judia Débora, quem Rafael imagina amar; mas, apesar de ele sempre se perguntar perplexo: "Eu a amava?" (p.199) e de querer namorá-la, ela só pensa em conseguir a glória, merecida, na pesquisa. No quinto ano de faculdade, ele já sabe que se especializará em traumatologia, e todos os demais estudantes também já têm em vista qual ramo da medicina seguir. A única, que não tem definido ainda qual especialidade seguir, é Débora, por causa de sua necessidade de auto-afirmação. Ela tenta de tudo, mas nada dá resultado, o que não abala sua perseverança e seu senso de dignidade. Rafael casa-se com Alzira, cujo pai é influente na política gaúcha e amigo de Getúlio Vargas. Com certa angústia, ele põe-se a estudar História e Filosofia. É nomeado por Getúlio como Chefe da Seção de Doenças Infecto-contagiosas do Estado. A 1º de janeiro de 1936, nasce seu filho, também, Rafael Mendes e ele o embala, com a remota canção, embora desconheça sua origem. Apesar dos estados adversários, Getúlio consolida seu poder depois do levante comunista de 1935. Certo dia Rafael é chamado à casa do sogro, onde o fazendeiro Saturnino, amigo de seu sogro, expõe-lhe que um grupo de índios e brancos, chefiados pelo branco trotskista, Ruivo, invade suas terras. Como há uma doença contagiosa entre eles, Saturnino e o sogro de Rafael o incumbem de ir averiguar. Ele pede para Débora, na época médica da região missioneira, ir ver. Encontrando dezessete mortos e Ruivo ainda vivo, com manchas azuladas e amareladas no corpo, ela o traz para Porto Alegre.

Débora empenha-se ao máximo, acredita estar à beira da descoberta de uma doença contagiosa nova. O jornal *Alerta*, que move uma insidiosa campanha contra Getúlio, aproveita-se da situação para acusar Saturnino, de quem Getúlio é amigo pessoal. Micróbio aproveita-se para experimentar sua penicilina. O sogro de Rafael, imaginando que seu genro mantém alguma relação amorosa com Débora, ameaça matá-lo, se, por causa dela, ele desonrar sua família. Ruivo morre. Débora vai para a Guerra Civil espanhola como médica das Brigadas Internacionais. Rafael, cada dia mais perplexo, dedica-se mais à História e à genealogia. Com a ajuda de seu amigo genealogista, escreve sobre seus antepassados. Tenta entender sua perplexidade, e quer trocá-la pela sabedoria ou pela paixão. Não esquece Débora; sempre se pergunta: "Amava-a, eu?" (p.245). Para constatar se a ama, parte para a Espanha.

3.2.1.16. Cena 16: Rafael Mendes (financista) – Rio Grande do Sul – Porto Alegre

Às dez para às sete, Rafael Mendes acorda. Começa a refletir sobre: seus pesadelos; Helena, sua mulher, depressiva por causa de sua rebelde filha, Suzana; seu apartamento; etc. No rádio, o locutor pergunta: "Está você preparado para a grande aventura de sua vida?" (p.16), e segue com outras notícias, inclusive, sobre o coma do ditador Franco. O importante para Rafael é que não é nenhuma notícia sobre a Pecúnia S.A., a financeira onde trabalha. Ela está quebrada, apesar de Boris Goldbaum, seu diretor-judeu, sempre ter passado a impressão de solidez pela localização, pela decoração e pela miniatura da Árvore do Ouro, criando-se a crença de que "Boris tem a Árvore do Ouro" (p.38), o que ele faz questão de não desmentir. Para aumentar sua perplexidade, ao abrir a porta, Rafael encontra uma

caixa de papelão com velhos objetos e uma foto de sua mãe e de seu pai com ele no colo. A foto é datada de 1938, ocasião em que seu pai, o médico Rafael Mendes, deixa tudo e vai para a Guerra Civil espanhola. Acompanhando a caixa de papelão, há o endereço do genealogista Samar-Kand. Indo procurar o genealogista, ele entrega a Rafael dois velhos cadernos sobre seu pai e seus descendentes, para ele dar uma olhada. Se quiser ficar com eles, pagará dez mil dólares e ganhará, como brinde genealógico, um terceiro caderno sobre ele mesmo. Rafael leva-os e, em seu gabinete, põe-se a ler.

São oito horas quando Rafael acorda, com sua mulher, Helena, a esmurrar a porta. Ela está desesperada porque Suzana faz as malas e vai embora. Diz a Rafael que Boris ligou, mas não pôde esperar para falar com ele porque iria pegar o avião. O rádio noticia a quebra da financeira. Dando-se conta de que Boris está fugindo com sua filha, Rafael corre ao aeroporto, não dando nem ouvidos ao genealogista que vem receber o dinheiro.

No aeroporto Boris desabafa com Rafael, dizendo estar cansado de mentiras, enfim, de tudo. Ele e Suzana se amam e vão, primeiro, para Montevidéu, à procura de um lugar idílico. Despedem-se: Suzana, amável; Boris, irônico e terno; Rafael, perplexo. Vão-se, mas Rafael dá um grito e se precipita contra Boris. Helena chega gritando e o velho genealogista entra no aeroporto correndo.

Rafael Mendes e Boris Goldbaum são presos, acusados de peculato. A denúncia é feita na noite de 17 de novembro de 1975, por Celina Cordeiro, apoiada pelo velho genealogista, que não gosta de Boris. São recolhidos a um xadrez especial, com refeição abundante. Rafael pondera, irado, sobre a ligação oculta de Boris com a filha, a irresponsabilidade de Boris com relação à financeira, a sua própria conivência e as atordoantes revelações daquele dia.

unesp

Toledo vem de Brasília, mandado pelo ministro da fazenda, a fim de dizer a Boris que dê um jeito na situação de sua financeira, porque não há interesse de que ele afunde, há interferência internacional e de grandes investidores. Boris lhe agradece, mas não está interessado. Toledo sai e Boris se põe a falar sobre sua vida difícil, o que o levou a resolver ganhar dinheiro, e sobre seu relacionamento com Suzana, com quem pretende se casar. Rafael se dirige à cama de Boris, a fim de lhe dar um soco, mas cai. Ao acordar, está a sua volta Suzana, Boris e o velho Dr. Raul Castellar, que vai lhes facilitar a fuga, por dez mil dólares. À hora marcada Rafael, ao contrário de Boris, põe-se a rir e não foge. Entende, agora, qual o legado lhe deixado por seu pai: a suposta libertação de uma perplexidade de gerações. Deita-se, à espera do sono e dos sonhos, livres dos pesadelos com seus fantasmas históricos, mas com "um menino em roupinha de marinheiro a espiá-lo, sorridente, por entre os ramos da Árvore da Vida". (p.287)

3.2.2. Considerações sobre as cenas

Nas cenas, como será visto, há algo em comum. Todos os descendentes dos Mendes têm sempre um amigo ou ainda uma pessoa de sua família que, não é regra geral, mas quase sempre, estão fisicamente a seu lado, influenciando-o, com suas idéias. Os descendentes dos Mendes podem ser comparados a Sancho Panza pela sua tamanha inocência e fé, nas idéias de seus companheiros, a ponto de terem uma simplicidade cega, tal qual a de Sancho, conforme descrita por Unamuno (s.d., 301): "*(...) tu simpleza fué tan loca, tan heroica como la locura de*

tu amo, pues creíste en ésta"*. Segundo Vogt (1989, 45-6) "mesmo os símbolos do mundo demoníaco sofrem nos romances de Moacyr Scliar um rebaixamento na relação com a realidade histórica ou imediata", ou seja, o comportamento sanchesco dos representantes da linhagem Mendes, mostrando-se rebaixado, é o grande responsável pelo humor e pela ironia tão característicos do autor.

Os amigos dos Mendes fazem parte de dois grupos: o dos mercenários e o dos idealistas.

Do grupo dos mercenários fazem parte os amigos ou familiares dos Mendes que dão vazão a seus projetos grandiosos, a seus sonhos e à busca de seus mitos como o da Árvore do Ouro, por exemplo, por vezes até com o entusiasmo libertador dos idealistas. Porém, na essência, os mercenários têm como objetivo primeiro o ouro e a riqueza para si, para galgá-los, são capazes de subjugar os demais, muitas vezes, até em nome de bandeiras de liberdade. Desse grupo, fazem parte: o pai de Jonas, Eliézer, David, o irmão de Maimônides, Cristóvão Colombo, Afonso Sanches, Vicente Nunes, Felipe Roys, Álvaro de Mesquita, Bento Seixas, Micróbio, e Boris Goldbaum.

Do grupo dos idealistas participam os que fazem projetos e sonhos ou mesmo buscam a riqueza proporcionada pela Árvore do Ouro, mas incluem neles o coletivo. Enxergam, entusiasticamente, em sua conquista a liberdade de muitos. Dos idealistas fazem parte: Bento Teixeira, Joseph de Castro, Padre Antônio Vieira, Manoel Beckman, Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, Diogo Henriques, Tiradentes, Garibaldi, Débora, e Boris Goldbaum.

Boris Goldbaum, o chefe e amigo do Rafael Mendes financista, é o único a integrar os dois grupos. Há nele uma mudança de mercenário, no início da obra,

---

* (...) tua simplicidade foi tão louca, tão heróica como a loucura de teu amo, porque creste nela.

para idealista, no fim da obra.

Só do Rafael Mendes, o engenheiro ferroviário, não é mencionado um parceiro. Os demais sempre são acompanhados senão fisicamente, pelo menos ideologicamente por um, dois ou até três companheiros a cada vez, como é o caso do Rafael Mendes, professor.

A genealogia Mendes é marcada pela sua personalidade questionadora. Os Mendes indagam não pela auto-confiança, mas justamente pela incerteza de tudo, gerada no âmago de seu caráter perplexo em potencial. Tanto é que possui até o direito ao enigma, como diz o Rafael Mendes, comerciante, a Vicente Nunes: "Os perplexos têm direito ao enigma" (p.151). Então, esses perplexos questionadores, inseguros, tornam-se objetos facilmente manipuláveis pela ideologia de seus companheiros. Uma vez fracassadas essas ideologias, eles saem de cena, tão pateticamente quanto entraram, marcando a cisão de mais um ciclo. Esculpem a cada cena, mais profundamente, sua característica de Sancho e de asno:

> *Al apelar Sancho al asno "hijo de mis entrañas", percibimos una resonancia de la injuriosa atribulación al villano de la misma sustancia y naturaleza del burro, hijos ambos de la tierra y el uno del outro.* (Di Stefano, 1990, 889)*

Fazendo um levantamento da posição perplexa e leviana de todos os integrantes da geração dos Mendes, ver-se-á que, segundo coloca Vogt, todos são rebaixados.

Jonas não quer mais ser profeta, pois há muita cobrança, e seu pai, inclusive, quer que ele consiga de Jeová a localização da Árvore do Ouro; então

---

* Quando Sancho apela para o asno "filho de minhas entranhas", percebemos uma ressonância da injuriosa tribulação no plebeu da mesma substância e natureza do burro, ambos filhos da terra e

foge de sua missão e é engolido pela baleia. Habacuc faz o que Eliézer iria fazer, se não tivesse sido assassinado por Habacuc: denuncia os essênios e foge com parte de seu tesouro e com Naomi; por matar Eliézer, sua descendência fica condenada à peregrinação. Maimônides, cujo irmão morre em uma de suas viagens em busca de jóias, torna-se a encarnação em pessoa de um perplexo. O Rafael Mendes, cartógrafo, é tido como louco por seu pai, o Mendes calígrafo, e seu filho é preso pela Inquisição, por causa das idéias náutico-aventureiras de Cristóvão Colombo. O Rafael Mendes, comerciante, tem que fugir da tribo indígena, por causa das idéias de Afonso Sanches, querendo traficá-los; e morre perplexo, após ler a rebelde e dissimulada *Prosopopéia* de Bento Teixeira. Rafael Mendes, comerciante, morre silenciosamente após obter, a pedido de Vicente Nunes, os serviços de Calabar para a conquista holandesa. Rafael Mendes, polidor de lentes, quase se indispõe com a comunidade judaica e com os holandeses por causa do rebelde Joseph de Castro. Rafael Mendes, professor, foge para o Maranhão com Felipe Roys que intenciona matar o governador; é mal-visto pelos colonos por ser amigo do Padre Vieira, defensor dos índios; e é preso antes do enforcamento de Manoel Beckman, devido a sua amizade com ele. Rafael Mendes, comerciante, é obrigado a fugir de entre os negros por causa de Álvaro de Mesquita, que pretende traficá-los; posteriormente, é perseguido pela Inquisição, por ser amigo do inventor da Passarola, o Padre Gusmão. Rafael Mendes, ator de teatro, deixa seu pai na miséria, após a construção de um teatro, destruído após o monólogo imprudente de Diogo Henriques. Rafael Mendes, comerciante de ouro, quase vai à morte depois da extração de um dente, e de um cálix, provavelmente, envenenado por uma criada e espiã de Tiradentes; e vaga, sem destino e sem êxito, pelos campos e cafezais de São Paulo, como guia do

---

um do outro.

cego Bento Seixas. O ainda adolescente Rafael Mendes, futuro comerciante de couro, integrante voluntário do exército farrapo, é preso pelos legalistas, tendo que entregar o rebelde Garibaldi e os demais farrapos. Rafael Mendes, médico, favorece para que Micróbio experimente sua penicilina em um paciente desvalido e são acusados de usarem-no como cobaia; Débora, em sua perseverante e sem êxito busca da glória na medicina, leva-o a se meter em inúmeras complicações e, finalmente, ele deixa tudo e vai para a Guerra Civil atrás dela, a fim de certificar-se de que a ama. Rafael Mendes, financista, deixa os problemas da financeira para que Boris Goldbaum resolva; Boris não está a fim de resolvê-los, eles vão para a cadeia, de onde Boris foge com a filha de Rafael, que recusando-se a ir, fica preso.

Analisando, brevemente, a longa linhagem dos Mendes quanto às profissões, nota-se que há um profeta, um construtor de cisternas, dois médicos, um calígrafo, um cartógrafo, seis comerciantes, um polidor de lente, um colono, um ator de teatro, um fazendeiro, um engenheiro e um financista. Exceto o fazendeiro, todos os demais exercem atividades liberais próprias para sua trajetória de nômades.

Dentre os profissionais liberais, há construtores de cisternas, calígrafos, cartógrafos e polidores de lentes. É bom lembrar que nenhuma dessas profissões manuais é típica dos judeus.

Proporcionalmente, a cesura não será tão profunda, tendo-se em vista que um total de seis dos Mendes é comerciante. Profissão típica dos judeus, como diz o Rafael Mendes, polidor de lentes, ao comparar os judeus aos holandeses:

> (...) sem que por isso necessitasse romper com os holandeses, que respeitavam a ética do Antigo Testamento e eram, como os judeus, um povo de comerciantes. (p.136)

unesp

E, para marcar bem sua cultura voltada para as finanças, para a abominável "usura' (Scliar, 1994, 57), mas nascida no berço bíblico, o mais remoto ascendente dos Mendes de que se tem notícia é Jonas, profeta, e o último é Rafael Mendes, financista.

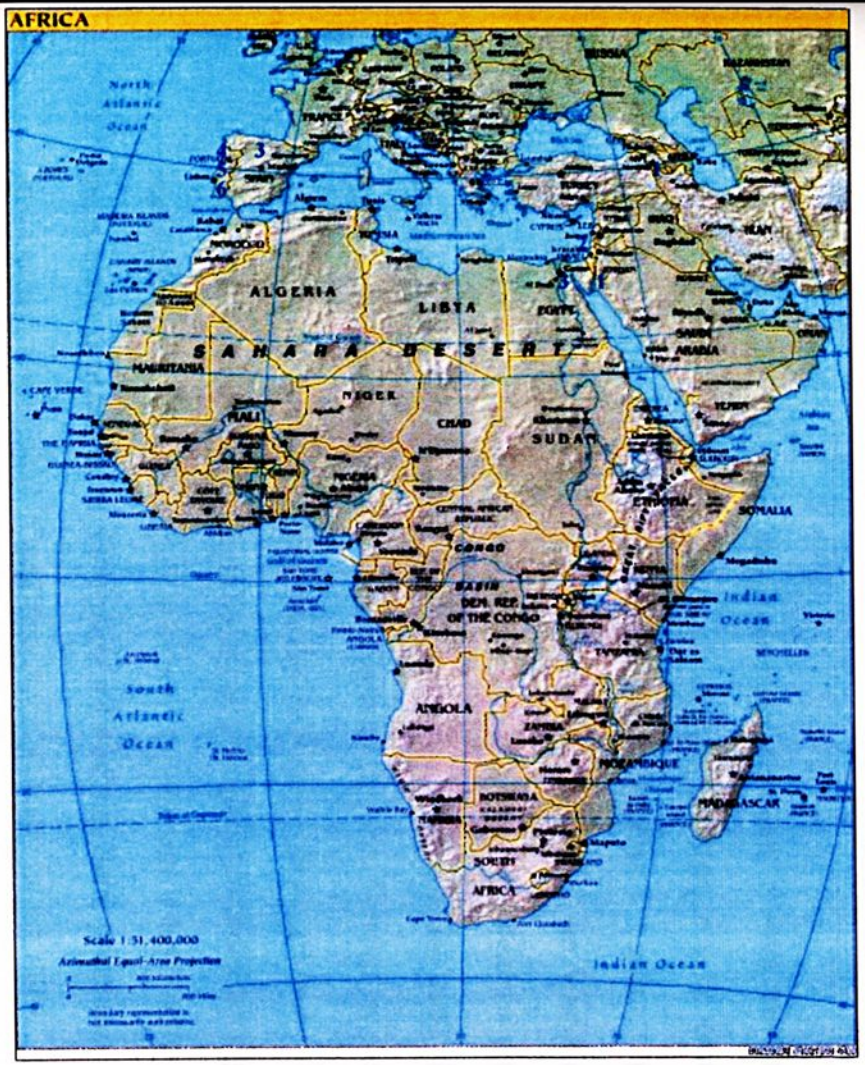
Porém, é possível observar uma cesura mais profunda e constante se a genealogia for observada, não do ponto de vista da quantidade de cada uma das profissões, mas do vasto desfile delas.

Toda a descendência – trazendo consigo a tradição das profissões liberais e financeiras e fazendo parte de duplas, nas quais ocupa o lugar patético, mas sensato, de Sancho Panza, embora essa sensatez seja "questionável", de acordo com Unamuno (s.d., 7) – percorre sua trajetória errante e troteadora, de qualquer forma, desde o sul da Ásia até o sul da América. E, na condição de povo que precisa lutar contra a extinção, vai infiltrando nos poros sociais e tornando-se, progressivamente, indispensável e incômodo até ser expulso para recomeçar o ciclo em outro lugar.

Poderá ser melhor observada a trajetória dos descendentes dos Mendes – já rotos em sua essência de peregrinos e acompanhados de suas respectivas profissões e de seus companheiros – nos mapas a seguir:

LEGENDA

1. Jonas (profeta) X seu pai: Judéia
   Jonas (profeta) Nínive
2. Habacuc ben Tov (construtor de cisternas) X Eliézer: Palestina-Jerusalém
3. Maimônides (médico-filósofo) X seu irmão David: Espanha – Toledo
   Maimônides (médico-filósofo) X seu irmão David: Norte da África – Cairo
4. ---------- Mendes (calígrafo): Portugal – Porto
5. Rafael Mendes (cartógrafo) X Cristóvão Colombo: Portugal – Porto
6. Rafael Mendes X Afonso Sanches: Portugal
   Rafael Mendes X Afonso Sanches: Brasil
   Rafael Mendes (comerciante) X Bento Teixeira: Pernambuco – Olinda
7. Rafael Mendes (comerciante) X Vicente Nunes: Pernambuco – Recife
8. Rafael Mendes (polidor de lentes) X Joseph de Castro: Pernambuco – Recife
9. Rafael Mendes (professor) X Felipe Roys / Padre Antonio Vieira/Manoel Beckman: Maranhão
10. Rafael Mendes X Álvaro de Mesquita: Alagoas / Bahia
    Rafael Mendes (comerciante) X Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão: Bahia – Cachoeira
    Rafael Mendes (comerciante): Rio de Janeiro – Rio de Janeiro
11. Rafael Mendes (ator de teatro) X Diogo Henriques: Rio de Janeiro – Rio de Janeiro
    Rafael Mendes (comerciante de ouro): Minas Gerais
12. Rafael Mendes (comerciante de ouro) X Tiradentes: Minas Gerais – Vila Rica
    Rafael Mendes X Bento Seixas: São Paulo
    Rafael Mendes (fazendeiro): Rio Grande do Sul – Viamão
13. Rafael Mendes X Garibaldi: Rio Grande do Sul
    Rafael Mendes (comerciante de couro) Rio Grande do Sul
14. Rafael Mendes (engenheiro ferroviário): Rio Grande do Sul
15. Rafael Mendes (médico) X Micróbio/Débora: Rio Grande do Sul – Porto Alegre
16. Rafael Mendes (financista) X Boris Goldbaum: Rio Grande do Sul – Porto Alegre



Como já foi visto anteriormente, perpassam a obra três mitos: o da América como paraíso perdido, o da Árvore do Ouro e o de uma sociedade melhor. O mito da América como paraíso perdido é buscado apenas pelos descendentes dos Mendes e por Boris Goldbaum, quem, em diferentes etapas da obra, vai buscando os três mitos e é o único dos companheiros dos Mendes a também procurar o mito da América como paraíso perdido, porque, provavelmente, fará parte da nova genealogia dos Mendes ao se casar com Suzana, a última representante da descendência. Boris porta o mito, pois, na qualidade de co-formador dessa futura genealogia, contribuirá para que ela nasça mais complexa ainda, ao aglutinar toda a longa linhagem dos Mendes, em Suzana, mais a sua genealogia, de Goldbaum e Rotschild. Será, portanto, o patriarca da nova genealogia, se ainda a quiserem machista como foi até então.

Quanto ao mito da América como paraíso perdido, assiste-se, no final da obra, a sua cisão, porque o que acontecerá com os fugitivos, Boris e Suzana, em sua busca é incerto. A única coisa, realmente, concreta é a representação inabilidosa desse mito em uma tela artificial, na parede de uma cela.

Os outros dois mitos, o da Árvore do Ouro e o de uma sociedade melhor são sempre buscados pelos parceiros dos Mendes em suas duplas. Acabam sendo, por associação, buscados também pelos Mendes, seduzidos que são, por seus companheiros mercenários e idealistas, e dado ao seu caráter de perplexos e patéticos. O que contribui, de acordo com o visto, para que os descendentes dos Mendes caiam, ingenuamente, em inúmeras situações difíceis por essas causas que, a princípio, a eles não pertencem.

No final da obra, a busca desses mitos também se rompe. Pois, tratando-se do mito de uma sociedade melhor, Boris Goldbaum foge, levando com ele um golpe pecuniário que deixa muitos na miséria e no desespero.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Em relação ao mito da Árvore do Ouro, Boris é quem sempre o buscou. Mas é o Rafael Mendes, financista, seu principal assessor, que, perplexamente, não fugindo, fica desempregado e na cadeia.

Em *E.N.R.M.*, no decorrer de toda a longa linhagem dos Mendes, contrariamente à figura masculina, a figura feminina, praticamente, existe apenas como presença, mas não como marca. Ela não tem nem voz, pois é, quando muito, mencionada e suas palavras, quando há, são para concordar, para ensinar ou para pedir auxílio. Em geral, é sempre silenciosa, meiga, resignada, dedicada e fervorosa no que diz respeito ao judaísmo. Na obra, confirmando as palavras de Izklo sobre a família judaica:

> (...) está em jogo a concepção patriarcal da família judia que faz do pai o cabeça da família, o centro da autoridade e das decisões, enquanto que a mão é o núcleo afetivo, eterna fonte de alegria, de ternura. (Izklo, 1990, 43)

Suzana, a filha única do último Rafael Mendes, o financista, desentoa das demais porque não está na condição de mãe ou de esposa judia dos Mendes, mas na condição de pertencente direta da genealogia Mendes. Embora seja, como diz Margarido (1985, 5), "o último rebento dos Mendes".

Na imagem feminina, de Suzana, rompe-se a bem sedimentada genealogia masculina e, com ela, a sociedade patriarcal. Dinamitando essas fronteiras pré-estabelecidas, metaforiza-se, em Suzana, por meio de sua rebeldia, a incerteza e a falta de lugar ou de classificação que ela representa. Pois Suzana tanto pode revelar-se extremamente rebelde por delimitar a cisão da longa genealogia dos Mendes, sendo para isso "o último rebento", ou seja, o fim do ciclo, como pode, em sua rebeldia, marcar a adaptação ao novo ciclo, estranhamente iniciado por

uma mulher, ou ainda, nem o elemento-cisão – final do ciclo ou início do ciclo – mas de repente o elemento-transição entre um e outro, metaforizado não na rebeldia, mas no problemático estranhamento do desconhecido encontro com um outro elemento que não é nem o velho nem o novo, mas um terceiro elemento, o estranho e o desconhecido, ou seja, uma Suzana desconhecida para Rafael: "(...) Boris fala de uma Suzana que ele não conhece (...)". (p.277)

Em relação à formatação, as cenas tanto podem se metamorfosear em micro ou macro-cenas. Podem também escorregar, catarticamente, de um capítulo para o outro. É o que acontece, por exemplo no sétimo e no oitavo capítulos.

O sétimo capítulo, "Rafael Mendes: a corrida", termina com a idéia de continuidade e fusão, dada pelo verbo durativo e pela vírgula:

> Os dois acabam caindo, e a partir daí tudo é uma visão confusa, Helena, meu Deus, Helena, veio não devia ter vindo, Helena gritando como louca, o velho genealogista entra no aeroporto, correndo, (p.256)

Do sétimo capítulo, escorrega-se para o oitavo capítulo, "O Velho no Aeroporto", iniciando com o mesmo verbo durativo do capítulo anterior: "Correndo apesar da idade e da dor que sinto no peito, mas é preciso correr (...)" (p.259). Metaforicamente, o aspecto durativo remete à continuidade do episódio histórico, ininterrupto, apesar da brevidade fragmentária do fato.

Do oitavo capítulo para o nono, acontece também o mesmo processo. Pois o oitavo capítulo termina da seguinte maneira: "Terminou. Tudo que me resta agora é voltar para casa, para a minha cama, e escrever o" (p.259). Para dar essa idéia de linearidade o capítulo fica sem pontuação, conectando-se, diretamente, ao título do nono capítulo: "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo". Mas,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

embora haja esse artifício, na qualidade de capítulos eles já postulam cisões que estão atreladas a fatos textualizados.

A cena pode ainda romper-se com o contexto geral da própria obra, tomando uma outra característica formal. É o caso do nono capítulo, "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo", ao tomar uma forma jornalística, mais especificamente, a forma da seção policial do jornal. Eis o início do capítulo:

> Um judeu e um cristão, ou um judeu e um cristão-novo, ou – mesmo – dois judeus, dois homens, enfim, são presos pela polícia. A acusação é peculato.
>
> Antecedentes. Três dias antes do incidente, a Sra.Celina Cordeiro procurou um velho amigo, um homem de idade que exercia, sem sucesso, a profissão de genealogista (...). O genealogista aprovou; tinha razões para não gostar de Boris, a quem atribuía a responsabilidade pela morte de seu único filho, Júlio, corretor da Pecúnia S.A., financeira presidida pelo mesmo Boris. Pediu a Celina um tempo: vinte e quatro horas para dar também um "pequeno golpe", segundo suas palavras. Na noite de 17 de novembro de 1975, conforme combinado, Celina Cordeiro fez a denúncia. Na manhã seguinte, em pleno aeroporto, Boris Goldbaum e Rafael Mendes foram detidos e recolhidos a xadrez especial (...). (p.263-4)

Os parágrafos e as frases podem ser muito curtos ou bem longos. A mensagem é rompida tanto pela brevidade do parágrafo ou da frase, quanto pela convulsão asfixiante de parágrafos ou frases longos. Os parágrafos e as frases são recortados por vírgulas, ponto-e-vírgulas, dois pontos, reticências, travessões, parênteses, aspas, itálico, etc. E o discurso direto entrepassa o discurso indireto de "maneira digressiva e humorística". (Araújo, 1993, 105)

Na obra há três narradores: o velho genealogista, um narrador não

identificado e o penúltimo Rafael Mendes, o médico.

O capítulo, "Velho ao Amanhecer", é narrado pelo genealogista em primeira pessoa.

O segundo capítulo, "Rafael Mendes", é narrado pelo narrador não identificado em terceira pessoa.

O terceiro capítulo, "Primeiro Caderno do Cristão-Novo", é narrado pelo Rafael Mendes médico. Ele começa a narrar o capítulo em terceira pessoa (p.77). Com o simples espaçamento de divisão de uma cena para outra muda o foco narrativo para a primeira pessoa (p.77). Na cena seguinte já muda novamente para a terceira pessoa (p.78). Mais à frente (p.85), inicia uma cena em primeira pessoa, mas no segundo parágrafo já introduz a terceira pessoa novamente e com ela segue até o final do capítulo.

O quarto capítulo, "Rafael Mendes: Intervalo", é narrado pelo narrador não identificado em terceira pessoa.

O quinto capítulo, "Segundo Caderno do Cristão-Novo", é narrado em primeira pessoa pelo médico Rafael Mendes.

O sexto capítulo, "Nota Genealógica", inicia-se pelo narrador não identificado em terceira pessoa (p.249). A frase seguinte já é narrada pelo genealogista em primeira pessoa (p.249). O capítulo termina, depois do espaçamento para uma nova cena, pelo narrador não identificado em terceira pessoa (p.250).

O sétimo capítulo, "Rafael Mendes: a Corrida", é narrado pelo narrador não identificado em terceira pessoa.

O oitavo capítulo, "O Velho no aeroporto", é narrado pelo genealogista em primeira pessoa.

O nono capítulo, "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo", é narrado

em terceira pessoa pelo genealogista, pois ele diz a Rafael Mendes financista, no final do segundo capítulo (p.71), que escreverá um terceiro caderno sobre Rafael para lhe presentear como brinde genealógico.

Como se pode ver, as cenas constituem tanto no plano do significante quanto no plano do significado a cisão, a disjunção. E todo esse discurso estraçalhado, feito ou desfeito a partir de "espectros infantis ou mesmo de raízes históricas" (p.17), nada mais é que a concretização da ruptura através da qual se monta a Nova História. Pois, a busca de uma história menos convencional e mais autêntica está impressa, justamente, na ruptura, "a única atualidade verdadeira" (Gagnebin, 1994, 130), a fim de efetivar o diálogo com o contexto pós-moderno, para o qual é preciso se reeducar.

Eis por que, apesar da presença de diversas técnicas discursivas, acaba-se por "reconhecer a insuficiência da palavra para o desvendamento do mundo", que, segundo Machado (1983, 197), "aparece em fragmentos".

3.3. O metatexto: explicação

Em *E.N.R.M.*, Moacyr Scliar faz uso de um vasto material que vai desde a história até a ficção, ou seja, desde uma ficção menos declarada até uma ficção mais declarada. Para isso, vai mostrando a forma como os dois discursos vão se aproximando para formarem um só; vai desvendando o que se passa nas entranhas da baleia, ou seja, desnuda sua estrutura, por meio de *"l'attrait pour la parole"*[*], como coloca Rivas (1986, 14). E não se esquece de deixar transparecer, como em

---

[*] atração pela palavra

3.1. e 3.2., além dos alinhavos, as roturas da tessitura.

Conforme diz Marchon, existe também o "cuidado" do autor de tudo explicar para que nada se perca:

> O cuidado do A. marca, aliás, toda a construção do romance, onde nenhum episódio, personagem ou palavra aparecem por acaso; tudo tem relação e se articula harmoniosamente, numa narrativa povoada de pequeninas sugestões que os factos posteriores só farão confirmar, em correspondências por vezes bem distantes. (Marchon, 1981, 89)

A obra fala sobre o papel do historiador, do genealogista, do narrador e da história, explicando, metalingüisticamente, a sua tarefa.

O velho genealogista, o Professor Samar-Kand, é o co-autor da narrativa junto com Rafael Mendes, médico, pois, no decorrer dos nove capítulos da obra, mostra-se a composição de três cadernos do cristão-novo, feitas três capítulos. Desses três cadernos, os dois primeiros têm a autoria de Rafael Mendes, com a co-participação do genealogista e o último tem a autoria única de Samar-Kand.

Na condição de autodidata genealogista profissional, Samar fala para o leitor sobre a perscrutação desvalorizada dos estudos históricos:

> Não sei com quem falo, mas falo com autoridade: sou um homem culto, historiador. Não diplomado, naturalmente; autodidata. Mas conheço mais da História que muito professor universitário. Ninguém sabe mais sobre os cristãos-novos do que eu. Ninguém estudou tão bem sua genealogia. Remontei à raiz bíblica desses estranhos personagens, híbridos de cristãos e judeus. (p.9)

Samar-Kand declara que todo esse conhecimento acumulado não lhe

adianta muito para ficar rico e famoso. Não obtém êxito com seus conhecimentos, porque "o pior é que pouca gente valoriza esse trabalho". (p.66)

Sua especialidade é a genealogia, uma ciência antiga da qual se compõe a Bíblia: "O que é a Bíblia, senão uma monumental árvore genealógica, ilustrada com narrativas de caráter sagrado?" (p.66). E explica ser uma ciência que, desde os tempos bíblicos, não cessa de se desenvolver. Na Europa, por exemplo, cada cidade tem o seu competentíssimo genealogista, cujo trabalho é facilitado pela variedade de recursos, como os arquivos históricos. Seu trabalho é complicado, porque, no Brasil, ele enfrenta as maiores dificuldades para fazer suas pesquisas que, por sinal, não têm campo, obrigando-o a dedicar-se a outras áreas também. O Rio Grande do Sul, segundo ele, não tem história. Ninguém sabe de seus antepassados, nem quer saber, com raríssimas exceções, como o médico Rafael Mendes.

O professor Samar-Kand expõe que, procurado por Rafael, fazem longos e aprofundados estudos sobre a genealogia dos Mendes e se surpreendem com a verdadeira floresta genealógica que encontram:

> Os Mendes têm raízes por todos os lados, em vários países, em vários continentes. Levamos meses pesquisando seus ancestrais. Ficávamos trabalhando até altas horas da noite; ele às vezes até pousava aqui; as roupas que lhe mandei, ele as esqueceu quando viajou para a Espanha... . (p.67)

O médico Rafael Mendes tem, segundo o genealogista, fértil imaginação. Espanta-se com as coisas da vida e do mundo e por isso, tem que escrever. Difere do negro ascensorista, que pode ficar rico com os assuntos ouvidos e discutidos, à meia voz, transformados em manchetes, mas reconhece que "não domina a arte de

montar, com fragmentos de informação, um quadro coerente; não se iniciou no jogo, de muitas incógnitas, do poder e do dinheiro" (p.36).

Além de um caderno com anotações esparsas, o médico deixa dois cadernos. No primeiro, estão histórias que ele escreveu sobre seus antepassados, histórias genealógicas. Há, ainda, a explicação de como o sobrenome passa a ser Mendes. O mais remoto conhecido descendente é Jonas, depois Habacuc ben Tov, depois Moisés ben Maimon ou Maimônides, cuja filologia resulta em Mendes. "O nome da família foi mudado: Maimônides, Maimendes, Memendes, Mendes" (p.106). Posteriormente, há a explicação hebraica do nome Rafael e a explicação para a paradoxal conservação, de geração em geração, do nome Rafael Mendes, cujo primeiro possuidor é o filho do Mendes calígrafo:

> Chamava-se Rafael. Recebera este nome (do hebraico: rapha, médico, el, Deus, médico de Deus) em homenagem a seu antepassado ilustre, aquele que bem poderia ter sido médico de Deus, o grande Moisés ben Maimon. Este nome, aliás, se propagaria depois de geração em geração. Por que, se os judeus não costumam dar aos filhos o mesmo nome do pai? Simples: apenas um astuto disfarce, uma forma de enganar a Inquisição. (p.108)

O segundo caderno se refere ao próprio Rafael Mendes, médico; conta algo que lhe sucedeu e fez mudar sua vida.

O terceiro caderno, que é oferecido ao financista Rafael Mendes como brinde genealógico, é tão importante para ele quanto os outros dois. É dedicado inteiramente ao financista, revelando muita coisa a seu respeito. Embora o Professor Samar-Kand tenha acompanhado, indiretamente, boa parte de sua existência, ele a conhece a fundo, mais do que Rafael imagina. Até seus gestos lhe são previsíveis.

O narrador, em um mesmo parágrafo, inicia como um mero observador; vai passando a participante; chega rapidamente a onisciente, e aí permanece:

> Boris apanha um dos jornais. Aparentemente fê-lo ao acaso. Aparentemente, mas não dá para esclarecer: não há clima para debate. Há clima para socos. Rafael pega outro jornal, folheia-o. Franco continua em coma; mas, sobre a prisão deles, nenhuma notícia. (p.271)

Essa onisciência, sem dúvida, é que contagia todo o texto, chegando a um grau quase insuportável de sapiência. É o caso, por exemplo, do médico Rafael Mendes que narra o quinto capítulo em primeira pessoa e, apesar de ter ficado em Porto Alegre, relata com poderes divinos as circunstanciais atitudes de Débora em Buenos Aires: "Encolheu-se dentro do casarão, acendeu um cigarro. Em Porto Alegre não fumava em público; mas em Buenos Aires, e naquela situação, pouco se lhe dava." (p.204)

O narrador, como é de se esperar de um historiador, quer atrás de uma primeira, ou de uma terceira pessoa, é um porta-voz dos pensamentos dos personagens que nada mais são que objetos para sua dissimulação ideológica.

A história nasce das indagações e o historiador procura alimentá-la por meio de perguntas, como as que perseguem o velho genealogista: "Amanhece, como de costume; e, como de costume, perguntas. O que pode fazer um velho solitário, senão perguntar-se? Perguntas, perguntas. Sempre." (p.9) Porém, é graças a esses questionamentos que pequenas e provisórias respostas vão surgindo: "No mar agitado da angustiada dúvida reinará enfim a paz e a tranqüilidade. Uma partícula de ordem será introduzida no caos" (p.10). Pois, se tratando de sua genealogia, o Rafael Mendes, financista, a conhece "só de sonhos" (p.10), o que lhe gera as atordoantes perguntas. O passado, Rafael desconhece

unesp

totalmente. "(...) é como se olhasse o passado por um vidro opaco. Vultos, não mais do que vultos". (p.43)

Mas a "uma mensagem do além" (p.68), que se irradia para o presente e o presente para o futuro e "à verdade genealógica (...), chega-se por aproximações sucessivas" (p.188). São essas "aproximações" que permitem questionamentos de Rafael acerca do caráter fabril da história:

> Histórias, não é? Histórias. Muita coisa inventada... . (p.188)

> (...) E aperta com muito mais força que de costume, o que faz supor que desta vez é para valer, é para terminar mesmo com a longa – segundo o genealogista, mas pode ser tudo mentira, invencionices de velho caduco e/ou safado – linhagem dos Mendes. (p.268)

> (...) Quanto às histórias que leu, não sabe o que pensar delas, e menos ainda do homem que as escreveu. Que significa essa sucessão de personagens históricos, Jonas, e Habacuc ben Tov, e Maimônides, e todos os Mendes?
>
> O que lhe acrescenta saber que um antepassado – se é que existiu – conversou com Tiradentes – se é que conversou? Não sabe. Nem sabe se o que leu é verdade, ou mentira, ou mistura de verdades e mentiras. Continua tão perplexo como antes; descobriu, apenas – escasso consolo – que vem de longe, esta perplexidade. Vem de séculos. (p.187)

O médico Rafael Mendes cada vez estuda mais história, a fim de, conhecendo o passado, entender o presente: "Cada vez mais eu tinha vontade de conhecer o passado – a ver se entendia o presente" (p.245). Passa do estudo da história ao da genealogia, a fim de trocar sua perplexidade pela sabedoria, suas perguntas por respostas:

unesp

> (...) quem sou? Quem são meus antepassados? Estudando suas vidas, eu queria na realidade descobrir quem eu era; queria respostas para as perguntas que me atormentavam; queria saber o que tinha acontecido, o que estava acontecendo, o que ia acontecer. Queria trocar a perplexidade pela sabedoria (...). (p.245)

Segundo Corrêa (1994, 627), "a tendência do ingênuo e do puro é questionar para explicar o seu próprio mundo". Porém, segundo o que o genealogista explica a Rafael Mendes, financista, galgar a sabedoria genealógica e, conseqüentemente, histórica, não é fácil. A investigação científica de ligar os breves fatos aos longos episódios – semiótica do real – demanda esforço físico e mental:

> E trabalho genealógico não é fácil. No caso de sua família fui obrigado a consultar dezenas de obras de minha biblioteca que é vastíssima, única no gênero aqui no Estado – vale uma fortuna. Agora: subir e descer escadas, manipular livros empoeirados, isto mata qualquer um. Sem falar no esforço mental. Genealogia é coisa de detetive, senhor Rafael. Às vezes temos de partir de detalhes insignificantes: um brasão gravado em talheres, um quadro antigo, ou referências lendárias – a Árvore do Ouro, por exemplo. (p.69)

Ao conhecimento histórico, no qual se chega por "aproximações sucessivas", como diz o Professor Samar-Kand; o médico Rafael Mendes chega com a ajuda do genealogista, seu amigo, consultor e guia espiritual, que o ajuda a tentar encontrar as respostas buscadas. Rafael, aficionado da história e da genealogia, busca esse conhecimento, ao escrever páginas e páginas, reais ou imaginárias, enquanto (co)responde ao que se espera de um historiador:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

> Neste empreendimento, contava com a ajuda de um bom amigo, um genealogista (...) Esse homem me revelou, com a maior tranqüilidade, coisas assombrosas. Descender do profeta Jonas – quando é que eu imaginaria isso? E no entanto, de que outro profeta poderia eu descender a não ser do atônito Jonas? De que outro médico, se não do perplexo Maimônides? A eles fui me afeiçoando; sobre eles escrevi páginas e páginas, reais ou imaginárias, emocionando-me com suas aventuras, sofrendo com suas atribulações. Tentando entender a perplexidade deles. A minha perplexidade. (p.245)

Com o financista Rafael Mendes, incrédulo, também acontece o mesmo processo. Primeiramente há vários indícios, como:

> (...) especialmente numa manhã assim, tão carregada de presságios. (p.35)

> Está você preparado para a grande aventura de sua vida? (p.16)

> (...) o generalíssimo Franco continua em estado de coma. (p.18)

Posteriormente, surge, na porta de seu apartamento, a caixa de papelão com roupas, sapatos e outros objetos pessoais, velhos livros e textos históricos, foto e um caderno com anotações esparsas; depois, recebe do genealogista dois cadernos para consultar, antes de adquiri-los por dez mil dólares. E, aos poucos, vai descortinando o desconhecido:

> Rafael Mendes abre o primeiro caderno. Mergulha na leitura como o profeta Jonas no mar revolto. No ventre do tempo viaja célere, como o profeta dentro do peixe, rumo a um destino que ainda desconhece. (p.74)

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Após a leitura do primeiro e do segundo cadernos, Rafael vacila, pois é como se tamanha tempestade de informações para suas perguntas recalcadas o deixasse cego, desta vez não pela escassez mas justamente pelo excesso de respostas. Sua sensação pode ser metaforizada no momento em que ele sai da casa do velho genealogista: "Sair dessa casa é como emergir de um mundo subterrâneo, irreal: subitamente ofuscado pela claridade, Rafael Mendes hesita, tonto, sem saber o que fazer." (p.73)

Chegar a respostas, porém, tem um preço: o da transformação, cuja resultante pode ser até a sutil deformação cômica:

> A face experimenta uma lenta transformação. Elevam-se os cantos da boca, a comissura labial se entreabre. Travessas ruguinhas formam-se sob as pálpebras inferiores – ele está sorrindo, sorrindo para sua própria imagem. (...) acha engraçada a imagem que agora tem de si, uma imagem deformada pelo cômico estrabismo. (p.284-5)

Finalmente, após todos os indícios, todos os restos historiográficos avulsos, no caderno de anotações ou compilados nos dois Cadernos do Cristão-Novo, e o primeiro momento de ofuscação; Rafael é capaz de tecer para si, através destas "aproximações sucessivas", o seu conhecimento histórico, as suas respostas mesmo que provisórias, mas, de qualquer forma, respostas para aquelas circunstâncias:

> Fecha os olhos então, e fica consigo mesmo, em paz. Por quanto tempo? Por algum tempo (...). E assim cai numa modorra; entre adormecido e acordado parece-lhe que estão todos ali ao redor da cama – Jonas e Habacuc, Maimônides e Rafael Mendes, todos os que se chamaram Rafael Mendes. Olham-no em silêncio. De repente dá-se conta: todos têm

> a face que há pouco viu no espelho; todos são ele, ele é todos. Agora entende os Cadernos do Cristão-Novo; é o legado que o pai deixou – disso não mais tem dúvida – a ele. À falta de soluções, fantasias; à falta de respostas, imaginárias possibilidades. A perfeita mensagem de um perplexo, conclui – com o quê os vultos vão sumindo, e ele adormece.(p.285)

E no tecer respostas, denuncia-se o papel aproximativo da história à arte e, portanto, do "real" ao irreal Barthes (1970, 155), ao invés de, como sugere White (1994, 53), devolver a dignidade à história, libertando o "presente do fardo da história".

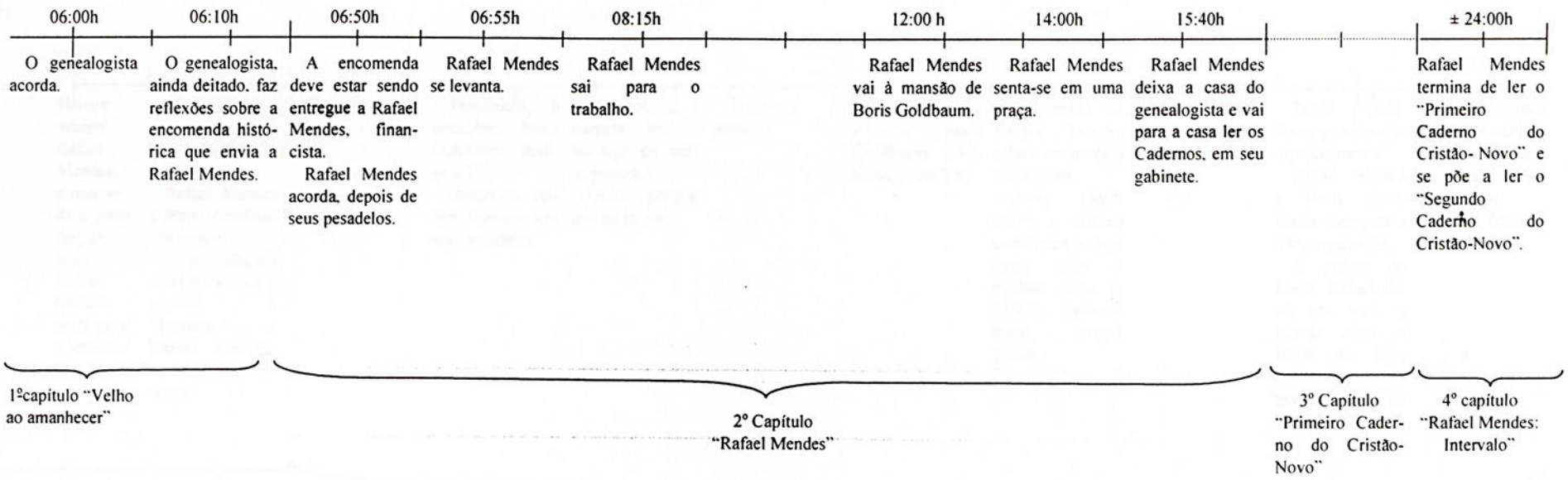
Um ponto que, desde o início da obra, persiste, a fim de reforçar seu caráter de romance voltado para a história, é a delimitação do tempo. Moacyr Scliar parece querer deixar claro esse objetivo ao pautar o texto, tanto no que diz respeito à "memória voluntária" quanto no que diz respeito à "memória involuntária", na explicitação dos séculos, anos, meses, dias e horas.

A "memória voluntária", como é de se esperar, tem essa característica de precisar o *Khronos*, ao contrário da não necessidade da "memória involuntária". Porém, a obra, tentando legitimar a dimensão "finita – dada pela poesia – e a concreta – dada pela história" (Cândido, 1992, 56), aproveita-se das peculiaridades de cada uma das formas, a fim de erigir-se não como pura ficção, mas a partir de suas "técnicas" (Hutcheon, 1991, 153). Ousa ser uma narrativa documentária que é chamada de romance histórico com "um ir e vir narrativo, realizado através de cortes cronológicos", como já havia dito Fischer (1974, 1) sobre a novela de Scliar.

Vê-se melhor a ilustração desta cronologia, sobretudo em relação à "memória involuntária", no segmento a seguir:

unesp

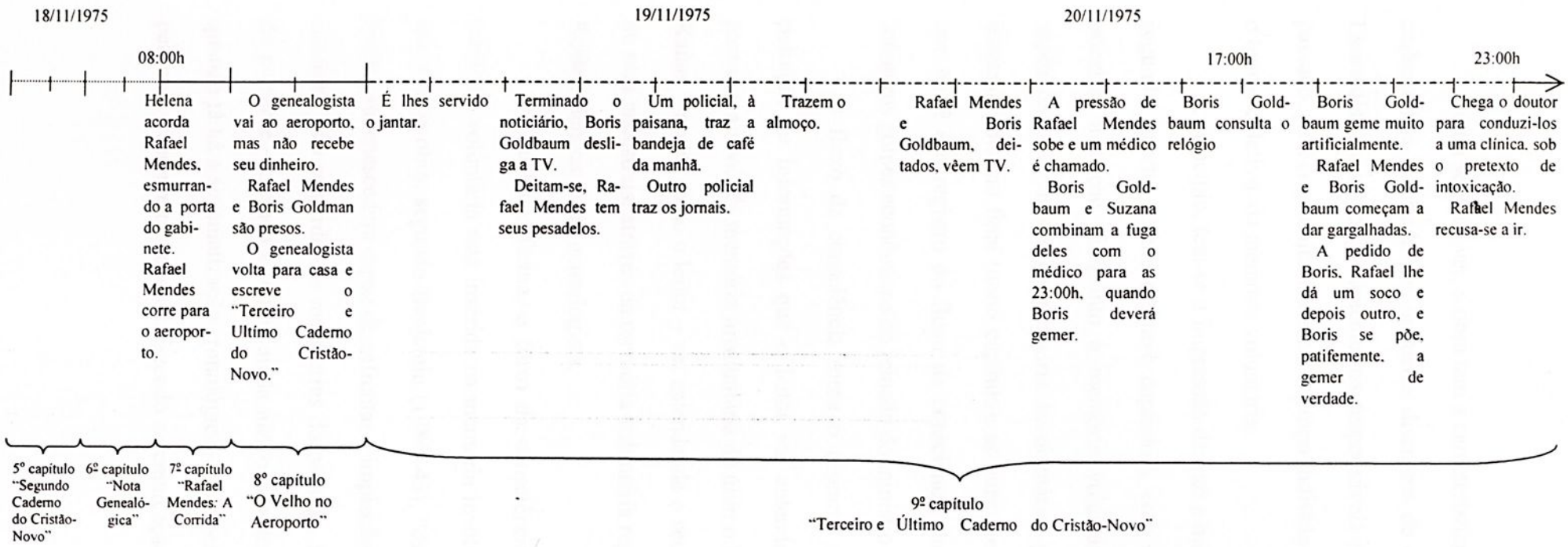
17/11/1975
segunda-feira



——— presente e memória involuntária

..... passado (memória voluntária)

-.-.-.


18/11/1975
19/11/1975
20/11/1975
08:00h
17:00h
23:00h
Helena acorda Rafael Mendes, esmurrando a porta do gabinete. Rafael Mendes corre para o aeroporto.
O genealogista vai ao aeroporto, mas não recebe seu dinheiro.
Rafael Mendes e Boris Goldman são presos.
O genealogista volta para casa e escreve o "Terceiro e Ultímo Caderno do Cristão-Novo."
É lhes servido o jantar.
Terminado o noticiário, Boris Goldbaum desliga a TV.
Deitam-se, Rafael Mendes tem seus pesadelos.
Um policial, à paisana, traz a bandeja de café da manhã.
Outro policial traz os jornais.
Trazem o almoço.
Rafael Mendes e Boris Goldbaum, deitados, vêem TV.
A pressão de Rafael Mendes sobe e um médico é chamado.
Boris Goldbaum e Suzana combinam a fuga deles com o médico para as 23:00h, quando Boris deverá gemer.
Boris Goldbaum consulta o relógio
Boris Goldbaum geme muito artificialmente.
Rafael Mendes e Boris Goldbaum começam a dar gargalhadas.
A pedido de Boris, Rafael lhe dá um soco e depois outro, e Boris se põe, patifemente, a gemer de verdade.
Chega o doutor para conduzi-los a uma clínica, sob o pretexto de intoxicação.
Rafael Mendes recusa-se a ir.
5º capítulo "Segundo Caderno do Cristão-Novo"
6º capítulo "Nota Genealógica"
7º capítulo "Rafael Mendes: A Corrida"
8º capítulo "O Velho no Aeroporto"
9º capítulo "Terceiro e Último Caderno do Cristão-Novo"

Como se pode ver, a obra tem a característica linear e contínua da história, embora seja recortada por inúmeros discursos de ordem ficcional ou histórica. Esses discursos são, justamente, os responsáveis pelo diálogo entre presente e passado, pela concomitância entre o tempo individual, da memória involuntária, e o tempo coletivo, da memória voluntária.

A princípio, tem-se a impressão de que a memória involuntária (primeiro, segundo, quarto, sétimo e oitavo capítulos), com seu fluxo irrefreado pretende priorizar a ficção. Enquanto a memória voluntária (terceiro, quinto e sexto capítulos), que nasce da memória involuntária, pretende ressaltar a história. Engano, pois, no final (nono capítulo), as duas memórias se confundem, pois o que se lê é o registro do fluxo da consciência do genealogista, com base nos inúmeros golpes econômicos do reinado do ministro Delfim Neto.

O fluxo da consciência torna o discurso denso. Mas é graças a essa poluição de informações que o leitor vai entendendo o presente, a partir do passado, através da memória involuntária do último Rafael Mendes, o financista; e Rafael – assim como o leitor – vai entendendo o seu presente, a partir do passado de seus ancestrais, através da memória voluntária registrada por seu pai, o médico Rafael Mendes, e seu genealogista.

De qualquer forma, o fluxo da consciência ocupa toda a obra, pois a memória voluntária está inserida na memória involuntária. Pode-se, assim, dizer que é uma obra, segundo Benjamin (1986, 45), "da '*mémoire invonlontaire*', da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento". Mas essa memória não se perde nas masmorras do passado. Há sempre uma comunicação do presente – quando o tempo ainda não está sistematizado – com o passado – quando já há a sistematização cronológica – pela pergunta "Que horas são?" Essa pergunta é sempre respondida, fazendo a demarcação presente do tempo, como se

unesp

pode ver, através do segmento, nos capítulos pautados no presente (primeiro, segundo, quarto, sétimo, oitavo e nono), onde há a memória involuntária.

O presente parece querer abarcar, literalmente, toda a dimensão do tempo. Nos capítulos que acontecem no presente (1º, 2º, 4º, 7º, 8º e 9º), há uma necessidade latente de se demarcar o tempo. Dá a impressão de que o escritor – que poderia falar de um dia ou de quatro dias, como é o caso da obra, em uma linha – quer vedar todas as possíveis arestas, dando, realmente, à obra o tamanho cronológico de quatro dias. Quatro dias, que se iniciam às 06:00 h da segunda-feira do dia 17 de novembro de 1975, com o coma do General Franco, o ditador espanhol, e termina depois das 23:00h do dia 20 de novembro de 1975, com a sua morte. Porém, como assinala Vogt (1989, 49), "o tempo transcorre na seqüência de números e datas, mas desarticulados".

3.4. O texto pós-moderno: problematização

Depois de ver que esse romance histórico vai se explicando enquanto se constitui, a impressão que se tem é a de que sua missão está terminada. Mas, logo em seguida, pervertendo as convenções narrativas do moderno, quebra-se a convencionalidade da conclusão. Encontra-se uma problematização essencial gerada no âmago do contexto pós-moderno, por meio do questionamento, da insegurança, da perplexidade, do grito, do choro, do riso, do cômico, da ironia e da rebeldia.

As personagens: o genealogista, Jonas, Habacuc ben Tov, Maimônides e todos os Mendes, tudo o que sabem fazer, para ainda sobreviverem, são perguntas. E o intrigante é que tantas indagações não contribuem, por meio de suas respostas,

unesp

para se chegar ao conhecimento buscado. Pelo contrário, instalam, definitivamente, a dúvida existencial. Se é que havia algumas certezas, elas vão se tornando, convulsivamente, apenas circunstanciais, de forma que a resultante é uma indeterminação crônica.

A insegurança, inerente ao mundo atual e labiríntico – do qual não se sabe "como sair", e sair "não faz a menor importância" (Santos; Santos, 1998, 111) –, já é apregoada desde os contemporâneos do profeta Jonas: um velho de longas barbas brancas, seu companheiro de viagem no ventre da baleia, diz ao profeta que, assim como cresce a "cavidade" estomacal do peixe para "abrigar legiões", "cresce neste mundo a má fé, a hipocrisia e sobretudo a indecisão e a perplexidade" (p.79). E a insegurança e incerteza são comprovadas, pelo extremo da genealogia, depois de decorridos mais de dois mil anos: o financista Rafael Mendes confessa que sua insegurança e incerteza crescem desenfreadamente:

> (...) a corrente elétrica é alternada (...). É uma das poucas certezas que tem. (p.187)

> Rafael não se sente seguro. Não se sente nada seguro. E a cada novo dia – um dia como esse que clareia, por exemplo – sente-se menos seguro; menos seguro a cada hora, a cada minuto. (p.15)

Apesar de irremediável, muitas vezes, Rafael quer banalizar, mesmo sem êxito, a angústia que a insegurança lhe causa: "Angústia todo mundo tem. Rafael não se considera mais angustiado que a média dos homens de sua idade, trinta e nove anos". (p.14)

O dar de ombros é impossível, visto que "nossa cultura é a cultura da crise, das fragmentações, das máscaras e das seduções ideológicas". (Tiburski, 1982, 3)

Todos os descendentes dos Mendes assistem ao correr da ficção e da história, angustiadamente, questionadores, ou, silenciosamente, interrogativos, de forma que a qualidade de seres atônitos e perplexos se torna sua marca mais evidente, além de nata. A perplexidade, que faz com que sejam tidos como estranhos, esquisitos nasce com o patético Jonas: "Perplexo, recebeu Jonas do Senhor a missão de profetizar contra a corrupta cidade de Nínive" (p.77), e vai até a face da rebelde Suzana, no limiar oposto da genealogia:

> Desafio? Sim. Mas há também cansaço em seu rosto. Cansaço e uma certa perplexidade. A mesma perplexidade que Rafael vê em seu próprio rosto quando, ao levantar pela manhã, mira-se no espelho. (p.24)

Como diz Connor (1992, 94) a respeito do caráter desconstrutivo e da "ausência" de reparos do romance pós-moderno, a perplexidade dos Mendes, paradoxalmente, mostra até sua metamorfose em perplexidade, condenados que estão a ela, mesmo depois de a entenderem e se libertarem de seus pesadelos históricos:

> A crua claridade da lâmpada revela seu rosto no espelho. Uma fisionomia desfeita, naturalmente; mas, além de desfeita, estranha. Tão estranha que o impressiona; nunca se viu assim, tão esquisito. Não é só a perplexidade; ou melhor é a perplexidade, só que se trata de uma perplexidade diferente. Dolorosa; é o rosto de um supliciado que ele vê ali. (p.284)

O médico Rafael Mendes, escritor dos dois primeiros cadernos, com o auxílio do genealogista, a cada dia busca mais na história, o entendimento do presente e, a partir dele, a previsão do futuro. Busca um conhecimento genealógico e quer substituir sua perplexidade pela sabedoria, mas "(...) o que não

unesp

acontecia". (p.191)

Essa busca é frustrada, porque, apesar de todos seus esforços, ele sofre ainda de "uma perplexidade menor, embrionária" (p.191) e tão incurável que o leva a abandonar tudo e ir atrás de Débora, em busca de certificar-se se, realmente, ama-a e, conseqüentemente, de livrar-se de sua perplexidade.

A perplexidade, problematicamente irreparável, atualiza-se também no grito, no choro e no riso, de forma paradoxal, como escreve Paulo, no Novo Testamento: "Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados". (*A Bíblia*, 1986, 208)

Ao dirigir-se para fora de Nínive, à espera do que Jeová faria com a cidade, depois da pregação, o perplexo Jonas, ignorando os planos de seu enigmático Deus, põe-se a gritar como louco. Imagina que a pequena árvore copada é a Árvore do Ouro, e não um sinal de piedade divina por ele, que espera debaixo dos raios escaldantes do sol.

Como se fosse sob o efeito de uma câmera lenta, o financista Rafael Mendes, "perplexo; sobretudo perplexo" (p.256) dá um grito para que Boris Goldbaum e Suzana esperem antes de tomarem o avião rumo a Montevidéu.

Julgando toda sua tensão ser só por causa da filha, da situação da financeira e da mera lembrança do pai, Rafael "rompe num pranto convulso" (p.67) e torrencial, enquanto se confidencia com o velho genealogista. Pois, o velho o olha com interesse e mesmo ternura, como ninguém, há muito tempo, não o olha, e, sobretudo, será o Professor Samar-Kand quem lhe fornecerá o material histórico de que necessita para o entendimento de sua perplexidade arqueológica.

O sultão Saladino, doente quase à morte, confessa a Maimônides, seu médico particular, que seus ministros e generais conspiram matá-lo, mesmo a doença não o matando. Acrescenta que Maimônides pode beneficiar-se, dizendo

ter sido o provocador da morte de Saladino. Transtornado, o médico se debulha em lágrimas: "Rompe num pranto desamparado. Chora muito tempo". (p.105)

O riso é outra saída estratégica para os que não sabem o que fazer diante de determinada situação. Todos os descendentes dos Mendes, conforme já foi visto, mesmo querendo se safar da situação-problema, fingindo-se de ingênuos, não-entendidos e banalizadores da situação, seguem seus companheiros, como patetas, em seus planos mirabolantes. E o resultado é que, falhando os planos, vêem-se nas situações mais tragicômicas possíveis. O riso torna-se o único instrumento possível para brincar com o irresoluto. "Não só o humor negro", segundo Parker (1985, 113), faz parte "do estilo de Scliar", mas também "o bom humor e ainda o riso desbragado com que os personagens reagem às situações-limites".

A ilustração do riso convulsivo aparece nos pilares da genealogia: o profeta Jonas e o financista Rafael Mendes, representando os dois extremos; o médico e filósofo Maimônides, de quem se origina filologicamente o sobrenome Mendes, e teórico da perplexidade Mendes em seu *Guia dos Perplexos*; e o genealogista Professor Samar-Kand, representando o segundo cúmplice mais direto da genealogia.

À procura das favas com os grãos do ouro, Jonas arranca os galhos da planta que Jeová fez crescer para protegê-lo do sol. Jeová, irado, manda, devorá-la, um verme, que, depois, voa, metamorfoseado em borboleta. O profeta , percebendo sua insanidade ao procurar ouro em uma planta crescida para o seu bem, desmorona-se a rir: "Ria, ria; rolava pelo chão, rindo; ria tanto que a barriga lhe doía; parava de rir, enxugava os olhos, e logo começava a rir de novo". (p.85)

Maimônides e o sultão Saladino chegam à conclusão de que a doença misteriosa do imperador é o cólera. Então, Saladino, apesar da iminência de sua

morte, começa a rir e é seguido por Maimônides: "Riem os dois, gostosamente, perdidamente; Maimônides chega a rolar na cama de tanto rir (...)". (p.105)

Para ser preciso chamar o médico, o qual lhes facilitará a fuga, Boris começa a gemer, tão mal e com tão pouca convicção, que Rafael não se contém e se põe a rir, desastradamente:

> (...) começa a rir, baixinho a princípio, mas logo o riso vai num crescendo e logo ele está rindo às gargalhadas, a bandeiras despregadas, rola na cama rindo, às vezes para um instante, os olhos cheios de lágrimas, toma fôlego e já está rindo de novo (...). (p.285)

Tendo em vista a pretensão de Boris em dar o golpe financeiro e fugir para o Uruguai, o genealogista pensa que Rafael também fugirá; então, o velho, também, pretende aplicar-lhe um pequeno golpe, ao cobrar-lhe dez mil dólares pelos cadernos, do pai de Rafael, sob sua tutela. Corre ao aeroporto para receber seu dinheiro. Porém, a polícia já algemou Boris e Rafael e lá se vão seus dólares. Parecendo ser um investigador enganado e vingado, ao olhar surpreso de todos, o genealogista começa a rir incontidamente: "E de repente me dá uma imensa vontade de rir, e eu me ponho a rir às gargalhadas(...)". (p.259)

A posição patético-perplexa das gerações do profeta Jonas, em vários momentos, desencadeia-se no cômico, ou melhor, no tragicômico, ao atingir sua marca irrevogável perplexidade, inclusive na aparência física, como se verá, a seguir, com mais propriedade.

Depois de um brevíssimo e atribulado período de problemas com sua filha rebelde, sua mulher depressiva, a financeira, onde trabalha, falida, as perguntas sobre o pai, e sobretudo, os pesadelos que o querem destruir; Rafael depara-se, no espelho, com uma fisionomia desfeita e desconhecida. Essa fisionomia esquisita e

estranha é a metáfora do legado pago, pelo presente, ao passado, e, pela psicanálise, às sessões terapêuticas da história, pois a leitura dos cadernos sobre a genealogia e a história do Rafael Mendes, financista, traz, além da consciência, o entendimento da sua própria perplexidade. Esse conhecimento, porém, para ser galgado definitivamente, ainda passa por mais uma titânica luta de vontade, em que seus músculos se antagonizam. Quando está quase para Rafael ser vencido por um poder superior ao seu, ele esforça-se e consegue. Paga, no entanto, pela consciência histórica, com a deformação cômica de sua expressão que, irreparavelmente, continua a mesma de todos os seus ancestrais:

> A face experimenta uma lenta transformação. Elevam-se os cantos da boca, a comissura labial se entreabre. Travessas ruguinhas formam-se sob as pálpebras inferiores – ele está sorrindo, sorrindo para sua própria imagem. (...) acha engraçada a imagem que agora tem de si, uma imagem deformada pelo cômico estrabismo (...). De repente dá-se conta: todos têm a face que há pouco viu no espelho; todos são ele, ele é todos. (p.284-5)

Como diz Nietzsche (*apud* White, 1995, 55), a historiografia é "autoconscientemente metafórica" e "metaforicamente irônica em sua intenção". Transpondo a ironia para *E.N.R.M.*, vê-se que Boris Goldbaum, diretor-presidente da financeira Pecúnia S.A., e Rafael Mendes, o principal assessor, são presos por denúncia de peculato. São recolhidos em uma prisão especial, uma casa adaptada para aquele fim. São bem tratados e hospedados em um aposento com, até, banheiro: "(...) poderia ser o quarto de um hotel de duas, talvez três estrelas (dependendo da condescendência do funcionário da Embratur)" (p.264). Até a posição do assessor do ministro da Fazenda é ridicularizada: por causa de Boris estar em uma situação complicadíssima, Toledo é enviado, extra-oficialmente,

para lhe dizer que arrume a situação da financeira. Porém, invertendo-se os papéis, é Boris quem o deixa em situação complicada, dizendo-lhe não estar interessado em regularizar a situação da financeira.

Rafael Mendes ironiza, com ódio, angústia e ansiedade, a sucessão de atordoantes revelações, despejadas em cima dele, desde que encontra a caixa com as coisas do pai. Acaba questionando até o próprio ato de ler: "Mas será que ler é benéfico?" (p.271), pois, com a leitura, vem o saber histórico, aliado à amargura, ao desconforto e à reflexão.

Frente às revelações, proporcionadas pela leitura, Rafael, problematizando, debocha da consciência inedificante que ela lhe traz, e de descender de judeus:

> Não era judeu, agora é judeu, ou meio-judeu, ou descendente de judeus, ou judaizante, ou cristão-novo, ou membro da nação, não importa: o certo é que agora tem algo de judeu, não a circuncisão, mas algo; o que não acontecia antes e que é no mínimo desagradável, e até deprimente. Como descobrir um dente cariado. Ou um vazamento de esgoto no apartamento. Ou uma feia mancha na nádega da mulher amada. O genealogista tentou convencê-lo do contrário – claro, dez mil dólares em jogo – mas, que lhe adianta descender de um profeta, de um médico famoso? Na realidade, segundo o pai os escreveu, não passavam de tipos estranhos; uns perplexos. Não lhe levaram nenhum valor, material ou moral; nem o segredo – ora, lenda – da Árvore do Ouro; nem exemplos dignificantes que pudesse transmitir à filha (e Suzana se impressionaria com exemplos dignificantes?) ou aos netos (disso, melhor nem cogitar, é penoso demais.). (p.267)

O caráter desestrutural deixa entrever uma falsa idéia de explicação e organização dinamitada por inteiro. Há uma perversão e uma fusão do passado e do presente. O financista Rafael Mendes questiona se tudo que leu é "verdade, ou

mentira, ou mistura de verdades e mentiras" (p.187), ironizando; pois, "continua tão perplexo como antes" (p.187). Rafael sente-se sem saber onde pisar com a consciência de sua descendência, da imagem paterna, e de sua situação presente:

> Não era judeu, agora é judeu. Tinha uma boa situação, em aparência pelo menos; ganhava bem, era respeitado. Agora está desempregado e preso. Do pai, se nada sabia, possuía pelo menos uma imagem idealizada e até certo ponto confortadora; agora sabe que era um homem estranho, que traiu a esposa e largou família e profissão por causa de uma doutora tão esquisita quanto ele próprio – nada legando ao único filho, a não ser roupas velhas, livros e cadernos com histórias da nação. Nação. Que estranha nação é esta, que inclui profetas rebeldes e bandeirantes cegos, médicos famosos e índios caducos, grandes financistas e salafrários como Boris Goldbaum? (p.267-8)

Conforme foi visto anteriormente, Suzana, a filha do financista Rafael Mendes é um ser rebelde ao extremo, diferente das outras mulheres dessa longa linhagem. Sua rebeldia nada mais é que mais um sintoma da problematização pós-moderna, em geral, e da História, em particular, prolongada até a figura fictícia, porém judia, de Suzana: "Uma época de crise: o velho agonizava, o novo ainda não havia nascido; e nesta encruzilhada da História, os judeus". (p.109)

O próprio mito da América como paraíso perdido, buscado desde Jonas até Boris e Suzana, a filha do último Rafael Mendes, é problematizado em uma tela pouco hábil e com a agravante de ainda estar na parede da cela da prisão-especial:

> (...) e na parede, a reprodução de um quadro: uma baía, o mar quebrando na praia de areia muito branca, e aves – uma, duas, três, quatro, cinco, seis – seis aves coloridas contra o céu flamantemente azul. Só que as aves parecem imóveis, colocadas ao céu. A habilidade do pintor não foi

> suficiente para dar a impressão de que voam. Mas é agradável olhá-las, de qualquer modo. (p.264)

Além de problematizado o mito, coloca-se em cheque, por meio dessa imagem, o próprio trabalho do historiador, do novelista e do escritor, em geral. Pois, muitas vezes, apesar de seus remendos colocados artificial e ironicamente, ainda são agradáveis de lê-los, tendo-se em vista a ausência de algo melhor.

E.N.R.M., com seu caráter caótico de ruptura e vácuo, é bastante ilustrativa, no que diz respeito à postura de desestruturação consciente e não seriedade, responsável, justamente, pela legitimidade das obras pós-modernas. E a perplexidade dos Mendes mostra, de maneira fantástica, a atitude, ou melhor, a não atitude do ser humano frente aos vislumbres do panorama atual, em sua totalidade, desprovido de fórmulas e planejamentos:

> (...) a história não será como ele pensou que seria; a história será diferente, já é diferente e ele não está entendendo nada, não sabe o que está acontecendo, não imagina o que poderá acontecer.(p.286)

A história, e em especial a do Brasil proveniente de "*an amalgamation of diverse cultures*" (Sobral, 1998, 2681A)*, é sem rédeas, tendo em vista que a "*hybridity not only carries historical evocations but also resonates with contemporary postmodern inflections*". (Pirott-Quintero, 1998, 2681A)**

---

* uma amalgamação de diversas culturas

** hibridez não só carrega evocações históricas mas também ressoa com contemporâneas inflexões pós-modernas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi colocado desde a introdução, *E.N.R.M.* caminha na direção da metaficção historiográfica, uma "fênix" brotada das "próprias cinzas" do contexto pós-moderno.

Sendo assim, a obra pode ser colocada em dois grandes planos: o da metaficção e o da história, ou o da história e o da metaficção.

No plano da historiografia, é trazida para o interior do romance e, em conseqüência, para novas considerações e reconsiderações, uma maneira diferente de se ver a história.

Ao enfocar, além do universal, também o local e, portanto, o particular, o valor historiográfico é redimensionado.

A supremacia unilateral da história é revista e tensionada por outros pontos de vista dados às mesmas versões, que não acontecem apenas nos momentos históricos dos grandes personagens povoadores dos arquivos oficiais, mas também no caudoso cotidiano das personagens normais de carne e osso.

Dentre as diferentes luzes jogadas a esse discurso, é revelado também o único material que conecta a história e a ficção, enquanto as contagia pelas suas peculiaridades: o texto. E esse material, a primeira, deserda e, a segunda, desorigina.

Dessa forma, a hierarquia é posta abaixo para erigir a comunhão de discursos multiplurais por meio dos quais os atos humanos são checados, como procedimento, e valorizados, como aproveitamento, coerente, com a transdisciplinaridade que tece o contemporâneo, composto de remendos do real globalizado e não restrito à quatro paredes.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Em alguns de seus depoimentos, Scliar (*apud* Leite) coloca que *E.N.R.M.* é um painel de várias cenas da história do Brasil, visando dar, através de personagens cristãs-novas, um retrato desse grupo étnico oculto na etnia brasileira:

> Acho que um país que engoliu um episódio tão misterioso como esse é um país que não tem coisas muito bem elaboradas dentro de si. É como uma família que tem antepassados meio diferentes sobre os quais não fala. (*apud* Leite,1989,5)

Parece que o escritor quer fazer da obra, com seus longínquos antepassados perplexos e diferentes, como o profeta Jonas e o médico-filósofo Maimônides, uma metáfora da esquecida brasilidade judaica.

Scliar (1989, 49) coloca "que os imigrantes judeus estiveram presentes na colonização do Brasil, desde o primeiro momento, sob a forma dos cristãos-novos que a Inquisição tanto perseguiu, principalmente, no Nordeste e Sudeste". Portanto, "essa contribuição judaica e o papel que ela desempenhou na formação do caráter e da psicologia do brasileiro", segundo ele, "é uma coisa que precisa ainda ser investigada".

A fim de chamar a atenção para essa questão, vai colocando, ao longo de toda a obra, o caráter "diferente", ou mesmo superior dos judeus.

Abre uma sindicância e vai denunciando a opressão do longo braço inquisitorial sobre os judeus, merecedores de atenção, antes do aspecto religioso, pela sua grande contribuição intelectual.

Tentando enraizar os judeus, definitivamente, no Brasil e lhes entregar o que é seu por direito, procura defender sua tese de que eles formam um quarto grupo étnico, componente da etnia brasileira, ou, talvez, o único grupo étnico.

Scliar defende essa última proposição, colocando-a na boca promotorial dos três pilares étnicos da brasilidade: o negro, o índio e o branco. Zambi de Palmares diz serem os negros descendentes de Menelik, filho do Rei Salomão e da Rainha de Sabá. O pajé da tribo – já habitada, antes de Cabral passar pelo Brasil, por Rafael Mendes, futuro comerciante, e por Afonso Sanches – e o índio Sepé-Tiaraju dizem ser descendentes das tribos perdidas de Israel. Os cristãos-novos compõem a sociedade portuguesa e, dentre os portugueses vindos para o Brasil, aparecem eles como financiadores, ou como sábios integrantes das esquadras.

Se o Brasil é formado por negros e índios, descendentes de judeus, e brancos, ou descendentes de judeus ou judeus habitantes anteriores aos portugueses, está concluída a tese defendida por Scliar: os judeus como único ou primeiro grupo étnico brasileiro, já que antecedem a todos os outros.

No plano da metaficcionalidade há, adicionada à "tradução" do passado, metaforicamente, a ilustração do vácuo, entremeador da doação de significados, através da espacialização deixada entre a formatação das cenas, que se tangem, misturam-se e se asfixiam; das atitudes sanchescas dos descendentes da longa e perplexa linhagem dos Mendes que, pela sua crença em seus influenciadores, rompem o ciclo com seus mitos e profissões, e pelos seus narradores que vão revezando, irregularmente, seus focos e turnos.

O texto é colocado às avessas para expor, de forma honesta, além de suas descosturas, suas costuras.

As costuras textuais deixam entrever quem narra a história e, por extensão, a ficção, na onipotência e na miséria de seu papel que consiste em recorrer sempre às memórias voluntária e involuntária e, mesmo querendo devolver ao real toda a dimensão do tempo, a única coisa que conseguem é significá-lo por meio da

memória, portanto, do texto.

Edificada nos alicerces móveis do pós-moderno, além de voltar-se para as costuras, *E.N.R.M.* acaba por tecer, de modo coerente, o pano do contemporâneo, ao destecer todas as suas malhas através do grito, do choro, do riso, do cômico, da ironia e da rebeldia que tensionam e problematizam o texto, espelho dos dias atuais, característicos pelo questionamento, insegurança e perplexidade.

Ciccu (1985, 117) fala a respeito do caráter cíclico de *(O Ciclo das Águas)*, cuja "narrativa oscila entre o fim e o início, traindo a conclusão".

E.N.R.M. parece retratar, historicamente, o próprio ciclo do povo judeu, que é sempre obrigado a recomeçar em outro lugar, ilustrado na genealogia dos Mendes. Mas, ao contrário do que coloca Ciccu (1985) sobre *(O Ciclo das Águas)*, a obra, em questão, centra-se no romper do ciclo que acontece não sem resistência, metaforizado no caminhar junto com a longa ditadura –longa linhagem dos Mendes – e com a relutância do ditador espanhol Franco em morrer, apesar do coma – e a resistência desta longa genealogia em se romper.

Nesse ciclo, metaficcionalisticamente, primeiro, a história tradicional aparece destituída de sua alta posição em prol de outros olhares, igualmente textualizados, da nova história. Depois, todas as atividades humanas são reunidas em uma transdisciplinaridade, sem discriminação, tentando refletir o global descentralizado. Em seguida erige dessa globalização suas inerentes cisões tanto na forma quanto no conteúdo, em sinal de comunicação com o paradigma contemporâneo. Logo em seguida, explica-se o processo da história ficcionalizada, para depois, de forma consciente e amadurecida, problematizá-lo, dado o clima de perplexidade e de paradoxos que desconstrói o contexto pós-moderno.

Seguindo esse ritmo pendular a obra apresenta-se como ciclo, mas aberto e

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

em espiral. Retoma e acrescenta, enquanto prioriza tudo e nada, ao ir esboçando a saga dessa estranha e perplexa genealogia, uma verdadeira nação de judeus ou de cristãos-novos, concentrada e dissimulada no paradoxal nome de Rafael Mendes, ou seja, na errante trajetória de *A Estranha Nação de Rafael Mendes*.

BIBLIOGRAFIA

A AVENTURA do Descobrimento. *Veja*, v.33, n.17 esp., p.1-86, 2000.

A BÍBLIA Sagrada. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1986.

ALMANAQUE Abril: o seu guia de pesquisas prático, rápido e atualizado: mundo. 26 ed. São Paulo: Abril, 2000. p.198-199, 258-261.

ALMOYNA, J.M. *Dicionário de espanhol-português*. Porto: Porto Editora, 1979.

ANTÔNIO, J. (Org.). *O moderno conto brasileiro*. 9.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

ARAUJO, H. Recensão de "Cenas da vida minúscula" de Moacyr Scliar. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.28. n.1, p.105-106, mar. 1993.

ARAÚJO, V.L.R.C. O humor e a recepção textual em "Festa no castelo" de Moacyr Scliar. *Leitura*, Maceió, n.1., p.15-31, jan./jun.1987.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

ARRUDA, J.J.A., PILETTI, N. *Toda a história*: história geral e história do Brasil. 5.ed. São Paulo: Ática, 1996.

BARTHES, R. El discurso de la historia. In: *Estructuralismo y literatura*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1970.

_____. *Lingüística e literatura*. Tradução de Isabel Gonçalves, Margarida Barahona. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

BARTHES, R. *O grau zero da escrita*. Tradução de Anne Arnichand; Alvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971.

BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BERENSON, B. *Estética e história*. Tradução de Janete Meiches. São Paulo: Perspectiva 1972.

BERND, Z. La quête d'identité: une aventure ambiguë. *Voix e images*, Montreal, n.34, p.21-26, aut.1986.

BOLLINGER, R. Tres escritores brasileños. *Guadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n.439, p.85-97, ene.1997.

BORTOLOTTI, S. O ciclo das águas, de Moacyr Scliar. *Revista do Centro de Artes e Letras*, v.13, n.1/2, p.47-55, jan./dez.1991.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 33.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, A. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOZAL, V. Proust: imágenes de tempo perdido. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n.424, p.49-70, oct.1985.

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perpectiva, 1978.

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CÁCERES, F. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1993.

CÂNDIDO, A. *Brigada ligeira e outros escritores*. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v.1, p.161.

_____. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. p.34-37.

CASTELO, J. Escritor tropeça em médico. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 18 jul. 1992. Cultura, p.4.

CAVERO, D.O. *Dicionário português-espanhol espanhol-português*. Barcelona: Editorial Ramon Sopena, 1977. p.1830.

CHAVES, F.L. *Matéria e invenção*: ensaios de literatura. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994. p.73-79.

CHESNEAUX, J. *Devemos fazes tábula rasa do passado?*: sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1989.

CHIAPPINI, L., AGUIAR, F.W. (Org.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.

CICCU, S.P.S. *Dialética do resgate*: uma leitura de Moacyr Scliar. 1985. 155f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CIRLOT, J.E. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.

CONNOR, S. *Cultura pós-moderna*: introdução às teorias do contemporâneo. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

CORREA, A.A. Realidade, realismo mágico, fantasia: as dúvidas do leitor. In: GEL SEMINÁRIO, 41, 1993, Ribeirão Preto. *Anais*. São Paulo: EDUSP, 1994, v.1, p.626-629.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968. v.1, p.214-243.

COUTO, J.G. Para Scliar a literatura tem a marca do frágil. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 set.1991. Letras, p.8.

_____. Scliar cria épico da saúde pública. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1992. Mais, p.9.

DI STEFANO, G. "Venid, mochachos, y veréis el asno de Sancho Panza". *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Cidade do México, v.38, n.2, p.887-899, 1990.

DICCIONARIO Manual e Ilustrado de la Lengua Española. Real Academia Española. Madrid: Espasa-Calpe, 1950.

DREGUER, R., TOLEDO, E. *História*: cotidiano e mentalidades. São Paulo: Atual, 1995. v.4.

DUBY, R. et al. *História e nova história*. Tradução de Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 1986.

ECO, U. *O pêndulo de Foucault*. Tradução de Ivo Barroso. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britanica Editôres, 1966. v.11, p.376, v.12, p.205-206.

ENCICLOPÉDIA Brasileira Globo. 13.ed. Porto Alegre: Globo, 1974. v.10, n.p.

ENCICLOPÉDIA Brasileira Mérito. São Paulo: Mérito, 1959. v.10. p.331-332.

ENCICLOPÉDIA de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: FAE, 1990. v.2, p.1242.

ENCICLOPÉDIA Delta-Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1960. v.2, p.736-737.

ESPESCHIT, A. "No mundo de Moacyr Scliar. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 mar. 1983. Suplemento Literário, p.8.

FERREIRA, A.B.H. *Século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1999. p.86, 1310.

FERREIRA, A.C. *História e literatura*: fronteiras móveis e desafios disciplinares. In: *Pós-história*. Assis: FCL/UNESP. 1996. p.23-44.

FERREIRA, J.R.M. *História*: 8ª série. São Paulo: FTD. 1997.

FISCHER, A. A magia e o absurdo na ficção. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1974. Suplemento Literário, p.1.

FLORIDO, J. et al. (Ed.). *Brasil 500 anos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. v.2, p.747.

FONSECA, P.C.L. O fantástico no conto brasileiro contemporâneo: Moacyr Scliar e o reducionismo fantástico. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 30 maio 1981. Suplemento Literário, p.6-7.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. v.1, 4.

GAGNEBIN, J.M. *História e narração em Walter Benjamin.* São Paulo: Perspectiva, FAPESP, 1994.

GARCIA, R. Bento Teixeira. In: *Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil*: denunciações de Pernambuco, 1593-1595. São Paulo: Paulo Prado, 1929.

GAY, P. *O estilo na história*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOMES, D.G. et al. Moacyr Scliar, ganhador do Prêmio Casa das Américas, 1989. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 18 fev. 1989. Suplemento Literário, p.8-10.

GRANDE Enciclopédia Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, 1970. p.6587.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. v.11, p.2556, 4909.

GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1945. v.28, p.768-770, v.31, p.69.

GRIGULÉVITCH, I. *História da Inquisição*. Tradução de José Antônio T.R. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.

HECKER FILHO, P. Um Scliar completo. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 14 jan. 1973. Suplemento Literário, p.4.

HOLANDA, S.B. (Org.). *Leopold von Ranke*: história. Tradução de Trude von Laschan Solstein. São Paulo: Ática, 1979.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ISMAEL, J.C. Cenas de um estilo maior. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 14 set.1991. Cultura, p.4.

JOZEF, B. Uma fábula contemporânea. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 jun. 1981. Suplemento Literário, p.4.

_____. Recensão de "O ciclo das águas" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.44, p.98-99, jul.1978.

_____. Recensão de "Os voluntários" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, n.60, p.97-98, mar.1981.

JUNG, C.G. *Um mythe moderne*. Paris: Gallimard, 1961.

KRAUSZ, L.S. Tempo único da infância une pai e filho. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 25 nov. 1989. Letras, p.7.

LE GOFF, J. et al. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

LE GOFF, J., NORA, P. *História*: novos objetos. Tradução de Terezinha Marinho. 3.ed. Rio de Janeiro: Fontes Alves, 1988.

_____. *História*: novos problemas. Tradução de Theo Santiago. 3.ed. Rio de Janeiro: Fontes Alves. 1988.

LEFEBVRE, G. *Réflexions sur l'histoire*. Paris: François Maspero, 1978.

LEITE, L.O. Depoimentos Moacyr Scliar. In: AUTORES gaúchos. Porto Alegre: IEL, 1989. p.1-24.

LELLO, J., LELLO, E. (Org.). *Lello universal*: dicionário enciclopédico luso-brasileiro em 4 volumes. Porto: Lello & Irmão, s.d. v.4, p.992.

LESSA, B. *Antologia ilustrada do folclore brasileiro*: estórias e lendas do Rio Grande do Sul. 2.ed. São Paulo: Edigraf, s.d. p.103-110.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.

LIMA, L.C. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LINS, H., HOLLANDA, A.B. *Roteiro literário do Brasil e de Portugal*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1956. v.1, p.125-133.

LUKÁCS, G. *Teoria do romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, s.d.

MACHADO, S.Y.L. O labirinto em (O ciclo das águas) de Moacyr Scliar. 1983. 214 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MALARD, L. *Escritos de literatura brasileira.* Belo Horizonte: Comunicação, 1981. p.199-202.

MARCHON, M.L. Recensão de "Doutor Miragem" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.59, p.89-90, jan.1981.

MARGARIDO, A. Um romance histórico: a explicação judaica da história do Brasil. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, p.4-5, mar.1985.

MARIN, R. Une pensée juive au Brésil: Moacyr Scliar. *Caravelle – Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Bresilien*, Foulouse, v.30, n.3, p.213-214, 1995.

MEDINA, C. Moacyr Scliar tenta enraizar o judeu errante. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 23 mar. 1985, Suplemento Literário, p.9.

MEDINA, J. Recensão de "O centauro no jardim" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.98, p.131-132, jul./ago.1987.

MEIHY, J.C.S.B., BERTOLLI FILHO, C. *A guerra civil espanhola*: história em movimento. São Paulo: Ática, 1996.

MOISÉS, M. *A literatura brasileira através dos textos*. 12.ed. São Paulo: Cultrix, 1986. p.31-35.

_____. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1984.

MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Editorial Gredos, 1984. 2v.

MONIZ, N.H. Do símbolo à alegoria: corrosão do significado. *Leopoldianum*, Santos, v.9, n.25, p.59-69, set.1982.

MONTEIRO, C. História, literatura e memória do espaço urbano na ficção de Moacyr Scliar. *Estudos Ibero-Americanos*, v.24, n.1, p.181-199, jun.1998.

MOTA, C.G. (Org.). *Lucien Febvre*: história. Tradução de Adalberto Marson et al. São Paulo: Ática, 1978.

OLIVEIRA, F. Realidade fantástica no livro de Scliar. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 21 set. 1980. n.p.

PACHECO, V.C. *Habitantes do subconsciente*. São Paulo: Anhembi, 1959.

PARKER, J. A estranha nação de Rafael Mendes de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.83, p.112-113, 1985.

PASCO, A.H. Proust's reader and the voyage of self-discovery. *Contemporary Litterature*, New York, v.18, n.1, p.20-37, win. 1977.

PATAI, D. Doutor-Miragem. In: *Modern Language Journal*, Madison, v.64, n.3, p.378-379, 1980.

PATAI, R. O mito e o homem moderno. São Paulo: Cultrix, 1974.

PEREIRA, K.M.A. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. 1998. 236 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

_____. *Prosopopéia*: poema de resistência. 1993. 176 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

PERRONE-MOISÉS, L. Marcel Proust: a continuidade do tempo existe no espaço ilimitado do livro. *O Estado de S.Paulo*, S.Paulo, n.625, p.1, 25 jul.1992.

PIROTT-QUINTERO, L.S. Hybrid identities: the embodiment of difference in contemporary Latin American narratives. *Dissertation Abstracts International*, v.58, n.7, p.2681A, jan.1998.

PÖTTER, E.W. *A linguagem criadora e autônoma ou a organização dos aspectos peculiares da narrativa como instauradores dos conteúdos fantásticos na ficção de Moacyr Scliar*. 1984. 97 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

POULET, G. Proust y la repetición. *ECO*, Bogotá, v.28, n.171, p.225-237, ene.1975.

RAMA, C.M. *La crisis española del siglo XX*. México: Tondo de Cultura Económica, 1954.

RAMOS, R. Bom Retiro e Bom Fim. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 15 jul. 1973. Suplemento Literário, p.3.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RICOEUR, P. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *Tempo e narrativa*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994. v.1.

RIEDEL, D.C. (Org.). *Narração, ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

RIVAS, P. Les deux Brésils. *La Quinzaine Littéraire*, Paris, n.472, p.14, 1986..

RODRIGUES, J.H. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Fulgor, 1965.

RODRIGUES, J.H. *História, corpo do tempo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SANTOS, H. Antônio José da Silva: o judeu que arrastou um jornalista brasileiro para as masmorras da inquisição. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 27 jun. 1992. p.1.

SANTOS, V., SANTOS, W. (Org.) *Antologia crítica do conto gaúcho*. Porto Alegre: Sagra, 1998. p.105-111.

SCLIAR lança em junho nova coleção de contos. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 20 maio 1989. Letras, p.8.

SCLIAR, M. "Sou um moralista; busco um sentido para a vida, e esse sentido inclui a visão de um mundo justo e igualitário". *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 mar. 1987. Suplemente Literário, Entrevista a Patrícia Bins, p.6-7.

_____. *A estranha nação de Rafael Mendes*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983.

_____. Literatura e exílio. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 dez. 1985. Suplemento Literário, p.8.

_____. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. *Judaísmo*: dispersão e unidade. São Paulo: Ática, 1994. (As religiões na história).

_____. *Veredas*: culturarte, Teresina, v.3, n.5, p.45-52, jan.1989.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p.39-62.

SHÜLER, D. Recensão de "A guerra no Bom Fim" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.22, p.96-97, nov.1974.

_____. Recensão de "O exército de um homem só" de Moacyr Scliar. *Colóquio: Letras*, Lisboa, n.23, p.97-98, jan.1975.

SILVA, J.P., DAMASCO, J.B. *História Geral*. São Paulo: Companhia Ed.Nacional, 1969.

SILVERMAN, M. A ironia na obra de Moacyr Scliar. In: *Moderna Ficção Brasileira*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p.170-189.

SOBRAL, P.I.S. Belonging 'and' displacement: cultural interspaces in Brazilian literature. *Dissertation Abstracts International*, v.58, n.7, p.2681A-2682A, jan.1998.

STAVANS, I. The strange nation of Rafael Mendes. *Review Latin American Literature and Arts*, New York, n.39, p.63-64, jan./jun.1988.

SZKLO, G.S. *O bom fim do shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

TIBURSKI, J.C. *A sedução da ideologia (O conflito: homens domésticos & homens selvagens)*. 1982. 221 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas da Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TODOROV, T. *Introduction a la littérature fantastique*. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

UNAMUNO, M. *Obras selectas*. Madrid: Editorial Plenitvd, s.d.

VICENTINO, C. *História geral*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 1991.

VICENTINO, C., DORIGO, G. *História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997.

VILLAÇA, M. *Paradoxos do pós-moderno*: sujeito e ficção. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

VOGT, C. *Crítica ligeira*. Campinas: Pontes, 1989. p.41-49.

WALDMAN, B. Recensão de "Os deuses de Raquel" de Moacyr Scliar. *Língua e literatura*, São Paulo, v.6., p.311-314, 1977.

WHITE, H. *Meta-história*: a imaginação histórica do século XIX. Tradução de José Laurênio de Melo. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. O fardo da história. In: *Trópicos do discurso*: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de A.C. Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994. p.39-64.

ZILBERMAN, R. A ficção de Moacyr Scliar. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 27 mar.1982. Suplemento Literário, p.8.

_____. Do pampa ao jardim, ou as peripécias de um centauro. *Minas Gerais,* Belo Horizonte, 4 jul.1981. Suplemento Literário, p.8.

_____. Moacyr Scliar e o ideal do livro. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 19 mar. 1988. Cultura, p.4-5.

ZILBERMAN, R. O livro da semana: "O centauro no jardim" de Moacyr Scliar. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 26 jul.1981. Cultura, p.12-13.

ZILBERMAN, R. et al. Mário Quintana, por amigos. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 21 dez. 1985. Suplemento Literário, p.10-11.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18